

**UNESP – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’**



**Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara**

---

**LETÍCIA CORDEIRO DE OLIVEIRA BUENO**

A large, stylized blue geometric graphic consisting of overlapping triangles and lines, resembling a globe or a complex crystalline structure, positioned behind the title text.

**VARIAÇÃO E GÊNERO TEXTUAL: O USO DAS  
PREPOSIÇÕES NAS CARTAS DE LEITORAS  
BRASILEIRAS E PORTUGUESAS**

**ARARAQUARA**

**2014**



LETÍCIA CORDEIRO DE OLIVEIRA BUENO

**VARIAÇÃO E GÊNERO TEXTUAL: O USO DAS  
PREPOSIÇÕES NAS CARTAS DE LEITORAS  
BRASILEIRAS E PORTUGUESAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, campus de Araraquara – SP, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.**

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane de Andrade Berlinck.

**Bolsa:** CNPq

**ARARAQUARA**

**2014**

Bueno, Letícia Cordeiro de Oliveira

Varição e gênero textual : o uso das preposições nas cartas de leitoras brasileiras e portuguesas / Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno – 2014  
229 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de  
Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Língua portuguesa -- Brasil. 2. Língua portuguesa -- Europa.  
3. Mudanças linguísticas. 4. Gramática comparada e geral -- Preposições.  
5. Periódicos para mulheres. I. Título.

LETÍCIA CORDEIRO DE OLIVEIRA BUENO

# VARIAÇÃO E GÊNERO TEXTUAL: O USO DAS PREPOSIÇÕES NAS CARTAS DE LEITORAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho', campus de Araraquara – SP, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.**

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane de Andrade Berlinck.

**Bolsa:** CNPq

Data da aprovação: 25/04/2014

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane de Andrade Berlinck  
Departamento de Linguística e Língua Portuguesa / FCLAr - UNESP

---

**Membro Titular:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Talita de Cássia Marine  
Instituto de Letras e Linguística – UFU

---

**Membro Titular:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues  
Departamento de Linguística e Língua Portuguesa / FCLAr - UNESP

Araraquara, 25 de Abril de 2014.

Dedico este trabalho àqueles que são, desde sempre, o meu caminho, minha força e minha maior motivação: meus pais, Edmilson e Lígia, e minha irmã, Júlia.

## AGRADECIMENTOS

Parece-me um tanto complicado, e até mesmo injusto, usar de algumas poucas palavras para agradecer àqueles que imensamente me ajudaram, me apoiaram e viveram comigo cada uma das próximas páginas desta pesquisa. Complicado porque é sempre difícil a tarefa de, em poucas linhas, querer se dizer muito sobre – e para – alguém... Injusto porque são pessoas que, sem nenhuma dúvida, merecem muito mais do que apenas as minhas palavras como forma de retribuição a todo o bem que me fizeram durante esses dois anos de estudos, pesquisas, dúvidas, medos e conquistas. Ainda assim, espero que esse meu “agradecimento” de agora faça jus à gratidão que sinto – e que, de fato, merece ser sentida – por ter cada uma dessas pessoas, independente da forma e do momento, ao meu lado.

A Deus, antes de tudo, agradeço o caminho que me foi traçado, principalmente, por ser esse o caminho “das Letras”. Caminho que me concede a oportunidade de (re)criar novas realidades, compartilhando conhecimentos e partilhando experiências. Que Deus me mantenha, sempre forte, nessa estrada – quase sempre tortuosa, porém, tão gratificante – do saber.

E, por me encontrar, hoje, neste caminho, agradeço também aos meus pais, Edmilson e Lígia, que antes de qualquer apoio e ajuda, me incentivaram e me motivaram para que eu me tornasse tudo aquilo que eu quisesse. Agradeço as horas de conversas, os conselhos, as broncas, as experiências divididas e todas as renúncias um dia já feitas, para que hoje tudo pudesse acontecer exatamente como agora. Sem o amor e o carinho de meus pais nada seria tão possível e tão real. São eles a minha razão de viver e de querer, sempre, ir além...

Agradeço à Júlia, minha irmã amada, minha gêmea, minha amiga. Ela é quem esconde a força que preciso, nos momentos mais difíceis, e é ela quem alegra os meus dias, dividindo comigo toda e qualquer alegria. Agradeço à Julinha por me salvar, todos os dias, das loucuras do mundo com o seu melhor beijo e seu maior abraço.

Aos meus avós, Elder e Ruth, agradeço eternamente os cuidados, os carinhos, os ensinamentos. São eles meus exemplos de determinação, de amor e união... Ao meu tio Claudio, agradeço a companhia de muitas manhãs de domingo e por se tornar o exemplo de determinação ao correr atrás de sonhos e desejos antigos. Aos meus familiares sou grata por todos os valores divididos e ensinados. São eles a minha base, o meu caminho...

Agradeço à minha orientadora, Rosane de Andrade Berlinck, pela confiança em compartilhar comigo, desde a Iniciação Científica, todo o seu conhecimento e dedicação. Agradeço imensamente por estar sempre tão presente e por, cuidadosamente, me mostrar o quanto é prazeroso e gratificante, ainda que árduo, o trabalho que realizamos ao longo desses anos. Sua paciência, atenção, amizade e companheirismo fazem parte daquilo que, um dia, espero também alcançar.

Agradeço a todos os novos amigos que fiz, durante esses dois anos, e também àqueles de quem pude me aproximar com maior intensidade. Sou imensamente grata aos meus amigos do NEVAR da UNESP – Araraquara pela companhia em inúmeras tardes e por compartilharem comigo ensinamentos ímpares. Em especial, realço minha enorme gratidão à Pricila Picinato, ao Alexandre Monte e ao Alexandre Timbane.

Agradeço, quase que sem palavras suficientes, às minhas amigas queridas que são meu exemplo e minha motivação para quando tudo parece perdido: Caroline Carnielli Biazolli e Sabrina Balsalobre. Durante esses dois anos, especialmente, encontrei nelas exemplos a serem seguidos. Obrigada por compartilharem comigo, sempre com muita paciência e carinho, tantos conhecimentos e experiências. À Carols, agradeço especialmente a ajuda com o programa estatístico GOLDVARB. Sou grata, mais do que tudo, por nossa amizade transcender aos meios acadêmicos e se transformar em algo para toda a vida.

Agradeço à Natália Pedroni, por, em tão pouco tempo, me mostrar o quanto podemos ser fortes e guerreiros. Sua determinação e força de vontade foram, ainda que disfarçadamente, essenciais para que eu também conseguisse ir além.

À Ana Patrícia Gomes, a Patty, e ao Marco Aurélio Rodrigues, por não medirem esforços em me ajudar durante o desenvolvimento deste trabalho. À Patty, agradeço pela hospedagem em Portugal, por todas as dúvidas imediatamente respondidas e pela paciência em me aguardar, por algumas horas, enquanto coletava meus dados. Ao Marco, agradeço por não hesitar em me ajudar com a divulgação de meu questionário entre seus colegas de classe, também em Portugal.

Ao Alexandre Araujo Dornelas, meu braço direito e meu lado esquerdo, agradeço por cada segundo de atenção e por todas as horas de conversa. Obrigada pelas ajudas com o Excel, por todos os palpites dados, pelas discussões “acadêmicas” provocadas e por se fazer, sempre, tão presente. Obrigada pela paciência nos momentos de dificuldades, pela compreensão nas horas de angústia e por compartilhar comigo



cada nova e pequena conquista. Sua determinação e dedicação se transformaram em exemplos e, tão logo, ele se tornou a minha força em formato de gente.

Agradeço às minhas amigas de sempre e “para sempre”, Daniela Mendes de Souza, Izabela Garbin, Natália Vergara e Tina Celli, por todos os anos que até aqui, juntas vivenciamos. Obrigada, de todo o meu coração, por fazerem parte, desde a época do colégio, de cada um dos momentos de minha vida. Tenho, com elas, parte das minhas melhores histórias e é com enorme gratidão que divido, agora, mais esse momento.

Às minhas queridas amigas, que a vida me deu de presente, agradeço por sempre estarem comigo, não me deixando nunca desistir e nem desanimar. À Cristiane Passafaro Guzzi, Elizabeth Ramalho, Isabela Colturato, Juliana Tomé e Marina Severian agradeço pela força de cada dia, pelas conversas sem fim, pelos conselhos, pela ajuda desmedida e por dividirem comigo tudo aquilo que são. À Débora Souza, Eliane Soares e Sabrina Poletto agradeço imensamente pela amizade compartilhada, pela preocupação e ajuda e por compartilharem comigo mais este momento. Agradeço também ao meu amigo Paulo Veiga, por toda paciência, preocupação e atenção. Obrigada, queridos amigos, por todas as horas de conversa, por me acompanharem e por compreenderem a minha ausência em alguns muitos momentos, sem nunca deixarem de me guiar em todos os outros.

Agradeço ao Cláudio Pierini, ao Fábio Schmidt Messi, à Juliana Castro e à Mônica Pienegonda por fazerem parte de momentos tão importantes e significativos durante esses dois anos. Cada qual a seu modo, vivencia, comigo, momentos importantes desde as minhas primeiras angústias e dúvidas até esse momento de conclusão. Obrigada pela força, pela paciência e pelo apoio.

À Ana Carolina Settanni, à Juliana Rebouças e ao Rafael Azevedo agradeço à amizade, às risadas, às conversas sem fim e por serem, desde 2009, parte das minhas melhores lembranças. Agradeço, a cada um deles, por me acompanharem desde então, me dando força e me fazendo rir dos meus piores problemas. Em pouquíssimo tempo, se tornaram indispensáveis na minha vida.

Às minhas amigas Francieli Caetano, Melina Queiroz, Nara Cosmi e Rafaela Canato, agradeço pela confiança e por acreditarem em mim. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e, mais do que tudo, por compreenderem meus momentos de ausência e nunca desistirem de mim.

Agradeço imensamente à Profª. Drª. Talita de Cássia Marine e à Profª. Drª. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues, por me acompanharem com suas sugestões valiosas, durante o exame de Qualificação, e também por aceitarem fazer parte, agora, da banca examinadora. Obrigada pela atenção dispensada ao meu trabalho, pela leitura atenta e criteriosa e pelas ricas contribuições.

Agradeço a toda equipe editorial das revistas *Capricho* e *Bravo*, por disponibilizarem tempo e atenção para responderem as minhas dúvidas.

A todos os docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – FCLAr, agradeço a atenção dispensada em todos os momentos necessários. Foram todos fundamentais para que este caminho fosse percorrido da melhor forma possível.

Por fim, agradeço ao CNPq por ter financiado esta pesquisa durante dois anos.

*“Mas se eu esperar compreender para  
aceitar as coisas - nunca o ato de  
entrega se fará. Tenho que dar o  
mergulho de uma só vez, mergulho que  
abrange a compreensão e sobretudo a  
incompreensão. E quem sou eu para  
ousar pensar? Devo é entregar-me.  
Como se faz? Sei, porém, que só  
andando é que se sabe andar.”*

Clarice Lispector

(LISPECTOR, 1973, p. 69)

## RESUMO

A presente pesquisa visou estudar a variação de preposições em textos de cartas de leitoras de revistas femininas atuais brasileiras e portuguesas, tomando como referência os estudos em Sociolinguística e Linguística Histórica. Buscou-se com base na relação entre mudança linguística e escrita, estabelecer uma relação maior entre tal mudança e os gêneros textuais, uma vez que o gênero textual “carta de leitoras” mostra-se bastante permeável à oralidade. Para tanto, levou-se em consideração as mudanças sintáticas, sendo posteriormente selecionadas quatro preposições – **a**, **até**, **em** e **para** – identificadas como variantes em contexto de complementação verbal no português. Levando-se em conta esses fatores, esta pesquisa teve como objetivo estabelecer uma possível relação entre alternâncias na organização dos constituintes de uma sentença em revistas femininas que trabalham com variedades do português brasileiro e europeu, buscando evidenciar os casos de variação linguística através da análise das cartas de leitoras presentes nesses veículos de comunicação. Para alcançar esse objetivo geral, tomou-se como base os seguintes objetivos específicos: (i) determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores de direção, de movimento com transferência e de transferência (material e verbal/perceptual) e como se distribuem em termos de frequência; (ii) identificar que fatores de natureza linguística e extralinguística explicam essa distribuição; (iii) determinar em que medida essa distribuição revela padrões diferentes de uso em relação à norma vigente; (iv) estabelecer de que forma a noção de gênero textual é capaz de esclarecer esses processos de mudança. Essa análise seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Labov 1972, 1982, 1994) e as informações obtidas foram tratadas estatisticamente, por meio da utilização do pacote estatístico GOLDVARB. Como resultados, encontrou-se, nos dados do Português Brasileiro, um uso relativamente maior das preposições **até**, **em** e **para**, principalmente quando comparado aos dados do Português Europeu, em que ocorreu a prevalência da preposição **a**. Quanto ao tipo verbal, destaca-se no Português Brasileiro a preposição **para** com praticamente todos os tipos verbais, ao contrário dos dados do Português Europeu, em que há a prevalência de **a** com todos os tipos verbais. Sobre os tipos de complemento dos verbos, tem-se a prevalência de **para** entre os complementos “ser animado” e “lugar”, enquanto que no Português Europeu ocorre a preponderância de **a** com todos os tipos de complementos trabalhados.

**Palavras-chave:** Variação linguística; Português Brasileiro; Português Europeu; preposição; gênero textual; revistas femininas Teoria da Variação e Mudança linguísticas.

## ABSTRACT

This research aimed to study the variation of preposition in texts of letters from readers of Brazilian and Portuguese women's magazine, taking as reference the Sociolinguistic and Historical Linguistic studies. The search is based on the relationship between language change and writing, establish a greater relationship between this change and textual genres, since the genre "letter of readers" appears to be quite permeable to orality. For such, it was took into account the syntactic changes, being subsequently selected four prepositions – **a**, **até**, **em** and **para** - identified as variants in the context of verbal complementation in Portuguese. Taking into account these factors, this research aimed to establish a possible relationship between alternations in the organization of the constituents of a sentence in women's magazines that work with varieties of Brazilian and European Portuguese, seeking to highlight the cases of linguistic variation through the analysis the letters from readers present in these media. To achieve this general objective, it has been based on the following specific objectives: (i) determine which one or ones are the prepositions that introduce the complement of predicators of direction, physical motion and transfer (material and verbal / perceptual) and how they are distributed in terms of frequency, (ii) identify which linguistic and extralinguistic nature factors explain this distribution, (iii) determine how far this distribution reveals different patterns of use when related to the current standards, (iv) establish how the notion of genre is able to clarify these processes of change. This analysis followed the theoretical and methodological principles of the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov 1972, 1982, 1994) and the collected data were treated statistically by using the statistical package GOLDVARB. As a result, it was found, about the Brazilian Portuguese data, a relatively greater use of prepositions **até**, **em** e **para**, especially when compared to the European Portuguese data, in which the prevalence of preposition **a** occurred. As for the verbal type, highlighted in Brazilian Portuguese the preposition **para** with virtually all verbal types, unlike the European Portuguese data which had the prevalence of **a** with all verbal types. About the types of verbal complements, we had the prevalence of **para** with the complements “ser animado” and “lugar”, while we had in the European Portuguese data the preponderance of **a** with all sorts of verbal complements.

**Keywords:** Linguistic variation; Brazilian Portuguese; European Portuguese; preposition; textual genre; women's magazines; Theory of Linguistic Variation and Change.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01.</b> Revista <i>Capricho</i> , 11/01/2004	77
<b>Figura 02.</b> Revista <i>Bravo</i> , 20/12/2010	77
<b>Figura 03.</b> Revista <i>Capricho</i> , 10/08/2003	77
<b>Figura 04.</b> Revista <i>Bravo</i> , 20/12/2010	77
<b>Figura 05.</b> Revista <i>Capricho</i> , 29/03/2009	78
<b>Figura 06.</b> Revista <i>Bravo</i> , 20/12/2010	78
<b>Figura 07.</b> Seção de cartas da revista <i>Capricho</i>	119
<b>Figura 08.</b> Seção de cartas da revista <i>Bravo</i>	119

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01.</b> Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva	<b>73</b>
<b>Gráfico 02.</b> O contínuo de gêneros na comunicação tradicional impressa e falada	<b>75</b>
<b>Gráfico 03.</b> Uso das preposições na revista <i>Capricho</i>	<b>96</b>
<b>Gráfico 04.</b> Uso de preposições na revista <i>Bravo</i>	<b>97</b>
<b>Gráfico 05.</b> O uso das preposições e a natureza dos complementos – revista <i>Capricho</i>	<b>100</b>
<b>Gráfico 06.</b> O uso das preposições e a natureza dos complementos – revista <i>Bravo</i>	<b>103</b>
<b>Gráfico 07.</b> Verbos leves <i>versus</i> verbos plenos	<b>114</b>
<b>Gráfico 08.</b> Os verbos <i>leves</i> e as preposições – revista <i>Capricho</i>	<b>115</b>
<b>Gráfico 09.</b> Os verbos <i>leves</i> e as preposições – revista <i>Bravo</i>	<b>116</b>
<b>Gráfico 10.</b> O emprego das preposições pelas leitoras de <i>Capricho</i> e <i>Bravo</i>	<b>121</b>
<b>Gráfico 11.</b> O emprego das preposições pelas revistas <i>Capricho</i> e <i>Bravo</i>	<b>122</b>
<b>Gráfico 12.</b> Teste de percepção: questão de número 05 / informantes portugueses	<b>124</b>
<b>Gráfico 13.</b> Teste de percepção: questão de número 05 / informantes brasileiros	<b>125</b>
<b>Gráfico 14.</b> Teste de percepção: questão de número 09 / informantes portugueses e brasileiros	<b>130</b>
<b>Gráfico 15.</b> Diferenças nos usos de “chegar em” e “ir ao” – informantes portugueses	<b>133</b>
<b>Gráfico 16.</b> Diferenças nos usos de “chegar em “ e “ir ao” – informantes brasileiros	<b>133</b>
<b>Gráfico 17.</b> Teste de percepção: questão de número 12 / informantes portugueses	<b>134</b>
<b>Gráfico 18.</b> Teste de percepção: questão de número 12 / informantes brasileiros	<b>135</b>
<b>Gráfico 19.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>139</b>

<b>Gráfico 20.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>140</b>
<b>Gráfico 21.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>142</b>



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01.</b> O emprego das preposições e os tipos verbais	<b>98</b>
<b>Tabela 02.</b> Natureza semântica do complemento – Revista <i>Capricho</i>	<b>100</b>
<b>Tabela 03.</b> Peso relativo “natureza do complemento” – Revista <i>Capricho</i>	<b>102</b>
<b>Tabela 04.</b> Natureza semântica do complemento – Revista <i>Bravo</i>	<b>103</b>
<b>Tabela 05.</b> Verbos de direção e a natureza do complemento	<b>105</b>
<b>Tabela 06.</b> Verbos de <i>transferência verbal</i> e a natureza do complemento	<b>107</b>
<b>Tabela 07.</b> Verbos de transferência material e a natureza do complemento	<b>108</b>
<b>Tabela 08.</b> Verbos de movimento com transferência e a natureza do complemento	<b>109</b>
<b>Tabela 09.</b> O uso das preposições e a relação dialógica na revista <i>Capricho</i>	<b>120</b>
<b>Tabela 10.</b> O uso das preposições e a relação dialógica na revista <i>Bravo</i>	<b>120</b>
<b>Tabela 11.</b> Teste de percepção: questão de número 05 / informantes portugueses	<b>124</b>
<b>Tabela 12.</b> Teste de percepção: questão de número 05 / informantes brasileiros	<b>125</b>
<b>Tabela 13.</b> Teste de percepção: questão de número 06 / informantes portugueses e brasileiros	<b>125</b>
<b>Tabela 14.</b> Teste de percepção: questão de número 09 / informantes portugueses e brasileiros	<b>131</b>
<b>Tabela 15.</b> Teste de percepção: questão de número 10 / informantes portugueses e brasileiros	<b>132</b>
<b>Tabela 16.</b> Teste de percepção: questão de número 12 / informantes portugueses e brasileiros	<b>134</b>
<b>Tabela 17.</b> Teste de percepção: questão de número 13 / informantes portugueses e brasileiros	<b>136</b>
<b>Tabela 18.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>139</b>
<b>Tabela 19.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>140</b>
<b>Tabela 20.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>141</b>

<b>Tabela 21.</b> Teste de percepção: questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros	<b>142</b>
<b>Tabela 22.</b> Teste de percepção: questão de número 17 / informantes portugueses e brasileiros	<b>144</b>
<b>Tabela 23.</b> Teste de percepção: questão de número 18 / informantes portugueses e brasileiros	<b>144</b>
<b>Tabela 24.</b> Teste de percepção: questão de número 19 / informantes portugueses e brasileiros	<b>145</b>
<b>Tabela 25.</b> Teste de percepção: questão de número 20 / informantes portugueses e brasileiros	<b>145</b>
<b>Tabela 26.</b> Teste de percepção: questão de número 21 / informantes portugueses e brasileiros	<b>146</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01.</b> Preposição <b>a</b> como introdutora de complemento verbal.	<b>47</b>
<b>Quadro 02.</b> Preposição <b>para</b> como introdutora de complemento verbal e sintagma nominal	<b>53</b>
<b>Quadro 03.</b> Preposição <b>para</b> fora do sistema de transitividade	<b>53</b>
<b>Quadro 04.</b> Teste de percepção: questão de número 07 / informantes portugueses e brasileiros	<b>127</b>
<b>Quadro 05.</b> Teste de percepção: questão de número 14 / informantes portugueses e brasileiros	<b>137</b>
<b>Quadro 06.</b> Síntese comparativa da variação de preposições nas revistas <i>Capricho</i> e <i>Bravo</i>	<b>151</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>1 COMPREENDENDO AS TEORIAS APLICADAS</b>	<b>27</b>
1.1 Sobre a organização das línguas e a Teoria da Variação e Mudança	27
1.2 Sobre as normas linguísticas	32
1.2.1 Alguns apontamentos: norma, norma culta e norma-padrão	34
1.2.2 Aplicando conceitos: as normas brasileira e europeia e o uso de preposições	38
<b>2 OBJETO DE ESTUDO</b>	<b>40</b>
2.1 Uso das preposições e a variação linguística	40
2.1.1 Tipos, funções e valores	40
2.1.2 Sobre as preposições <b>a</b> , <b>até</b> , <b>em</b> e <b>para</b> : seus usos e valores	44
2.2 Um breve apontamento sobre o verbo “ir de movimento”	55
2.3 Sobre a análise sintático-semântica dos verbos	58
2.3.1 Compreendendo a tipologia verbal adotada	63
<b>3 UNIVERSO DE PESQUISA</b>	<b>69</b>
3.1 Revistas femininas – Uma breve contextualização histórica	69
3.1.1 O gênero “carta de leitoras”	73
3.1.2 Compreendendo as relações dialógicas nas cartas de revistas femininas	79
3.2 Sobre os procedimentos metodológicos	86
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO</b>	<b>95</b>
4.1 Uma primeira análise e alguns resultados	95
4.2 Uma análise mais específica dos dados	97
4.2.1 Observando os verbos de <i>direção</i> e suas possíveis alternâncias	110
4.3 Verbos leves <i>versus</i> verbos plenos: alguns resultados	113
4.4 Uma análise dialógica dos dados	117
4.5 Teste de percepção	122
4.5.1 Analisando o emprego das preposições <i>a</i> , <i>até</i> , <i>em</i> e <i>para</i>	122

4.5.2 Comparando resultados: sobre o teste de percepção e as revistas femininas	146
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>161</b>
1. Levantamento de dados	161
2. Teste de percepção	166
2.1 Teste de percepção – resultados encontrados	169
2.2 Teste de percepção – quadro correspondente às respostas da questão de número 07	175
2.3 Teste de percepção – quadro correspondente às respostas da questão de número 14	200
3. Rodadas e cruzamentos	218
3.1 Dados gerais – Revista <i>Capricho</i>	218
3.2 Dados gerais – Revista <i>Bravo</i>	219
3.3 A x PARA – Revista <i>Capricho</i>	220
3.4 A x PARA – Revista <i>Bravo</i>	225
3.5 Leitoras x Revista – Revista <i>Capricho</i>	229
3.6 Leitoras x Revista – Revista <i>Bravo</i>	229

## Introdução

Sabe-se que o princípio fundamental da Linguística Histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo, não constituindo uma realidade estática. Devido ao fato dessas mudanças ocorrerem de forma lenta e gradual, muitos falantes não têm consciência de que suas línguas estão mudando, o que comprova que a história da língua vai se fazendo num jogo de mutação e permanência. Também é fato inconteste que esse processo passa, necessariamente, pela situação de variação, em que a convivência e a concorrência de formas variantes leva à gradual substituição de formas mais antigas (conservadoras) por formas novas (inovadoras) (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968], p.126).

É nesse contexto que se situa nosso estudo. Propusemo-nos a investigar a variação entre as preposições introdutoras de complementos verbais, um fenômeno atestadamente variável na variedade brasileira do português. Espera-se encontrar um uso maior das preposições **até**, **em** e **para** nos dados analisados no português brasileiro (PB), enquanto, para os dados do português europeu (PE), a hipótese inicial é de que a preposição **a** prevaleça. Pretende-se, através dessa análise, apontar explicações e justificativas para as diferenças existentes entre os usos dessas preposições nas cartas brasileiras e portuguesas, de modo a determinar em que medida essa distribuição revela padrões diferentes de uso em relação às normas vigentes.

Assim como já postulado por Labov (2008, p.208), fala e escrita ocupam posições diferentes quando pensadas em uma situação de variação e mudança, já que a língua falada<sup>1</sup> (principalmente a vernácula) está mais propensa às situações de mudança linguística do que a língua escrita, considerada mais formal e resistente. Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p.192) afirmam, ainda sobre o pensamento laboviano, que “o contínuo fazer-se da língua só poderia, dessa forma, ser flagrado na fala, ao passo que a escrita, por seu alto nível de planejamento, funcionaria como refreadora desse fazer-se, o que justificaria seu estatuto marginal na investigação de fatos de variação e mudança”.

Percebe-se, com isso, que, durante muito tempo, ocorreu uma dissociação, nas pesquisas sociolinguísticas, entre os dados de língua falada e os de língua escrita. Segundo as autoras,

---

<sup>1</sup> Os termos “língua falada” e “língua escrita” foram, aqui, conscientemente adotados em função de uma tradição linguística já estabelecida (cf. ROMAINE, 1982), como forma de expressar as possíveis modalidades de uso de uma língua natural.

A utilização de textos escritos no conjunto de pesquisas de orientação sociolinguística é justificada, em vários momentos, pela impossibilidade de acesso ao material falado de sincronias pretéritas. Ressalvas dessa natureza deixam transparecer o caráter subsidiário que a escrita frequentemente ocupa nessas pesquisas (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.192).

É somente quando o campo da sociolinguística se expande para também incorporar fenômenos morfossintáticos – e, por isso, não tão dependentes de situações de fala – que a escrita passa a ganhar mais espaço diante de tais estudos (LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.193). Romaine (1982, p.14 *apud* LONGHIN-THOMAZI e RODRIGUES, 2013, p.192) é quem questiona a falta de uma “reflexão explícita acerca da pesquisa sociolinguística em dados de língua escrita”, propondo, assim, a incorporação de dados de escrita aos estudos e pesquisas sociolinguísticas. Entretanto, para Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p.193) “a utilização de material de escrita ainda não está livre de ressalvas quanto à representatividade da língua, tipo de ressalva que convencionalmente não se aplica aos dados de fala”.

Ainda que ocorram ressalvas como esta, sabemos que é o contraste existente entre uma imagem que se tem da língua – obtida em textos escritos mais antigos, por exemplo – e sua realidade atual que evidencia as mudanças pelas quais esta passou ou ainda passa. Tal fato nos mostra que a análise da língua escrita é também grande reveladora de mudança, já que esta é muito mais conservadora do que a língua falada.

Tal situação deixa claro que no fluxo do tempo a língua se transforma, isto é, que estruturas e palavras que existiam antes não ocorrem mais ou estão deixando de ocorrer; ou, então, ocorrem modificadas em suas formas, funções e significados. A esse respeito, Carlos Alberto Faraco afirma que:

as atividades escritas estão, em sua maioria, ligadas a contextos sociais marcados de formalidade, e os estudos sociolinguísticos mostram que há forte correlação entre situações formais e o uso preferencial de formas linguísticas mais conservadoras: o falante, para satisfazer às expectativas sociais, procura evitar nesses contextos formas próprias do vernáculo. Assim, inovações comuns na língua falada, muitas vezes já aceitas em situações formais de fala, não são de imediato aceitas na escrita (FARACO, 2005, p.26).

Vale ressaltar que nem toda diferença entre língua falada e língua escrita é sinal de mudança, podendo ser apenas característica própria da oralidade em oposição àquelas

próprias da escrita. A escrita, por exemplo, permite o uso e o desenvolvimento de recursos sintáticos que não são próprios da fala, como o uso de sentenças longas contendo intercalações de outras sentenças. Tal diferença não significa que a fala simplifique os processos sintáticos, mas que apenas os realiza de formas diferentes.

Sendo a mudança linguística associada diretamente à realidade social e cultural dos falantes, ela está, conseqüentemente, envolvida por um complexo jogo de valores sociais que podem bloquear, retardar ou acelerar sua expansão para outra variedade da língua. Os falantes de grupos socioeconômicos mais altos, que normalmente não dão início ao processo de mudança, reagem de forma negativa às formas inovadoras, tachando-as de “incorretas” ou “impróprias”.

Entretanto, do ponto de vista linguístico não há uma língua, ou uma variedade, superior ou inferior. E é por tal motivo que a Teoria da Variação e Mudança tem tentado apreender os valores que uma comunidade atribui às diferentes variedades da língua, procurando, assim, compreender a realidade heterogênea de uma língua e, com isso, tentar contribuir para uma reflexão mais crítica sobre a língua. Assim, é papel do linguista esclarecer que não há uma língua homogênea, sendo toda e qualquer língua – tanto em sua expressão falada como escrita – um conjunto heterogêneo de variedades.

Partimos desses pressupostos, complementando-os com base na noção de gênero textual, buscando respostas à questão de como tal noção de gênero podem servir de aporte teórico-metodológico ao estudo da variação e da mudança em textos escritos. Acredita-se que, na medida em que os textos corporificam “gêneros”, e que estes se caracterizam por conteúdo temático, construção composicional e estilo, seja possível analisar de que modo a construção desses textos (e conseqüentemente desses “gêneros”) está relacionada com as possibilidades de variação linguística e as normas sociais ali presentes (BERLINCK e BUENO, 2008).

Com base nessas afirmações, escolhemos como cópua para nossa pesquisa as cartas de leitoras de revistas femininas, gênero que acreditamos ser bastante permeável à oralidade. Trabalharemos, então, com as revistas *Capricho* e *Bravo*, brasileira e portuguesa, respectivamente datadas dos anos de 2002 a 2012 e 2010 e 2011<sup>2</sup>, e destinadas ao público feminino e adolescente.

A busca por situações de variação e mudança em um cópua escrito nos faz reconhecer, assim como na fala, o caráter heterogêneo também da escrita, sendo essa

---

<sup>2</sup> Esse recorte temporal será explicado na seção dedicada aos procedimentos metodológicos.



uma tentativa de conceder à língua escrita um lugar nas pesquisas sociolinguísticas. Assim, seguindo as orientações de Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013, p.193), “partimos da hipótese de que os textos escritos trazem marcas da convivência de práticas de oralidade e letramento, e que essa convivência pode ser entendida como uma forma de heterogeneidade que reflete, entre outras coisas, o pretendido vernáculo”.

Para tanto, baseamos algumas de nossas hipóteses no princípio teórico da heterogeneidade da escrita (cf CORRÊA, 1997, 2004), sendo esta “uma prática social heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito” (REIS, 2011, p.14). Com base nessa concepção, o sujeito pode compor diferentes representações da escrita, sendo elas marcadas por traços estabelecidos entre o oral/falado e o letrado/escrito (REIS, 2011), mostrando-nos, então, o quanto um texto escrito pode fazer-se permeável aos dados oriundos de situações de fala e/ou oralidade. Sobre isso, consideramos que

no interior das mais diversas práticas sociais, é construído o imaginário social da escrita – “produto das imagens socialmente construídas sobre ela” (CORREA, 2004, p.XIX) –, o autor propõe a apreensão de sua constituição heterogênea a partir da representação da escrita assumida pelo escrevente. Os registros dessas representações da escrita dariam contribuições à heterogeneidade da escrita (REIS, 2011, p.23).

Com base na heterogeneidade da escrita, acreditamos que ao trabalhar com um gênero da língua escrita, mais especificamente as cartas de leitoras, seja possível evidenciar traços que representem a fala dessas leitoras o que, conseqüentemente, nos aproxima de possíveis casos de variação linguística.

Assumimos, então, o caráter heterogêneo da escrita e consideramos também que, segundo Marcuschi (2007, p.34), as relações entre fala e escrita “refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta por essas duas modalidades de uso da língua.” Para o autor, as cartas são capazes de evidenciar o quanto um gênero textual pode ser misto<sup>3</sup>, já que elas se situam no entrecruzamento da fala e da escrita. Assim, ao acreditarmos que as cartas de leitoras apresentam elementos diversos da oralidade,

---

<sup>3</sup> É preciso aqui estabelecer uma distinção entre os chamados gêneros mistos e gêneros híbridos. Os primeiros podem ser considerados textos que se “entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos”. Para isso, pode-se considerar os postulados de “meio” e “concepção”, assim como sugere Marcuschi (2008, p.39), sendo a fala de “concepção oral e meio sonoro” e a escrita de “concepção escrita e meio gráfico”. Assim, um texto que se situa no entrecruzamento entre “a concepção oral” e o “meio gráfico”, pode, então, ser considerado de um gênero misto. Já os gêneros híbridos são definidos por gêneros que possuem uma determinada estrutura mas que assumem a função de outro gênero.

podemos também supor que esse gênero, dentro de um *continuum* de formalidade, está, então, mais próximo daquilo que é considerado menos formal, uma vez que sua composição é fortemente marcada por traços de oralidade que fogem, muitas vezes, à norma-padrão.

Trabalharemos ainda com base nos estudos da Sociolinguística, tal como proposta pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 1972, 1994, 2001), que tem como princípio analisar a correlação entre fatores sociais e a estrutura linguística de modo a compreender melhor o funcionamento das línguas e da linguagem. Sendo assim, fica claro que tanto os fatores internos quanto os externos são de extrema importância para os estudos sociolinguísticos.

Deste modo, e levando-se em conta os pressupostos acima, esta pesquisa tem como objetivo estabelecer uma possível relação entre alternâncias no emprego de preposições em revistas femininas brasileiras e portuguesas, buscando evidenciar os casos de variação linguística através da análise das cartas de leitoras presentes nesses veículos de comunicação. Pretendemos, através dessa relação, realizar uma comparação entre duas variedades do português – português brasileiro (PB) e português europeu (PE), considerando seus diferentes usos no que se refere às preposições.

Diferentes preposições podem ser utilizadas em contextos semelhantes, apresentando praticamente as mesmas funções e significados; por outro lado, a mesma preposição pode apresentar vários significados, geralmente relacionados. Desde o início da formação da língua portuguesa (e das demais línguas românicas), as preposições têm se mostrado uma classe propensa à variação. Isso decorre do fato de que, com a ampliação do uso desse tipo de elemento relacional no latim vulgar e nas línguas românicas, criaram-se novos significados para preposições já existentes, além de surgirem novas preposições (cf. Câmara Jr., 1985).

O estudo focalizará quatro desses elementos – **a**, **até**, **em** e **para** –, preposições identificadas em estudos anteriores como variantes em contexto de complementação verbal no português brasileiro (Berlinck, 2001; Guedes e Berlinck, 2003). Foi comprovada, nesses estudos, a incorporação da variação de preposições em textos escritos, o que indica sua gradual aceitação pela norma culta. Assim, desejamos mostrar de que modo a variação entre as preposições escolhidas se caracteriza em contextos estruturais do PB e PE. É preciso ressaltar que são poucas as informações disponíveis sobre o uso de tais preposições no PE, o que ressalta a relevância deste estudo.

Além disso, busca-se, a partir da conceituação de gêneros textuais, pontuar e justificar tais variações. É preciso que haja uma análise e observação dos vários tipos de fontes – lê-se, aqui, “vários tipos de fontes” como sendo a análise de textos de períodos, de modalidades ou de gêneros diferentes – para então se comparar o comportamento do fenômeno em cada uma delas. Para isso, é preciso levar em conta as especificidades do gênero textual em questão, assim como as mudanças que podem nele ter ocorrido com o decorrer do tempo. Buscamos, aqui, entender de que modo as cartas de leitoras se mostram propícias, ou não, à variação das preposições acima citadas. Acreditamos ser esse gênero permeável à oralidade, devido às suas marcas discursivas bastante próximas da fala de suas autoras (MARINE, 2009), o que as tornaria um espaço favorável à observação do uso linguístico em situação de relativo menor monitoramento.

Para alcançar tal proposta e estabelecer, de fato, uma possível comparação entre as variedades do PB e do PE, temos como base os objetivos específicos abaixo delimitados:

- determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência* (material e verbal/perceptual) (cf. tipologia apresentada em 2.3.1) e como se distribuem em termos de frequência, tanto no PB quanto no PE;
- determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores dos chamados verbos *leves* e como se distribuem em termos de frequência, tanto no PB quanto no PE;
- identificar que fatores de natureza linguística e extralinguística explicam essa distribuição;
- determinar em que medida essa distribuição revela padrões de uso diferentes em relação à norma subjetiva vigente;
- estabelecer de que forma a noção de gênero textual é capaz de esclarecer esses processos de variação.

A fim de alcançar os objetivos acima, iniciamos esse trabalho abordando os pressupostos teóricos relacionados ao tema (Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, mostrado na subseção 1.1; preposições e norma linguística, presente na subseção 1.2.), buscando, com isso, explicar os fatores internos à língua envolvidos nos

casos de variação. Na seção 2, apresentamos nosso objeto de estudo e descrevemos os usos e funcionalidades das quatro preposições selecionadas. Uma contextualização sócio-histórica a respeito das revistas femininas é desenvolvida, na subseção 3.1, com o intuito de encontrar possíveis ligações entre elas e a variação de preposição. Compreender o papel social exercido por essas revistas pode ser de grande importância para que os fatores extralinguísticos envolvidos nos casos que apontam mudança sejam analisados. Além disso, é preciso entender também sobre o modo como as revistas femininas se organizam e funcionam para que seja possível estabelecer uma relação direta com o conceito de gênero textual, mais especificamente, o gênero *carta de leitoras* (cf. subseção 3.1.1).

É com base em todos esses fundamentos teóricos que os dados levantados foram analisados quantitativamente e classificados quanto aos seus usos, permitindo, assim, uma interpretação completa dos fatos, respondendo às perguntas propostas e buscando soluções para as hipóteses inicialmente estabelecidas.

## **1. Compreendendo as teorias aplicadas**

É clara a necessidade de basearmos nosso trabalho em algumas teorias, de modo que melhor estruturem nossos estudos, concedendo a eles, conseqüentemente, credibilidade e veracidade. Além disso, são as teorias linguísticas aqui abordadas que permitem uma maior compreensão dos fatos estudados e analisados, facilitando também a articulação de nossas ideias. Nesta seção, discutiremos, primeiramente, pontos importantes sobre a Teoria da Variação e Mudança, base de nossa pesquisa. Em seguida, abordaremos questões referentes às normas linguísticas e suas principais fundamentações.

### **1.1 Sobre a organização das línguas e a Teoria da Variação e Mudança**

Sabemos que as línguas naturais, enquanto produto social da linguagem (SAUSURRE, 2004, p.17), são o objeto de estudo da Linguística. Sendo assim, estudar a língua e seus modos de organização se torna indispensável para todas as teorias linguísticas já existentes, uma vez que é possível, deste modo, compreender também as necessidades comunicativas de uma determinada comunidade. Em outras palavras, isso significa que a evolução da língua está intrinsecamente ligada à evolução humana, sendo a necessidade de cada falante e do grupo, fator fundamental para compreendermos esse processo.

Além disso, é essencial conhecer essas teorias quando desejamos atribuir maior credibilidade e veracidade aos estudos científicos acerca da língua e da linguagem. Deste modo, trazemos aqui alguns breves apontamentos sobre os estudos linguísticos no século XX e enfatizamos a abordagem da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 1972, 1994, 2001) adotada como base para o desenvolvimento deste trabalho. Acreditamos que, para se compreender melhor o fato de a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas – postulada por William Labov na década de 1960 –, enxergar a variação linguística como um requisito ou condição do próprio sistema linguístico, precisamos também entender como as outras teorias linguísticas se organizam e de que modo elas trabalham com as línguas e tudo aquilo que as cerca.

Reconhecendo-se, então, o fato de que as línguas mudam no eixo do tempo e tomando como ponto de partida os estudos em Linguística Histórica, buscamos aqui, oferecer um tratamento científico aos fatos estudados, por meio de quadros teóricos definidos, capazes de descrever os diferentes processos de mudança já ocorridos na

história de uma língua ou de uma família de línguas. Sob este ponto de vista e segundo Faraco (2005, p.129), costuma-se dizer que a Linguística Histórica nasceu há 228 anos, nos fins do século XVIII e início do século XIX. Podemos dividir esses mais de dois séculos em dois grandes períodos.

O primeiro, que vai de 1786 até a publicação dos neogramáticos em 1878, é o período de formação e consolidação do método comparativo (FARACO, 2005, p.129). O pressuposto de base é que entre os elementos de línguas aparentadas existem correspondências sistemáticas em termos de estrutura gramatical, que são passíveis de serem estabelecidas por meio de uma cuidadosa comparação.

Aqui, ganha destaque uma das primeiras reflexões sobre a língua e seu modo de organização, elaborada por Ferdinand de Saussure<sup>4</sup> (1857-1913), responsável por estabelecer a dicotomia língua (*langue*) e discurso (*parole*). Para ele, a linguística deveria limitar-se a estudar a língua, já que esta é um sistema regido por leis próprias e dotado de homogeneidade, ao contrário do que acontece com o discurso: “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Linguística externa’” (SAUSSURE, 2004, p. 29). Assim,

Saussure considerava que a divisão dos estudos linguísticos em dois tipos [um sincrônico e outro diacrônico] se impunha de forma imperiosa por ser possível focar a língua (abstraido seu permanente movimento no tempo) como um complexo sistema de valores puros, isto é, um sistema em que os termos não se definem por si só, isoladamente, mas por relações de dependência recíproca (FARACO, 2005, p. 95).

Num segundo momento, período que vai de 1878 até os dias de hoje, tem-se uma forte tensão entre duas grandes linhas interpretativas: uma mais imanentista, continuadora do Estruturalismo e depois do Gerativismo e, outra, mais integrativa e aliada ao contexto social em que se insere o indivíduo.

Assim, ilustrando os períodos acima citamos, temos que, depois de Saussure, vários outros estudiosos se comprometeram a estudar a organização das línguas, porém, as teorias por eles apresentadas mostraram-se também influenciadas pelos postulados saussurianos, uma vez que os aspectos individuais da língua continuaram a prevalecer. Surge, então, na década de 1950, seguindo a tendência formalista, a Teoria Gerativa, de

---

<sup>4</sup> Ainda que as ideias de Saussure tenham sido divulgadas postumamente, já no século XX – com o *Curso de Linguística Geral* (1916) –, sua elaboração reflete o pensamento oitocentista.

Avram Noam Chomsky<sup>5</sup>, que assume como objeto de estudo a língua como sistema homogêneo e livre de elementos sociais, além de se basear em pressupostos inatistas. Segundo Faraco, “essa separação entre o estado (sistema) e história marca os estudos linguísticos do século XX de várias formas. Boa parte dos linguistas a aceita como um rigoroso princípio metodológico: ou se investiga o sistema ou se investiga a língua” (FARACO, 2005, p. 98).

Foi desenvolvida ainda por Meillet (1866-1936) uma concepção mais sociológica do falante e da língua, em que as condições sociais passam a ser vistas como tendo influência decisiva sobre a língua e, conseqüentemente, sobre a mudança. Meillet mostrou-se preocupado em abordar a mudança linguística na perspectiva das relações entre as línguas e a realidade social e histórica das comunidades que as falam. Com isso, começa a se delinear uma visão sociolinguística que mostra que, por trás da heterogeneidade linguística, há organização, sendo possível “correlacionar a ocorrência de uma ou outra forma variante com diferentes grupos de falantes, partilhando, cada grupo, características sociais peculiares” (FARACO, 2005, p.184).

Nessa concepção, que só vai tomar ‘corpo’ de teoria com a proposta laboviana, na década de 1960, a língua deixa de ser vista como um objeto homogêneo e passa a ser encarada como uma realidade heterogênea, em que os fatores sociais ou externos são de extrema importância para sua organização e materialização. Sendo assim, a Sociolinguística, tal como proposta pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 1972, 1994, 2001), tem como princípio analisar os fatores sociais, buscando sempre compreender melhor a estrutura das línguas e seus funcionamentos. É através dessa nova percepção dos fatos que a noção de “mudança em progresso” passa a ser incorporada à descrição da organização das línguas, uma vez que se concebe que a mudança se dá de forma lenta e gradual. Para Faraco,

a Sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes – estratificadas social e estilisticamente – coexistem e fases em que elas entram em concorrência, no cabo da qual uma termina por vencer a outra, podendo – por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá (FARACO, 2005, p.186).

---

<sup>5</sup> *Gramática Transformacional* (1957).

Todas essas mudanças são regidas por um complexo jogo de valores sociais que podem bloquear, retardar ou acelerar a expansão de determinadas características (variantes) de uma variedade da língua para outra. Sendo assim, pode-se dizer que a mudança é também determinada por motivações sociais, que fazem com que uma variedade seja mais prestigiada do que outra. Dentre os possíveis fatores externos, os mais relevantes apontados até o momento na literatura sociolinguística são: estilo de fala, sexo, idade, escolaridade, profissão, classe social, região e origem do falante. São esses os fatores que contribuem, então, para as mudanças sofridas pela língua de forma lenta e gradual.

Sobre os estilos de fala, pode-se destacar a estratificação estilística, que se refere a alterações que pode sofrer o modo como os falantes se expressam devido às características sociais do grupo ao qual pertencem e ao contexto de fala em que eles estão inseridos. Isso significa que o falante pode se expressar de várias formas diferentes, em diferentes situações comunicativas, já que, como afirma Monteiro, “a variação linguística é consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso” (MONTEIRO, 2000 p.63).

Quanto a essa multiplicidade do discurso, é preciso ressaltar, ainda segundo Monteiro (2000), que

as variáveis de ordem social influenciam na escolha das variantes, sem perder de vista que nem sempre essa escolha é condicionada por valores socioculturais. Certos fenômenos de variação são regulares apenas por pressões do próprio ambiente linguístico em que se realizam (p.67 e 68).

O mesmo acontece com a variável sexo, uma vez que a fala entre homens e mulheres diferencia-se principalmente pelo fato de a língua estar diretamente relacionada às atitudes sociais. É com base nisso, então, que Paiva (2003, p.35) destaca que “estudos sobre processos variáveis do português apontam para o que poderíamos denominar uma maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas”. Quanto a isso, valem-nos os estudos de Labov (1972, 2008) sobre a estratificação social do (r), nas lojas de departamento de Nova York, que nos mostram que “a estratificação do (r) é uma propriedade do subgrupo mais homogêneo das três lojas trabalhadas: as vendedoras brancas naturais de Nova York” (LABOV, 2008, p.76). Tal fato nos faz pensar que as mulheres apresentam um discurso mais cuidado, uma vez que “quando se



trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como no caso da pronúncia retroflexa em Nova York, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança” (PAIVA, 2003, p.36).

Segunda a autora,

as diferenças entre homens e mulheres no uso da variante padrão, a pronúncia retroflexa, são mais acentuadas em estilos de fala mais cuidados, ou seja, naquelas situações em que o falante dispensa mais atenção à sua própria fala, e são menos expressivas ou tendem a se neutralizar em estilos de fala mais informais, em que emerge de forma mais evidente a variante vernacular. O aumento do índice da variante padrão na fala feminina é proporcional ao aumento do nível de formalidade do discurso. Essa forma de interação parece indicar que a sensibilidade feminina ao valor social das variantes linguísticas é, de certa forma, controlada pela própria situação de discurso (PAIVA, 2003, p.38).

Quanto à idade, vale dizer que nem toda variação linguística detectada em função de diferenças etárias do falante corresponde a um fenômeno de mudança. Para ter essa certeza é preciso que o comportamento linguístico de falantes seja observado comparativamente em diferentes faixas etárias, lembrando-se que é possível encontrar ao final dessa análise apenas casos de variação e não de mudança. Isso porque, conforme dito anteriormente, toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação resultará em mudança (cf. Weinreich, Labov, Herzog, 2006, p.139).

Ao se trabalhar com as variáveis classe social, grupo étnico e localidade, é preciso um cuidado maior, já que tais fatores são facilmente influenciáveis por outros, sendo necessário um tratamento estatístico mais refinado, capaz de dar conta de todas as possíveis intersecções entre essas variáveis extralinguísticas e as outras já citadas anteriormente (MONTEIRO, 2000, p.77-78).

Diante do que foi apresentado, pode-se afirmar, então, conforme Faraco (2005), que

a possível existência duma mudança em progresso é indicada através do surgimento de um padrão curvilíneo (uso mais frequente de uma variante) nos grupos socioeconômicos intermediários e nas gerações mais jovens, em contraste com um padrão linear nos outros grupos socioeconômicos e etários (FARACO, 2005, p. 24).

Tal afirmação nos leva a entender que toda e qualquer mudança sempre será condicionada por fatores externos, ainda que, dependendo do caso e da situação, um

fator possa prevalecer mais do que o outro. São essas situações de variação e mudança que nos mostram o quanto a realidade linguística é heterogênea e social, ao contrário do que propunha a maioria dos estudiosos anteriores à proposta de abordagem da sociolinguística. É no uso das variantes linguísticas que podemos encontrar características que evidenciem os traços de diversidade dos grupos sociais, tornando-se possível observar também o quanto eles são sensíveis ao uso de uma ou outra norma de prestígio. Ainda que a mudança não seja facilmente perceptível e ocorra sempre de forma lenta e gradual, ela é característica primeira na organização das línguas e de suas relações sociointeracionais.

## 1.2 Sobre as normas linguísticas

Outra discussão teórica bastante importante para o desenvolvimento desta pesquisa diz respeito a uma questão de grande relevância para os estudos em variação e mudança: a compreensão das normas linguísticas e seus modos de organização e aplicação por uma determinada comunidade de fala. Trazemos aqui algumas conceituações importantes, a fim de identificar suas possíveis relações com os usos linguísticos característicos do português brasileiro e europeu – principalmente no que diz respeito ao emprego das preposições.

Para tanto, partimos do fato de que, ao princípio postulado pela linguística estruturalista (o qual afirma que por trás de toda variação linguística há um sistema uniforme e homogêneo), foi seguramente adicionada a concepção adotada por Eugenio Coseriu, na década de 1950, que reformula a perspectiva dicotômica (*langue/parole* e *sistema/fala*) e propõe uma perspectiva tricotômica (*sistema/norma/fala*). Isso porque, com o tempo, percebeu-se que tal sistema binário não era capaz de dar conta da variedade linguística supra individual, fazendo com que fosse necessária a criação do conceito de norma (FARACO, 2008, p.36).

Para Coseriu (1980, p.122), a *norma* “contém tudo o que, no falar correspondente a uma língua funcional, é fato tradicional, comum e constante, ainda que não necessariamente funcional”. Assim, a *norma* faz referência àquilo que é recorrente na fala de todos, podendo se alterar a qualquer momento, dependendo dos usos que são feitos. É preciso ter em mente que, seguindo o proposto por Coseriu, a *norma* se caracteriza como sendo um nível de abstração intermediário entre fala e sistema, e que, por conter também traços funcionais, é capaz de limitar a liberdade expressiva do indivíduo e reduzir, assim, as possibilidades oferecidas pelo sistema – portador apenas

dos traços distintivos “necessários para que uma unidade da língua não se confunda com outra” (COSERIU, 1980, p.123).

Assim, mantendo o olhar estruturalista sobre o conceito de *norma* criado com base no pensamento saussuriano, pode-se entender *norma*, em seu plano teórico, como “cada um dos diferentes modos sociais de se realizar os grandes esquemas de relações do sistema. Nesse sentido, cada norma se organiza como um certo arranjo de possibilidades admitidas pelo sistema” (FARACO, 2008, p. 36).

Mais do que isso, é possível afirmar que a definição de *norma* corresponde a algo que é tradicionalmente dito e já aceito em determinada comunidade de fala. Entende-se, então, que é permitido

conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala (FARACO, 2008, p.37).

Para Humboldt, “se pode dizer com igual correção que o conjunto da humanidade tem uma só língua e que cada ser humano tem uma língua que lhe é exclusiva” (HUMBOLDT *apud* FARACO, 2008, p. 38), deixando claro, assim, que todas as manifestações da linguagem verbal têm, de um lado, organização e, de outro, mostram-se extremamente heterogêneas (FARACO, 2008, p.38). A partir disso, podemos pensar que não há *norma* sem organização, ou seja, “toda e qualquer variedade constitutiva de uma língua é dotada de organização” (FARACO, 2008, p. 37). Para Faraco,

não há grupo social que não tenha sua norma, que fale sem o suporte de uma dada organização estrutural (não há, portanto, “vernáculos sem lógica e sem regras”; o que pode haver – e há – são vernáculos com outra lógica e com outras regras) (FARACO, 2008, p.39).

A partir disso, pode-se pensar que uma comunidade linguística é composta por diversas comunidades de prática, caracterizadas por modos peculiares de falar, o que significa que existem normas específicas e próprias para cada experiência vivenciada por um falante. Assim, é normal que esse falante varie sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, capaz de acomodar o seu modo de falar às práticas

correntes em cada uma das comunidades de prática a que ele pertence. (FARACO, 2008, p.40).

Sabemos, com isso, que as normas linguísticas se fazem também de modo exocêntrico. Segundo Faraco (2008)

assim como há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais de seu grupo social [...] o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s) (FARACO, 2008, p.43).

Assim, por vivenciar diferentes situações, um falante é capaz de colocar a sua *norma* em contato com outras normas, provocando, com isso, “múltiplas e contínuas interinfluências entre as normas”. (FARACO, 2008, p.44). Por isso, pode-se afirmar que as normas, por absorverem características umas das outras, são sempre hibridizadas. Faz-se necessário, então, encarar toda realidade linguística como sendo organizada, heterogênea, híbrida e mutante, pois, assim como não há uma *norma* pura, não há também uma *norma* estática, partindo-se do fato de que o contato e a hibridização das normas são fatores que favorecem o desencadeamento de mudanças linguísticas em diferentes direções (FARACO, 2008, p.44).

### 1.2.1 Alguns apontamentos: norma, norma culta e norma-padrão

Com base nesses pressupostos, percebemos, então, que toda realidade linguística é organizada, heterogênea, híbrida e mutante (FARACO, 2008, p.45), o que nos leva ao fato de que, diante disso, o conceito de norma também pode ser visto e interpretado sobre vários vieses, importando-nos aqui, principalmente, a definição de *norma culta brasileira falada*. Entende-se, usualmente, por *norma culta* aquela dominada por falantes letrados e conhecedores das regras trazidas pelas gramáticas. Entretanto, pesquisas realizadas pelo projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta) mostram que a *norma culta brasileira falada* pouco se distingue da *linguagem urbana comum* (usada por falantes que estão fora do grupo dos chamados – tecnicamente – cultos), quando, na verdade, o que se esperava era que, em situações de fala mais monitorada, os falantes da *norma culta brasileira* fizessem um uso maior dos preceitos trazidos pelas gramáticas normativas (PRETTI *apud* FARACO, 2008, p.48).

Com isso, segundo Faraco, é possível identificar um dos primeiros critérios usados na definição de *norma culta*:

ela seria a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas. Ou seja, a norma culta seria, pelos critérios do NURC, a variedade que está na intersecção dos três *continua*<sup>6</sup> (o *continuum* rural urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística) em seus pontos mais próximos do urbano, do letramento e dos estilos mais monitorados (FARACO, 2008, p.48).

Daí é possível pensar que é a *linguagem urbana comum* a responsável por, de certa forma, quebrar o preceito de que a norma culta é estritamente vinculada a uma elite altamente letrada, uma vez que essa norma se assemelha em muito àquela.

Em suma, é esta linguagem urbana comum que baliza de fato o falar culto (o que se poderia chamar tecnicamente de norma culta falada) e, ao mesmo tempo, tem poderoso efeito homogeneizante sobre as variedades do chamado português popular brasileiro (FARACO, 2008, p.49).

Ainda assim, tudo aquilo que se diferencia do que traz a *norma culta* é tomado como “erro”, quando, na verdade, não passa de variações em relação à *fala urbana comum*.

Embora alguns desses pretensos “erros” estejam já abonados pelos autores da norma gramatical contemporânea (em razão de terem sido usados na escrita por autores consagrados), o imaginário que transformou nossas peculiaridades linguísticas em “erros” é ainda forte nas discussões sobre língua no Brasil. [...] Há aqui, sem sombra de dúvida, um sério (e secular) equívoco de análise da realidade linguística do nosso país: o que se chama de “erros” comuns – por serem justamente “erros” de todos – constituem, na verdade, características definidoras do português brasileiro urbano comum (FARACO, 2008, p.50).

Além disso, pensar o conceito de norma como um conceito variável e híbrido leva-nos à certeza de que “unidade linguística não implica uniformidade normativa” (CUNHA *apud* FARACO, 2008, p. 51). Isso traz à tona também o fato de que a norma culta falada difere da norma culta escrita, pois há fenômenos que ocorrem na fala culta que não necessariamente acontecem na escrita culta.

Diante de todos esses fatores, é de fundamental importância que a conceituação de norma seja entendida de acordo como ela de fato ocorre em nossa sociedade. É

---

<sup>6</sup> Esse modelo de análise em que as variedades linguísticas são apreendidas ao longo de três *continua* foi proposto por Bortoni-Ricardo, em comunicação apresentada no Congresso Substandard e Mudança no Português do Brasil, realizado em Berlim, em outubro de 1997, numa tentativa de resolver os problemas detectados na classificação das diversas variedades existentes do português (BAGNO, 2005, p.168).

sabido que a língua é heterogênea e que, por isso, é constituída também por um conjunto heterogêneo de normas, específicas a cada situação de uso. Sendo assim, o prestígio social atribuído à norma denominada como *culta* acontece porque o seu “vínculo com os usos monitorados e com as práticas da cultura escrita leva os falantes a lhe atribuir um valor social positivo, a recobri-la com uma capa de prestígio social” (FARACO, 2008, p. 73). Porém, isso não significa que as demais variedades sejam deturpações ou degradações de uma língua, já que, com base nos princípios sociolinguísticos, não há uma variedade que se sobreponha a outras.

Para evitar, então, contradições e usos inadequados, cabe aqui diferenciar a denominação de norma-padrão, que surgiu, segundo Faraco (2008, p.75), “quando se tentou estabelecer, por meio de instrumentos normativos (gramáticas e dicionários), um padrão de língua para os Estados Centrais Modernos<sup>7</sup>, de modo a terem eles um instrumento de política linguística capaz de contribuir para atenuar a diversidade linguística regional e social herdada da experiência feudal”.

Explicitando o papel desses instrumentos normativos, Faraco (2008) afirma que

neste contexto histórico, as gramáticas e os dicionários não foram entendidos apenas como instrumentos descritivos (isto é, de registro da norma culta/comum/standard), mas como instrumentos padronizadores, ou seja, como instrumentos de fixação de um padrão a ser tomado como regulador (normatizador) do comportamento dos falantes, visando alcançar uma “língua” para o Estado Centralizado. As gramáticas e os dicionários adquiriram, então, certa força coercitiva. Eles passaram a ser aceitos como instrumentos de medida do comportamento. Criou-se uma expectativa forte de que a fala e a escrita formais se conformassem ao que estava neles estipulados (FARACO, 2008, p.76).

Em decorrência disso é que a palavra *norma* tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. Primeiramente, *norma* pode fazer referência àquilo que é tido como normal, comum, sendo definida no “sentido matemático de frequência real dos comportamentos observados” (ALÉONG, 2001, p.148). Já o outro sentido traduz *norma* como sendo algo que é considerado normativo, ou seja, “um ideal definido por juízos de valor e pela presença de um elemento de reflexão consciente da parte das pessoas concernidas” (ALÉONG, 2001, p.148). De acordo com esse segundo sentido, a *norma*

---

<sup>7</sup> Aqui, Faraco (2008) se refere ao processo de constituição dos Estados (nações) europeus no início da Era Moderna (séculos XV, XVI). Em alguns casos, o processo foi ainda mais tardio, como na criação do Estado alemão e italiano (século XIX).

linguística pode ser entendida como o uso regrado da língua, como a modalidade “sabida” por alguns, mas não por outros.

É importante ainda ressaltar que, apesar dessas distinções, normal e normativo são noções relativas, pois ambas estão ligadas diretamente ao social, - ao uso e bom uso da língua, respectivamente - sendo definidas por meio do grupo em que se manifestam.

Assim,

[...] a partir do momento em que uma sociedade não é um todo homogêneo mas conhece divisões e distinções de caráter social e econômico, o normativo e o normal são suscetíveis de variar de um grupo de indivíduos para outro. De igual modo, o desvio ou afastamento ao normativo é suscetível de adquirir significações muito diferentes conforme a natureza do grupo (ALÉONG, 2001, p. 149).

Define-se, então, *norma-padrão* como sendo algo que é norma, no sentido mais jurídico do termo (lei, ditame, regra compulsória) e, ao mesmo, como algo padrão, ou seja, modelo artificial e arbitrário, construído segundo critérios de bom gosto vinculados a uma determinada classe social, a um determinado período histórico e num determinado lugar (BAGNO, 2003, p.79). Tal conceituação permite-nos dizer, segundo Bagno, que

as regras que a norma-padrão cobra da gente não atendem mais às nossas necessidades e expectativas de comunicação, de interação verbal, de atividade social por meio da linguagem. [...] Mesmo nos gêneros textuais escritos mais formais, mais monitorados, a norma-padrão já perdeu muito terreno para as regras linguísticas que caracterizam as variedades prestigiadas do português brasileiro contemporâneo (BAGNO, 2003, p.81).

Surge, então, segundo esse autor, a necessidade de se aplicar às realidades linguísticas e sociais as designações de “variedade de prestígio” ou “variedade estigmatizada” para que, dessa forma, nenhum tipo de preconceito social seja praticado quando se pretende falar sobre o que é normativo ou não. Com isso, tratar certo uso da língua como sendo uma “variedade de prestígio”, deixa clara, de certa forma, a questão de que o que está em jogo é o prestígio social do falante e não a língua em si. O mesmo vale quando se pretende caracterizar variedades linguísticas de grupos sociais desfavorecidos e aí, então, o uso do termo “variedade estigmatizada”. Para Bagno

a distância entre a norma-padrão tradicional e as variedades prestigiadas é tão grande que muitas pessoas com escolaridade

superior completa, inclusive professores de português, não conseguem perceber os supostos “erros” que os defensores da tradição normativista detectam a torto e a direito. [...] A sociolinguística tem mostrado que quando determinadas regras linguísticas rejeitadas pela norma-padrão tradicional se cristalizam na língua das classes sociais privilegiadas, e principalmente na escrita monitorada, é porque essas regras já se incorporaram definitivamente à gramática da língua, uma vez que a escrita mais monitorada, como se sabe, é mais conservadora e leva mais tempo para absorver as variantes inovadoras, que se manifestam primeiramente na língua falada. Quando os falantes privilegiados de uma sociedade param de reagir desfavoravelmente a determinados usos linguísticos, quando param de considerá-lo como “erros”, é porque o ideal de língua “certa” já mudou, num processo de auto regulação natural e inerente aos grupos sociais, que independe da ação prescritivista das instâncias oficiais e oficiosas que pretendem controlar os destinos do idioma (BAGNO, 2003, p. 82).

Tais fatos comprovam que, compreendendo-se a relação entre as propriedades linguísticas e os parâmetros sociais, percebemos também que essa relação se faz em duas direções: na direção da língua para a realidade social e na direção desta para a língua. Assim, de um lado, é possível entender que a língua pode sustentar a identidade de uma sociedade e frear sua fragmentação; a *norma* gramatical serve, assim, de freio às mudanças e, principalmente, à sua percepção e aceitação. Por outro lado, pode-se entender que a diversidade social há de configurar uma língua não monolítica, a serviço da diversidade, sem se estabelecer uma relação necessária com a fragmentação.

### **1.2.2 Aplicando conceitos: as normas brasileira e europeia e o uso de preposições**

De acordo com Magalhães (2006), estudos comparativos do PB e do PE mostram que essas duas variedades do português apresentam diferenças em todos os níveis de gramática (MAGALHÃES, 2006). Assim, partindo-se do princípio de que qualquer modelo teórico da linguagem verbal tem, inexoravelmente, de se posicionar frente à variabilidade supra individual, ou seja, frente às diferentes variedades que constituem uma língua, é possível pensarmos que tais diferenças existentes entre o PB e o PE podem ser sustentadas, cada qual, por suas respectivas normas linguísticas.

Valem-nos muito, aqui, as palavras proferidas por Paul Teyssier, na introdução de seu *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil* (1989), quando afirma que

existem diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil. Essas diferenças abrangem todos os aspectos da língua – fonética, vocabulário, morfologia, sintaxe. A própria ortografia não está ainda



totalmente unificada. Assim, cada uma das duas formas que toma a língua escrita e fala deve ser considerada, no seu domínio geográfico próprio, com a única válida e «correcta». Há portanto duas normas do português [a norma portuguesa e a norma brasileira], cada uma das quais forma um sistema autónomo e coerente.

Seguindo, então, esse pensamento, é preciso, aqui, retomarmos os conceitos de norma acima discutidos e reforçar o princípio de que uma determinada norma linguística pode ser assim considerada por ser ela recorrente na fala de todos, uma vez que a norma seria, então, o conjunto de usos recorrentes. Deste modo, entendemos norma como sendo produto das escolhas linguísticas adotadas pelos falantes, assim como a posição destes frente a esses e outros usos da língua. Ao adotarmos este caminho para a nossa discussão, permitimo-nos afirmar que nem sempre a norma linguística estará diretamente relacionada com as prescrições trazidas pelas gramáticas tradicionais. Assim, intuímos que as variedades brasileira e europeia do português são, a princípio, sustentadas por suas respectivas normas linguísticas visto que para cada uma dessas possibilidades de uso encontramos conjuntos diferentes de usos recorrentes, ainda que as gramáticas nos apresentem conteúdos bastante similares, conforme mostramos na subsecção 2.1.2.

## 2. Objeto de estudo

Compreender a fundo o objeto de estudo escolhido é tarefa imprescindível para todo e qualquer pesquisador, já que tal fato permite que esse pesquisador construa seus argumentos e estructure seus estudos com maior coesão. Assim, buscando melhor compreender o fenômeno linguístico por nós trabalhado, estudamos, nesta seção, alguns aspectos essenciais à estrutura e organização das quatro preposições trabalhadas, de modo a evidenciar suas principais funções e valores. Em seguida, trazemos um estudo mais detalhado sobre essas preposições, principalmente no que diz respeito às suas aplicações e usos. Por fim, estruturamos algumas ideias sobre os principais tipos verbais com os quais trabalhamos, buscando compreender quais são as relações estabelecidas entre eles e as preposições **a**, **até**, **em** e **para**.

### 2.1 Uso das preposições e a variação linguística

#### 2.1.1 Tipos, funções e valores

O nome “preposição” tem origem nas palavras latinas *prae* e *positio* ou em seu composto *praepositione(m)*, e significa “posicionar à frente”. Os gramáticos latinos seguiram, portanto, o mesmo processo de composição adotado pelos gregos, com seu vocábulo *próthesis*. Esses nomes parecem adequados, pois a preposição, independentemente de vir ligada a verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes circunstanciais [...] é sempre a primeira palavra de um sintagma preposicional (ILARI *et al*, 2008, p. 623).

Sobre o papel expressivo das preposições nas línguas românicas, sabemos que tal fato pode ter se dado a partir da “evolução do latim e da conseqüente perda das flexões casuais nos nomes”, o que levou, então, “as línguas românicas a explorarem diferentes recursos sintáticos para a expressão das relações da sentença, entre eles, a ordem das palavras e o enriquecimento funcional das preposições” (TORRES MORAIS, BERLINCK, 2006, p.73). Assim, o enfraquecimento dos casos morfológicos conduz a um emprego cada vez maior das preposições, uma vez que “as línguas românicas eliminaram a flexão casual e a marca da subordinação ao verbo recaiu exclusivamente na preposição. Concomitantemente, aplicou-se muito o seu uso com os complementos verbais” (CÂMARA JR., 1985, p.175).

Quanto aos valores e sentidos atribuídos às preposições, constatamos que a dificuldade de percepção dos valores semânticos de cada um desses elementos foi suficiente para que se afirmasse que as preposições pudessem ser consideradas como palavras vazias<sup>8</sup> (TESNIÈRE *apud* POGGIO, 2002, p.100). Tal ideia pode e deve ser relativizada se levamos em conta a frequência e a diversidade de uso das preposições. Ao observamos um estudo iniciado pelo professor Carlos Franchi, que conta com um levantamento de cerca de cinco mil exemplos extraídos do *cópus* compartilhado do Projeto NURC, temos que de 5215 ocorrências registradas, 31% pertencem à preposição **de**, 27% a **em**, 12% a **para** e 10% a **a**. Assim, quatro preposições correspondem a cerca de 80% do total de ocorrências (ILARI *et al*, 2008, p.624).

Apesar da grande quantidade de preposições existentes em português, percebemos, então, que apenas aquelas que apresentam uma maior variedade de sentidos são as mais usadas. Assim, ao considerarmos que uma determinada preposição pode ser empregada em diferentes construções e contextos, tomamos como inaceitável a afirmação de que esses elementos são palavras vazias de sentido.

Afirma-se, tradicionalmente, que as preposições constituem uma classe gramatical fechada. Isso significaria que a classe das preposições é avessa a receber novos membros, ou seja, novas preposições não são constantemente criadas. Porém, é interessante pensar na diferença entre classes abertas e fechadas de forma não tão arbitrária, de modo que se veja as classes abertas como mais propensas à criação de novos membros e as classes fechadas como pouco propensas a isso (ILARI *et al*, 2008, p.630). Isso porque, na realidade, a classe das preposições, apesar de não incorporar novos membros com uma grande frequência, como acontece nas classes abertas, não deixa de, vez ou outra, ter novos vocábulos classificados como preposições (“afora”, “fora”, “conforme”, “durante” etc.), assim como outros que são preposições já definidas pelas gramáticas e que, com o tempo, entram em desuso, como “ante”, “perante”, “pós” e “trás”.

Para Ilari *et al* (2008), em um capítulo que aborda os usos e funcionalidades das preposições,

as classes fechadas englobam palavras que exprimem operações muito básicas que realizamos para reconceitualizar os dados de nossa

---

<sup>8</sup> Poggio (2002, p.101) afirma que “ao tentar-se estabelecer uma distinção fundamental entre vários tipos de preposições, há uma discussão entre os linguistas sobre as chamadas ‘preposições vazias’ das línguas românicas. O termo ‘vazias’ foi introduzido por J. Vendryes com sentido de ‘morfema gramatical dependente do contexto’”.

percepção, e que têm sua contraparte também na arquitetura da língua. Isso quer dizer que saber o significado de palavras pertencentes a classes fechadas é saber algo sobre como é estruturada determinada língua. No que diz respeito às preposições, seu “significado de base” é espacial, ou seja, as preposições têm por função primária indicar, localizar objetos ou eventos, e isso é claro quando pensamos em preposições como sobre, após, desde, entre, etc. Porém, essas mesmas preposições são também usadas em contextos não espaciais (ILARI *et al.*, 2008, p. 631).

Assim, o fato de as preposições pertencerem a classes gramaticais fechadas não as torna vazias de sentido. Mais do que isso: “a alegada ‘ausência de sentido’ das preposições é o que se poderia chamar de ‘transposição de esquemas sem motivação aparente’”, que significa que “não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, substantivo ou adjetivo, porque há uma motivação, ainda que atualmente “invisível”, por trás dessa combinação” (ILARI *et al.*, 2008, p.632). Dessa forma, ao analisarmos os exemplos “*Cheguei de Recife*” e “*Cheguei em Recife*”, notamos que há uma diferença de sentido entre as duas construções provocada pela alternância da preposição, que, por isso, não pode ser considerada como um “‘mero instrumento gramatical’, ‘vazio de sentido’” (ILARI *et al.* 2008, p. 632). Sobre essa discussão, Poggio (2002, p.123) afirma que

alguns gramáticos assinalam que as preposições não possuem significação própria. Entretanto, se a preposição é um signo linguístico, ela possui não só significante, mas também um significado. Esses signos linguísticos expressam relações lógico-designativas do tipo “agente”, “destinatário”, “lugar”, “tempo”, “matéria”, “instrumento”, “posse”, “causa”, “finalidade”, etc. Cada preposição pode expressar mais de uma dessas relações.

Apontando, por outro lado, para a possibilidade de variação nesse domínio, a autora defende que “mesmo que cada preposição possua uma significação fundamental e todas elas sejam distintas entre si, é possível que duas ou mais delas possam empregar-se na mesma frase com o mesmo sentido” (POGGIO, 2002, p.113).

Além disso, ao se considerar a classe das preposições como um todo, é possível observar que algumas preposições – como **a**, **de**, **com**, **em** e **para** – se encontram em um estágio mais avançado de gramaticalização do que as outras, sendo encontradas em construções sintáticas com mais facilidade do que outras preposições. Segundo Ilari *et al.*, apenas essas preposições

podem “realizar tarefas” mais tipicamente gramaticais, como introduzir argumentos dos verbos; e apenas elas podem amalgamar-se com outros elementos de uma sentença, como artigos, pronomes e advérbios de lugar, formando uma única palavra (ILARI *et al*, 2008, p.633).

De acordo com os autores, essas preposições caracterizam-se, além do que já foi dito anteriormente, (i) por terem um sentido mais vago e difuso; e (ii) por conterem, comparativamente, menos material fonético, compostas que são por uma sílaba: **a**, **de**, **com** e **para** (que se encontra reduzida para “pra”) e **por**. Para eles,

ao compararmos usos das preposições, encontramos outras situações que são, em algum outro sentido, marcadas por uma quebra; por exemplo, existem hoje preposições que se usam apenas em sentido temporal; historicamente esse sentido temporal deriva de uma representação espacial que se perdeu (ILARI *et al*, 2008, p. 662).

Assim, ao analisar os usos das preposições **a**, **até**, **em** e **para**, que são objeto de estudo deste trabalho, é possível afirmar que a preposição **a** transporta a ideia de trajeto do campo espacial para o temporal e ainda para definir papéis como destinatário ou beneficiário. A preposição **até** é pouco frequente no discurso e se localiza entre as menos gramaticalizadas, estabelecendo apenas relações de espaço e tempo em que está presente a ideia de um limite. Ao contrário, a preposição **em** é altamente gramaticalizada, permitindo interpretações que “trazem o uso de continentes metafóricos” que se contrapõem ao uso “comum” dessa preposição<sup>9</sup> (ILARI *et al*, 2008, p.665). Por fim, a preposição **para**, assim como a **em**, é também uma das mais gramaticalizadas e utilizadas, uma vez que a noção de trajeto que lhe é inerente passou naturalmente do espaço para o tempo e a finalidade.

Pode-se afirmar que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de uma situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que seja preciso levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas. Isso porque a maior

---

<sup>9</sup> Os autores exemplificam a definição de “continentes metafóricos” através do exemplo “Pega toda a história da feitiçaria **na** Idade Média, como surgiu e tal”, que se diferencia do uso básico da preposição **em** como mostrado no exemplo “Eles acham que... talvez as aulas monótonas, ficas preso **numa** sala de aula quatro horas por dia” (ILARI *et al*, 2008, p.665).

ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida. Assim, é a partir dessa significação fundamental que se abre espaço para que as preposições em questão funcionem como variantes.

### 2.1.2 Sobre as preposições *a*, *até*, *em* e *para*: seus usos e valores

As preposições selecionadas para esse estudo, segundo Ilari *et al* (2008), são preposições que atribuem à figura a noção de ponto final de um percurso. Exemplos como (1) “**Ir ao cinema**, comer um gelado.” (*Bravo*, 31/05/2011, p. 34); (2) “Parece que ainda não caiu a ficha que estou **indo para Taiwan** sozinha, com 15 anos de idade.” (*Capricho*, 23/11/2008, p. 12); (3) “Um dia o Gustavo (feio) ligou para mim e, enquanto **fui no meu quarto** pegar meu dever, minha irmã pegou o celular e disse para o Gustavo (feio) pensando que era o Gustavo (bonito) [...]” (*Capricho*, 22/01/2006, p.85); (4) “**Vai até a piscina** e apresenta-se ao grupo.” (*Bravo*, 27/07/2010, p. 44), mostram que as preposições **a**, **até**, **em** e **para** entram em variação quando acompanham verbos de movimento.

Com base nessas, e em outras explicações mostradas adiante, pretendemos, nesta seção, apresentar definições mais específicas sobre essas preposições, desde informações sobre o surgimento de tais elementos até o conteúdo abordado por gramáticas brasileiras e portuguesas. Desejamos, assim, de forma bastante objetiva, organizar os materiais existentes sobre as quatro preposições selecionadas para este trabalho e, com isso, entender, de modo prático e claro, o que a norma-padrão – codificada como modelar para a escrita (FARACO, 2008) – dessas duas variedades do português tem a nos dizer sobre os empregos dessas preposições.

Sabemos, já de antemão, que as descrições gramaticais focalizam os valores e sentidos expressos pelas preposições, deixando, entretanto, de abordar aspectos importantes relativos aos seus usos. Em um primeiro momento, torna-se importante para nós considerarmos e compreendermos que valores e sentidos são esses, para que, num futuro próximo, possamos correlacioná-los, então, com as diversas situações de uso que podem surgir, assim como nos mostram os vários estudos que têm constatado que esses elementos estão sujeitos a processos de variação e mudança. Para tanto, foram

consultadas gramáticas brasileiras e portuguesas, e buscou-se nelas pelos valores sintático-semânticos<sup>10</sup> atribuídos a essas preposições.

Assim, iniciamos com a preposição **a** e temos que ela expressa a ideia de direção e está predominantemente ligada a verbos. No latim, a forma *ad* tinha mais de uma acepção, podendo significar “direção”, “movimento para algum ponto”, “aproximação”, todas elas relativas a espaço. Segundo Poggio (2002, p.158), “os sentidos de **ad** foram conservados na preposição portuguesa **a**, apesar da concorrência de **para**. Dos usos da preposição **a**, correspondentes aos latinos, podem ser citados os exemplos a seguir, encontrados nos Diálogos de São Gregório”:

-‘direção no espaço’:

*Enton o bispo Castorio veo **ao** moesteiro (1,29, 4-5);*

-‘direção no tempo’:

***aa** hora de comer non poderon aver senon cinque pães pera darem aos frades a comer (2, 21, 3);*

-‘direção para um fim’:

*mais pero rogo-te se saber ainda alguma cousa [...] que nos possas contar **a** conforto de nossas almas (1. 4. 27).*

Também para Cunha e Cintra (2008), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, a preposição **a** expressa movimento, interessando-nos, aqui, aquele que se dá em direção a um limite no espaço.

(05) Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes à casa de nhá Venância (M. Ferreira, *HB*, 71).<sup>11</sup>

A preposição **a** mostra-se altamente gramaticalizada, podendo ser introdutora tanto de adjuntos como de complementos e predicativos. Para Ilari *et al* (2008), a preposição **a** pode ser amalgamada a outros itens lexicais, tendo um valor semântico bastante esvaziado e podendo formar locuções de diferentes tipos. Poggio (2002, p.159) afirma, ainda, que a preposição **a** sofreu uma grande ampliação em seu campo semântico, em sua passagem para o português, conforme notamos nas seguintes acepções:

<sup>10</sup> Apesar dos variados usos e sentidos apresentados pelas Gramáticas e Manuais consultados, é importante destacarmos que trabalharemos com as preposições **a**, **até**, **em** e **para** quando encontradas em contextos que expressem *direção*, *movimento com transferência* e *transferência material/perceptual*.

<sup>11</sup> Os exemplos (05), (17) e de (21) a (24) foram retirados da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008).

a) antes de verbos no infinitivo, indicando o ‘resultado’ ou o ‘fim a que visa a ação’; geralmente, nesse caso, é usada a preposição *para*, entretanto, quando o resultado a alcançar está mais ligado ao ato determinante, prefere-se empregar *a*; ex.:

*Quando Christo redemptor nosso entrou no horto a orar a seu Padre, apartou consigo os tres mais favorecidos discípulos* (Vieira, *Serm.* 8, 12) (Said Ali 1964:217);

b) a expressão **estar a + infinitivo** denota ‘ação mais próxima’ ou ‘imediateza’ e, em Portugal, expressa ‘tempo presente’; ex.:

*Estar a dizer* (‘*estar dizendo*’) (POGGIO, 2002, p.159-160).

Augusto Epiphanyo da Silva Dias, autor português da *Syntaxe Histórica Portuguesa* (1970), inicia sua exposição sobre a preposição **a** afirmando que esta,

designando o objecto a que vae referir-se a acção de um verbo, e os pron. pessoas nas formas átonas correspondentes, junta-se em primeiro lugar: aos verbos que representam (como *dar*) ou que substituíram (como *pagar* que substituiu **pendere**, **solvere**) verbos latinos que pedem dativo ou **ad** (DIAS, 1970, p.109).

Entre os inúmeros verbos citados, encontramos *dar*, *doar*, *conceder*, *offerecer*, *propor*, *anunciar*, *dizer*, *declarar*, *suggerir*, *expor* e *entregar*<sup>12</sup>, que podem ser considerados, segundo a nossa tipologia verbal, como verbos de transferência verbal e transferência material.

Outra definição sobre a preposição **a** diz que “depois de verbos que supõem um movimento, emprega-se às vezes **a** (ou as formas do comp. indirecto dos pron. pessoas), no sentido de *contra*; v.g. ‘açular-lhe os cães’” (DIAS, 1970, p.116). Ainda sobre os verbos de movimento, extremamente importantes para o nosso estudo, Dias afirma que

depois de alguns verbos, e nomes, de movimento para um lugar (*ir*, *vir*, *voltar*, *tornar*, *ida*, etc.), **a dá** a entender que *ida*, etc., é só para certo fim, voltando-se depois, ao passo que **para** não envolve tal ideia. Antes, porém, de certos substantivos, **a** e **para** tem outra diferença de significação, assim em *ir para a aula*, **para** só designa o termo do movimento, *ir á aula*, **a** allude ao que lá se vae fazer.

Sempre se emprega **para**, depois de *partir*, *fazer-se de vela*, *embarcar*, *navegar* (mas em relação aos rumos também se diz, v.g.: *navegar ao sul*), *continuar*, *seguir*, *prosseguir*, também depois de *deitar* (no sentido em que se diz: *a janella deita para o jardim*).

Em algumas combinações, **a** serve de designar o fim, v.g.: *ir á pesca*, *tocar á missa* (DIAS, 1970, p. 118-119).

<sup>12</sup> Essa tipologia será apresentada em detalhes na subseção 2.3.1.



Tal como Dias (1970), Paul Teyssier, autor do *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil* (1989), afirma ainda que, em Portugal, usa-se sempre com o verbo chegar a preposição **a** (“*Chegou à escola*”), enquanto que, no Brasil, encontra-se, muitas vezes, a preposição **em** junto desse verbo (“*Chegou na escola*”) (TEYSSIER, 1989, p.340).

Para Neves (2011), em sua *Gramática de usos do português*, a preposição **a** pode introduzir um complemento de verbo quando (i) o complemento se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência; (ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal; (iii) o complemento se refere ao beneficiário; (iv) o complemento é afetado pela ação verbal, com construções verbais de ação-processo que marcam qual a transformação que se dá no complemento e (v) o complemento é efetuado, a partir da ação verbal (NEVES, 2011, p.603-615). Ilustramos, com a tabela abaixo, cada um desses casos citados, sendo importante ressaltar que o caso mostrado em (06)<sup>13</sup> apresenta verbo de direção, enquanto que todos os casos exemplificados de (07) a (13) são por nós considerados e classificados como casos de verbos de transferência verbal, conforme tipologia que será apresentada em 2.3.1. Por fim, os exemplos de (14) a (16) são considerados verbos leves.

<b>Preposição A</b>		
<b>Complemento</b>	<b>Verbos que indicam:</b>	<b>Exemplos</b>
(i) O complemento se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência	Movimento em direção a um lugar	(06) Saímos para ir ao cinema, ela adiante com Silvia, eu e Seu Camilo. (MAR)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Comunicação, relato	(07) Vou contar a mamãe que você me chamou de monstrinho. (PF)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Solicitação, requerimento	(08) Para dois clandestinos, atravessar a Polônia [...] era pedir à polícia que os prendesse. (OLG)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Instrução	(09) Como é que eu iria explicar a ele que meu ofício é o de viver embodocado. (R)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Indagação	(10) Perguntei a meu pai o que achava. (ASA)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Resposta	(11) Era tia Quinquinha quem respondia a Gumerindo. (VD)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Ordem	(12) -Puxa a almofada e sente-se aqui - ordenou ela à irmã. (CP)
(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Confissão	(13) Não teria coragem de confessar a Alice a sua história inteira. (CAN)

<sup>13</sup> Os exemplos de (06) a (16), (25) a (29) e de (18) a (20) foram retirados da *Gramática de usos do português*, de Neves (2011).

(ii) o complemento se refere ao destinatário ou receptor da ação verbal	Envio, entrega	(14) Elody envia abraços a todos. (AT)
(iii) o complemento é afetado pela ação verbal	Construções verbais de ação-processo que marcam qual a transformação que se dá no complemento	(15) As ideias gerais que mais tarde vão dar corpo à problemática da sociologia do conhecimento são encontráveis nas obras de vários pensadores. (FS)
(iv) o complemento é efetuado, a partir da ação verbal	Verbos de ação-processo que indicam criação	(16) Na primeira semana estudaremos as doutrinas que dão origem ao comunismo. (SI-O)

**Quadro 01.** Preposição **a** como introdutora de complemento verbal.

Em relação ao aparecimento de **até**, sabemos que esta preposição tem uma etimologia bastante complexa e polêmica, podendo ser derivada do árabe (hatta) ou das formas latinas *ad+tenus*, que, combinadas, podem ter originado a forma *atees*, do português arcaico. Ilari *et al* (2008) dizem que

se considerarmos que os verbos de movimento que a gramática tradicional classifica como intransitivos podem assumir um complemento que indica localização espacial, então podemos dizer que a preposição *até* pode funcionar como introdutora desse tipo de complemento, além de introduzir adjuntos e predicativos (ILARI *et al*, 2008, p. 762).

Além disso, a preposição **até** não está entre as mais gramaticalizadas, porque não pode ser amalgamada a outros itens lexicais e tem um valor semântico bastante claro, que é a ideia de limite final. Sobre esta preposição “simples”, Teyssier (1989, p.352) afirma que

Diz-se, na língua moderna:

- Até a antes do artigo definido, p. ex.: *até ao rio, até à noite*;
- Até sozinho em todos os outros casos, p. ex.: *até Lisboa, até aqui, até domingo, até logo, até o encontrares*.

Mas esta distinção nem sempre é respeitada e encontra-se por vezes até sozinho, mesmo com o artigo definido.

Para Cunha e Cintra (2008), a preposição **até** pode expressar também movimento, porém significando, agora, aproximação de um limite com insistência nele, como vemos no exemplo abaixo.

(17) Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco. (Coelho Netto, OS, I, 1237).

Vale, ainda, destacar a observação feita pelos autores sobre o uso dessa preposição no PB e no PE, sendo que **até** pode vir, ou não, seguido pela preposição **a**. Segundo Cunha e Cintra (2008, p.580), “pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, **até** com a preposição **a**, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de **até** diretamente ligada ao termo regido”. É importante destacar aqui que os casos que apresentaram a preposição **até**, seguida da preposição **a**, foram analisados separadamente.

Neves (2011, p.624) nos mostra que esta preposição funciona no sistema de transitividade como introdutora de complemento locativo de verbos, como vemos em (18), além de poder estabelecer relações semânticas no sintagma, dando origem aos casos que indicam circunstanciação de lugar, como vemos em (19). Ainda segundo a autora, “em todos os casos de indicação circunstancial, pode expressar-se, em correlação com o sintagma iniciado por **até**, o termo limite inicial (de/desde + sintagma nominal)”, como mostramos em (20).

(18) Também se forem tão longe os pais e os pequenos não poderão chegar **até** lá. (PL)

(19) Segui-a, **até a** uma mangueira enorme. (ID)<sup>14</sup>

(20) Quando vai do Rio **até** Brasília diz, só encontra mata à beira da estrada aqui na Serra de Petrópolis. (CRU)

Sobre a preposição **em** encontramos que ela é proveniente da preposição latina *in*, que tinha as acepções de ‘localização dentro de’ ou ‘deslocamento em direção a’ e, portanto, marcava sobretudo relações de espaço e tempo” (ILARI *et al*, 2008, p.733).

Conforme assinala M. Said Ali (1921, p.203), **em** denota interioridade com referência ao lugar e ao tempo, podendo expressar também “superposição” (pôr pé **em** terra), “estado de alguma coisa” (árvore **em** flor, ouro **em** pó); “divisão”, “distribuição” (obra **em** dois tomos) etc (POGGIO, 2002, p.193).

Em português, a preposição **em** tomou o lugar de várias preposições latinas. Além disso, desde “o português arcaico, **em**, juntamente com outras preposições, serve para exprimir a situação em geral; ela pode ser usada para denotar ‘espaço’, ‘tempo’ e possui alguns empregos figurados” (POGGIO, 2002, p.193). Emprega-se **em** no lugar

<sup>14</sup> Neves (2011) destaca que a preposição **até** pode ocorrer seguida da preposição **a** quando estabelece relações semânticas no sintagma.

de **para** ou **a**, com verbos de movimento, com acepção diretiva (ILARI *et al*, 2008, p. 733), assim como vimos nos primeiros exemplos desta seção, de (1) a (4), fato que explica a presença desta preposição em numerosas locuções que expressam movimento (POGGIO, 2002, p.198). Ainda segundo Ilari *et al*,

podemos observar, sob a perspectiva sincrônica, que a preposição *em* está altamente gramaticalizada: ela pode ser amalgamada a uma grande variedade de itens gramaticais, como artigos e pronomes, tem seu valor semântico relativamente esvaziado [...], tem frequência alta e distribuição bastante variada, pode integrar locuções e frases feitas, funciona como prefixo e pode introduzir tanto adjuntos como complementos do verbo, além de funcionar como um predicativo. [...] Essa preposição, quando introdutora de adjuntos, predominantemente relaciona verbos e nomes ou estabelece as relações entre a sentença e um nome. Quando introdutora de complementos (argumentos), a preposição *em* predominantemente relaciona verbos a nomes, ao passo que, quando desempenha funções de predicador, relaciona nomes a nomes. Ela é formadora de locuções prepositivas e locuções estereotipadas que exercem funções variadas (ILARI *et al*, 2008, p. 736).

Ao observarmos a Syntaxe Histórica Portuguesa (DIAS, 1970), encontramos uma primeira significação, mais geral, destinada à preposição **em** que diz que ela

designa o lugar *onde* uma coisa está ou se põe, tanto no sentido proprio como no translato, ou *onde* acontece: *estar em casa, pôr o jantar na mesa, estar em êrro, andar em francêz, bater com o pé no chão, fundar-se em razões sólidas, escrever em pergaminho, vingar-se em alguém* (DIAS, 1970, p.142).

Depois disso, Dias (1970) afirma que esta preposição combina-se com verbos que exprimem a ideia de deixar entrar ou fazer entrar, sendo que o “termo do movimento (no sentido proprio e no translato) designa-se não como tal, mas como lugar onde, sendo que se considera prolepticamente, não o movimento, a que se referem aquelles verbos e locuções, mas o estado que se segue áquelle movimento” (DIAS, 1970, p.122). O autor diz ainda que essa mesma syntaxe ocorre no português arcaico médio com outros verbos avulsos, como *sair, ir, passar, passar-se*, cabendo a nós destacarmos a relevância da seguinte observação feita por Dias logo após essas constatações: “Obs. 2ª - Diz-se *entrar*, v.g. *na sala* e *para a sala*; entrar **em** refere-se simplesmente ao termo do movimento, entrar **para** allude ao fim para que se entra” (1970, p.144).

Quanto a isso, Teyssier (1989, p.345) afirma que ela é empregada antes dos nomes de cidades e de países, “para indicar que se está lá (sem movimento: “*Estou em Lisboa*”) e **a** ou **para** para indicar que se vai para lá (com movimento: “*Vou a/para Portugal*”).

Também com acepção de movimento, temos destacada por Cunha e Cintra (2008, p.584) a preposição **em**, indicando “superação de um limite de interioridade”, como vemos no exemplo (21); e “alcance de uma situação dentro de um espaço”, como temos no exemplo (22).

(21) Os Garcias entraram em casa calados. (V. Nemésio, MTC, 194)

(22) Os serventes caminhavam em todas as direções transportando padiolas de cimento. (A. Santos, K, 56)

Ao contrário das outras gramáticas consultadas, a *Gramática de usos do português* (NEVES, 2011) não apresentou nenhum estudo sobre relações estabelecidas entre a preposição **em** e os verbos que indicassem movimento ou direção, casos que seriam de nosso maior interesse<sup>15</sup>. Sendo assim, sem desconsiderarmos a relevância do conteúdo apresentado, optamos por não trazê-lo aqui, já que não há uma correspondência direta entre ele e nossa pesquisa.

Por fim, sobre a preposição **para**<sup>16</sup>, temos que ela é derivada da preposição latina (tardia) *pera* que é, por sua vez, resultado da junção de *per* + *ad*” (ILARI *et al*, 2008, p.737). Em latim, essa preposição marcava “percurso em direção definida”, ao passo que em português arcaico lhe são acrescentadas as acepções de “chegada” e “permanência”. Em português atual, há concorrência entre as preposições *a* e *para* em contextos de verbos de movimento, havendo uma sutil diferença entre elas (ILARI *et al*, 2008, p.737).

Poggio (2002, p.240) nos mostra, através das observações de M. Said Ali (1976) sobre os usos dos verbos *ir* e *caminhar* com as preposições **a** e **para**, nos textos de Pe.

<sup>15</sup> Segundo Neves (2011, p.671), a preposição **em**, quando analisada dentro do sistema de transitividade, introduz o complemento de verbo, podendo indicar o lugar a que alguém ou algo chega. Os exemplos apresentados pela autora são: “Garotos subiram nos postes e árvores”; (ii) “O padre manco estendeu-se no chão umas três vezes”; e (iii) “O pessoal se debruçou nos rádios”.

<sup>16</sup> É importante ressaltar que, segundo Poggio (2002, p.239-240) existem diferentes teorias sobre o surgimento de tal preposição: J. P. Machado (1977) afirma que **para** provém de **pora** (**por** + **a**) e que esse vocábulo não está documentado antes do século XVI; já A Nascentes (1952) observa que a preposição **para** teria vindo da combinação **pro ad**; e, por fim, as afirmações de J. M. Câmara (1976) confluem-se com as de Ilari *et al* (2008), defendendo que a preposição **para** provém da aglutinação de **per** e **ad**, processada no latim vulgar imperial.

Antonio Vieira, que este “repetia na mesma página o complemento com outra preposição com o objetivo de estabelecer uma diferença sutil: com **a** significaria ‘o movimento direto’ e com **para** denotaria ‘o movimento mais duradouro’”.

Segundo E. Dias (*apud* Poggio, 2002, p.242), a preposição **para** pode designar

(a) em geral, ‘em proveito’ ou ‘desproveito de quem uma coisa se dá’; ex.: *Ho avarento faz tesouro, e nom ssabe **pera** quem o guarda* (*Fabul., fab.*, 42); (b) o ‘fim de uma ação’; ex.: [...] *dar dinheiro **para** a recuperação d’um edificio*; (c) ‘em comparação de’; ex.: [...] *he nada **par’o** que vemos* (Francisco de Viveiro, *Canc. Geral III*, 45); (d) ‘em contraposição ao lugar em que se está’; ex.: *Está (lá) **para** a quinta*; (e) ‘tempo em que uma cousa se realizará, em contraposição ao tempo em que se está’; ex.: [...] *ao menos lá **para** o fim do anno, estar perto desse Convento* (Chagas, *Cartas esp.*, 164); e (f) ‘proporcionalidade’; ex.: *3 está **para** 6, como 2 está **para** 4*.

Além disso, com os exemplos<sup>17</sup> apresentados por Ilari *et al* (2008), notamos que a preposição **para** pode introduzir tanto adjuntos como complementos, e ainda pode funcionar como predicadora, o que confirma o alto grau de gramaticalidade dessa preposição. Além disso, a preposição **para** encontra-se fortemente ligada a verbos, exercendo justamente a função de atribuir o significado de direção à ação.

Em todos os Manuais e Gramáticas pesquisados, encontramos, de forma bastante generalizada, acepções que confirmam os usos da preposição **para** diante de situações que expressão movimento ou direção: para DIAS (1970, p.122), uma das alusões a esta preposição se faz quando na designação do termo do movimento: “na designação do lugar onde, emprega-se em contraposição ao lugar em que se está (e reforça-se a expressão com o advérbio *lá*): *Está (lá) para a quinta*” (DIAS, 1970, p.122). No *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil* (1989), encontramos que **para** “indica, no seu sentido próprio, a progressão de um movimento no sentido de seu termo” (TEYSSIER, 1989, p.346). Entre os seus possíveis valores semânticos – tempo, noção e espaço –, interessa-nos este último, já que junto dele encontraremos verbos indicando movimento (“*Partiu para São Paulo.*”). Já Cunha e Cintra (2008) afirmam que a preposição **para** indica movimento, pois implica uma “tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva”. Os autores dizem ainda que **para** “distingue-se de **a**

<sup>17</sup> Alguns dos exemplos utilizados por Ilari *et al* (2008, p.737-738) para os casos com a preposição **para** são: (i) “Ele mora **para/prá** São Paulo.”; (ii) Fiz uma viagem daqui **pra** Camaçari que parecia que eu tinha ido quase a Feira de Santana.”; (iii) “Você vê esse crescimento de um ano **pra** cá.”; (iv) “Sei que de uma **pra** outra os legumes aumentaram na... na feira.” e (v) “Já me prometeram **para** maio, **para** julho, **para** agosto, agora está prometido **para** março, mas até o momento ainda não consegui a transferência do telefone.”

por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre o término do movimento” (CUNHA e CINTRA, 2008, p.587). Temos os casos (23) e (24) como exemplos.

(23) Agora, não lhe interessava ir para o Huamba. (Castro Soromenho, TM, 200).

(24) Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se para o Rio veio morar com suas irmãs. (P. Nava, BO, 335).

Para Neves (2011), a preposição **para**, assim como a preposição **a**, introduz um complemento de verbo quando (i) o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino ou a um ponto final e (ii) o complemento se refere ao receptor. Além disso, esta preposição, fora do sistema de transitividade, pode (iii) estabelecer relações semânticas no sintagma verbal, introduzindo expressão adverbial de direção e (iv) estabelecer relações semânticas no sintagma nominal, integrando construções indicativas de circunstância (NEVES, 2011, p.691-701). Encontramos, nas tabelas abaixo, exemplos para cada um desses casos.

<b>Preposição PARA</b>		
<b>Complemento</b>	<b>Verbos que indicam:</b>	<b>Exemplos</b>
(i) o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino ou a um ponto final.	Movimento em direção a	(25) Toda a sua solidão fica marcada enquanto ele caminha <b>para</b> a porta. (TB)
(ii) o complemento se refere ao receptor.	Elocução	(26) Ele disse isso <b>para</b> a senhora? (ID)
(ii) o complemento se refere ao receptor.	Entrega, envio	(27) Ficou rico, entregou o dinheiro <b>para</b> a tia Zulmira usar como bem entendesse, hoje ambos vivem de rendas. (RO)

**Quadro 02.** Preposição **para** como introdutora de complemento verbal.

<b>Preposição PARA - fora do sistema de transitividade</b>		
<b>Complemento</b>	<b>Verbos que indicam</b>	<b>Exemplos</b>
(iii) estabelece relações semânticas no sintagma verbal, introduzindo expressão adverbial.	Direção	(28) Peguei um coche <b>para</b> a velha estrada. (GI)
(iv) estabelece relações semânticas no sintagma nominal, integrando construções indicativas de circunstância.	-	(29) Os vultos de Isabel, Benê e Lula se movimentam da direita <b>para</b> a esquerda. (IN)

**Quadro 03.** Preposição **para** fora do sistema de transitividade.

Além de todo o conteúdo já apresentado, é válido ressaltar ainda, em relação à significação e aos usos das preposições aqui selecionadas, que muitas podem acompanhar outros tipos verbais, mais especificamente, aqueles que, dependendo da frase, podem apresentar uma estrutura trivalente (verbos *dandi*, *dicendi* e *mouendi*)<sup>18</sup>, que, respectivamente, indicam aquilo que deve ser dado, dito e levado a alguém ou a algum lugar.

Os verbos *dicendi* (verbos de dizer) podem ser definidos como verbos de elocução (GARCIA, 1986, p.129) e, no âmbito sintático-semântico-discursivo, tais verbos podem ser sistematizados através de seis funções: “a função transitiva, a metalingüística, a argumentativa, a caracterizadora, a coesiva e a expressiva” (RODRIGUES, 2000). Aqui, interessa-nos a primeira função, já que a transitividade pertencente a esses verbos pode ser marcada pelo uso de preposição quando da presença de um complemento dativo, como vemos nos exemplos (30) e (31).

(30) “Já **me declarei a ele** várias vezes, mas ele prefere ignorar-me.” [*Bravo*, 30/11/2010, p.36]

(31) “Aí **perguntei ao professor** se podia ir ao banheiro.” [*Capricho*, 04/01/2009, p.82]

Já os verbos *dandi* (verbos de dar), mostrados nos exemplos (32) e (33), apresentam a mesma estrutura que os *dicendi*, expressando, porém, a ideia de transferência material. Novamente, em se tratando de sua transitividade, o uso de preposições também ocorre quando existe, na organização da frase, o complemento dativo.

(32) “Quando **entreguei o curriculum ao gerente** de uma perfumaria, pooff, deitei a prateleira dos perfumes ao chão.” [*Bravo*, 30/11/2011, p.35]

(33) “Quando cheguei à festa e fui **dar o presente para a dona da casa**, a menina falou: ‘O aniversariante é meu irmão!’” [*Capricho*, 20/06/2010, p.89]

Podemos afirmar, ainda, que o mesmo ocorre com os verbos *mouendi* (verbos de mover), já que encontramos nas estruturas desse tipo, acoplada a um movimento físico,

---

<sup>18</sup> De acordo com a tipologia verbal adotada para esse trabalho, os verbos **dandi**, **dicendi** e **mouendi** representam, respectivamente, verbos de *transferência material*, *transferência verbal* e de *movimento com transferência* (BERLINCK, 1996). Estes tipos verbais serão mais bem explicados na seção 2.3.



a ideia de que algo é transferido ou levado para alguém ou para algum lugar, conforme vemos em (34) e (35).

(34) “Raramente **levo sutiã para a escola**, mas no outro dia levei, para mostrar aos mais velhos que não era infantil.” [*Bravo*, 29/06/2010, p.21]

(35) “Um tempo depois do Carnaval, eu peguei a bolsa da minha irmã emprestada para **levar à aula de inglês**.” [*Capricho*, 15/02/2009, p.78]

Assim, conforme observamos as descrições de cada uma dessas gramáticas em relação às preposições aqui trabalhadas, percebemos que não existem grandes diferenças quanto ao modo como cada uma dessas preposições é apresentada e, conseqüentemente, definida. Com isso, confirmamos a ideia inicial de que as gramáticas brasileiras em muito se assemelham às gramáticas portuguesas, uma vez que esses conteúdos são bastante semelhantes. Deste modo, conseguimos supor que a norma-padrão (aquela trazida pelas gramáticas) dessas duas variedades do português é, de certa forma, praticamente a mesma, o que não significa, porém, que as situações de uso de cada uma dessas preposições sejam também semelhantes. Assim, ainda que a norma-padrão do Brasil se assemelhe em muito à de Portugal, acreditamos que a norma culta dos dois países é fundamentalmente responsável por sustentar os diferentes usos linguísticos peculiares de cada uma dessas variedades do português, noção essa que pretendemos melhor explicar com a análise detalhada de nossos dados.

## 2.2 Um breve apontamento sobre o verbo “ir de movimento”

Diante dos estudos realizados anteriormente sobre as preposições **a**, **até**, **em** e **para**, cabe aqui uma pequena discussão sobre o uso dessas preposições e o verbo “ir de movimento”, já que alguns dos levantamentos já realizados para esta pesquisa nos mostram que são vários os casos encontrados desse verbo com essa acepção. Segundo a tradição gramatical esse verbo deve ser empregado apenas com as preposições **a** e **para**, enquanto que os seus usos com a preposição **em**<sup>19</sup> são tidos como comuns apenas entre

---

<sup>19</sup> Reconhecemos, aqui, os resultados apresentados por Mollica, em pesquisa realizada no ano de 1996, podem já não corresponder à atual realidade, uma vez que a preposição **em** pode ser também utilizada, agora com maior frequência, por falantes de classes sociais mais altas. Ainda assim, lembramos que a informação transmitida por Mollica (1996) faz referência à tradição gramatical dessa preposição.

as camadas populares (MOLLICA, 1996, p.149).<sup>20</sup> Sabe-se ainda que haveria uma sutil diferença de significado entre os usos desse verbo com as preposições **a** e **para**, já que a primeira “dá a entender que a ida é só para certo fim, voltando-se depois, ao passo que **para** não envolve tal ideia” (DIAS *apud* MOLLICA, 1996, p. 150).

Entretanto, os estudos apontados por Mollica (1996) em “A regência variável do verbo *ir* de movimento” nos mostram que o uso da preposição **em** é também recorrente na fala dos 64 informantes por ela entrevistados, ainda que as outras duas preposições sejam reconhecidas por eles como padrão em detrimento da preposição **em**, vista como não-padrão. Os resultados dessa pesquisa, que levou em consideração como fatores explicativos a Configuração do Espaço Representado e o Grau de Definitude do Referente, apontaram que “a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, conota sentido de ‘estar dentro’, sendo mais provável com locativos de traço [+fechado]: recinto cujo espaço seja mais demarcado” (MOLLICA, 1996, p. 156), como vemos em (36)<sup>21</sup>:

(36) [...] enquanto **fui no meu quarto** pegar meu dever, minha irmã pegou o celular e disse para o Gustavo (feio) pensando que era o Gustavo (bonito) [...]. (*Capricho*, 22/01/2006, p.85)

Porém, ainda que a preposição **em** seja comumente usada nesses casos, a preposição **a** é também encontrada quando se deseja fazer referência a locais fechados e demarcados, como vemos em (37).

(37) **Ir ao cinema**, comer um gelado. (*Bravo*, 31/05/2011, p. 34)

Por outro lado, as preposições **a** e **para** são facilmente identificadas quando o locativo apresenta traços [-fechado]:

(38) Como moro longe, um dia tive que **ir à cidade** de bike levando minha irmã na garupa. (*Capricho*, 02/05/2004, p. 39)

(39) Depois de jantar, costumo **ir para o parque** com os meus vizinhos. (*Bravo*, sem data, p. 77)

<sup>20</sup> É válido ressaltar aqui que o trabalho de Mollica (1996) foi desenvolvido a partir da análise de dados do PB, sendo importante considerar se as ressalvas relacionadas aos usos das preposições em questão ocorrem – e de que forma ocorrem – no PE.

<sup>21</sup> Destacamos aqui que os exemplos mostrados de (36) a (44) foram retirados dos dados que compõem nosso *córpus* de análise.

Segundo Mollica, “esses resultados apoiam a hipótese segundo a qual a emergência de *em* associa-se a determinado traço semântico de N de Sprep com o qual a preposição acrescenta valor significativo ‘estar dentro’ além do previsto de movimento.” (1996, p. 157).

Quanto ao Grau de Definitude, tem-se que quanto mais definido o referente, mais chances ele tem de ser regido por **em**. Entende-se aqui [+definido] “como o referente conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável.” (MOLLICA, 1996, p.158). Por outro lado, os referentes [-definido] são vagos, imprecisos e pouco identificáveis pelo falante e/ou ouvinte, como vemos em (40) e (41).

(40) Conheci a cidade, **fui a uma feirinha** de lá e adorei: muita roupa fofa e comidinhas deliciosas! [*Capricho*, 24/10/2010, p.08]

(41) Tá bom, se você não resistir **vá a algum lugar romântico**, com velas e promoção. [*Capricho*, 02/06/2002, p.114]

Sobre os traços de [+permanência] e [-permanência], viu-se nos estudos de Mollica (1996, p.163) que a regra de que “a preposição *para* deve acompanhar o verbo *ir* quando há ideia de fim ou permanência ainda está bastante presente na fala, de modo que se pode afirmar que os falantes continuam sensíveis a ela”. Isso permite ainda afirmar que a tradição gramatical continua prevalecendo nos casos com a preposição **a**, como vemos nos exemplos de (42) a (44):

(42) Tinha **ido ao Centro Comercial** com as minhas amigas, pois estava a chover e não havia mais nada de jeito para fazer. (*Bravo*, sem data, p.40)

(43) O coitado teve de **ir à enfermaria**, pois sentia-se zozzo. (*Bravo*, sem data, p.40)

(44) **Fui**, então, **à Bienal do Livro**, onde houve o lançamento. (*Capricho*, 31/08/2008, p.07)

Além disso, deve-se pensar na questão da hierarquia existente entre as preposições **a**, **em** e **para**, uma vez que

os falantes de fato elegem a forma *a* como a “melhor e/ou mais correta” dentre as três alternativas preposicionais para o verbo “ir de movimento” e apontam a forma *em* como a “incorreta e/ou como a “de que menos gostam”, ficando a forma *para* como “intermediária, neutra”, especialmente nos casos em que se tem dúvida quanto à prescrição gramatical (MOLLICA, 1996, p. 164).

Sendo assim, o estudo de Mollica (1996) sobre os fatores linguísticos que condicionam a escolha de uma ou outra preposição empregada com o verbo “ir de movimento” mostra que os traços semânticos do locativo influenciam a escolha da preposição. Mais do que isso, o uso de uma preposição associada a situações menos formais e considerada não-padrão pelas gramáticas tradicionais pode ser também justificado pelo fato de as preposições serem condicionadas, ainda, por fatores extralinguísticos.

Tal fato pode ser comprovado quando pensamos nos fatores sociais capazes de conduzir mudanças em relação ao uso das preposições. Para tanto, destaca-se no trabalho de Mollica (1996) algumas variáveis estratificadas, como a escolarização, a idade e o sexo. De acordo com os dados levantados, tem-se que a escolarização “desempenha papel preponderante sobre a seleção das duas variantes padrão (*a* e *para*) em detrimento da variante não-padrão (*em*)” (MOLLICA, 1996, p. 285). Observa-se que quanto maior o grau de escolaridade do falante, maior a sua preferência pelo uso das preposições **a** e **para**. Além disso, quando se separam os dados entre homens e mulheres, percebe-se que “as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo desde o início à pressão escolar” (MOLLICA, 1996 p. 287).

Quanto à correlação entre os fatores sociais idade e sexo, Mollica comprovou em seu trabalho que os jovens de 15 a 25 anos fazem um uso maior das formas não-padrão e que o sexo não interfere isoladamente no uso de uma ou outra variante, mas sempre quando relacionado à idade e à escolarização.

Percebe-se, assim, em qualquer um desses casos, que os fatores extralinguísticos são também capazes de condicionar o uso de uma ou outra variante.

### **2.3 Sobre a análise sintático-semântica dos verbos**

Sabemos que diversas Teorias Gramaticais coexistem dentro dos estudos linguísticos, sendo cada qual pertinente à sua maneira. É certo que cada uma dessas teorias possui seus valores específicos e apropriados àquilo que se deseja alcançar ou compreender e, sobre isso, podemos afirmar que é uma determinada teoria que “deve predizer que certos fatos ocorrerão se tais outros ocorrerem, o que torna possível o controle dos experimentos” (BORBA, 1996, p.08). Sendo assim, privilegamos durante esta pesquisa um modelo teórico capaz de nos ajudar a compreender as relações criadas

a partir dos tipos verbais aqui trabalhados, de modo a explicitar que relações são essas e de que modo elas se dão.

Para tanto, nos basearemos nos estudos desenvolvidos por Borba (1996), que propõe uma aplicação do modelo de “Gramática de Valências” para o português, assim como nos pautaremos pelo trabalho de Corrêa e Cançado (2006), que, mais especificamente, nos traz uma análise sintático-semântica dos verbos de trajetória do português brasileiro. Além disso, tomaremos como ponto fundamental para a compreensão da tipologia verbal por nós selecionada os estudos de Berlinck (1996), Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) e Neves (2011).

Entendemos, então, que a Gramática de Valências “procura detectar as relações de dependência entre categorias (básicas) que (co)ocorrem num contexto.” (BORBA, 1996, p.16). Dessa forma, o verbo será sempre o núcleo de uma determinada construção oracional enquanto que cada um dos outros elementos se relacionam a ele de maneira peculiar. Isso significa, portanto, que um ou mais termos de uma oração podem se relacionar ao verbo, sendo que “a valência de um item lexical está relacionada com o número de argumentos que esse item implica” (BORBA, 1996, p.18).

Tomando essa afirmação como verdadeira, a consideramos importante para a compreensão dos tipos verbais aqui trabalhados, uma vez que a Gramática de Valências nos permite compreender de que modo os termos de uma oração se relacionam, permitindo assim um maior entendimento a respeito das relações sintático-semânticas estabelecidas entre eles. Entendemos, então, a Gramática de Valências como sendo base para a tipologia verbal aqui adotada, já que podemos associar a definição de sintaxe aos valores semânticos e à estrutura sintagmática da oração, além do ponto já explicitado sobre a centralidade do verbo. É preciso reiterar, seguindo as palavras de Borba (1996, p.19), que

a dimensão sintática abrange não apenas os níveis das relações de dependência (propriedade e/ou função sintática ou morfosintática) como ainda o tipo de condicionamento que identifica as condições de coocorrência no preenchimento das casas vazias por determinadas classes morfológicas. A dimensão semântica compreende os estudos das funções semânticas (ou papéis temáticos).

Assim, ao tratarmos das funções sintáticas e semânticas, percebemos que não compete à análise valencial apenas “identificar (ou construir) matrizes ou descrever a estrutura externa dos constituintes”, mas também “determinar as relações sintático-

semânticas ou temáticas (funções ou papéis temáticos) que fazem parte da estrutura conceitual dos itens léxicos” (BORBA, 1996, p.27). Para tal, torna-se importante, neste ponto, o trabalho desenvolvido por Corrêa e Cançado (2006), que busca compreender exatamente a estrutura sintático-semântica dos verbos de movimento – um dos principais tipos verbais por nós trabalhados –, especialmente os de trajetória.

Seguindo os preceitos da Gramática de Valências, Corrêa e Cançado (2006) trabalham com classes de verbos divididas a partir das semelhanças sintático-semânticas entre tais predicadores. Assim, cada verbo possui uma rede temática própria, “estabelecida a partir das propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos atribuídos aos argumentos desse verbo” (CORRÊA, CANÇADO, 2006, p.374). Ainda segundo Corrêa e Cançado (2006), a cada argumento será associado um papel temático, composto por propriedades semânticas mais gerais, sendo elas: (i) *o desencadeador*, que é o argumento que realiza a ação proposta pelo verbo; (ii) *o afetado*, que sofre a ação verbal; (iii) *o estativo*, que refere-se ao argumento que não tem suas propriedades alteradas num determinado intervalo de tempo; e (iv) *o controle*, propriedade que se refere ao fato de se poder interromper a ação, processo ou estado expressos pelo verbo (CORRÊA, CANÇADO, 2006, p.376).

Após evidenciar as propriedades semânticas trabalhadas, Corrêa e Cançado (2006, p.377) seguem mostrando alguns testes, sintáticos e semânticos, que foram feitos a fim de comprovar que “os papéis temáticos apresentados em cada classe tiveram realmente um *status* de argumento do predicador analisado”. Em relação às propriedades sintáticas, destaca-se “as propriedades de apagamento e deslocamento de argumentos”, objetivando-se, com isso, “evidenciar a natureza de argumento dos termos em questão, assumindo-os ou não como participantes da rede temática daquele verbo específico”, como vemos no exemplo (45)<sup>22</sup>. Neste caso, a sentença (45a), do ponto de vista semântico e sintático, é extremamente válida, enquanto que (45b) não é aceita nem semântica nem sintaticamente. Assim, um termo não acarretado pelo verbo é aquele que pode ser apagado ou deslocado sem interferir na gramaticalidade ou aceitabilidade da sentença, comprovando-se, então, que tal termo não funciona como um argumento dentro da oração.

(45) a. O professor colocou o livro na estante.

b. \* O professor colocou o livro.

---

<sup>22</sup> Os exemplos de (45) a (54) foram retirados do trabalho de Corrêa e Cançado (2006), intitulado “Verbos de trajetória do PB: uma descrição sintático-semântica”.

Corrêa e Cançado (2006, p.378) sugerem ainda algumas diferenças entre o locativo do evento e o locativo do predicador. O primeiro termo refere-se ao lugar em que a ação ocorre, sendo que normalmente tal locativo não funciona como argumento do verbo, como mostrado em (46); já o segundo termo é mostrado como um argumento acarretado pelo verbo, uma vez que possui “um sentido muito mais específico e relacionado com o seu predicador e os argumentos desse predicador”, assim como vemos em (47).

(46) João cantou *num clube*.

(47) Maria imergiu o saquinho de chá *na xícara*.

Segundo as autoras,

uma das características que pode estabelecer a diferença entre o locativo do predicador e o locativo do evento é que o argumento locativo, acarretado pelo verbo, tem que pertencer ao mesmo campo semântico do verbo e de seu argumento interno; diferentemente do comportamento do locativo do evento (CORRÊA E CANÇADO, 2006, p.381-382).

Outra propriedade apresentada pelos verbos de movimento está relacionada às noções aspectuais da sentença, conhecidas como *aktionsart*. Destacamos, aqui, as sentenças que apresentam um *acomplishment* e as sentenças com *achievements*, já que fazem referência direta aos verbos de movimento, objetos de nosso estudo. Segundo as autoras (2006, p.383), os *acomplishment* são verbos que expressam um movimento com início, meio e fim, como vemos em (48); enquanto que os *achievements*, mostrados em (49), são aqueles que denotam eventos de um momento único, ocorrendo em um momento definido.

(48) João correu de casa até a escola.<sup>23</sup>

(49) João entrou na sala.

Segundo Corrêa e Cançado (2006, p.384), os verbos de movimento por elas analisados, “por acarretarem uma trajetória, explícita ou não na sintaxe, podem ser

---

<sup>23</sup> É preciso destacar aqui que Correea e Cançado (2006, p.383) classificam o verbo **correr** como um verbo *acomplishment*, enquanto que o mesmo verbo é usado em um exemplo anterior para denotar “atividades de fases sucessivas: João corre todas as manhãs”.

caracterizados segundo esses dois tipos aspectuais”. Outros testes foram realizados, para se determinar qual tipo aspectual determinado verbo possuía, sendo empregados para isso a expressão “x minutos” e o termo “quase”. As autoras afirmam que somente os verbos *accomplishments* aceitam a expressão “x minutos”, como mostramos em (50), e que o uso do “quase” comprova a ambiguidade dos verbos de *accomplishment*, já que os verbos de *achievement* não permitem dupla interpretação, como temos em (51).

(50) João correu da casa até a escola em duas horas.

\* João entrou na sala em duas horas.

\* João andava em duas horas.

(51) João quase correu da casa até a escola.

\* João quase entrou na sala.

Os testes apresentados serviram de base para a análise dos dados realizada por Corrêa e Cançado (2006). Segundo as autoras, tais dados foram separados em classes de acordo com a rede temática apresentada e analisados segundo as propriedades semânticas já descritas. Apresentamos aqui apenas as classes que, de alguma forma, se relacionam com os tipos verbais por nós trabalhados, de modo a contribuir positivamente para o desenvolvimento de nossa pesquisa. É importante destacar, então, que consideramos relevantes apenas os casos com verbos que apresentaram o ponto final de um percurso, uma vez que os verbos por nós selecionados e estudados apresentam-se dessa mesma forma.

Das seis classes trabalhadas por Corrêa e Cançado (2006), evidenciamos apenas três delas, a começar pela classe 2B<sup>24</sup>. Interessa-nos, nessa classe, o fato dela ser formada por “verbos que acarretam um desencadeador, um afetado/deslocado e a trajetória que é o movimento expresso pelo predicador” (CORRÊA, CANÇADO, 2006, p.390). Aqui, torna-se importante o fato de que os verbos dessa classe têm a possibilidade de expressar toda a trajetória na sintaxe (fato comprovado através dos testes realizados com “quase” e com o deslocamento dos argumentos), o que evidencia que tais verbos precisam, em sua realização, muito mais do ponto final (de destino) do que o de origem. Entre os exemplos dados pelas autoras, destacam-se os verbos “levar”, “carregar” e “conduzir”, conforme vemos abaixo.

---

<sup>24</sup> Na divisão elaborada pelas autoras, a classe 2 é mostrada em duas partes, sendo que a segunda distingue-se da primeira por apresentar um desencadeador deslocado.



(52) Maria **leva** as crianças da casa **até a escola**.

Outra classe destacada é a de número 3, devido ao fato de apresentar uma estrutura em que ocorre o “argumento interno preposicionado”. Segundo estudos desenvolvidos pelas autoras, as preposições que introduzem os argumentos internos preposicionados não são inerentes aos verbos, fato que muito nos interessa, uma vez que podem ser trocadas, conforme observamos em (53). Através de testes realizados, Corrêa e Cançado (2006, p.392) sugerem que “verbos que denotam trajetória<sup>25</sup>, em PB, têm que explicitar o ponto inicial e/ou final dessa trajetória através de uma preposição”. Outros exemplos de verbos, desta classe, que nos interessam são “entrar” e “partir”.

(53) João chegou **a/em** Paris.

A próxima classe, de número 4, nos interessa por apresentar também, assim como a anterior, o “argumento interno preposicionado”, diferenciando-se apenas pelo fato de os verbos da classe 4 permitirem toda a explicitação da trajetória, como vemos em (54). Além disso, assim como acontece na classe 2, o apagamento do ponto inicial é preferível ao apagamento do ponto final, revelando, então, a presença de uma preposição. Os verbos que se destacam aqui são “andar”, “retornar”, “marchar”, “voltar”, “ir”, “regressar”, “caminhar” e “locomover”.

(54) João **andou** de uma loja **até a outra**.

### 2.3.1 Compreendendo a tipologia verbal adotada

Com base nos casos acima apresentados e tentando relacioná-los com a tipologia verbal adotada nesta pesquisa, consideramos aqui de grande valia o trabalho desenvolvido por Berlinck (1996), sobre a expressão de complementos dativos do português. Procuramos, através desse trabalho, melhor elucidar os tipos de verbos por nós selecionados, buscando uma maior compreensão sobre como eles se relacionam com as noções já trazidas nesta seção. Assim como trabalhado anteriormente, destacaremos aqui os principais pontos desenvolvidos pela autora, considerados também como os de nosso maior interesse.

---

<sup>25</sup> Aqui, seguindo a tipologia verbal adotada, destacam-se os verbos de *direção* e de *movimento com transferência*.

Berlinck (1996, p. 119) inicia seu trabalho explicando que o uso do termo “dativo”, quando se deseja expressar o caráter indireto de um objeto, é muito mais apropriado do que quando se utiliza o termo “objeto indireto”, uma vez que este segundo rótulo implica, erroneamente, uma relação menos direta entre verbo e complemento, tanto semântica quanto sintaticamente.

Assim, existem algumas características que podem servir de teste para a identificação do complemento dativo, entre elas: a substituição do complemento dativo pelo pronome “lhe”; o uso da preposição junto do pronome tônico; e a impossibilidade do complemento dativo se apresentar como sujeito gramatical em uma sentença na voz passiva.

Considerando todas essas possibilidades de identificação do dativo, Berlinck (1996) oferece uma tipologia para tais contextos, distinguindo estruturas transitivas e intransitivas, de modo a identificar o tipo de verbo ou a construção verbal em que o complemento dativo pode ocorrer, assim como a relação que pode ser estabelecida com o verbo ou a sentença.

Partimos, então, do princípio de que as construções transitivas são as mais prototípicas para o aparecimento do complemento dativo, sendo a estrutura  $N^0 + V + N^1 + \{a, para, em\} N^2$  aquela que descreve mais adequadamente esse tipo de construção, onde  $N^0$  corresponde ao sujeito da voz ativa,  $V$  ao verbo transitivo,  $N^1$  ao objeto direto ou ao acusativo de um verbo transitivo e  $N^2$  ao dativo. Segundo Berlinck (1996, p.128), serão as diferenças na caracterização semântica do verbo e os elementos que ele subcategoriza que permitirão a distinção de quatro tipos de estruturas transitivas: (1) *transferência material*, (2) *transferência verbal e perceptual*, (3) *movimento com transferência* e (4) *movimento abstrato*<sup>26</sup>.

De acordo com a tipologia verbal por nós adotada, detalharemos nesta seção as três primeiras estruturas transitivas apontadas por Berlinck (1996). Além disso, trataremos aqui também dos chamados verbos *leves* ou *verbo-suporte*, tipo verbal por nós selecionado pertencente às estruturas transitivas. Para isso, nos baseamos nos trabalhos de Cyrino, Nunes e Pagotto (2009) e Neves (2011).

Os verbos de *transferência material*, segundo Berlinck (1996, p.129), são um grupo “prototipicamente representado pelo verbo ‘dar’”, além de outros como “alugar”, “atribuir”, “confiar”, “devolver”, “distribuir”, “emprestar”, “entregar”, “fornecer”,

---

<sup>26</sup> É importante dizer que os verbos classificados como sendo de “movimento abstrato” não foram considerados em nossas análises devido à sua pouca produtividade.

“legar”, “mandar”, “oferecer”, “pagar”, “passar”, “restituir” e “transferir”. Aqui, o sujeito (N<sup>0</sup>) faz com que o OD (N<sup>1</sup>) passe a pertencer ao dativo (N<sup>2</sup>), como vemos no exemplo (55).

(55) Não *entregaram* as mercadorias **ao comprador**.<sup>27</sup>

Numa situação contrária, o OD, ao invés de passar a ser domínio do dativo, é retirado de seu controle (BERLINCK, 1996), como vemos em (56).

(56) Maria *tomou-lhes* tudo o que tinham.

Segundo a autora, a maioria dos verbos desse último tipo – transferência reversa – ocorre com um complemento dativo introduzido pela preposição **de**, sendo que em alguns casos é possível o uso da preposição **a**, conforme mostrado em (57), mas nunca da preposição **para**.

(57) Pedro *tirou* os livros **às mãos de Joana**.

As propriedades distribucionais de uma construção com esse tipo verbal podem ser descritas como [+/- animado]N<sup>0</sup> + V + [+/- animado]N<sup>1</sup> + {**a, para, de**}[+/- animado]N<sup>2</sup>.

Quando analisamos os verbos de *transferência verbal e perceptual*, temos, segundo Berlinck (1996, p.131), que o verbo “dizer” é o mais prototípico dessa classe, caracterizada também por verbos como “aconselhar”, “anunciar”, “assegurar”, “augurar”, “confessar”, “contar”, “ensinar”, “escrever”, “falar”, “jurar”, “narrar”, “notificar”, “ordenar”, “perguntar”, “prometer”, “protestar”, “provar”, “repetir”, “responder”, “sugerir”, “telefonar”, “mostrar”, “apresentar” e “ensinar”. Tais verbos transmitem o conceito geral de transferência verbal ou perceptual, caracterizado “não pela transferência de uma entidade concreta, como acontece com os verbos de transferência material, mas sim pela transferência de algo abstrato, como efeito de um

---

<sup>27</sup> Os exemplos de (55) a (60) foram retirados do trabalho de Berlinck (1996), intitulado “The Portuguese dative”.

ato de comunicação” (BELINCK, 1996, p.131 – *tradução nossa*<sup>28</sup>). Assim, o sujeito da oração (N<sup>o</sup>) faz com que o seu complemento dativo (N<sup>2</sup>) tome posse de um conhecimento ou de uma ideia (N<sup>1</sup>), como vemos no exemplo (58).

(58) Pedro *disse* **para seus colegas** que o diretor estava doente.

É importante ressaltar aqui que somente uma entidade animada pode participar de um processo de transferência de conhecimento, o que justifica o fato de N<sup>2</sup> ser sempre [+animado] (BERLINCK, 1996, 131). Assim, segundo Berlinck (p.132), as propriedades distribucionais de uma construção com esse tipo verbal podem ser descritas como [+/- animado]N<sup>o</sup> + V + [-animado]N<sup>1</sup> + {a, para} [+animado]N<sup>2</sup>.

Sobre o terceiro tipo verbal, aquele que aborda os verbos de *movimento com transferência*, Berlinck (1996, p.132 – *tradução nossa*<sup>29</sup>) afirma que “este grupo representa uma extensão da ideia de transferência porque ele completa esta noção com a de um movimento físico”. O seu verbo prototípico é “levar”, mas conta também com outros como “acrescentar”, “atirar”, “conduzir”, “dirigir”, “encaminhar”, “instilar”, “lançar”, “por” e “trazer”. Aqui, “o significado geral desta construção é representado por um movimento físico prototipicamente direcionado para um objetivo” (BELINCK, 1996, p.132), como vemos nos exemplos (59) e (60).

(59) No aniversário do amigo *levou-lhe* um livro.

(60) Elas *me trazem* esse material todo para ser discutido em aula.

Ainda segundo Berlinck (1996, p.132), “quando expressado por uma entidade [-animado], a meta tem um claro sentido locativo. Quando a entidade é [+animado], há uma conotação de beneficiário que se soma à leitura locativa”. A estrutura de uma sentença com este tipo verbal pode ser expressa por [+/- animado]N<sup>o</sup> + V + [+/- animado]N<sup>1</sup> + {a, para, em de} [+/- animado]N<sup>2</sup>.

O último tipo verbal por nós trabalhado, pertencente às estruturas transitivas, são os verbos *leves*, definidos por Cyrino, Nunes e Pagotto (2009, p.66) como verbos “com

<sup>28</sup> “This does not involve the transfer of a concrete entity (as in the case of group 1), but rather the transfer of an abstract one, since, as the effect of an act of communication, N<sup>o</sup> makes N<sup>2</sup> possess a certain knowledge, a certain idea, or certain perception (N<sup>1</sup>)” (BERLINCK, 1996, p.131).

<sup>29</sup> “This group represents an extension of the idea of transfer because it complements this notion with that of a physical motion” (BERLINCK, 1996, p.132).

conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento”. Sabemos que há uma relação semântica estabelecida entre o verbo e seu argumento externo e que, no caso de construções transitivas, o verbo e o seu complemento são envolvidos. Assim,

é como se o verbo e o complemento formassem uma predicação complexa monoargumental que é então saturada pelo argumento externo. Evidência para essa relação complexa é fornecida por uma classe de verbos que tem conteúdo semântico bastante esvaecido [*verbos leves*] (CYRINO, NUNES, PAGOTTO, p.64).

Para Neves (2011, p.55), as construções com os verbos *leves*, tratados em sua Gramática de usos do Português como *verbo-suporte*, “têm como complemento um sintagma nominal não referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante”. Para ela, esses verbos compõem-se de:

- (i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- (ii) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação (NEVES, 2011, p.54).

Normalmente, esse tipo verbal é identificado em construções que apresentam os verbos “dar” e “oferecer”<sup>30</sup> que, apesar de não serem usualmente considerados como verbos *leves*, podem também funcionar como tal, assim como vemos em (61).

(61) Claro que eu poderia dizer para você **dar uma chance para ela**.<sup>31</sup>

Ao observarmos as estruturas intransitivas<sup>32</sup>, nos deparamos com outros três tipos verbais (verbos *de interesse*, verbos *de movimento* e verbos *de movimento psicológico*), sendo que destacaremos aqui apenas o segundo grupo, composto pelos verbos de movimento ou direção<sup>33</sup>.

<sup>30</sup> Os verbos “dar”, “oferecer” e “ter”, considerados como leves, foram encontrados em nosso levantamento de dados.

<sup>31</sup> O exemplo (61) foi retirado da revista *Capricho* (08/02/2004, p.36).

<sup>32</sup> Estamos chamando de intransitivas, segundo Berlinck (1996), as estruturas em que o verbo não subcategoriza um complemento objeto direto. No entanto, tais verbos preveem em sua estrutura argumental um complemento preposicionado.

<sup>33</sup> Desconsideramos, para essa análise, os verbos de *interesse* e de *movimento psicológico* por apresentarem baixa produtividade.

Para Berlinck (1996, p.136 – *tradução nossa*<sup>34</sup>), “as estruturas intransitivas com um complemento dativo servem para descrever um estado de *associação* entre os dois argumentos do verbo”. Isso significa que não há nenhum agente ou causa envolvidos e o padrão geral de construção para essa tipologia verbal pode ser representado por **N<sup>1</sup> - V – {a, para} N<sup>2</sup>**. Os verbos de movimento são prototipicamente representados pelo verbo “chegar”; além de “chegar, esse grupo inclui “escapar”, “entrar”, “fugir”, “ir” e “vir”. Segundo Berlinck (1996, p.140 – *tradução nossa*<sup>35</sup>), “os verbos de movimento normalmente subcategorizam um locativo ou um argumento direcional”, como vemos no exemplo (62).

(62) **Fui**, então, **à Bienal do Livro**, onde houve o lançamento.<sup>36</sup>

É com base, então, na tipologia verbal acima descrita que determinaremos quais são as preposições que introduzem o complemento de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência material e verbal/perceptual*. Buscamos, por meio da compreensão acerca da estruturação e organização desses tipos verbais, alcançar com maior precisão os objetivos descritos no início deste trabalho, de modo a colaborar com nossas análises e resultados.

---

<sup>34</sup> “Intransitive structures with a dative complement serve to describe a state of association between the two of the verb”. (BERLINCK, 1996, p.136)

<sup>35</sup> “Verbs of motion normally subcategorize a locative or a directional argument”. (BERLINCK, 1996, p.140)

<sup>36</sup> O exemplo (62) foi retirado da revista *Capricho* (31/08/2008, p.07).

### 3 Universo de Pesquisa

Consideramos fundamental, para a melhor organização e desenvolvimento deste trabalho, compreendermos também noções importantes sobre o gênero textual por nós escolhido. Acreditamos que esse estudo possa contribuir diretamente para aquele realizado nas seções anteriores, sendo possível, através dessa ligação, mostrarmos de que forma a variação das preposições aqui trabalhadas pode, então, se relacionar com o gênero “carta de leitoras”. Para tanto, contextualizaremos historicamente as revistas *Capricho* e *Bravo*; em seguida, abordaremos questões acerca desse gênero e sua organização e trabalharemos aspectos relacionados à relação dialógica que se estabelece entre as leitoras e as revistas femininas. Ainda nesta seção, faremos alguns apontamentos acerca dos procedimentos metodológicos utilizados durante o desenvolvimento desta pesquisa, buscando mostrar de que forma se deu a análise de nossos dados assim como a elaboração e aplicação de um teste de percepção.

#### 3.1 Revistas femininas – uma breve contextualização histórica

Considerando uma possível relação existente entre as revistas femininas e a sociedade, compreender o modo como essa sociedade se organizou ao longo dos anos nos leva a entender também o modo como tais revistas ganharam espaço diante de suas leitoras. A partir disso, buscamos nessa seção trazer uma breve contextualização histórica sobre importantes momentos ocorridos no Brasil e em Portugal, já que podem ter influenciado os modos de organização dessas revistas. Tentamos, assim, através dessa contextualização, ilustrar a evolução sofrida pelas revistas *Capricho* e *Bravo* ao longo dos anos até alcançarem os seus *status* atuais.

Depois do nomadismo, o homem assumiu o domínio da estrutura familiar e social e, somente com a Revolução Industrial, no século XIX, é que isso foi se alterar. Com a diminuição da importância da força física, a mulher começou a se inserir no mercado de trabalho e, desde então, passou a reivindicar por novos papéis, ganhando destaque, nos anos seguintes, os movimentos autodenominados de feministas<sup>37</sup> (em 1906 ocorreu o *Congresso Internacional do Livre Pensamento*, em Buenos Aires; em 1910 foi organizado, também na Argentina, o *Primeiro Congresso Internacional Feminista*; e, em 1916, aconteceu o *Congresso Feminista*, realizado no México). No

---

<sup>37</sup> “Geralmente essas organizações se autodenominavam feministas, discutiam e propagavam os direitos da mulher. Quase todos os congressos de mulheres da época se declaravam feministas, e esse era um tipo de iniciativa frequente no movimento, muitos deles de caráter internacional” (COSTA, 2005, p.12).

Brasil, as primeiras manifestações aparecem já na primeira metade do século XIX, em especial através da imprensa feminina, principal veículo de divulgação das ideias feministas naquele momento (COSTA, 2005, p. 11).

Foi com base em mudanças sociais, surgidas a partir desses movimentos feministas, que as revistas femininas brasileiras passaram a se organizar e se estruturar, ganhando, com isso, um espaço maior na sociedade para suas divulgações. Sobre isso, sabemos que a Revista *Capricho*, parte do cópulus de estudo desse trabalho, foi lançada em 1952, pela Editora Abril, que, existente há dois anos, contava com uma pequena equipe de colaboradores que se desdobravam entre as diversas tarefas existentes e vivia, ainda, um clima provinciano, já que metade da população do Brasil não sabia ler e parecia mostrar-se pouco interessada por tudo aquilo que seria futuramente lançado. Entretanto, o passar dos anos trouxe à Editora grande sucesso e desenvolvimento, de modo que, no fim da década de 1950, já começava uma grande escalada de qualidade, incorporando à sua equipe os profissionais mais talentosos.

A Editora Abril detectou e transpôs para as revistas as principais transformações vividas pela mulher brasileira iniciadas na década de 50 até os dias de hoje. A revista *Capricho* trazia inicialmente fotonovelas importadas da Itália e oferecia às mulheres, através desse conteúdo, desejos que seriam vividos apenas na fantasia. As regras de edição para essas fotonovelas eram simples: tirar as cenas de sexo, cortar assassinatos e evitar tudo o que ofendesse a moral conservadora da época. O mundo doméstico ganhou um novo brilho a partir do momento em que chegavam ao mercado geladeiras, televisores, sabões que lavavam mais branco e chocolates solúveis, ainda que as mulheres não mostrassem os seus descontentamentos em ostentar tamanha submissão.

O aprimoramento de outras revistas lançadas pela mesma editora – *Claudia* (1961) e *Nova* (1973) – foi responsável por revelar mudanças na mentalidade feminina: aqui, ser casada e santa já não era mais a vontade ou sonho de nenhuma mulher. Seções que abordavam de forma clara os sentimentos daquelas mulheres revelavam também as mudanças de papéis que elas começam a viver na sociedade. Talvez, em consequência dessas mudanças, em meio à publicação de outras revistas femininas, a *Capricho*, a partir de 1981, iniciou um processo de renovação, definindo as adolescentes como seu público-alvo, interessadas em temas reais, que abordassem os seus cotidianos e, até mesmo, assuntos que envolvessem sexo e relacionamentos.<sup>38</sup> É possível, aqui, afirmar

---

<sup>38</sup> As informações que abordam as mudanças e transformações da Revista *Capricho* foram retiradas dos seguintes sites, todos disponíveis na página institucional da Editora Abril:



que, no Brasil, a vida feminina alterou-se profundamente a partir do período relativo ao início da ditadura militar, época de repressão, porém, com vida cultural intensa e participação feminina nas manifestações contra o regime e de acolhida de novos ideais vindos dos Estados Unidos e Europa (PETRY e SILVA, 2005).

Nota-se, com isso que, a partir dos anos 1980 e 1990, as mulheres tornaram-se, de certa forma, mais exigentes, esperando encontrar nas revistas femininas aquilo que realmente condizia com as suas realidades e interesses, fato que demonstra, de forma clara, o crescente poder de consumo da mulher de classe média. As revistas femininas contribuíram para sofisticar as técnicas de edição, já que exploram a possível associação de texto e imagens, além de passarem a observar mais sistematicamente a percepção de mundo de cada leitora.

Quando voltamos nossos olhares para Portugal, percebemos um movimento quase que similar àquele ocorrido no Brasil, uma vez que somente após o final do Estado Novo é que a liberdade de imprensa foi alcançada e, obviamente, um maior volume de publicações, sem grandes restrições, passou a ser divulgado. Tal período foi marcado por um regime político autoritário e corporativista que perdurou em Portugal entre os anos de 1933 e 1974<sup>39</sup>.

Ao acompanharmos as transformações sofridas pela sociedade portuguesa ao longo dos anos, percebemos o quão importante elas foram, principalmente no que diz respeito ao papel desempenhado pela mulher. É com base nessas transformações que um estudo, do ano de 2006, intitulado “Revistas femininas: a tirania da publicidade” e divulgado pelo site da Associação “Mulheres em Acção”, que defende a promoção da igualdade entre homens e mulheres, afirma que, apesar de todas essas mudanças vivenciadas pela mulher, as revistas femininas se mantêm praticamente iguais, há pelo menos quinze anos. Esse mesmo estudo descreve o formato e o papel dessas revistas de modo bastante próximo ao que já expusemos acima acerca das revistas femininas brasileiras.

Segundo essa Associação, os valores trazidos pelas revistas femininas e os padrões de vida constantemente sugeridos diferem inevitavelmente da realidade de suas

---

<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/thomaz.html>;  
<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/ocomeco.html>  
<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/femininas.html>.

<sup>39</sup> É importante lembrar que o Estado Novo português muitas vezes é chamado também de Salazarismo, em referência a [Antônio de Oliveira Salazar](#), que ocupou a chefia do governo até 1968, ou seja, durante a maior parte desse período.

leitoras. Isso porque o “ideal contemporâneo de beleza apresentado nessas revistas é homogêneo e ausente das particularidades que imprime a individualidade quando a vida e as pessoas são múltiplas e variadas. Ignoram este facto e reduzem o seu significado à mera imagem, surgindo o que poderíamos chamar a *superwoman*, mistura de dona de casa, mulher de carreira e modelo profissional” (p.04). Além disso, por terem um carácter lúdico, estético e bastante publicitário em relação ao conteúdo divulgado, as revistas femininas conseguem facilmente se colocar como “amigas” de suas leitoras, de modo a influenciar suas escolhas e padrões de vida, ganhando com isso novas seguidoras.

Ao observar a descrição da revista *Bravo*, presente no site de sua editora<sup>40</sup>, encontraremos pontos de extrema semelhança com o conteúdo acima mostrado, uma vez que lá temos que a *Bravo* é muito dinâmica e que são as próprias leitoras que criam as suas revistas, pois estas possuem uma linha editorial muito clara e definida que satisfaz a jovens e adultos. Lançada mais recentemente do que a *Capricho*, a revista portuguesa está no mercado desde o ano de 1998, tem publicação quinzenal e um público alvo jovem (adolescentes entre 10 e 16 anos), contando com aproximadamente 130 mil leitores. Muito semelhante aos conteúdos abordados pela revista *Capricho*, a *Bravo* traz, através de temas atuais e divertidos, seções sobre música, cinema, televisão e moda, além de compartilhar das dúvidas e inquietudes de suas leitoras.

Sem dúvida, a seção de cartas dessas duas revistas é bastante semelhante, sendo que ambas se preocupam em estabelecer algum tipo de identificação com suas leitoras. Ao trabalharmos com as cartas, notamos ainda que um diálogo muito pessoal, típico de uma comunicação oral e mais informal, é criado, a fim de que um forte grau de empatia seja firmado entre as revistas e suas leitoras. Deste modo, ainda que cada revista tenha se constituído por influências de movimentos históricos peculiares – e distintos – em suas origens e acontecimentos, podemos afirmar que, ao final desses processos de transformações, reconhecemos que as duas revistas femininas aqui trabalhadas são um tanto quanto similares em relação aos seus modos de organização e abordagem de conteúdos, principalmente no que diz respeito às cartas de leitoras.

Já sabemos, afinal, que esta seção é também um meio positivo de se criar relações de amizade e cumplicidade entre aquelas que escrevem e, do outro lado, aquelas que lhes respondem. Apesar das mudanças e adaptações, o objeto buscado é

---

<sup>40</sup> A revista *Bravo* é distribuída pelo *Bauer Media Group*, um dos maiores grupos editoriais de revistas distribuídas pela Europa. In: [www.bauer.es](http://www.bauer.es)

praticamente invariável: estabelecer um diálogo entre aquilo que é ali publicado e o público leitor, a fim de que a identificação com o conteúdo, independente do seu período histórico, seja firmada para que ele, então, possa ser aceito e incorporado às realidades de suas leitoras.

### **3.1.1 O gênero “carta de leitoras”**

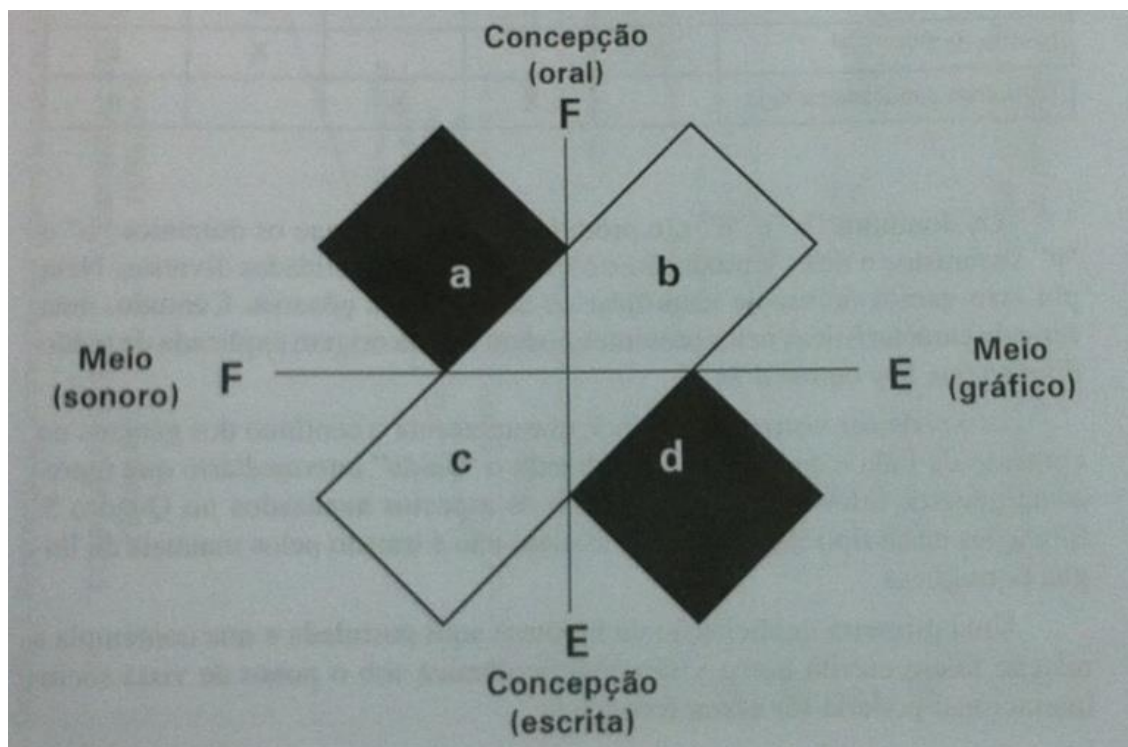
Entende-se gênero textual como sendo atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder (MARCUSCHI, 2002a, p.02). Para Marcuschi (2002a), os gêneros textuais estão muitas vezes imbuídos de valores, sendo mais do que guias neutros para a realização de certas atividades comunicativas. Sendo assim, estudar os gêneros se faz importante, uma vez que, a partir disso, conseguimos observar a regularidade com que os textos executam tarefas. Sobre isso, pode-se pensar que as formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como gêneros, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias.

Assim, tende-se a identificar e definir os gêneros por características sinalizadoras especiais e, depois, por todas as outras características textuais que virão a seguir, segundo nossas expectativas. Entretanto, a definição de gênero como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos nos usos e nas construções de sentido, ignorando também as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. Segundo Marcuschi,

usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2002a, p.23).

Ao relacionar os conceitos expostos com o *cópus* aqui trabalhado – cartas de leitoras de revistas femininas – percebe-se que as cartas são capazes de evidenciar o quanto um gênero textual pode ser misto, já que elas se situam no entrecruzamento da fala e da escrita (MARCUSCHI, 2008), assim como já mencionado na Introdução deste

trabalho e claramente mostrado por meio do gráfico abaixo<sup>41</sup> (MARCUSCHI, 2008, p.197).



**Gráfico 01.** Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva<sup>42</sup>

Além de verificarmos que as cartas de leitoras apresentam elementos diversos da oralidade, pode-se também supor que esse gênero, dentro de um *continuum* de formalidade, está, então, mais próximo daquilo que é considerado menos formal, uma vez que sua composição se dá através de traços orais que fogem, muitas vezes, à norma padrão. Percebe-se, deste modo, que as relações entre fala e escrita “refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta por essas duas modalidades de uso da língua” (MARCUSCHI, p.34, 2008).

É por isso que, segundo Marine (2009),

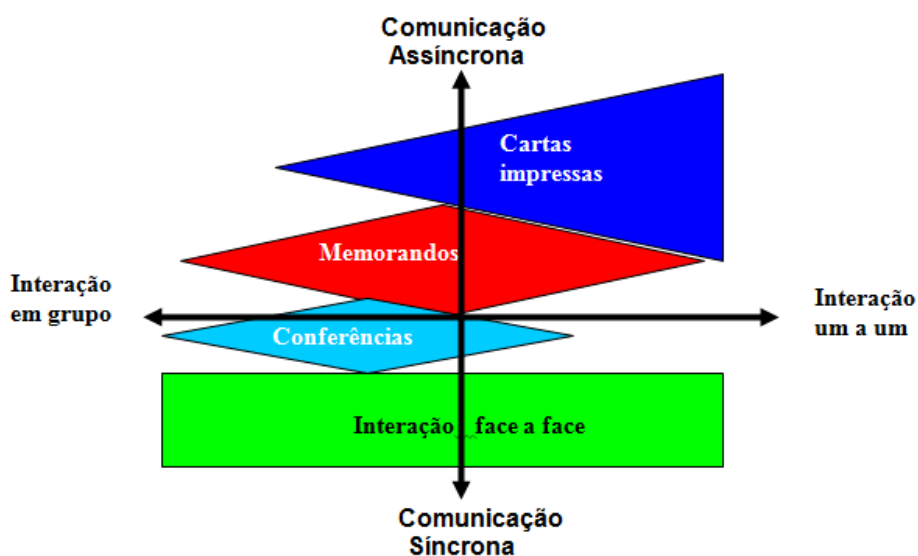
<sup>41</sup> Neste quadro, encontrado em MARCUSCHI (2007), vemos que o gênero “cartas de leitor” se situa no cruzamento indicado por “b”, já que está no domínio da modalidade escrita (“meio gráfico”) e próximo da fala (“concepção oral”), o que o caracteriza como um gênero misto.

<sup>42</sup> Fonte: MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Parábola, 2007.

nesse momento de interlocução marcado por uma escrita de menor formalidade, despreocupada com a norma-padrão e com traços típicos da oralidade em contextos coloquiais, muitos fenômenos linguísticos ligados à variação e mudança podem ser observados (MARINE, 2009, p.118).

Além disso, ainda que as cartas tenham sofrido algumas mudanças e adaptações ao longo dos tempos<sup>43</sup>, podemos pensar neste gênero como sendo capaz de ilustrar as mais diversas relações estabelecidas entre aquele que escreve e o seu destinatário, uma vez que “a carta se baseia em um efeito simultâneo de presença e ausência, no qual, embora o receptor esteja sempre presente no texto, sua presença continuamente nos sugere um outro lugar” (VIOLI *apud* MARINE, 2009, p.128).

Para Marcuschi (2002b), isso pode significar que as cartas fazem parte de uma comunicação assíncrona, ou seja, que não se dá em tempo real e que normalmente é defasada pelo tempo, já que é assim que ele, com base na sugestão de Yates (2000, p.236), coloca-as dentro de um *continuum* entre alguns gêneros tradicionais na fala e na escrita.



Fonte: Simeon J. YATES (2000) P. 236

**Gráfico 02:** O contínuo de gêneros na comunicação tradicional impressa e falada.

Percebemos, diante da análise desse gráfico, que as cartas são colocadas, então, como mais próximas de uma interação “um a um”, além do tipo de comunicação por elas estabelecido não acontecer em um tempo real, como seria numa situação “face a

<sup>43</sup> O gênero carta surgiu como carta comercial no início do século XVII e só após meados desse século é que elas foram se tornar privadas (YATES *apud* MARCUSCHI, 2002b, p.22).

face”. Porém, não podemos assumir que as cartas não apresentem traços de oralidade por se distanciarem de situações comunicativas mais espontâneas. Ainda que assim colocadas, por serem um gênero escrito e também assíncrono, vale enfatizar que esse gênero, principalmente pelas relações capazes de estabelecer entre leitor e destinatário, “parece ser um meio flexível, no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções” (BAZERMAN, 2007, p.83).

Desta forma, podemos pensar que “cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica de destinatário que o determina” (MARINE, 2009, p.130), o que significa que, se nosso cópulo é constituído por cartas de leitoras de revistas femininas, tais textos irão se mostrar sempre apropriados das características deste veículo de comunicação e, conseqüentemente, de seu público alvo. Entendemos, assim, que se as revistas femininas são dirigidas, fundamentalmente, às mulheres, o conteúdo por elas abordado e divulgado – o que inclui aqui as cartas de leitoras – será quase que exclusivamente destinado a esse público.

Optamos, assim, por trabalhar com as revistas *Capricho* e *Bravo*, brasileira e portuguesa (cf. Figuras 01 e 02), respectivamente datadas dos anos de 2002 a 2012 e 2010 e 2011. Essas duas revistas foram escolhidas devido às diversas semelhanças que elas apresentam quanto aos seus modos de organização. Tanto a revista *Capricho* como a *Bravo* são destinadas ao público feminino e adolescente, o que faz com que elas abordem, então, assuntos bastante parecidos: as duas revistas apresentam seções sobre moda e beleza, trazem reportagens sobre os ídolos de suas leitoras, falam sobre música e televisão, trazem testes e discutem temas que tratam das dúvidas e angústias dessas adolescentes.



Figura 01. Revista *Capricho*, 11/01/2004



Figura 02. Revista *Bravo*, 20/12/2010

Quanto às cartas de leitoras publicadas nessas revistas, entende-se que, de modo geral, elas apresentam como objetivos esclarecer as dúvidas e questionamentos de suas leitoras, respondendo às perguntas por elas enviadas. Considerando-se o espaço destinado, nas revistas, às seções de cartas, podemos dizer que ele é bastante amplo e que tais seções abordam, principalmente, temas como comportamento, saúde e moda, como ilustram as quatro figuras que seguem.



Figura 03. Revista *Capricho*, 10/08/2003



Figura 04. Revista *Bravo*, 20/12/2010



Figura 05. Revista *Capricho*, 29/03/2009

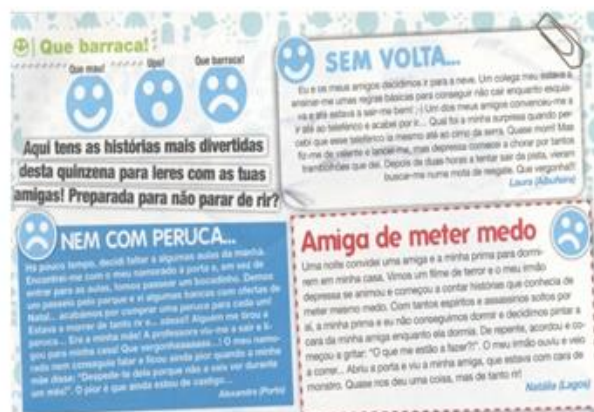


Figura 06. Revista *Bravo*, 20/012/2010

Através das perguntas enviadas, é possível notar o grande envolvimento das leitoras para com as revistas, já que elas esperam por dicas, conselhos e soluções sobre como lidar com determinados problemas ou desafios. Segundo Marine,

a interação “leitora-revista” na seção de cartas das revistas femininas não ocorre apenas entre uma dada leitora, ou seja, a que envia a carta, e a revista, pois as cartas publicadas retratam situações que estão acontecendo ou poderiam acontecer com qualquer uma das leitoras. Ou seja, a seção de cartas se apresenta como uma espécie de “reunião de amigas”, onde essas amigas trocam entre si confidências, desabafos, dúvidas, aflições, momentos de alegria, pedem conselhos e sabem que na “voz” da revista e na de suas outras “amigas” leitoras, podem ser encontradas “respostas” (MARINE, 2009, p.130).

Com base nessa relação firmada entre as leitoras e a revista, é possível trazer à tona o conceito de dialogismo, encontrado em toda a obra de Bakhtin (1995; 2003). Esse conceito pode ser definido através da relação estabelecida entre o “eu” e o “outro”, no sentido de que todo sujeito somente se constitui a partir dessa relação, uma vez que o “outro” é sempre responsável por dar acabamento ao “eu” do discurso (BAKHTIN, 2010, p.206-208).

Segundo Faraco (2009, p. 21),

o eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive dos nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se



realizam; é no plano dessa composição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos.

Em outras palavras, estabelece-se aqui uma forte relação entre aquilo que é dito e o seu contexto de enunciação, firmando a relação existente entre o “eu” e o “outro”. Para Bakhtin, não existem enunciados neutros e todo enunciado “emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (FARACO, 2009, p. 25). Isso significa que o “outro” é responsável pela constituição do “eu” e que é por meio desse diálogo com o “outro” que o “eu” é capaz de construir sua identidade. Aqui, é possível expressar o conceito de alteridade, necessário, então, para que o “eu” se constitua.

É nesse sentido que se torna possível identificar o diálogo estabelecido entre as leitoras de revistas femininas, que escrevem para essas revistas em busca de respostas responsáveis pela formação de suas identidades. Assim, cada leitora advém de um determinado contexto sociocultural e busca encontrar nas respostas oferecidas pelas revistas significados ideológicos capazes de constituírem o seu “eu”. Para que cada uma dessas respostas seja, de fato, analisada, é preciso também ressaltar, seguindo os pensamentos de Bakhtin, que “a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores” (FARACO, 2009, p.55).

Ao se trabalhar a noção de gênero, e mais especificamente as cartas de leitoras de revistas femininas, acreditamos ser importante a afirmação feita por Fairclough (2011), que nos diz que, se por um lado o discurso reflete a realidade social, por outro, constrói essa mesma realidade. Assim, fenômenos linguísticos são sociais, bem como fenômenos sociais são linguísticos, no sentido de que a linguagem age em todos os contextos e práticas (FAIRCLOUGH *apud* KNOLL e PIRES, 2008, p.03). Para que essa questão seja mais bem compreendida, é preciso, então, olharmos quais os valores sociais presentes na realidade dessas leitoras e de que modo essas revistas se organizam e se estruturam, conforme mostramos a seguir.

### **3.1.2 Compreendendo as relações dialógicas nas cartas de revistas femininas**

Em primeiro lugar, é preciso que o conteúdo trabalhado pelas revistas femininas e sua organização sejam compreendidos e analisados para que se possa, assim,

identificar de que modo essas revistas são responsáveis pela formação de identidade de suas leitoras. É possível afirmar que é por meio do conteúdo encontrado nessas revistas que os seus públicos passam a determinar quais são os padrões de comportamento que devem ser seguidos, como se o que há ali, expresso em reportagens e propagandas, e também “aconselhado” pelas cartas, fosse o modelo idealizado pela sociedade e, por isso, definido como padrão.

Uma análise de conteúdo realizada por Miranda-Ribeiro (2003, p.06) sugere que as revistas femininas “não só refletem o papel feminino na sociedade, mas o definem culturalmente e socializam os leitores neste papel.” O mesmo acontece quando pensamos nas revistas portuguesas: segundo informações trazidas pelo texto “Revistas femininas: a tirania da publicidade”, divulgado em 2006 no site português de proteção aos direitos da mulher, *Mulheres em Acção*, “as ideias apresentadas pelas revistas femininas, por serem veículos culturais, configuram uma representação simbólica. Oferecem uma série de valores de referência que pretendem ser o socialmente aceito, ‘daquilo que se aprova e se valoriza’” (p.03).

Tomando tais afirmações como ponto de partida, torna-se possível, então, traçar o perfil do papel vivido pela mulher por meio da análise das próprias cartas enviadas pelas leitoras e das respostas oferecidas pelas revistas *Capricho* e *Bravo*. Em síntese, aquilo que é trazido nas cartas é exatamente o que se deve seguir ou escolher para, então, mostrar-se melhor enquanto indivíduo diante da sociedade.

Segundo Bazerman (2007, p.88) “a riqueza e a multiplicidade das práticas antigas de escrever cartas conferiram a esse gênero uma poderosa força comunicativa [...]”, o que permite que uma grande interação entre as pessoas que as escrevem seja criada. Nota-se que o diálogo é estabelecido entre aquele que escreve e seu destinatário seguindo os conceitos bakhtinianos, o que nos remete ao fato de que diálogo nem sempre é consenso ou solução de conflitos entre duas pessoas que conversam, mas sim um espaço de “tensão entre os enunciados” (FARACO, 2009, p.69), em que o texto é compreendido como uma atividade linguística dentro de um determinado tempo e espaço e situado numa “arena de vozes” que ora confluem, ora discordam.

De acordo com Castillo Gómez (2006), no momento em que um indivíduo escreve uma carta, ele pensa em quem será o “outro”, o seu destinatário, com quem manterá um diálogo. Embora exista a distância que separa o locutor do receptor, a carta procura cultivar o vínculo entre os participantes desse “diálogo”, por meio de uma

construção de identidade “do que sou” e “de como devo ser” diante desse “outro” para o qual já detenho uma imagem (MARINE, 2009, 129).

Nesse sentido, pode-se pensar que já há uma preocupação por parte das leitoras sobre como elas serão vistas e interpretadas pelas revistas antes mesmo de escreverem. Isso porque a opinião do “outro” e o que ele tem a dizer a respeito desse “eu” devem sempre ser levados em conta, conforme o conceito de “compreensão responsiva ativa”<sup>44</sup>, de Bakhtin, uma vez que, sem essa relação dialógica, nenhum tipo de interação faz-se possível. Assim, num primeiro momento, é possível afirmar que o conceito de alteridade se faz presente quando as leitoras se reportam às revistas, já que, para Bakhtin, um signo só pode ser compreendido através de outro signo, o que, conseqüentemente, no caso das cartas de leitoras, significa outra palavra, outra opinião. Segundo Faraco (2009), “[...] ser significa se comunicar, significa ser para um outro e, pelo outro, ser para si mesmo. A subjetividade se constitui e se move no denso caldo do simpósio universal, sendo a alteridade e a intersubjetividade, portanto, absolutamente indispensáveis”.

Além disso, cabe aqui destacar o quanto a voz do “outro” é indispensável na formação do “eu”, sendo que é essa voz a responsável por oferecer uma resposta capaz de interferir na constituição de identidades das leitoras e determinar aquilo que deve ser ou não seguido. Para Marine,

são os “outros” que nos permitem desenvolver um sentimento de identidade, e as pessoas com as quais nos sentimos mais à vontade são aquelas que nos “devolvem” uma imagem adequada de nós mesmos; afinal, a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural. (MARINE, 2009, p.132)

Ao se considerar as relações dialógicas como relações entre índices sociais de valor, entende-se que há uma interação social nas relações estabelecidas, sendo exatamente isso o que acontece com as cartas de leitoras. Elas buscam por alguém que compreenda seus momentos de dificuldades e dúvidas e se espelham nas respostas

---

<sup>44</sup> Considerando que todo ato de enunciação envolve um “eu” e um “outro” e que esses dois sujeitos do discurso conhecem a situação social na qual estão inseridos, podemos pensar que o conceito de “compreensão responsiva ativa” se dá a partir do momento em que o “outro” tem o direito de responder às enunciações feitas pelo seu interlocutor. Dessa forma, todo sujeito é ser ativo, responsável por suas ações e decisões e, então, responsivo ao outro. O sujeito bakhtiniano não é passivo às relações sociais como também não age de maneira absolutamente individual. O sujeito é um ser profundamente constituído nas teias sociais, e é nessa inter-relação com o social que toma uma atitude responsiva em relação à vida, ao mundo, a si mesmo e ao outro (BAKHTIN, 2003, p.272-301).

oferecidas para encontrar pontos de equilíbrio, tornando muitas vezes aquilo que é falado como referência, constituindo, assim, subsídios para suas identidades. As leitoras sentem-se extremamente à vontade para expressarem aquilo que pensam e sentem, como se, de fato, houvesse um relacionamento seguro entre elas e a revista. E, para as revistas, isso se torna algo fundamental, pois é dessa relação sincera que elas precisam para manter, do outro lado, suas leitoras e, também, consumidoras. Ainda a respeito das relações dialógicas, Faraco (2009) destaca que para que elas se realizem

é preciso que qualquer material linguístico [...] tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, *tenha fixado a posição de um sujeito social*. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas (FARACO, 2009, p. 66 – Grifo do autor).

Com base no conteúdo já exposto e considerando o fato de uma forte relação dialógica se firmar entre as leitoras e as revistas femininas *Capricho* e *Bravo*, julgamos ser necessário para a nossa pesquisa olhar com mais atenção para essas cartas, a fim de se encontrar nelas marcas que as justifiquem como responsáveis pela construção de identidades, ainda que isso seja buscado de modo inconsciente por suas leitoras.

Sabendo que as leitoras veem as revistas como expositoras de um padrão que deve ser seguido, subentende-se que essas revistas são consideradas também portadoras da razão e, por isso, podem ser vistas como “conselheiras” e “amigas” de suas leitoras. Normalmente, a seção de cartas é destinada a todo e qualquer tipo de dúvida apresentada pelas leitoras, que escrevem para as revistas expondo seus medos, curiosidades e anseios. Acredita-se que, para isso, ocorra, como afirma Marine (2009), “uma identidade de linguagens” entre leitoras e revista, já que esta busca escrever de um modo que a mantenha sempre próxima de suas leitoras.

Nota-se isso ao observamos mais detalhadamente os próprios textos e seu modo de organização, assim como as respostas oferecidas. Têm-se abaixo alguns exemplos retirados da seção “Assunto de Amiga”, da revista *Capricho*, e outros retirados da seção “As tuas dúvidas”, da revista *Bravo*:

**(63)** “Nas férias de julho, fui para um acampamento e fiquei com um cara. Foi o primeiro beijo dele. Nós trocamos telefone, mas eu não estava mais afim. Agora, ele me liga dia sim, dia não. Sempre invento uma desculpa ou peço para dizerem que não estou. Como faço para ele cair fora?”

R: Você já deu todas as pistas de que não quer mais nada com ele, que vai ter que aprender a lidar com as decepções da vida. Um dia, atenda o telefone. E seja fria. Claro que você pode ser delicada: boa educação acima de tudo. Ele só não vai entender se estiver se iludindo. Mas se ele não captar a mensagem, é melhor você ser direta! Como ser direta com aquele garoto-grude: atenda o telefone, mas finja que não está ouvindo o que ele fala. Em seguida, desliga o telefone e o tire do gancho por meia-hora; quando conversar com ele, demonstre tédio; se você estiver perto dele e alguém te ligar no celular, fale ‘oooooooooooooi!’ com uma voz derretida, como se houvesse alguém interessante do outro lado da linha; fale sobre um pretendente imaginário; e se ele não desgrudar, diga em último caso aquela frase horrível: eu só quero ser sua amiga.” (*Capricho*, 2003, p.67)

**(64)** “Eu tinha um melhor amigo, eu contava minha vida toda para ele. De uns tempos pra cá, umas meninas começaram a comentar coisas que só ele sabia. Ele me traiu, me traiu feio. Passei dias chorando! Tirei essa história a limpo com ele, que só deu risada. Me descontrolei e briguei feio: xinguei, disse que o odiava. Sinto falta do ombro amigo, mas tenho medo de quebrar a cara outra vez. Estou confusa. Será que devo perdoá-lo ou ignorá-lo?”

R: Claro que podemos dar uma segunda chance às pessoas vacilonas. Mas se você fala que ele riu – isto é, ele não achou absurdo espalhar para a galera – acho melhor você não ter esse cara como seu confidente. Não precisa parar de falar com ele: pode ir às baladas, ao cinema, conversar sobre amenidades. Mas se ele provou que é um megafoqueiro, para que insistir no erro?!” (*Capricho*, 2003, p.81)

**(65)** “Sinto-me atraída por um rapaz da escola, que disse que me via só como uma amiga. Não me dei por vencida e houve um dia que o apanhei distraído e lhe dei um beijo. A partir daí começámos a curtir. O problema é que se mete descaradamente com a minha melhor amiga e eu morro de ciúmes! O que me aconselhas? Obrigada! (Carolina, 14)

R: Carolina, eu no teu lugar desligava-me desse rapaz. Desde o início que ele te deu a entender que não queria assumir contigo algo sério. Caso contrário, não te haveria dito que só te via como amiga e não faria ‘olhinhos’ à tua amiga nem a ninguém. De qualquer forma, podes sempre conversar com ele para que te esclareça o que sente por ti. Sê discreta: Pergunta-lhe de quem é que ele gosta de verdade, se da tua amiga ou de ti. Só assim perceberás se vale a pena continuar a lutar pelo seu amor ou não. Se ele te disser que gosta realmente de ti, genial! Mas terás que exigir-lhe que te respeite! E isso pressupõe que deixe de se meter com a tua amiga. Caso contrário, se te confirmar que gosta da tua amiga, então deves esquecê-lo! O amor só vale a pena se for correspondido, ou não?” (*Bravo*, 2011, p.36)

(66) “O meu irmão mais velho trata-me abaixo de cão: insulta-me, expõe-me ao ridículo sempre que pode, ameaça-me para que faça suas tarefas... Estou farta! Ainda não me bateu, mas às vezes empurra-me e grita comigo o tempo todo. Que devo fazer? SOS! (Vilma, 14)

R: Querida Vilma: Pelo que descreves, é nítido que o teu irmão está a tratar-te mal. Não deves consenti-lo! Primeiro que tudo, quando se meter contigo, defende-te! Faz-lhe frente e deixa bem claro que não pode continuar a tratar-te assim nunca mais. Se ele não fizer caso, terás que contar aos teus pais para que lhe imponham limites. Mas explica-lhes detalhadamente o mau que teu irmão te tem feito. Se mesmo assim, reparares que não surge efeito, que ele não altera os seus comportamentos contigo e que continuas a sentir-te mal, podes ligar para a Linha SOS Adolescente (808 202 484 – dias úteis das 10h às 13h e das 14h às 18h) ou para a Linha Jovem (808 208 020 – dias úteis das 9h às 18h). Serás atendida por uma equipa de psicólogos que terão muito gosto em ajudar-te. Ânimo, braveira!” (*Bravo*, 2010, p.36)

É possível observar nos exemplos de (63) a (65) o diálogo estabelecido entre enunciador e enunciatário, uma vez que as leitoras que escrevem, confessam segredos e fatos até mesmo íntimos (como o primeiro beijo, a traição do amigo e até mesmo problemas familiares) para a sua correspondente, a revista. Esta, seguindo o mesmo caminho, fornece respostas de modo que transpareça um tom de cumplicidade e amizade entre elas, o que as aproxima ainda mais.

Aqui, a revista *Capricho* elaborou respostas que colocam suas leitoras em posição superior à dos homens, como se agora, depois de toda a revolução pela qual passou a sociedade, fosse o momento das mulheres assumirem sua superioridade com intolerância a qualquer desvio que possa surgir por parte de seus namorados e amigos. Percebe-se isso quando, nas respostas, a revista deixa claro quais são as atitudes que suas leitoras devem tomar, colocando junto disso, até mesmo, um pequeno guia sobre como fazer o garoto perceber que ele a está incomodando. Em outros momentos, a revista tenta amenizar a situação, dizendo que as pessoas merecem uma “segunda chance”, mas logo pergunta à leitora de que vale insistir no erro, tudo isso sem que elas causem conflitos maiores ou prejudiquem suas imagens.

De um modo bastante parecido, vemos o mesmo acontecer com as respostas oferecidas pela revista *Bravo*. Ainda que as sociedades e os papéis nela assumidos pela mulher sejam diferentes em alguns aspectos, sabe-se que esta começa a ganhar destaque na sociedade portuguesa apenas quando próximo do fim do governo ditatorial<sup>45</sup> lá existente (COVA e PINTO, 1997). Tal fato torna-se responsável, então, pela supervalorização da mulher e de seus direitos enquanto cidadã, o que de alguma forma justifica as respostas dadas às duas perguntas que aqui destacamos. Em nenhum momento as mulheres, no caso as adolescentes que escrevem, são colocadas em uma posição inferior ou igual à dos homens. A elas é aconselhado que se mantenham firmes em suas posturas e decisões assumidas, de modo a se mostrarem bastante decididas e resolvidas quanto àquilo que desejam, como no exemplo (65), ou em relação aos seus direitos, como mostrado em (66).

Temos, aqui, exemplos claros do quanto as leitoras envolvem-se afetivamente com as revistas, o que nos leva a crer que os “conselhos” dados serão mais facilmente seguidos, talvez até mesmo em situações em que essas leitoras agiriam, por conta própria, de modos diferentes, o que contribui, de certa forma, para a construção de suas identidades. Entende-se, então, que as revistas – por apresentarem valores que devem ser seguidos pela mulher contemporânea, pois são mostrados de modo que pareçam os mais corretos – criam um discurso de superioridade capaz de alterar a constituição da identidade da mulher atual.

Notamos, através da rápida análise de algumas cartas, o quanto as leitoras e as revistas se relacionam, estabelecendo entre elas uma nítida relação de amizade e

---

<sup>45</sup> A Ditadura Militar, em Portugal, teve início em 1926 e durou até a instauração do Estado Novo (ou governo Salazarista), em 1933.

intimidade. Nessa relação, fica claro que as leitoras buscam por respostas e “conselhos” fundamentais para as suas dúvidas e para que, elas próprias, possam compreender aquilo que as cerca. Percebemos ainda que a presença do “outro” - neste caso a revista - é extremamente importante na constituição do “eu” - as leitoras -, mostrando-se, inclusive, a necessidade de um embate entre diferentes vozes: a que ensina como deve se portar e a que espera por essa resposta no modo de ser/estar no mundo. Dessa forma, entende-se que a posição assumida pela revista é totalmente valorativa, pois a revista feminina, de um modo geral, é dirigida e pensada para as mulheres, o que inclui, aqui, escrever, do modo mais semelhante possível ao de suas leitoras, sobre assuntos pertinentes, fazendo com que elas se sintam à vontade para expressar seus pensamentos.

É através desse caminho implícito e ideologicamente construído que as revistas conseguem deter o olhar de suas leitoras, fazendo com que elas acreditem nas respostas e julguem os valores propostos pelo seu discurso como sendo o mais correto e o mais adequado para ser seguido. A partir disso, novos perfis e opiniões são formados e, ao seguirem aquele padrão imposto pelas revistas, as leitoras absorvem também o fundamental para estruturarem e formarem suas identidades, fazendo com que os valores pregados pela revista passem a constituir o seu “eu”, enquanto que outros são abandonados ou rejeitados, já que “aceitar incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais) que podem se opor dialogicamente a ela” (FARACO, 2009, p.69).

### **3.2. Sobre os procedimentos metodológicos**

Assim como já visto anteriormente, diferentes preposições podem ser utilizadas em construções semelhantes, apresentando praticamente as mesmas funções e significados; por outro lado, a mesma preposição pode apresentar vários significados, geralmente relacionados. Desde o início da formação da língua portuguesa (e das demais línguas românicas), as preposições têm se mostrado uma classe propensa à variação. Isso decorre do fato de que, com a ampliação do uso desse tipo de elemento relacional no latim vulgar e nas línguas românicas, criaram-se novos significados para preposições já existentes, além de surgirem novas preposições (cf. Câmara Jr., 1985).

Foi com base nesses pressupostos que a etapa inicial deste trabalho incluiu a leitura e a discussão de textos teóricos fundamentais para o embasamento teórico do



estudo e a composição do *córpus* que serviu de fonte de dados. O conjunto de dados aqui utilizados foi levantado a partir da observação das cartas de leitoras das revistas femininas *Capricho* (anos de 2002 a 2012) e *Bravo* (anos de 2010 e 2011)<sup>46</sup>, textos escritos relativamente menos formais e, por isso, um canal de entrada, na escrita, de variação e de expansão de novos usos. Em estudos voltados para a caracterização de processos de variação, a busca por fontes próximas da oralidade é condição essencial, já que tais processos têm início na fala informal, podendo-se expandir gradualmente para usos mais formais e chegar, finalmente, à escrita.

Para a análise, foram coletadas todas as ocorrências de predicadores verbais que têm um complemento preposicionado que veicula o valor de meta nas cartas de leitoras ali publicadas. Esses dados foram analisados, levando-se em conta:

- i) a natureza semântica do predicador, se de direção<sup>47</sup> ou de transferência e, nesse último caso, o tipo de transferência significada – material<sup>48</sup>, material com movimento<sup>49</sup> ou verbal<sup>50</sup> (Berlinck 1996);
- ii) a natureza semântica do complemento: se denota um lugar<sup>51</sup>; um ser animado<sup>52</sup> (e, em especial, humano); ou uma outra entidade que não se enquadre nessas características<sup>53</sup>.
- iii) a origem geográfica das autoras das cartas em que os dados foram coletados – brasileira ou portuguesa.

A definição dos grupos de fatores elencados se fundamenta em hipóteses sobre a distribuição das preposições e sobre o caminho de implementação de formas novas na estrutura linguística. No primeiro caso, estudos anteriores (Berlinck 1996, 2000, 2001; Guedes e Berlinck 2003; Gomes 2003; Torres-Morais e Berlinck 2006, 2007, 2009) e uma observação preliminar dos dados mostram que a alternância das preposições se dá diferentemente, segundo os grupos de verbos. Isso nos leva a definir o grupo (i). No

---

<sup>46</sup>As cartas de leitoras das revistas *Capricho* e *Bravo* apresentam, apesar de suas muitas semelhanças, diferenças no que diz respeito aos seus formatos. A revista *Capricho*, de um modo geral, apresenta uma menor quantidade de texto em suas cartas quando comparada à revista *Bravo*. Suas perguntas e respostas se mostram mais concisas, fazendo com que fosse necessário um número maior de revistas para alcançarmos, conseqüentemente, um número maior de dados. A revista *Bravo*, por sua vez, apresenta trechos longos e respostas mais elaboradas, propiciando o levantamento de dados a partir de um número menor de exemplares. Por este motivo, justificamos a necessidade de trabalharmos com períodos diferentes para cada uma das revistas em questão.

<sup>47</sup> Como *ir* e *vir*: “Uma vez **fui ao salão** com a minha mãe e uma amiga” [*Capricho*, 09/11/2008, p.112].

<sup>48</sup> Como *dar* e *enviar*: “[...] comprei um perfume e **dei para ele**.” [*Capricho*, 01/06/2003, p.88].

<sup>49</sup> Como *levar* e *trazer*: “Raramente **levo sutiã para a escola** [...]” [*Bravo*, 29/06/2010, p.21].

<sup>50</sup> Como *dizer*, *perguntar*: “[...] **pede a tua mãe** que troque a fronha da tua almofada.” [*Bravo*, 30/11/2010, p.36]

<sup>51</sup> “O problema é que regressei **a casa**.” [*Bravo*, 07/09/2010, p.46]

<sup>52</sup> “Diz isso **à tua amiga**.” [*Bravo*, 27/07/2010, p.45]

<sup>53</sup> “Não dês demasiada importância **ao assunto**.” [*Bravo*, 23/03/2011, p.36]

segundo caso, um princípio geral explorado nas teorias sobre gramaticalização defende que a expansão do uso de formas novas segue uma direção que parte de sentidos e contextos (mais) concretos para sentidos e contextos gradualmente (mais) abstratos (Neves, 1998, p.131-142). A hipótese aqui explorada é de que as preposições menos normativas apareceriam com mais frequência em contextos interpretados como mais concretos, que marcariam a entrada da variação no sistema. Para avaliar essa correlação, propomos observar o grupo (ii), apostando que a presença de complementos (OI) mais concretos (lugar, objeto, ser animado) tenderia a apresentar um uso maior das preposições **para**, **em** ou **até**. No que se refere ao terceiro grupo de fatores definido – origem geográfica das autoras das cartas –, esperamos que as preposições **para**, **em** e **até** apareçam com maior frequência nos dados brasileiros, enquanto que a preposição **a** prevaleça nos dados retirados da revista *Bravo*.

Assim como será mostrado na seção 4.1, realizamos um levantamento de 574 dados, sendo que 329 deles pertencem à revista *Capricho* e 245 à revista *Bravo*. Para definir a extensão do corpus de onde provêm os dados, adotamos aqui um procedimento comum à Linguística de corpus (SARDINHA, 2004)<sup>54</sup>, que corresponde à contagem de palavras da então amostra trabalhada. Assim, consideramos todas as cartas de leitoras obtidas para o levantamento de nossos dados e chegamos, a partir da contagem das palavras ali presentes, a resultados bastante peculiares.

Da revista *Bravo* obtivemos um número total de 360 conjuntos de textos, divididos entre duas seções: “Que barraca!” (173 textos – 17746 palavras) e “As tuas dúvidas” (187 textos – 29.382). Esses 360 textos correspondem, então, a exatamente 47.128 palavras. Da revista *Capricho*, por sua vez, foram obtidos textos em um número maior de seções, sendo elas: “Caixa de entrada” (42 textos – 563 palavras), “Assunto de amiga” (80 textos – 12.219 palavras), “Diversão” (16 textos – 1277 palavras), “Diz aí” (326 textos – 16.824 palavras), “Hê-Hê-Hê” (127 textos – 12.285 palavras), “Toda Sua” (168 textos – 10.884 palavras), “Micos” (200 textos – 15.307 palavras). Todas essas seções totalizam um número final de 959 textos e, conseqüentemente, 69.359 palavras.

Reconhecemos, aqui, que a revista *Capricho* apresenta um número consideravelmente maior de palavras no que diz respeito às cartas analisadas, quando comparada à revista *Bravo*. Porém, é preciso ressaltar o fato de que o fenômeno ocorre quase na mesma proporção nas revistas: na *Capricho* temos 329 dados em 69.359

<sup>54</sup> Ressaltamos aqui que tomamos como referência a Linguística de Corpus apenas como forma de melhor justificar e embasar os dados por nós trabalhados, de modo que não nos aprofundamos em suas teorias.

palavras (uma proporção de 0.0047); na *Bravo* temos 245 dados em 47.128 palavras (uma proporção de 0.0051).

A diferença observada em números absolutos de dados – 84 dados a mais na revista *Capricho* do que aqueles apresentados pela *Bravo* – é aceitável e compensada pelos recursos do programa estatístico GOLDVARB-X, não nos trazendo questões significativas e problemáticas quando da análise .

Após o levantamento desses dados, seguindo os pressupostos acima citados, todos eles foram codificados conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas já estabelecidas e tratados, estatisticamente, por meio do pacote estatístico GOLDVARB-X. Este programa é ferramenta metodológica fundamental para a Sociolinguística Variacionista e permite a realização de uma análise multivariada dos dados em questão. Sobre essa análise, Guy e Zilles (2007) explicam que ela

se chama ‘multivariada’ porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

Ao trabalharmos com “múltiplas variáveis independentes”, também podemos observar, através do cruzamento (função *Cross Tabulation*) dessas mesmas variáveis, de que forma um determinado grupo de fatores interage com outro, a fim de alcançarmos resultados ainda mais detalhados, sempre em função da variável dependente.

Assim, o programa GOLDVARB-X é responsável por nos oferecer informações extremamente significativas sobre os dados trabalhados. Através dele, além do que já se mostrou, obtivemos a frequência geral quanto ao uso das preposições selecionadas, assim como a frequência das outras variáveis trabalhadas; as variáveis consideradas mais e menos significativas (rodadas *step-up* e *step-down*); e os pesos relativos dos grupos trabalhados.

Sobre os pesos relativos, é extremamente importante explicitar que através deles alcançamos uma visão mais apurada dos dados, sendo eles

valores que vão de zero a um e que indicam matematicamente o peso com que um fator (linguístico ou extralinguístico) influencia o uso de uma variante, em relação a todos os fatores levados em conta na observação de um fenômeno de variação linguística. Quando o peso relativo de um fator é próximo de zero, significa que tal fator

desfavorece o uso da variante. Quando o peso relativo é igual a 0,50, significa que ele não está correlacionado ao uso da variante – tal valor é, pois, o ponto denominado neutro. Finalmente, quanto mais próximo for de 1 (um), maior será o peso com que o fator favorece o uso da variante. Os valores dos pesos relativos são obtidos a partir de fórmulas estatísticas complexas, do tipo de regressão logística, em que se comparam as porcentagens com que os dados se distribuem pelos diferentes fatores. (BELINE, 2005, p. 132).

Com base nestas informações, demos início à nossa análise a partir de um estudo mais geral dos dados obtidos para, então, aprofundarmos nossos olhares e buscarmos por resultados mais específicos. Cabe ainda ressaltar que evidenciaremos aqui os grupos de fatores selecionados pelo programa GOLDVARB-X, mas sem deixarmos de apresentar os demais grupos trabalhados. Destacamos, ainda, que a análise seguiu os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]).

É importante ressaltar que, além do estudo dos dados obtidos a partir da análise das revistas *Capricho* e *Bravo*, trabalhamos aqui com a aplicação e desenvolvimento de um teste de percepção. Com base nos resultados a seguir apresentados, buscamos, a partir desse teste de percepção, melhor esclarecer alguns dos pontos já discutidos em relação ao uso das preposições trabalhadas, tentando, dessa forma, compreender as diferentes escolhas estabelecidas por falantes do PB e do PE. Assim como já afirmado anteriormente, temos que no PB a alternância entre as preposições **a** e **até**, **em** e **para** se dá de forma recorrente e constante, enquanto que, no PE, essa alternância se baseia nos usos de **a** e **para**, quase que exclusivamente. Reconhecemos, aqui, que essa diferença entre as alternâncias do PB e do PE pode se dar tanto por fatores internos e externos, sendo nosso principal objetivo, agora, (i) compreender o que motivou os falantes do PB e do PE a usarem tais preposições; (ii) saber se essas escolhas foram ou não motivadas por fatores externos e (iii) de que forma elementos extralinguísticos podem interferir no uso dessas quatro preposições.

Entendemos o “teste de percepção” como um meio eficaz de aproximação da variedade de cada falante, sendo possível, assim, avaliá-la a fim de justificarmos as diferenças e semelhanças já evidenciadas em nossas análises. Ressaltamos aqui que temos total conhecimento acerca da importância da entrevista sociolinguística

desenvolvida e aplicada por Labov<sup>55</sup> (2008, p.242-244), porém, é preciso esclarecer que nosso teste em pouco se assemelha às entrevistas citadas, uma vez que não trabalhamos com dados de fala e não estabelecemos nenhum tipo de contato com o entrevistado, já que se trata de um questionário online. Ainda assim, mesmo que de modo bastante distante (e, por isso, mais consciente e subjetivo) daquele realizado por Labov, tentamos com esse teste identificar alguns dos possíveis valores sociais atribuídos, pelos falantes, a uma ou outra preposição trabalhada, buscando, com isso, identificar elementos capazes de influenciar a escolha e o uso dessas preposições.

Em nosso teste, trabalhamos com 14 questões<sup>56</sup> que abordaram diretamente o emprego das preposições **a**, **até**, **em** e **para** em situações próximas daquelas por nós pesquisadas: selecionamos, então, ocorrências de predicadores verbais que tenham um complemento preposicionado veiculando valor de meta. Essas questões foram elaboradas de forma bastante direta, pensando-se nas possibilidades de respostas e escolhas, de modo a facilitar nossa compreensão sobre o tema proposto e observar a relação dos falantes com a norma de uso da língua. Esperamos conseguir, com isso, “medir” o quanto as quatro preposições trabalhadas são vistas e sentidas como variantes pelos falantes em questão, de modo a compreender o quanto esses mesmos falantes valorizam, ou não, a norma padrão. Além disso, incluímos outras questões mais aleatórias e diversificadas<sup>57</sup>, com o intuito de “disfarçar” o assunto trabalhado e não induzir as respostas de nossos colaboradores. Mostramos, abaixo, as questões aplicadas para esse teste:

**5. Qual das alternativas lhe parece mais aceitável?**

Acordei cedo e fui para a praia.

Acordei cedo e fui na praia.

Acordei cedo e fui à praia.

Acordei cedo e fui até a praia.

**6. Para você, existem diferenças de sentido entre as frases abaixo? Marque o quanto acha que existe de diferença em uma escala de 00 a 05, sendo 00 para nenhuma diferença e 05 para uma diferença de sentido muito forte.**

---

<sup>55</sup> A entrevista sociolinguística de Labov (2008) propõe a coleta de dados através do contato direto entre entrevistado e entrevistador, de modo que este pede a seus informantes (i) que contem uma experiência marcante em suas vidas; (ii) que leiam um texto previamente escolhido em que apareça o fenômeno estudado e (iii) que leiam uma lista de palavras também previamente escolhida. Busca-se, com esse tipo de entrevista, de modo que se facilite a análise dos cinco estilos contextuais também por ele proposto.

<sup>56</sup> O teste de percepção por nós aplicado encontra-se disponível no **Apêndice 2** deste trabalho.

<sup>57</sup> Referimo-nos aqui às questões de números 08, 11, 14 e 22, também disponíveis no **Apêndice 2**, ao fim deste trabalho.

Acordei cedo e fui para a praia.  
 Acordei cedo e fui na praia.  
 Acordei cedo e fui à praia.  
 Acordei cedo e fui até a praia.

7. Se existem diferenças de sentido, quais são?

8. Em "... em seguida, subiria NUMA cadeira, gritando de medo das baratas...", a preposição destacada estabelece, entre as palavras da frase, uma relação de

Tempo

Finalidade

Instrumento

Causa

Lugar

9. O que você diria sobre a frase: "Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo"?

Não a uso porque é uma construção incorreta

Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.

Uso essa construção apenas em situações informais.

Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.

Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.

10. O que você diria sobre a frase: "Há dias **fui ao cinema** com o meu grupo de amigos"?

Não a uso porque é uma construção incorreta

Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.

Uso essa construção apenas em situações informais.

Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.

Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.

11. Em "O jeito era aceitar a situação, entretanto, não se conformava", a palavra "entretanto" pode ser substituída por

Por conseguinte

Porém

Pois

Portanto

Porque

12. Qual construção você utiliza com maior frequência?

Contei às minhas amigas sobre a festa.

Contei para as minhas amigas sobre a festa.

Utilizo as duas opções com a mesma frequência.

**13.** Você percebe alguma diferença de sentido entre as frases “Contei às minhas amigas sobre a festa” e “Contei para as minhas amigas sobre a festa”? Marque o quanto acha que existe de diferença em uma escala de 00 a 05, sendo 00 para nenhuma diferença e 05 para uma diferença de sentido muito forte.

**14.** Se existem diferenças de sentido, quais são?

**15.** Complete a oração com a alternativa mais indicada: "Oscar convenceu-se \_\_\_\_\_ não havia ratos na casa e passou \_\_\_\_\_ varrer todos os cômodos".

de que / a

que / à

em que / a

de que / à

em que / à

**16.** Imagine-se em uma reunião de negócios extremamente importante. Quais das construções abaixo você usaria para falar com o seu chefe.

- Irei dizer a ele que o prazo se esgotou.
- Irei dizer para ele que o prazo se esgotou.
- Amanhã, enviarei os relatórios para você.
- Amanhã, enviarei os relatórios a você.
- Fui à sua sala procurar por você.
- Fui até sua sala procurar por você.
- Fui na sua sala procurar por você.
- Fui para a sua sala procurar por você.
- Assim que puder, levarei os documentos para você.
- Assim que puder, levarei os documentos a você.

**17.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Ontem, fui \_\_\_ shopping durante a tarde.

AO/PARA O

**18.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Ela correu \_\_\_ banheiro.

AO/NO

**19.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Fui \_\_\_ meu quarto buscar o livro.

PARA O/NO

**20.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Fomos caminhando \_\_\_ a loja.

ATÉ/PARA

**21.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Ela foi \_\_\_ cantina comprar um doce.

ATÉ A/NA

**22.** Assinale a alternativa que melhor preenche os espaços em branco: “Muitos se \_\_\_\_\_ pela obra de Noel e se dedicam \_\_\_\_\_ estudar suas composições”.

interessa / em

interessa / a

interessam / a

interessa / de

interessam / à

Todo o questionário foi estruturado através do site Survey Monkey<sup>58</sup> – que é fornecedor de soluções de questionários pela web, possibilitando a estruturação e divulgação desses questionários – e divulgado através das redes sociais, durante o período aproximado de um mês, para todos os possíveis falantes de PB e PE.

Na subseção 4.5.1, mostramos os resultados alcançados através desse teste de percepção e elaboramos possíveis interpretações às respostas dadas, assim como buscamos relacioná-las aos resultados encontrados a partir da análise das revistas *Capricho* e *Bravo* de modo a justificar as possíveis alternâncias entre as quatro preposições selecionadas.

---

<sup>58</sup> [www.surveymonkey.com](http://www.surveymonkey.com)



## 4 Análise e Discussão

Apresentamos, primeiramente, nesta seção, os resultados obtidos a partir da análise dos dados retirados das revistas *Capricho* e *Bravo*, buscando relacioná-los com todo o conteúdo até aqui já exposto. Pretendemos, dessa forma, alcançar os nossos objetivos iniciais, trazendo à tona respostas e justificas que a eles se relacionem. Depois, mostramos os resultados encontrados através da aplicação de um teste de percepção para informantes brasileiros e portugueses, buscando, de modo igual, fortalecer nossas escolhas e argumentos.

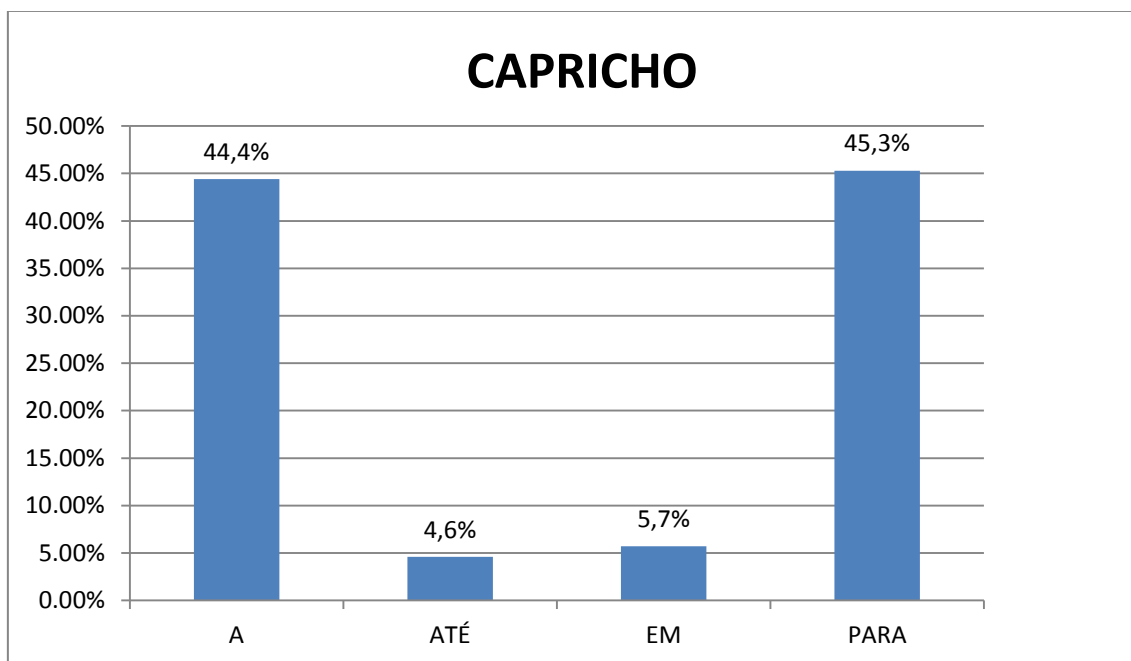
### 4.1 Uma primeira análise e alguns resultados

Partindo do fato de que as variações são caracterizadas por eventuais alterações na organização dos constituintes de uma sentença, este estudo teve como base a análise da alternância entre as preposições **a**, **até**, **em** e **para** – identificadas em estudos anteriores (cf. Berlinck, 2001; Guedes e Berlinck, 2003) como variantes em contexto de complementação verbal no português. Sendo assim, buscou-se aqui determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento dos predicadores selecionados e como se distribuem em termos de frequência.

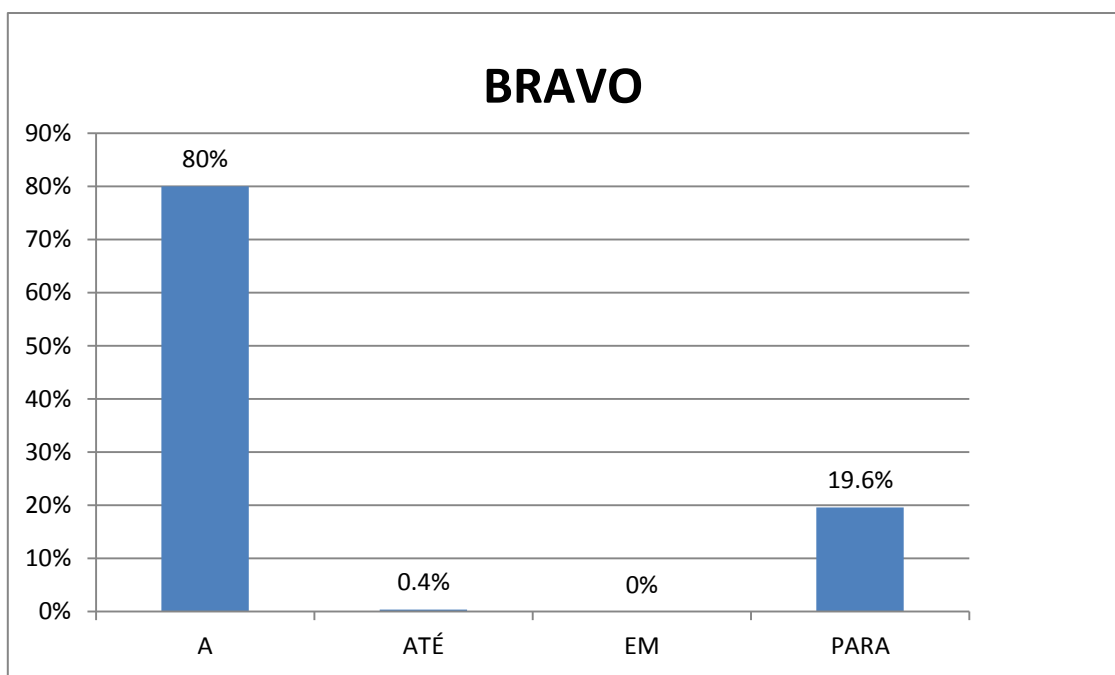
Para isso, realizamos o levantamento de dados nas cartas de leitoras das revistas *Capricho* e *Bravo* e obtivemos, para cada uma delas, um resultado bastante diferente. Foram analisados, no total, 574 dados, dos quais 329 pertencem à revista brasileira *Capricho* e 245 à revista portuguesa *Bravo*. Quanto a esses dados, podemos afirmar que na revista portuguesa houve a prevalência da preposição **a** em relação a todos os grupos de fatores trabalhados, já que a revista *Capricho* mostrou resultados mais balanceados no uso da preposição **a** em relação às outras (**até**, **em** e **para**), ainda que essas tenham prevalecido nos dados.

Entre os 245 dados pertencentes à revista *Bravo*, temos que 196 dados apresentam a preposição **a** e apenas 49 deles correspondem às “outras preposições”, sendo um único caso com **até**, nenhum caso com **em** e 48 casos com **para**. Quando observamos os dados da revista *Capricho*, notamos que 183 casos dos 329 apresentam as preposições **até** (15 dados), **em** (19 dados) e **para** (149 dados); a preposição **a**, mesmo que em menor quantidade, ainda apresenta-se em número bastante significativo, com 146 casos.

Os gráficos abaixo ilustram de forma mais clara esses resultados gerais, confirmando a nossa hipótese inicial de que encontraríamos diferenças bastante significativas ao compararmos o uso dessas preposições no português brasileiro e europeu e, conseqüentemente, no modo como suas respectivas normas se apresentam. Assim, apostamos novamente na importância do gênero textual “carta de leitoras” quando relacionado à incorporação de novas preposições em suas construções, revelando uma maior permeabilidade aos traços orais juntamente com uma menor sensibilidade à norma gramatical em questão.



**Gráfico 03.** Uso das preposições na revista *Capricho*



**Gráfico 04.** Uso de preposições na revista *Bravo*

Visando estabelecer uma maior relação com os fatores aqui selecionados – *tipos de verbo e a natureza semântica dos complementos preposicionados* –, trazemos abaixo uma análise mais específica dos dados levantados, a fim de contribuir para um maior entendimento acerca dos assuntos estudados e desenvolvidos neste trabalho.

#### 4.2 Uma análise mais específica dos dados

Quando observamos os resultados gerais apresentados no item anterior, notamos a prevalência das preposições **a** e **para**, já que são elas que se apresentam com maior frequência, quando comparadas às preposições **até** e **em**. Sendo, então, a alternância entre **a** e **para** a mais produtiva, optamos por apresentar nessa subseção, através de uma análise mais específica, os dados em que concorrem apenas essas duas preposições. Logo, trabalharemos, aqui, com 282 dados correspondentes à revista *Capricho*, sendo que 149 deles (53%) apresentam a preposição **para** e 133 (47%) a preposição **a**; e com 237 dados retirados da revista *Bravo*, 48 deles (20%) apresentando a preposição **para** e 189 (80%) a preposição **a**. Consideraremos para a nossa análise os *tipos de verbo* e a *natureza do complemento*.

Desta forma, ao observarmos, nas revistas *Capricho* e *Bravo*, o uso das preposições em relação aos *tipos de verbos* analisados, encontramos resultados bastante divergentes e significativos, como nos mostra a tabela 01.

**Tabela 01.** O emprego das preposições e os tipos verbais.<sup>59</sup>

	Tipo de Verbo			
	Ocorrências Capricho		Ocorrências Bravo	
	PARA	A	PARA	A
<b>Transferência verbal</b>	<b>29 (78,4%)</b>	08 (21,6%)	-	<b>63(100%)</b>
<b>Direção</b>	88 (44,9%)	<b>108 (55,1%)</b>	42 (27,8%)	<b>109 (72,2%)</b>
<b>Transferência material</b>	<b>17 (85%)</b>	03 (15%)	02 (33,3%)	<b>04 (66,7%)</b>
<b>Movimento com transferência</b>	<b>06 (60%)</b>	04 (40%)	03 (50%)	<b>03 (50%)</b>

Percebemos que, na revista *Capricho*, temos a predominância da preposição **para** com praticamente todos os tipos verbais, com exceção dos verbos de *direção*, que apresentam 108 casos (55,1%) com a preposição **a**. Notamos, ainda, que os verbos de *transferência verbal*, como mostrado nos exemplos (67) e (68), apresentam um valor bastante significativo em relação à preposição **para**, já que 78,4% dos dados trazem esta preposição e, apenas 21,6% dos casos apresentam a preposição **a**.

(67) “O ano passado inteiro eu **pedi para a minha mãe** me deixar viajar com os meus primos...” [*Capricho*, 15/01/2012, p.09]

(68) “**Contei** tudo do Brasil **para elas** e até falei da CH e dos Colírios!” [*Capricho*, 15/01/2012, p.09]

Em seguida, temos os verbos de *transferência material* (85%) e de *movimento com transferência* (60%) que, ainda que com um número menor de dados, também mostram a prevalência da preposição **para**, como vemos em (69) e (70).

(69) “Também fui sorteada para ir ao camarim das bandas, mas, como já tinha conhecido os caras, e minha melhor amiga não, **dei a senha para ela**.” [*Capricho*, 23/03/2012, p.08]

(70) “**Levei o CD** do Linkin Park **pra escola**.” [*Capricho*, 17/04/2005, p.96]

Com a revista *Bravo*, vemos uma situação inversa, já que é a preposição **a** que prevalece em relação a todos os tipos de verbos selecionados. Aqui, os verbos de

<sup>59</sup> Os verbos *leves*, anteriormente apresentados, serão tratados separadamente, na subseção 3.4, a fim de melhor compreendermos seus usos e valores.

**transferência verbal** destacam-se com 63 casos (100%) com a preposição **a**, como vemos em (71), e nenhum caso com a preposição **para**.

(71) **Dizer aos pais** pode ser a parte mais assustadora, mas quase de certeza que não vão deixar-te ficar mal na altura que mais precisa deles. [*Bravo*, 22/02/2011, p.36]

Em seguida, ressaltamos os verbos de *direção*, com 72,2% correspondentes aos 109 casos com a preposição **a**, ilustrados em (72) e (73).

(72) **Fomos ao cinema** e ficamos sentadas mesmo no cimo da sala, nos últimos lugares. [*Bravo*, 03/05/2011, p.31]

(73) Creio que ele sabia e que sentia o mesmo por mim, até porque nas férias do Natal **fui a sua casa** e como estávamos a sós, acabámos por curtir. [*Bravo*, 8/2/2011, p.36]

Os verbos de *movimento com transferência* se mostraram equiparados, com três casos com a preposição **para** e três casos com a preposição **a**, como vemos nos exemplos de (74) a (79).

(74) “Raramente **levo sutiã para a escola**, mas no outro dia levei, para mostrar aos mais velhos que não era infantil.” [*Bravo*, 29/06/2010, p.21]

(75) “A minha mãe costura muito bem e decidi fazer-me um fato-de-banho para este Verão. [...] Mas como a vi emocionada, tive pena de dizer que não gostava, e por isso vesti-o e **levei-o para a festa**.” [*Bravo*, sem data, p.45]

(76) “Coube-me a tarefa de encher um **jarro de água para levar para a mesa**.” [*Bravo*, 03/05/2011, p.31]

(77) “[...] damos as mãos, trocamos olhares e sorrisos e **levo-a a casa** de bicicleta.” [*Bravo*, 21/09/2012, p.36]

(78) “Se, por acaso, o tempo for passando e o período não surgir, fala com a tua mãe para **te levar ao médico de família**, que avaliará a tua situação.” [*Bravo*, 06/04/2010, p.32]

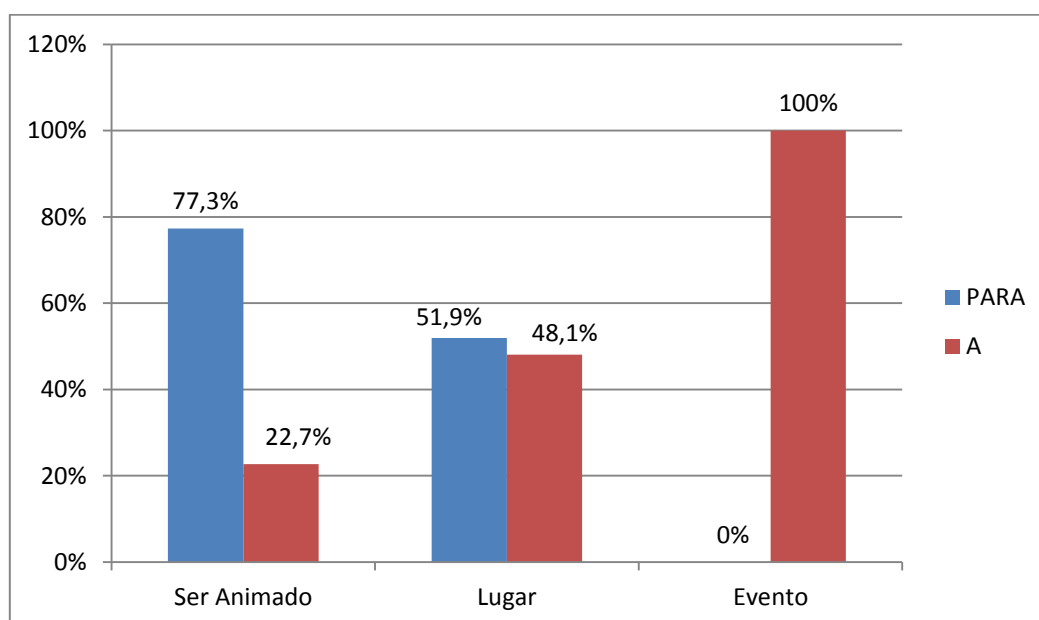
(79) “O rapaz ficou com uma cara super estranha, mas acabou por ir comigo ao supermercado e **levou-me a casa**.” [*Bravo*, 14/12/2010, p.34]

Já os verbos de *transferência material* apresentam apenas dois casos (33,3%) com a preposição **para**, apresentados nos exemplos (80) e (81).

(80) Eu e umas amigas tínhamos decidido fazer uma partida a uma inimiga nossa: **enviar uma carta** anónima **para o rapaz** de quem julgávamos que ela gostava, a contar como ela estava perdida de amores por ele. [*Bravo*, 03/05/2011, p.31]

(81) “Mas percebi tarde de mais que tinha **enviado** as duas **para ela**.” [*Bravo*, 16/01/2010, p.34]

Quando observamos a relação entre o uso das preposições e a natureza do complemento, percebemos, na revista *Capricho*, que existe a prevalência da preposição **para** com os complementos “lugar” e “ser animado”. Entretanto, a preposição **a** se destaca quando o complemento verbal apresenta “noção abstrata” ou foi classificado como “evento”. O complemento “instituição” apresenta um único caso com cada uma das preposições trabalhadas. Nenhum caso com o complemento “objeto” foi encontrado. Temos, respectivamente, de (82) a (86), alguns exemplos.



**Gráfico 05.** O uso das preposições e a natureza dos complementos – revista *Capricho*<sup>60</sup>

(82) “Meu maior sonho é **ir para a Disney**.” (Complemento “lugar”) [*Capricho*, 23/09/2012, p.12]

<sup>60</sup> A tabela 02 nos mostra o número de ocorrências encontradas, na revista *Capricho*, referente à natureza semântica do complemento.

**Tabela 02.** Natureza semântica do complemento – Revista *Capricho*

Natureza semântica do completo – Ocorrências					
Prep./Compl.	Ser Animado	Lugar	Evento	Noção Abstrata	Instituição
<b>PARA</b>	51 (77,3%)	96 (51,9%)	-	01 (14,3%)	01 (100%)
<b>A</b>	15 (22,7%)	89 (48,1%)	23 (100%)	06 (85,7%)	-

(83) “Eu estava na igreja e tinha um grupo de fora cantando, quando um carinha lindo do grupo **trouxe para mim uma máquina fotográfica** e disse que era só apertar o botão.” (Complemento “ser animado”) [*Capricho*, 08/11/2009, p.08]

(84) “Hoje em dia penso muito no futuro, mas aprendi a **dar mais valor ao presente!**” (Complemento “noção abstrata”) [*Capricho*, 08/01/2006, p.96]

(85) “**Fui ao show** do Skank e queria conhecer o Samuel Rosa” (Complemento “evento”) [*Capricho*, 02/06/2002, p.94]

(86) “**Esta pergunta** absurda não **chegou à redação.**” (Complemento “instituição”) [*Capricho*, 04/04/2004]

Podemos pensar que a prevalência da preposição **para** com os complementos “lugar” e ser “animado” aconteça, pois, de alguma forma, ela corresponde à também prevalência dos verbos de *direção* (considerados, aqui, pelo número bastante significativo de casos com a preposição **para**) e transferência *verbal*, de modo que estes sejam os complementos mais prototípicos para os tipos verbais em questão. Esse resultado também pode ser interpretado como favorável à hipótese de que contextos que descrevem uma situação (mais) concreta seriam mais propícios ao uso de formas inovadoras (nesse caso, a preposição **para**). Temos que dos 149 casos com a preposição **para**, 96 deles correspondem a um complemento “lugar” e 51 a um complemento “ser animado”.

Os casos em que prevalece a preposição **a** apresentam um número absoluto de ocorrências menor. Notamos que dos sete casos referentes ao complemento “noção abstrata”, seis deles correspondem à preposição **a**; já o complemento “evento” apresenta 23 casos com essa preposição. Em relação ao complemento “instituição” não temos nenhum caso com tal preposição.

É de grande importância destacar que o grupo de fatores “natureza do complemento” foi selecionado pelo programa estatístico GOLDVARB como sendo o grupo explicativamente mais relevante na análise dos dados da revista *Capricho*.

Ao observarmos a tabela 03<sup>61</sup>, temos os valores correspondentes aos pesos relativos de cada um dos tipos de complemento analisados e notamos que são os complementos “ser animado” e “lugar” que apresentam, comparativamente ao complemento “noção abstrata”, uma maior propensão ao uso da preposição **para**; sendo que este último complemento (“noção abstrata”) privilegia o emprego da preposição **a**.

---

<sup>61</sup> Os complementos “evento” e “instituição” não fazem parte deste cálculo referente ao peso relativo por não apresentarem variação.

Tais valores correspondem àqueles anteriormente mostrados por meio de índices percentuais, justificando, então, os numerosos casos encontrados quando temos os complementos “ser animado” e “lugar” empregados junto da preposição **para**.

**Tabela 03.** Peso relativo “natureza do complemento” – Revista *Capricho*

Peso Relativo - Natureza do Complemento			
Prep./Compl.	Noção Abstrata	Ser animado	Lugar
<b>Preposição PARA</b>	0.108	<b>0.712</b>	<b>0.440</b>
<b>Preposição A</b>	<b>0.892</b>	0.288	0.560

Ao voltarmos nossos olhares para a revista *Bravo*, notamos que os valores relacionados à natureza dos complementos aqui selecionados são praticamente inversos aos resultados obtidos com a revista *Capricho*. Temos, assim, a preponderância da preposição **a** com todos os tipos de complemento trabalhados, sendo que poucos casos com a preposição **para** foram encontrados. Quando analisamos o complemento “ser animado”, observamos que dos 71 casos encontrados, apenas dois apresentam a preposição **para** (com verbos de *transferência material*), como mostrados em (87) e (88), e todos os outros a preposição **a**.

(87) “Eu e umas amigas tínhamos decidido fazer uma partida a uma inimiga nossa: **enviar uma carta** anônima **para o rapaz** de quem julgávamos que ela gostava, a contar como ela estava perdida de amores por ele.” [*Bravo*, 03/05/2011, p.31]

(88) “Mas percebi tarde de mais que tinha **enviado as duas para ela**.” [*Bravo*, 16/01/2010, p.34]

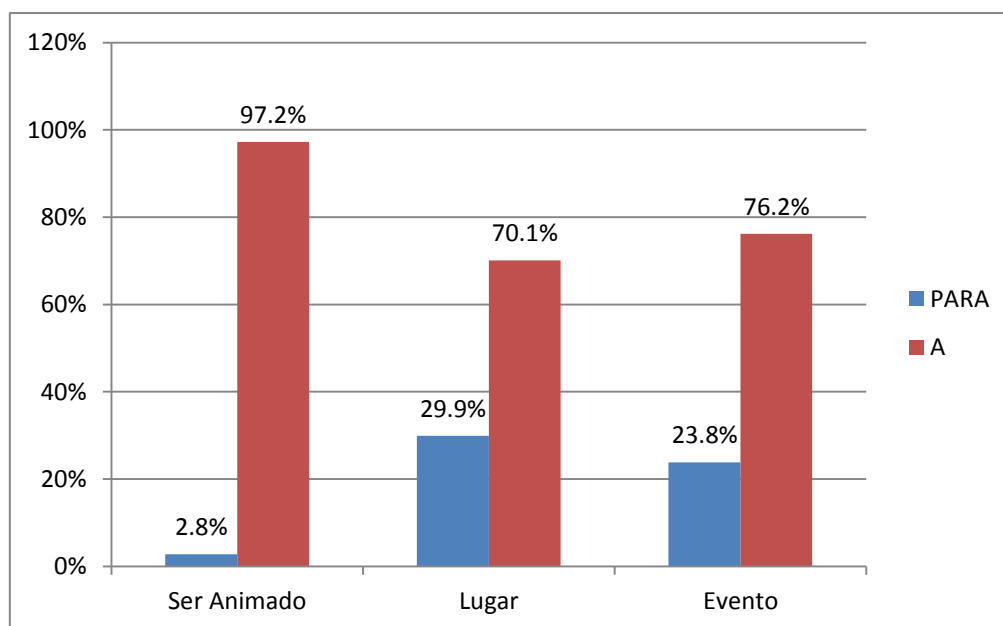
Já com o complemento “lugar”, notamos que dos 137 casos encontrados, 41 deles (29,9%) correspondem à preposição **para** e, ainda que a preposição **a** prevaleça, é com este tipo verbal que temos o maior número de casos com a preposição **para**. A esses dois complementos (“ser animado” e “lugar”) cabe a mesma justificativa empregada aos dados da revista *Capricho*: eles podem também corresponder aos verbos de *direção* e de *transferência verbal*, como forma de melhor completar os sentidos por eles empregados. Os exemplos (89) e (90) ilustram cada um desses complementos.

(89) “Uma decisão que terás que enfrentar, mais cedo ou mais tarde, é como **contar aos pais e amigos**.” (Complemento “ser animado”) [*Bravo*, 22/2/2011, p.36]

(90) “No fim de semana passado, eu e outros colegas **fomos para casa de uma amiga** e excedemo-nos um pouco.” (Complemento “lugar”) [*Bravo*, 14/12/2010, p.37]



Vemos, no gráfico 05, de que modo tais complementos se relacionam com o uso dessas preposições.



**Gráfico 06.** O uso das preposições e a natureza dos complementos – revista *Bravo*<sup>62</sup>

Além dos resultados já comentados, percebemos com a análise do gráfico que o complemento “evento” apresenta também um número maior de casos com a preposição **a**, aproximando-se com isso do complemento “lugar”, ainda que apenas cinco dos 21 dados encontrados correspondam à preposição **para** (quatro empregados com verbos de *direção* e um com o verbo de *movimento com transferência*), como vemos abaixo.

(91) “Muito apressada voltei a casa e lá voltei para **ir para a aula.**” (Complemento “evento”) [*Bravo*, 22/02/2011, p.31]

(92) “A minha mãe costura muito bem e decidi fazer-me um fato-de-banho para este Verão. [...] Mas como a vi emocionada, tive pena de dizer que não gostava, e por isso vesti-o e **levei-o para a festa.**” (Complemento “evento”) [*Bravo*, sem data, p.45]

<sup>62</sup> A tabela 04 nos mostra o número de ocorrências encontradas, na revista *Bravo*, referente à natureza semântica do complemento.

**Tabela 04.** Natureza semântica do complemento – Revista *Bravo*

Natureza semântica do completo – Ocorrências					
Prep./Compl.	Ser Animado	Lugar	Evento	Noção Abstrata	Instituição
<b>PARA</b>	02 (2,8%)	41 (29,9%)	05 (23,8%)	-	-
<b>A</b>	<b>69 (97,2%)</b>	<b>96 (70,1%)</b>	<b>16 (76,2%)</b>	<b>07 (100%)</b>	<b>01 (100%)</b>

Ainda sobre a natureza do complemento, é importante destacar aqui os casos referentes aos complementos “instituição” e “noção abstrata”, já que nenhum deles apresentou dados com o emprego de **para**. Encontramos, assim, sete casos em que o complemento se refere à uma noção abstrata, todos empregados com verbos *leves*; e apenas um relacionado com o complemento “instituição” e empregado com verbo de *transferência verbal*, mostrados nos exemplos de (93) a (95), respectivamente. Nenhum caso com o complemento “objeto” foi encontrado.

(93) “Se a tua preocupação é seduzir, pensa que os rapazes, mais do que a beleza, **dão importância à personalidade** e sentem-se atraídos por raparigas simpáticas, com personalidade e senso de humor.” (Complemento “noção abstrata”) [*Bravo*, 25/01/2011, p.36]

(94) “Para isso, terás de aprender a não **dar importância àquilo que os outros pensam de ti**, desfrutando das coisas que fazes.” (Complemento “noção abstrata”) [*Bravo*, 30/11/2010, p.36]

(95) “Em último caso, até podes **denunciá-lo à polícia**.” (Complemento “instituição”) [*Bravo*, 06/04/2010, p.32]

Além disso, precisamos destacar o fato de nenhum grupo de fatores ter sido selecionado como relevante pelo programa GOLDVARB, o que justifica, então, a ausência dos pesos relativos referente à revista *Bravo* e reitera a ideia de pouca variação em relação a esses dados.

Buscando uma análise ainda mais refinada dos dados, também trabalharemos aqui com os cruzamentos, permitidos pelo programa estatístico GOLDVARB, entre os tipos de verbos e a natureza de seus complementos.

Ao observarmos, então, esses cruzamentos, percebemos, assim como já afirmado anteriormente, que são os verbos de *direção* que apresentam um maior número de dados, tanto na revista *Capricho* (196 dados) quanto na revista *Bravo* (151 dados).<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Devido a este fator, os verbos de *direção* exigem uma análise mais refinada, que será apresentada na subseção 3.3.1.

**Tabela 05.** Verbos de direção e a natureza do complemento

Verbos de direção e a natureza do complemento – Ocorrências				
	Prep./Compl.	Lugar	Evento	Ser Animado
<i>Capricho</i>	Preposição PARA	88 (51%)	-	-
	Preposição A	84 (49%)	23 (100%)	01 (100%)
<i>Bravo</i>	Preposição PARA	38 (29%)	04 (20%)	-
	Preposição A	92 (71%)	16 (80%)	01 (100%)

Conforme analisamos a tabela 05, vemos que esse tipo verbal se relaciona, principalmente, com o “complemento lugar”, sendo que os números de ocorrências que encontramos também são muito semelhantes entre as duas revistas. Na *Capricho*, dos 172 casos com este complemento, 88 deles (51%) correspondem à preposição **para** e 84 (49%) à preposição **a**. Na *Bravo*, identificamos um uso inverso dessas preposições, já que encontramos 38 (29%) dados correspondentes à preposição **para** e 92 (71%) com a preposição **a**, somando um total de 130 casos.

Percebemos, assim, quando analisamos os verbos de *direção* junto do “complemento lugar” que, nos dados brasileiros, a diferença percentual no emprego das duas preposições é muito pequena, podendo existir, na combinação desses dois fatores, significados de mesmo valor em relação aos possíveis usos de **a** e **para**, como vemos nos exemplos (96) e (97).

(96) “Após dez meses na China, trabalhando como modelo, **voltei ao Brasil.**” [*Capricho*, 19/12/2010, p.13]

(97) “Se Deus quiser, não demoro a **voltar para São Paulo.**” [*Capricho*, 14/02/2010, p.08]

Em contrapartida, nos dados portugueses, percebemos um uso bastante significativo da preposição **a**, porém, é com este tipo de verbo e complemento que encontramos o maior número de casos com a preposição **para**, evidenciando uma variação entre as duas preposições, usadas, muitas vezes, em construções praticamente idênticas, conforme mostrado em (98) e (99).

(98) “Eu e as minhas amigas decidimos **ir à praia** para apanhar banhos de Sol.” [*Bravo*, 10/08/2010, p.31]

(99) “Uma tarde, depois de almoçar, **fui** com as minhas amigas **para a praia.**” [*Bravo*, sem data, p.18]

Ainda em relação aos verbos de *direção*, também notamos seus usos juntamente dos complementos “evento” e “ser animado”. Temos que, na revista *Capricho*, 23 casos correspondem a esse tipo de verbo e complemento, sendo que nenhum deles apresenta a preposição **para**, como vemos em (100).

(100) “Uma vez **fui à festa** de um ex-namorado e a gente acabou ficando de novo.” (Complemento “evento”) [*Capricho*, 18/04/2004, 55]

De modo bastante similar, vemos na revista *Bravo* 16 casos com a preposição **a** e apenas 04 com a preposição **para**, conforme os exemplos (101) e (102).

(101) “Seguramente que têm algo em comum, como o tipo de música e, nesse caso, podem combinar um programa juntos, como **ir a um concerto**.” (Complemento “evento”) [*Bravo*, 22/2/2011, p.36]

(102) “Pedi-lhe para **ir para a aula** enquanto eu ia à casa de banho.” (Complemento “evento”) [*Bravo*, 15/06/2010, p.22]

Além disso, um único caso com o complemento “ser animado” foi encontrado com verbos de *direção*, em cada uma das revistas, com a preposição **a**, assim como mostramos em (103) e (104). Nenhum caso com os complementos “noção abstrata” e “ser animado” foi encontrado na *Capricho* ou na *Bravo*.

(103) “**Fui ao dentista** com minha mãe.” (Complemento “ser animado”) [*Capricho*, 19/12/2010, p.101]

(104) “**Vou pela primeira vez ao ginecologista** e estou supernervosa.” (Complemento “ser animado”) [*Bravo*, 25/01/2011, p.36]

Após os verbos de *direção*, encontramos com um número ainda bastante significativo de dados, os verbos de *transferência verbal*. Percebemos, na revista *Capricho*, que dos 37 casos totais, apenas 08 deles (22%) apresentam a preposição **a**. Contrapondo-se totalmente a esse quadro, na revista *Bravo*, temos 63 casos com a preposição **a** e nenhum caso apresenta a preposição **para**. Além disso, é o complemento “ser animado” que se destaca, nas duas revistas, junto deste tipo de verbo.

Tabela 06 Verbos de *transferência verbal* e a natureza do complemento

Verbos de transferência verbal e a natureza do complemento – Ocorrências				
	Prep./Compl.	Ser animado	Noção Abstrata	Instituição
<i>Capricho</i>	Preposição PARA	29 (81%)	-	-
	Preposição A	07 (19%)	(01) 100%	-
<i>Bravo</i>	Preposição PARA	-	-	-
	Preposição A	62 (100%)	-	01 (100%)

Temos, na *Capricho*, 36 casos com o complemento “ser animado”, sendo que 29 apresentam a preposição **para** e apenas 07 a preposição **a**, como vemos em (105) e (106), respectivamente.

(105) “**Perguntei à minha amiga** se ela não queria passar por eles dando risada, só pra se achar.” (Complemento “ser animado”) [*Capricho*, 08/06/2008, p.106]

(106) “Afinal, se você **perguntar para ela**, claro que sua amiga vai negar até a morte.” (Complemento “ser animado”) [*Capricho*, 15/06/2003, p.67]

Já na revista *Bravo*, ainda com esse complemento, temos 62 casos com a preposição **a** e nenhum caso com a preposição **para**, assim como mostrado no exemplo (107).

(107) “Já **pedi aos meus pais**, mas dizem-me que não pode ser, porque a casa só tem três assoalhadas: a sala e dois quartos.” (Complemento “ser animado”) [*Bravo*, 23/03/2011, p.37]

É preciso destacar que, na revista brasileira, um único caso com a preposição **a** e o complemento “noção abstrata” foi encontrado, enquanto que, nos dados portugueses, temos um único caso, também com a preposição **a** e o complemento “instituição”. Os exemplos (108) e (109) ilustram, respectivamente, esses dois casos.

(108) “Por isso, me sinto privilegiada em ter tido a honra de **responder ‘quero’ ao ‘quer namorar comigo?’ do meu namorado.**” (Complemento “noção abstrata”) [*Capricho*, 12/10/2008, p.08]

(109) “Em último caso, até podes **denunciá-lo à polícia.**” (Complemento “instituição”) [*Bravo*, 06/04/2010, p.32]

Observamos também os casos relacionados aos verbos de *transferência material* e de *movimento com transferência*, ambos com um número reduzido de dados, tanto na revista *Capricho* quanto na revista *Bravo*. Sobre o primeiro tipo verbal, temos 20 casos

distribuídos entre os complementos “ser animado” e “lugar” e “instituição”, na revista *Capricho*, prevalecendo em todos eles a preposição **para**, conforme vemos nos exemplos de (110) a (112). Na revista *Bravo*, temos distribuídos entre os complementos “ser animado” e “lugar”, sendo que apenas dois deles apresentam a preposição **para**, conforme mostrados em (113) e (114). A tabela 07 nos ajuda a compreender melhor os valores obtidos.

**Tabela 07.** Verbos de transferência material e a natureza do complemento

Verbos de transferência material e a natureza do complemento – Ocorrências				
	Prep./Compl.	Ser animado	Lugar	Instituição
<i>Capricho</i>	Preposição PARA	13 (87%)	03 (75%)	01 (100%)
	Preposição A	02 (13%)	01 (25%)	-
<i>Bravo</i>	Preposição PARA	02 (40%)	-	-
	Preposição A	03 (60%)	01 (100%)	-

(110) “Na hora de entregar os presentes troquei tudo: **entreguei o presente** do meu ficante **para o meu namorado.**” (Complemento “ser animado”) [*Capricho*, 01/06/2003, p.88]

(111) “Com o meu jeito eufórico, comecei a **mandar uns torpedos pro celular dele**, um atrás do outro.” (Complemento “lugar”) [*Capricho*, 13/06/2004, p.85]

(112) “**Manda o link para a redação!**” (Complemento “instituição”) [*Capricho*, 20/07/2008, p.88]

(113) “Eu e umas amigas tínhamos decidido fazer uma partida a uma inimiga nossa: **enviar uma carta** anônima **para o rapaz** de quem julgávamos que ela gostava, a contar como ela estava perdida de amores por ele.” (Complemento “ser animado”) [*Bravo*, 03/05/2011, p.31]

(114) “Mas percebi tarde demais que tinha **enviado as duas** [mensagens] **para ela.**” (Complemento “ser animado”) [*Bravo*, 16/01/2010, p.34]

Sobre os verbos de *movimento com transferência*, encontramos 10 casos, na revista *Capricho*, e apenas 06, na revista *Bravo*.

**Tabela 08.** Verbos de movimento com transferência e a natureza do complemento  
**Verbos de movimento com transferência e a natureza do complemento –**  
**Ocorrências**

	Prep./Compl.	Ser animado	Lugar	Evento
Capricho	Preposição PARA	01 (100%)	05 (56%)	-
	Preposição A	-	04 (44%)	-
Bravo	Preposição PARA	-	02 (40%)	01 (100%)
	Preposição A	-	03 (60%)	-

Temos, novamente, na revista brasileira, a prevalência da preposição **para**, tanto com o complemento “lugar” quanto com o complemento “ser animado”, como vemos nos exemplos (115) e (116).

(115) “**Levei o CD** do Linkin Park **pra escola.**” (Complemento “lugar”) [*Capricho*, 17/04/2005, p.96]

(116) “Eu estava na igreja e tinha um grupo de fora cantando, quando um carinha lindo do grupo **trouxe para mim uma máquina fotográfica** e disse que era só apertar o botão.” (Complemento “ser animado”) [*Capricho*, 22/01/2006, p.85]

Já na revista portuguesa, encontramos 05 casos com o complemento “lugar”, sendo que dois deles apresentam a preposição **para** e um único caso com o complemento “evento” e essa mesma preposição, assim mostrado em (117) e (118), respectivamente.

(117) “Coube-me a tarefa de encher um **jarro de água para levar para a mesa.**” (Complemento “lugar”) [*Bravo*, 03/05/2011, p.31]

(118) “A minha mãe costura muito bem e decidi fazer-me um fato-de-banho para este Verão. [...] Mas como a vi emocionada, tive pena de dizer que não gostava, e por isso vesti-o e **levei-o para a festa.**” (Complemento “evento”) [*Bravo*, sem data, p.45]

Assim, diante dos dados ora apresentados e de seus possíveis cruzamentos, conseguimos já afirmar que as preposições **a** e **para** podem ser consideradas variantes em contexto de complementação verbal no português. Isso se dá, em particular, nos contextos que trazem verbos de *direção* e de *transferência verbal* e de forma mais robusta na variedade brasileira representada pelos dados da *Capricho*. É buscando uma compreensão ainda mais ampla, porém refinada, dos dados, que trazemos, no próximo

item, um detalhamento sobre casos em que são possíveis outras alternâncias entre as preposições aqui trabalhadas.

#### 4.2.1 Observando os verbos de *direção* e suas possíveis alternâncias

Os verbos de *direção* merecem aqui um olhar especial e mais atento devido ao fato de, assim como já afirmado anteriormente, terem apresentado um maior número de dados no levantamento realizado e, principalmente, por serem o único tipo verbal trabalhado a apresentar outras possíveis alternâncias entre as preposições selecionadas, além daquelas ocorridas entre **a** e **para**. Isso significa que nenhum outro tipo de verbo (*transferência verbal e material, movimento com transferência* e verbos *leves*), senão os de *direção*, apresentou casos com as preposições **até** e **em**. Assim, é importante observarmos e destacarmos quais são os casos em que essas preposições aparecem, ainda que em menor frequência.

Para melhor compreendermos os usos e empregos existentes entre alternância **a** e **em**, nos basearemos novamente no trabalho de Mollica (1996), que realiza um estudo sobre o verbo “ir de movimento”. Sobre os dados selecionados, encontramos, na revista *Capricho*, verbos como “ir”, “chegar”, “voltar” e “correr” ocorrendo junto da preposição **a**, enquanto que os 19 casos que acompanham a preposição **em** dividem-se entre os verbos “ir” e “chegar”. Na revista *Bravo*, não há nenhum dado com essa preposição. Tal fato permite-nos pensar que a revista brasileira pode estar mais aberta a casos de variação, uma vez que apresenta uma maior alternância entre **a** e **em**, quando relacionados aos verbos de *direção*. Segundo os estudos realizados por Mollica (1996), as alternâncias entre **a** e **para** são as mais aceitas e, portanto, mais recorrentes, sendo os casos com a preposição **em** avaliados como erros pelos Manuais de Gramática e, conseqüentemente, pela norma-padrão.

Sobre a preposição **em** e seus usos com verbos de *direção*, Mollica (1996) explica que tais casos são mais constantes quando se trata de um locativo [+fechado] e [+definido]. Conforme mostramos nos exemplos de (119) a (124), encontramos casos em que o locativo pode ser assim definido com a preposição **em**, mas que se alternam claramente com a preposição **a**.

(119) “Na volta, tomamos um suco, **fui no banheiro** da lanchonete e ficamos olhando vitrines.” [*Capricho*, 03/09/2006, p.96]



(120) “Estava no fim de um show com minhas amigas quando **fui ao banheiro**.” [Capricho, 27/04/2008, p.96]

(121) “[...] quer dizer que todo mundo pode **ir lá na loja** e quebrar a vitrine que ela não faz nada só porque já quebrou uma vez?” [Capricho, 02/08/2009, p.78]

(122) “Um dia, quando acordei, tinha um recado da minha mãe na cozinha, falando para eu **ir à loja do lado** de casa experimentar uma calça que ela tinha separado para mim.” [Capricho, 25/05/2008, p.96]

(123) “O pior é que tive que usar para **ir na casa** dos avós dele!” [Capricho, 01/06/2003, p.88]

(124) “Nunca mais **fui à casa** dessa minha amiga.” [Capricho, 28/08/2011, p.92]

Em outros casos, ainda que consideremos que os traços semânticos do locativo influenciam a escolha da preposição, percebemos que o traço [+fechado] nem sempre se aplica, uma vez que a preposição **em** foi encontrada junto de um locativo [-fechado].

(125) “Daí o Marcelo chegou e a gente **foi numa rua** onde não tinha ninguém.” [Capricho, 30/10/2005, p.99]

(126) “**Chegaríamos na praia** todo mundo enrolado numa toalha, sem nada por baixo.” [Capricho, 24/08/2003, p.90]

É preciso destacar ainda os casos com o verbo “chegar”, que admitem apenas a alternância entre as preposições **a** e **em**, excluindo-se daí a possibilidade de casos com **até** e **para**.

(127) “É claro que, quando **cheguei em casa**, a primeira coisa que fiz foi correr para o banho.” [Capricho, 01/03/2009, p.07]

(128) “Um dia, quando **cheguei à classe**, minhas amigas já foram falando: ‘O garoto mais popular da escola pediu para ficar com você.’” [Capricho, 24/08/2003, p.91]

(129) “Foi só a revista **chegar na banca** para começar o bombardeio de mensagens [...]” [Capricho, 14/10/2007, p.08]

(130) “Assim que a **revista chegou às bancas**, eu corri para garantir a minha.” [Capricho, 28/11/2011, p.08]

Na revista Bravo, ainda que nenhum caso com a preposição **em** tenha sido encontrado, pudemos observar a ocorrência de alguns dados com a preposição **a** e o verbo “chegar”, como vemos nos exemplos de (131) a (133), o que reitera a ideia de pouca variação em relação a esses dados.

(131) “Quando finalmente **chegámos a cimo do monte**, sentei-me numa pedra para comer.” [*Bravo*, 05/10/2010, p.33]

(132) “Na segunda feira **chegámos à aula** e disse-nos que no dia seguinte tínhamos teste de toda a matéria dada até então.” [*Bravo*, 08/03/2011, p.31]

(133) “Assim, quando **chegámos ao café**, inclinei-me para cumprimentar os rapazes e aquele de quem eu gostava fez cara de nojo e perguntou se eu tinha posto insecticida por engano!” [*Bravo*, sem data, p.47]

Enquanto a preposição **em** “denota interioridade com referência ao lugar e ao tempo” (ALI *apud* POGGIO, 2002, p.193), a preposição **até**, ao contrário, possui um valor semântico bastante claro: a ideia de um limite final. Um único caso com essa preposição foi encontrado, conforme mostramos em (134), podendo sua justificativa estar aliada ao fator já mencionado de que esses dados sugerem que os falantes da variedade europeia (PE) são menos sensíveis à variação. Nenhum caso com a preposição **a**, em que seria possível uma alternância exclusiva com a preposição **até** foi encontrado.

(134) “**Vai até a piscina** e apresenta-te ao grupo.” [*Bravo*, 27/07/2010, p.44]

Vale destacar aqui que, durante o levantamento dos dados, foram excluídos de nossas análises estatísticas três casos, da revista *Bravo*, que apresentaram verbos de direção e a preposição **até** seguida pela preposição **a**, exemplificadas de (135) a (137). Assim como já mencionado na subseção 2.1.2, essas ocorrências são costumeiras no português europeu, ao contrário do que acontece no português brasileiro.

(135) “Estava na escola e **fomos até à biblioteca** para lermos algumas histórias que tínhamos escrito, juntamente com uma professora que é uma querida e que naquele dia até nos deu rebuçados!” [*Bravo*, 31/05/2011, p.43]

(136) “Tinha **ido até ao portão** da minha casa com meu primo que é pequenino.” [*Bravo*, sem data, p.47]

(137) “Um dos meus amigos convenceu-me a **ir até ao teleférico** e acabei por ir.” [*Bravo*, 28/12/2010, p.17]

Em contrapartida, a revista *Capricho* apresentou 15 casos com a preposição **até**, todos eles estabelecendo relações de espaço em que está presente a ideia de um limite, como vemos nos exemplos de (138) a (140). É preciso ressaltar que nenhum caso com a

preposição **a**, em que fosse possível uma alternância com a preposição **até**, exclusivamente, foi encontrado.

(138) “De madrugada, a gente estava curiosa pra saber o que eles estavam falando, então **fomos engatinhando até a porta** do quarto em que eles estavam.” [*Capricho*, 30/10/2005, p.98]

(139) “Na pressa, tropecei num degrau, caí no chão e **fui rolando até a porta**.” [*Capricho*, 06/11/2011, p.98]

(140) “**Fui até a cantina** comprar alguma coisa para comer.” [*Capricho*, 11/05/2008, p.104]

Diante da análise mais específica desses dados, pensamos que a alternância dessas preposições pode ser regida também por fatores extralinguísticos, capazes de motivar a escolha de uma preposição mais ou menos formal, de acordo com a norma-padrão. Uma vez que vemos as cartas de leitoras, tanto da revista *Capricho* quanto da *Bravo*, como um gênero mais próximo da oralidade e acreditamos que suas leitoras compartilhem de um perfil social bastante parecido (adolescentes do sexo feminino, em situações menos formais de “fala”), cabe aqui um questionamento acerca dos fatores que motivam uma maior alternância entre **a** e as preposições **até**, **em** e **para**, quando relacionadas aos verbos de *direção* na *Capricho*, e uma alternância praticamente exclusiva entre as preposições **a** e **para**, nos dados da *Bravo*.

Para tanto, elaboramos um teste de percepção, apresentado na subseção 5.5 para analisarmos com maior clareza os casos e situações que nos trazem essas dúvidas, além de tentarmos melhor esclarecê-las, na seção 5.4, através de uma análise dialógica dos dados levantados. Antes disso, no entanto, passamos a discutir a alternância das preposições no contexto de verbos *leves*.

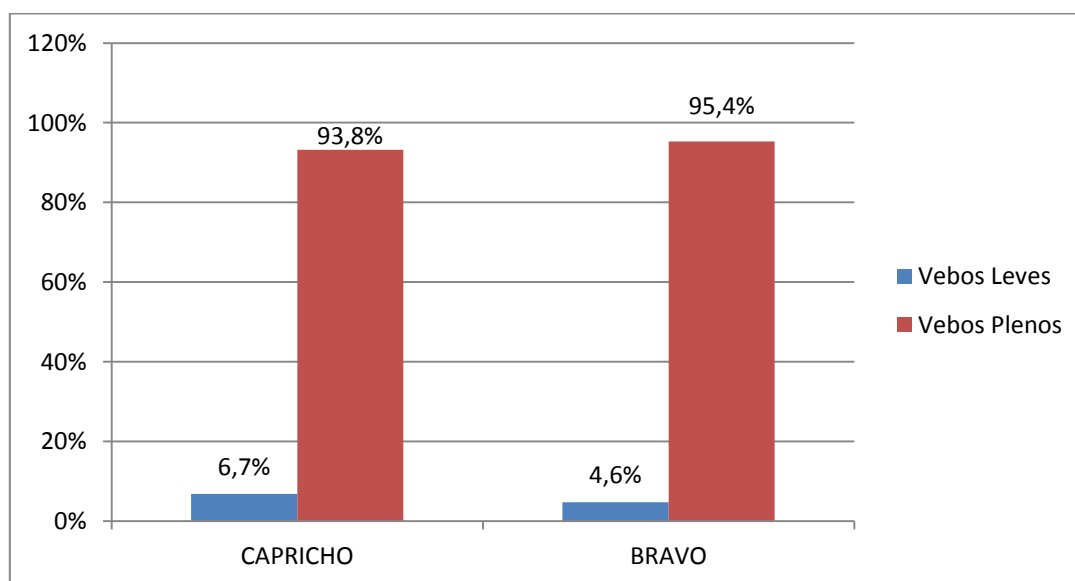
#### 4.3 Verbos leves *versus* verbos plenos: alguns resultados

Buscando uma compreensão maior acerca dos valores atribuídos aos chamados verbos *leves*, assim como as situações de uso em que são empregados, consideramos necessário um tratamento mais refinado dos dados em que esse tipo verbal foi encontrado. Relembramos, aqui, segundo Cyrino, Nunes e Pagotto (2009, p.66), que os verbos leves apresentam um “conteúdo muito mais gramatical do que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento”. Em contraposição a esses verbos,

temos os outros tipos verbais já trabalhados (verbos de *direção*, verbos de *transferência verbal* e *material* e verbos de *movimento com transferência*), chamados, então, de verbos plenos, já que apresentam uma carga semântica maior.

A inclusão da categoria verbos *leves* em nossa análise foi motivada pela hipótese de que, ao integrarem construções que tendem a funcionar como lexias, sendo empregadas e interpretadas “em bloco”, teríamos aí um contexto de maior resistência à variação, em que, de certo modo, a preposição fosse vista como parte da construção. Esperávamos, assim, encontrar índices mais altos de emprego da preposição **a** com verbos *leves* do que com verbos *plenos*.

Entre os casos analisados de verbos *leves*, encontramos com maior frequência, nas duas revistas trabalhadas, o verbo “dar”, seguido por casos com os verbos “transferir”, “oferecer” e “trazer”. Encontramos, na revista *Capricho*, 19 dados com verbos *leves*, em contrapartida a 263 dados com verbos plenos.<sup>64</sup> De modo bastante semelhante, temos na revista *Bravo* 11 dados com verbos *leves* que se contrapõem a 226 casos de verbos plenos.

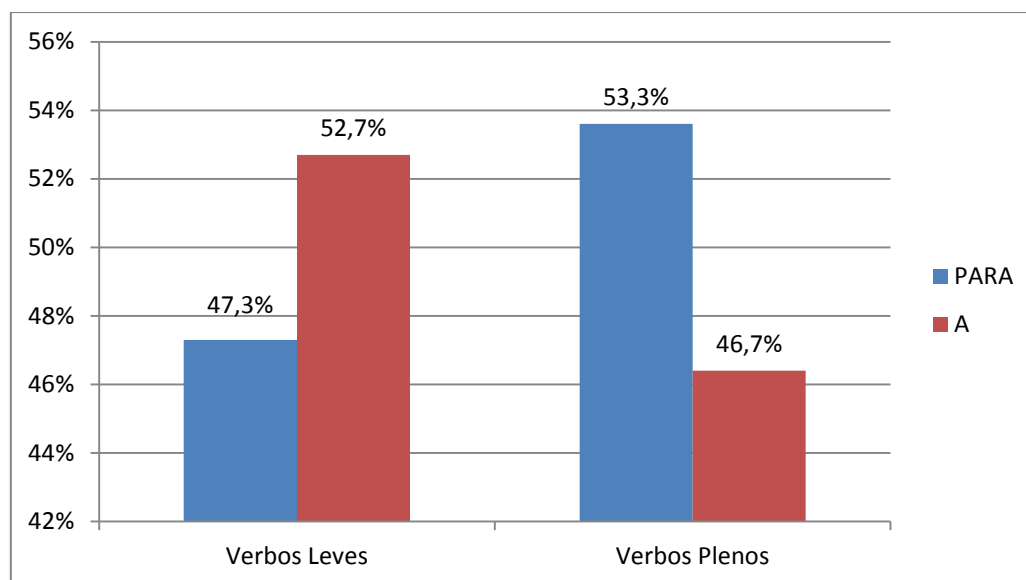


**Gráfico 07.** Verbos leves *versus* verbos plenos

Dos 19 casos da revista *Capricho*, 09 deles apresentam a preposição **para**, o que corresponde a 47,3% dos dados relacionados a este tipo verbal, conforme observamos no gráfico 08. Os outros 10 dados com a preposição **a** correspondem 52,7% dos dados. Em relação aos verbos plenos, temos que dos 263 dados com este tipo verbal, 123 dados

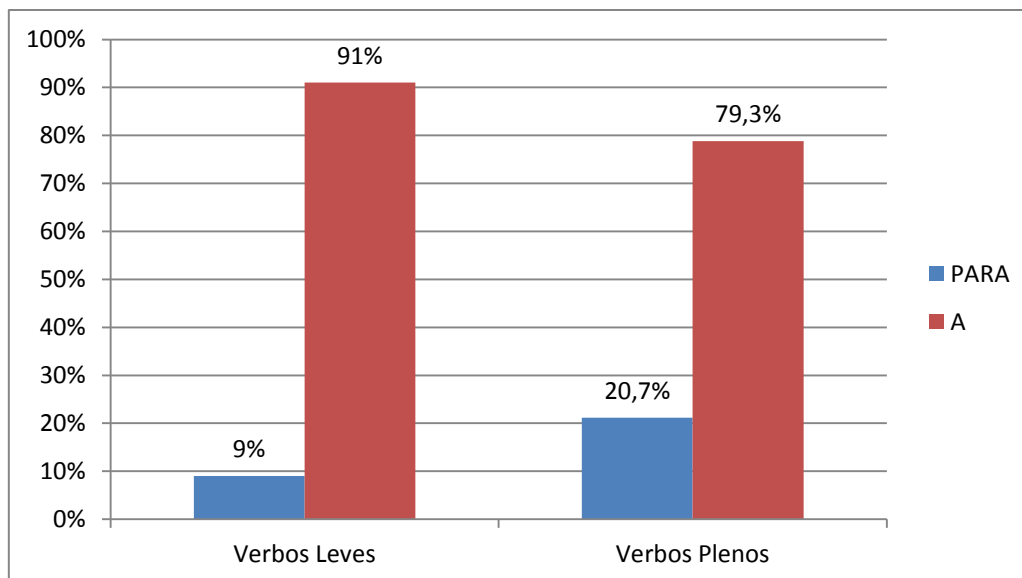
<sup>64</sup> É importante lembrar que, para a análise dos verbos *leves*, foi considerada apenas a alternância A vs. PARA, assim como feito para a análise dos outros tipos verbais, na subseção 3.3.

(46,7%) apresentam a preposição **a** e 140 dados (53,3%) a preposição **para**. Ainda que os percentuais se mostrem bastante próximos, fica claro que os verbos *leves* ocorrem, preferencialmente, com a preposição **a**, ao contrário do que acontece com os verbos plenos.



**Gráfico 08.** Os verbos *leves* e as preposições – revista *Capricho*

Na revista *Bravo*, dos 11 casos com verbos *leves*, apenas 01 deles apresenta a preposição **para**, o que corresponde a 9% dos casos com essa preposição, enquanto que 91% dos casos se referem aos dados com a preposição **a**. Em relação aos verbos plenos, ainda que a preposição **a** (79,3%) continue prevalecendo, é sensível o aumento no uso da preposição **para** (20,7%) em relação ao que se vê com verbos *leves*. O gráfico abaixo ilustra melhor os valores encontrados.



**Gráfico 09.** Os verbos *leves* e as preposições – revista *Bravo*

Quando observamos os possíveis cruzamentos entre os verbos *leves* e seus complementos, encontramos que, na revista *Capricho*, 06 deles ocorrem com o complemento “noção abstrata”, sendo que apenas um apresenta a preposição **para**, conforme vemos nos exemplos (141) e (142).

(141) “Parei **para** pensar na felicidade daquelas crianças com tão pouco e **dei valor para cada coisinha que tenho.**” [*Capricho*, 26/10/2008, p.10]

(142) “Gostaria de parabenizar e agradecer a revista por **dar atenção a um tema superimportante: o bullying.**” [*Capricho*, 17/02/2008, p.10]

Além disso, 13 casos foram encontrados junto do complemento “ser animado”, sendo que 08 (62%) apresentam a preposição **para** e 05 (38%) a preposição **a**, assim como mostrado em (143) e (144).

(143) “Queria **dar os parabéns para a galera da redação**, que faz a revista ficar cada dia melhor.” [*Capricho*, 21/12/2008, p.05]

(144) “Claro que podemos **dar uma segunda chance às pessoas vacilonas.**” [*Capricho*, 10/08/2003, p.81]

Na revista *Bravo*, o único caso com a preposição **para** ocorre junto do complemento “lugar”, como vemos em (145).

(145) “Disseram-me que os advogados têm a sua vida familiar afectada com **os problemas que trazem para casa**, para resolver.” [Bravo, 08/03/2011, p.31]

Depois disso, 07 casos (100%) foram encontrados com o complemento “noção abstrata” e a preposição **a**, exemplificados em (146) e (147), além de outros 03 casos (100%) que se mostraram, também com a preposição **a**, junto do complemento “ser animado”, assim como temos em (148) e (149).

(146) “Para isso, terás de aprender a não **dar importância àquilo que os outros pensam de ti**, desfrutando das coisas que fazes.” [Bravo, 30/11/2010, p.36]

(147) “Quando as ‘massas’ são poucas, nada melhor do que **dar asas à imaginação** e inventar programas divertidos que se possam fazer sem gastar dinheiro.” [Bravo, 19/10/2010, p.37]

(148) “Sugiro-te que entre em contacto com a Associação ILGA Portugal – Linha de Apoio sobre Homossexualidade, que **oferece apoio a jovens** como tu (e às suas famílias), ou consulta o site: [www.ilga-portugal.oninet.pt](http://www.ilga-portugal.oninet.pt).” [Bravo, 29/06/2010, p.33]

(149) “Sugiro-te que entre em contacto com a Associação ILGA Portugal – Linha de Apoio sobre Homossexualidade, que **oferece apoio** a jovens como tu (e **às suas famílias**), ou consulta o site: [www.ilga-portugal.oninet.pt](http://www.ilga-portugal.oninet.pt).” [Bravo, 29/06/2010, p.33]

Consideramos, assim, de grande importância a análise dos verbos *leves*, uma vez que eles confirmaram nossa hipótese inicial e se mostraram mais resistentes à preposição **para**, justamente por constituírem com seus complementos um tipo de construção com um grau maior de integração, que tende a funcionar como uma lexia e, sendo, portanto, menos favoráveis à introdução de formas inovadoras. É importante ainda que os verbos *leves* não se confundam com aqueles considerados plenos, pois, conforme mostrado, ainda que a forma verbal seja a mesma, assemelhando-se em muito aos verbos de *transferência material*, seus usos e valores diferem-se consideravelmente.

#### 4.4 Uma análise dialógica dos dados

Por reconhecermos o carácter social da linguagem e, conseqüentemente, seu poder de criar e estabelecer diversos tipos de relações entre aqueles que a utilizam, reconhecemos, também, a necessidade de voltar nossos olhares para os dados levantados, buscando, agora, compreendê-los dialogicamente, de modo a encontrar fatos ainda mais concretos que revelem uma possível relação criada entre as revistas, *Capricho* e *Bravo*, e suas leitoras.

Acreditamos, assim, que quanto maior a relação de amizade e intimidade existente entre a revista e suas leitoras, maior será o grau de envolvimento entre elas, o que, de certa forma, pode influenciar o modo como os temas e assuntos são desenvolvidos e, conseqüentemente, o modo como a linguagem é, então, empregada. Assim como já afirmado anteriormente, nos baseamos, para tanto, nos conceitos bakhtinianos, principalmente naqueles que defendem a relação dialógica, criada entre um “eu” e um “outro”, de forma que essas duas partes interajam e se completem.

Quando analisamos as cartas presentes nas duas revistas, podemos perceber sutis diferenças entre o modo como elas são articuladas, tanto em suas perguntas como em suas respostas, fazendo com que acreditemos que as relações estabelecidas entre a *Capricho* e suas leitoras sejam mais “fortes” do que aquelas que acontecem entre a revista *Bravo* e suas adolescentes. Justificamos tal afirmação a partir do fato de que, na *Capricho*, as perguntas e as respostas acontecem de modo muito mais descontraído e despreocupado, conforme vemos no exemplo (150). Enquanto isso, a revista *Bravo* dialoga com suas leitoras utilizando um tom mais sério e formal, influenciando, talvez, até os assuntos abordados, assim como mostrado em (151).

(150) “Há três anos, uma menina que era só uma colega de sala mudou de escola e ficamos sem nos falar. Agora ela me liga quase todos os dias e fica falando coisas sem interesse durante muuuuito tempo. Dou umas cortadas, mas ela não se toca. Como fazer para ela parar de ligar?”

R: Graças a Deus, a tecnologia existe para nos ajudar: binas, secretárias eletrônicas e outras invenções do mundo moderno. Claro que eu poderia **dizer para você dar uma chance para ela**. Não custa. De repente ela é legal e você só está implicando. Mas se você está ‘zero a fim’, filtre as ligações. Claro que ela pode achar que você está fugindo dela. Mas há algo a seu favor: ela nunca poderá provar. Depois é só dar uma das desculpas básicas que amamos: ‘meu celular estava no modo silencioso’, ‘a bateria acabou’, ‘estava ouvindo música no volume dez e não ouvi quando o telefone de casa tocou’”. (*Capricho*, 2004, p.36)

(151) “Tenho um colega de turma que me torna a vida impossível, até já chegou a agredir-me. Não foi nada assim muito grave, apenas um encontrão brusco, mas está sempre a dizer-me coisas horríveis e faz-me chorar muitas vezes. A minha família está a



par do sucedido, penso que não percebem até que ponto sofro, e dizem-me que ignore, mas já não aguento. Já só tenho o apoio das minhas amigas. O que faço?

R: Querida Catarina, o conselho que te damos é que fales com teus professores, o mais rapidamente possível, e que lhes explique exatamente o que se está a passar. A obrigação deles é ajudarem-te! Até porque esse rapaz já ultrapassou a barreira da agressão verbal, já te empurrou. Os teus pais sabem disso também? Em último caso, até podes **denunciá-lo à polícia**. O importante é que actues! Coragem!” (*Bravo*, 2010, p.22)

Percebemos, assim, que a relação que se dá entre a revista brasileira e suas leitoras é muito mais “despretensiosa”, dando-nos a impressão de que, de fato, são amigas, de mesma idade e conhecimento de mundo, e que conversam e compartilham ideias e opiniões bastante parecidas. Temos, na seção de cartas, a identificação da pessoa responsável por respondê-las, mas não sabemos ao certo sua formação (figura 07). Ao contrário, vemos na revista *Bravo* uma psicóloga (figura 08), identificada como parte da equipe editorial, respondendo tecnicamente as dúvidas enviadas. Assim, podemos dizer que ainda que as leitoras confiem e tratem de assuntos particulares com a revista, existe um maior distanciamento em suas relações, marcando de alguma forma a presença de uma adolescente e de um adulto, sério, responsável e profissional.

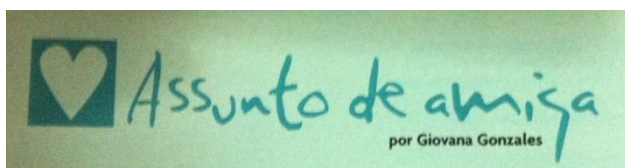


Figura 07. Seção de cartas da revista *Capricho*



Figura 08. Seção de cartas da revista *Bravo*

Buscando pautar tais afirmações em dados mais concretos, realizamos uma análise comparativa entre a fala das revistas e de suas leitoras, tentando identificar de

que modo o uso das preposições (A vs. PARA) pode estar relacionado com as relações de intimidade estabelecidas entre elas.

Na revista *Capricho*, dos 282 dados analisados, 249 deles pertencem à fala de suas leitoras, enquanto que 33 fazem parte das respostas enviadas pela revista. Além disso, foi possível perceber que o padrão de alternância entre **a** e **para** não se diferencia, quer se trate da fala das leitoras ou da revista, uma vez que o percentual de dados com essas preposições, tanto em relação às leitoras quanto à revista, se aproxima consideravelmente: temos, assim, na fala das leitoras, 52,6% dos dados com a preposição **para**; em relação à revista, são 54,5% dos dados com essa mesma preposição. Vemos, assim, que a preposição **para** predomina nos dois casos e, o mais importante, temos o mesmo padrão de variação nos dois casos.

**Tabela 09.** O uso das preposições pelas leitoras e pela revista *Capricho*

O uso das preposições pelas leitoras e pela revista <i>Capricho</i> – Ocorrências		
Enunciador	Prep. PARA	Prep. A
Leitoras	131 (52,6%)	118 (47,2%)
Revista <i>Capricho</i>	18 (54,5%)	15 (45,5%)

Quando olhamos os resultados encontrados na revista *Bravo*, percebemos que dos 237 dados, 175 pertencem à fala das leitoras e apenas 62 deles fazem parte das respostas fornecidas pela própria revista. Ao contrário do que observamos na *Capricho*, é na fala das leitoras que ocorre uma maior diferença quanto ao uso das duas preposições, sendo esse o espaço da variação, com 27,4% de casos com a preposição **para**. Em contrapartida, nenhum caso com essa preposição foi encontrado nos dados pertencentes à revista.

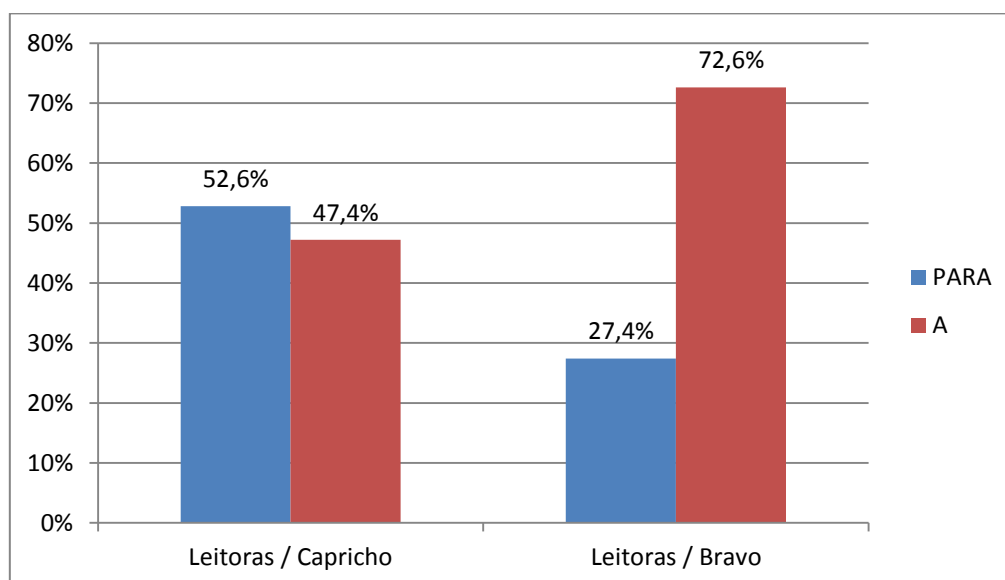
**Tabela 10.** O uso das preposições pelas leitoras e pela revista *Bravo*

O uso das preposições pelas leitoras e pela revista <i>Bravo</i> – Ocorrências		
Enunciador	Prep. PARA	Prep. A
Leitoras	48 (27,4%)	127 (72,6%)
Revista <i>Bravo</i>	-	62 (100%)

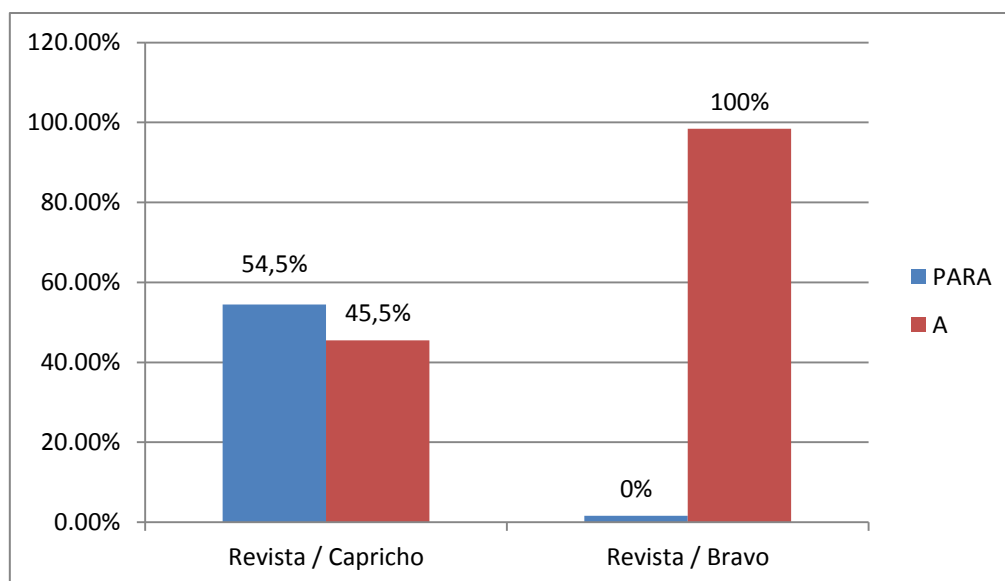
Se considerarmos a preposição **a** como a mais formal, por ser a mais indicada pelos Manuais de Gramática, enquanto que a preposição **para** assumiria uma posição

contrária – por não ser, então, a mais normativa – podemos pensar que as escolhas entre **a** e **para** podem estar diretamente relacionadas com uma escrita mais ou menos formal, em que o uso de uma ou outra preposição pode ser influenciado pela relação estabelecida entre as revistas e suas leitoras.

Notamos, através da análise do gráfico 10, que, ainda que as leitoras portuguesas façam um uso consideravelmente maior de **a** em relação às leitoras brasileiras, é em sua fala que encontramos a preposição **para**, indicando que pode existir aí um possível caminho de mudança. Já no gráfico 11, percebemos que é com a revista *Capricho* que encontramos usos maiores de **a** e **para**, enquanto que a revista *Bravo* mantém-se distante de qualquer processo de variação que possa ocorrer.



**Gráfico 10.** O emprego das preposições pelas leitoras de *Capricho* e *Bravo*



**Gráfico 11.** O emprego das preposições pelas revistas *Capricho* e *Bravo*

Desta forma, podemos supor que, por uma maior proximidade com a revista *Capricho*, suas leitoras não se atentem e não se preocupem tanto com a escolha de uma ou outra preposição. Por isso, temos resultados tão balanceados, já que tanto revista quanto leitora fazem usos bastante semelhantes de **a** e **para**, mostrando que a relação estabelecida entre ambas preza por uma linguagem menos formal. Ao contrário, encontramos, na revista *Bravo*, um maior distanciamento entre as leitoras e a revista, o que faz com que a escrita de ambas se desenvolva seguindo, mais fortemente, os pressupostos gramaticais vigentes, o que justifica um uso consideravelmente maior da preposição **a**. Por se estabelecer uma relação menos “próxima” com suas leitoras, fato que notamos a partir da análise das respostas concedidas, a revista *Bravo* prioriza o uso de uma preposição mais formal, de modo a garantir que suas leitoras reconheçam nisso um tom mais sóbrio em relação aos assuntos abordados. Ainda assim, é importante destacar que é na fala de suas leitoras que encontramos um maior “descomprometimento” em relação à escolha e ao uso dessas preposições, o que nos mostra que, apesar de haver um certo padrão a ser seguido, ele não se encontra imune às possíveis variações e mudanças.

#### 4.5 Teste de percepção

##### 4.5.1 Analisando os empregos das preposições *a*, *até*, *em* e *para*

Assim como já dito anteriormente, foram elaboradas 14 questões que em muito se aproximaram dos dados por nós levantados, todas elas apresentando, como

alternativa de resposta, casos com cada uma das quatro preposições selecionadas, para que o respondente pudesse, de acordo com a sua percepção de língua/linguagem, escolher a que lhe parecesse mais “apropriada”<sup>65</sup>. Além dessas 14 questões de ordem mais específica, cada um dos colaboradores informou sua idade, sexo, ocupação, grau de escolaridade e nacionalidade. Daremos maior destaque à questão da nacionalidade, fator que influencia diretamente nossa pesquisa e resultados, e levaremos em consideração, caso julgemos necessário, os outros fatores pesquisados.

Durante o período de um mês, nosso questionário, disponível em redes sociais<sup>66</sup>, obteve o acesso de 787 informantes. Entretanto, levaremos em consideração as respostas de apenas 450 pessoas, uma vez que os outros 337 deixaram o teste em branco ou não informaram corretamente suas nacionalidades – ponto decisivo para esta pesquisa. Dos 450 informantes selecionados, podemos afirmar, então, que 173 deles são brasileiros e 277 portugueses<sup>67</sup>. A título de curiosidade, neste primeiro momento, informamos que, coincidentemente, obtivemos um maior número de informantes do sexo feminino, sendo 206 portuguesas e 117 brasileiras. É preciso, ainda, esclarecer que nem todas as perguntas propostas foram respondidas por todos os 450 informantes selecionados, o que pode gerar, eventualmente, diferenças de percentuais entre uma questão e outra.

Iniciamos nosso teste questionando os participantes sobre qual das alternativas sugeridas lhes parecia mais aceitável, e indicamos quatro orações construídas com um verbo de *direção* e cada uma das preposições trabalhadas: “Acordei cedo e fui para a praia”; “Acordei cedo e fui na praia”; “Acordei cedo e fui à praia” e “Acordei cedo e fui até a praia”<sup>68</sup>. Dos 277 portugueses participantes, 189 (68,2%) deles optaram pelo uso da preposição **a**, enquanto que os outros 73 se dividiram entre as preposições **até** (26 respostas – 9,4%), **em** (02 respostas – 0,7%) e **para** (45 respostas – 16,2%). Além disso,

---

<sup>65</sup> Ao elaborarmos as perguntas para esse teste, privilegiamos os casos com verbos de *direção*, uma vez que foram eles os mais recorrentes durante o levantamento de dados das revistas *Capricho* e *Bravo*, assim como já mostrado em nossas análises.

<sup>66</sup> O link correspondente ao questionário foi divulgado através do *facebook* e de e-mails.

<sup>67</sup> É importante ressaltar aqui que o link correspondente ao teste em questão foi divulgado de forma ampla e igualitária entre os possíveis informantes brasileiros e portugueses, não havendo de nossa parte nenhum tipo de controle em relação ao número de pessoas que poderiam ter acesso a este questionário, justificando-se, assim, a diferença no número de informantes.

<sup>68</sup> **Questão 05** - Qual das alternativas lhe parece mais aceitável?

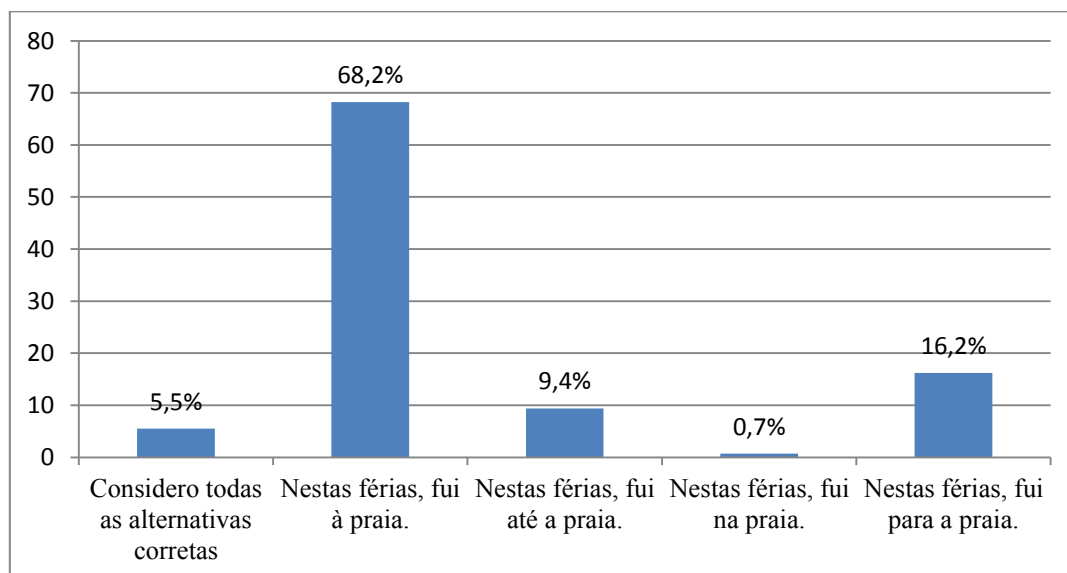
Acordei cedo e fui para a praia.

Acordei cedo e fui na praia.

Acordei cedo e fui à praia.

Acordei cedo e fui até a praia.

15 (5,5%) informantes afirmaram considerar todas as alternativas corretas. É importante ressaltar aqui que as duas únicas respostas com a preposição **em** foram dadas por informantes do sexo masculino, o que pode confirmar, apesar do baixo número de dados, o fato já anteriormente explorado de as mulheres serem mais sensíveis à norma padrão.



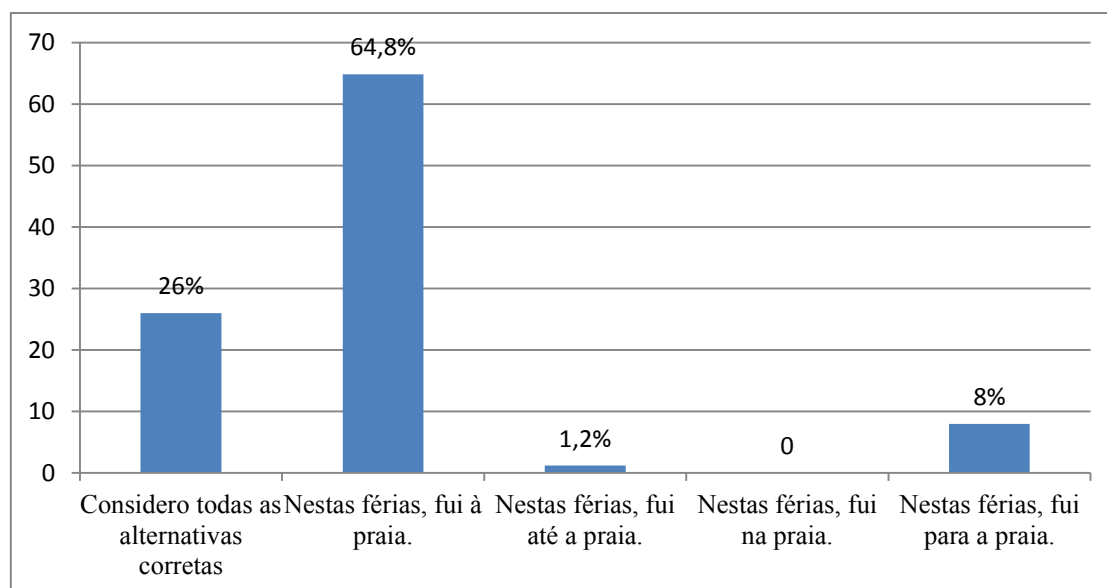
**Gráfico 12.** Teste de percepção: questão de número 05 / informantes de nacionalidade portuguesa<sup>69</sup>

Em relação às respostas fornecidas pelos 173 informantes brasileiros, temos que 112 (64,8%) deles preferiram a alternativa com a preposição **a**, enquanto que 45 (26%) consideraram todas elas corretas, 02 (1,2%) optaram pelo uso de **até**, 14 (08%) pelo uso de **para** e nenhuma resposta com a preposição **em** foi selecionada. Observamos, aqui, que os informantes brasileiros concentram suas escolhas entre as preposições **a** e **para**, enquanto que os informantes portugueses, além dessas, fazem um uso maior também da preposição **até**.

<sup>69</sup> A tabela 11 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes portugueses à questão de número 05.

**Tabela 11** - Teste de percepção: questão de número 05 / informantes de nacionalidade portuguesa

Teste de percepção: questão de número 05 / informantes de nacionalidade portuguesa – Ocorrências						
Nacionalidade	Considero todas as alternativas corretas	Nestas férias, fui à praia.	Nestas férias, fui até a praia.	Nestas férias, fui na praia.	Nestas férias, fui para a praia.	Total
Portuguesa	15 (5,5%)	189 (68,2%)	26 (9,4%)	02 (0,7%)	45 (16,2%)	277 (100%)



**Gráfico 13.** Teste de percepção: questão de número 05 / informantes de nacionalidade brasileira<sup>70</sup>

Quando questionados sobre possíveis diferenças de sentido entre as quatro frases por nós sugeridas<sup>71</sup>, percebemos que 215 informantes portugueses (77,6%) notam alguma diferença, enquanto que, para os brasileiros, esse número cai para 101 informantes (58,4%), assim como vemos na tabela 13.

**Tabela 13.** Teste de percepção: questão de número 06 / informantes portugueses e brasileiros  
Teste de percepção: questão de número 06 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências

Nacionalidade	00	01	02	03	04	05	Em branco	Total
<b>Portuguesa</b>	62 (22,4%)	43 (15,5%)	36 (13%)	67 (24,1%)	42 (15,2%)	25 (9,1%)	02 (0,7%)	277 (100%)
<b>Brasileira</b>	72 (41,6%)	26 (15%)	16 (9,3%)	24 (13,8%)	24 (13,8%)	11 (6,3%)	-	173 (100%)

<sup>70</sup> A tabela 12 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes brasileiros à questão de número 05.

**Tabela 12** - Teste de percepção: questão de número 05 / informantes de nacionalidade brasileira

Teste de percepção: questão de número 05 / informantes brasileiros – Ocorrências						
Nacionalidade	Considero todas as alternativas corretas	Nestas férias, fui à praia.	Nestas férias, fui até a praia.	Nestas férias, fui na praia.	Nestas férias, fui para a praia.	Total
<b>Brasileira</b>	45 (26%)	112 (64,8%)	02 (1,2%)	-	14 (8%)	173 (100%)

<sup>71</sup> **Questão 06** - Para você, existem diferenças de sentido entre as frases abaixo? Marque o quanto acha que existe de diferença em uma escala de 00 a 05, sendo 00 para nenhuma diferença e 05 para uma diferença de sentido muito forte.

Acordei cedo e fui para a praia.

Acordei cedo e fui na praia.

Acordei cedo e fui à praia.

Acordei cedo e fui até a praia.

Na questão de número 07, questionamos àqueles que disseram haver diferenças de sentido entre as construções “Acordei cedo e fui para a praia”, “Acordei cedo e fui na praia”, “Acordei cedo e fui à praia” e “Acordei cedo e fui até a praia” sobre quais diferenças seriam essas. Reconhecemos, aqui, o caráter subjetivo desta pergunta, uma vez que é permitido aos informantes que discorram sobre qualquer ponto de vista que tenham a respeito das orações acima. Dessa forma, selecionamos aqui algumas respostas que nos pareceram mais significativas diante da discussão que tentamos construir sobre o uso das preposições **a**, **até**, **em** e **para**.

De modo geral, percebemos que, para os brasileiros, as preposições **a** e **para** apresentam praticamente os mesmos valores, sendo que nenhuma diferença de sentido entre elas é abordada. Já para a maioria dos portugueses, **a** indica uma não permanência em um lugar, ao contrário de **para**, que evidencia essa permanência. A preposição **até**, para a maioria dos dois tipos de informantes, traz a ideia de um limite até o qual se vai. A preposição **em**, apesar de não selecionada por nenhum brasileiro, não recebeu nenhum tipo de comentário por parte destes, enquanto que os portugueses afirmaram, em sua maioria, que esse tipo de construção é exclusiva do PB e, então, inexistente em Portugal.

Vale ressaltar que nenhum comentário foi feito pelos dois informantes portugueses que optaram pela construção com a preposição **em** e o verbo de *direção*.

O quadro 04 mostra<sup>72</sup>, então, a opção escolhida pelo informante na questão de número 05 – sobre qual opção seria mais aceitável –, o grau de diferença atribuído às quatro construções em questão e, por fim, a resposta sobre que diferença de sentido seria essa<sup>73</sup>.

---

<sup>72</sup> Expomos, no quadro 04, as respostas consideradas por nós como as mais coerentes em relação ao que se tem discutido nessa seção. É importante dizer ainda que as respostas aqui mostradas foram reproduzidas de forma idêntica àquelas fornecidas por nossos informantes, de modo que não realizamos nenhum tipo de alteração ou correção de conteúdo ou de forma.

<sup>73</sup> Um quadro completo, com todas as respostas oferecidas pelos informantes brasileiros e portugueses, encontra-se em anexo, no final deste trabalho.



Nacionalidade	Questão 05	Questão 06	Questão 07
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	As três primeiras frases apresentam o mesmo sentido: alguém foi à praia e nela ficou/dela usufruiu. Na última frase, a pessoa chegou até a praia, atingiu um ponto, ou seja, venceu a distância até ela.
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	1	Fui até a praia. Nessa frase parece que cheguei a praia mas não "entrei" na praia. Fiquei na margem. As frases "para a praia" e "à praia" ao meu ver, têm o mesmo sentido. "na praia" acho que é errado.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	"Acordei cedo e fui para a praia": parece que poderia ser usada em uma situação de viagem, por exemplo (acordei cedo e fui viajar - fui para a praia). Além dessa situação, poderia também ser usada quando a pessoa já está próxima à praia. "Acordei cedo e fui na praia" e "Acordei cedo e fui até a praia" não parecem naturais com a primeira utilização (envolvendo uma viagem). "Acordei cedo e fui à praia" soa muito formal - talvez mais condizente em um contexto de linguagem escrita formal.
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	2	As três primeiras para mim significam basicamente a mesma coisa, embora eu ache que "fui para a praia" indica que a pessoa viajou até uma cidade litorânea (no que diz o meu entendimento), e "fui até a praia" indica que a pessoa já está em uma cidade litorânea e caminhou até a praia. As outras me parecem bem parecidas.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	As frases: "Acordei cedo e fui para a praia" e "Acordei cedo e fui à praia" têm o sentido de que alguém foi aproveitar a praia, se divertir lá. Já a frase "Acordei cedo e fui na praia" tem o sentido de que a pessoa foi dentro da praia para algum lugar. Por fim, a frase "Acordei cedo e fui até a praia" aparenta que a a praia era apenas uma posição espacial, porém a pessoa não desfrutou da praia, simplesmente foi até lá.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	"...Fui para a praia" - mudou de local e manteve-se lá durante algum tempo. "... Fui à praia" mudou de local e manteve-se lá pouco tempo". "...fui até à praia" sugere que o sujeito foi à praia por acaso.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	Para mim, as alternativas se dividem em dois sentidos. As frases com "para a praia" e "à praia" são próximas a um sentido, e "na praia" e "até a praia" próximas a outro. "Para a praia" e "à praia" parecem se referir a uma atividade de lazer não especificada, e "na praia" e "até a praia" a uma finalidade mais específica (por exemplo, "fui na praia para surfar"). O uso do "até" remete também ao caminho percorrido, e não apenas à finalidade de se ir à praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	À e para a praia não parecem marcar diferenças tão fortes. Fui até a praia pode não significar que permaneceu na praia. Já a preposição em em "na" praia parece marcar mais o lugar, estar em algum lugar, e não apenas ir até este lugar.

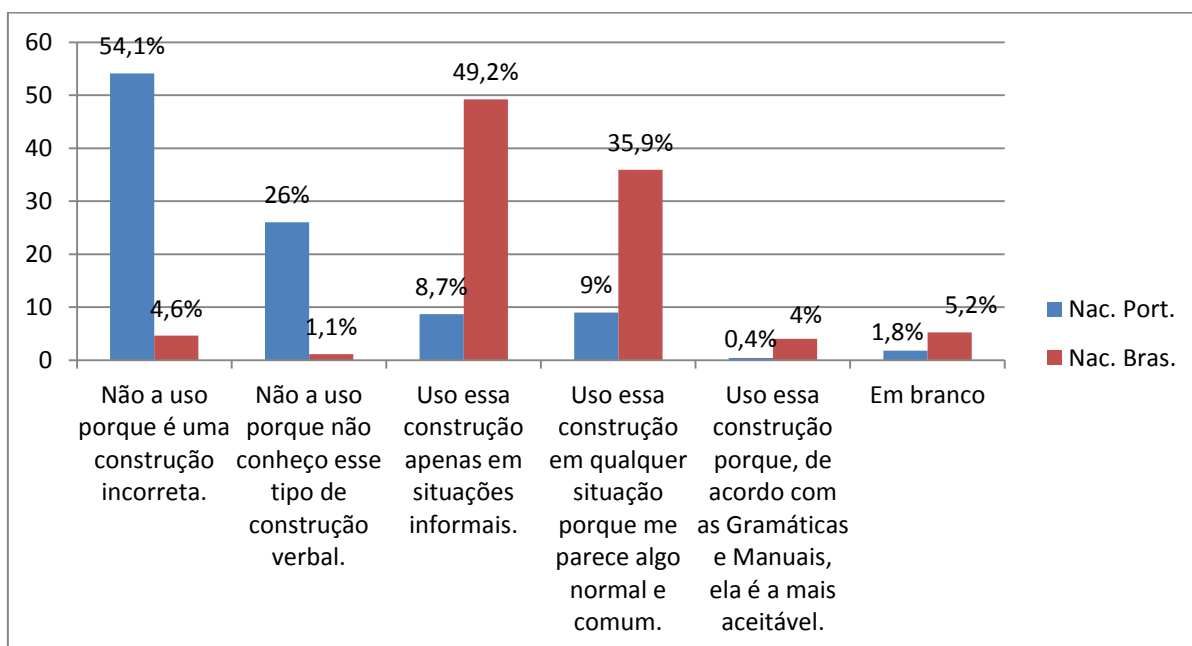
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	No meu entendimento quando alguém diz fui até a praia a ênfase fica da distância, como se indicasse que a praia é longe do lugar em que o sujeito estava anteriormente. Todas as outras alternativas tem o mesmo significado para mim.
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	2	Ao meu ver, a primeira e a terceira frase têm o mesmo sentido, pois o "para a" e o "à" indicam a mesma coisa, e a praia pode ter o sentido de litoral, por exemplo. Já o "na praia" indica que o sujeito de fato esteve particularmente neste local. O "até a praia" indica que o sujeito não necessariamente permaneceu lá...ele pode ter apenas chegado e em seguida, ido embora.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	Fui até a praia' me soa como se a praia fosse uma referência de percurso, ou seja, imediatamente após chegar, a pessoa mudou de direção ou voltou para o lugar do qual saiu. 'Fui para a praia' me soa como se a pessoa fosse para a praia passar um tempo muito mais longo do que o sugerido pelas frases 'na praia' e 'à praia', que por sua vez me soam como diferentes registros para o mesmo significado.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	"Para a praia" é um pouco mais vago. "Na praia" propõe estar dentro da praia, em função da preposição em + artigo a. "Até a praia", se eu for imaginar na prática, vejo uma linha separando uma calçada (por exemplo) da praia. De modo que ir até a praia, é chegar na linha, não necessariamente passando da linha, e então entrando na praia (passando para o sentido de "na praia"). "Para a praia" e "à praia" possuem uma diferença temporal, enquanto a primeira construção dá um sentido de maior tempo, a segunda é passageira.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	"Ir para" implica um período maior de permanência do que "ir a" que por sua vez se utiliza num período maior do que "ir ate a". "Ir na" nao se utiliza em Portugal mas no Brasil. PS: nao consigo por acentos.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	"fui à praia" dá a ideia de que fomos lá mas voltamos, o que é semelhante com "fui até à praia". "fui para a praia" não é indicativo de que tenhamos voltado de lá. "fui na praia" soa mal em português (de Portugal) mas entendo que talvez seja uma expressão comum no Brasil
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Quando dizemos "fui para a praia", estamos a dar uma ideia de continuidade à atividade, isto é, por exemplo: Durante uma semana, fui para a praia. Um pouco ideia de rotina. "fui na praia", deixa em aberto a frase... sente-se a falta de um complemento. "na praia", fazer o quê? (contudo, muito usado no português do Brasil com o mesmo intuito que a primeira frase) "fui à praia", transmite ideia de ato único e excepcional, enquanto que "fui até à praia" transparece esporádico, sem obrigação/ plano/ intenção prévia.

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Creio que o português de Portugal não utiliza a expressão "fui na praia". "Fui para a praia" implica ir e ficar, enquanto que "fui à praia" significa ir e voltar. "Fui até à praia", creio que significa, ou pelo menos tem um significado semelhante, que "fui à praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Quando digo "fui até à praia" nem sempre quer dizer que estive realmente na areia, posso ter estado só lá próximo. "Fui na praia" soa-me apenas estranho, porque ir nalguma coisa, para mim, significa que essa coisa me levou a algum lado (como um autocarro) e a praia não se move.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	A primeira está correta. Poderíamos ver uma frase daquele género num livro, ao contar uma história. Significa que o sujeito foi para a praia e lá permaneceu por algum tempo. A 2. <sup>a</sup> opção, segundo a norma europeia da língua portuguesa não está correta, tal como a 4. <sup>a</sup> . Resta a 3. <sup>a</sup> opção, que me parece correta, segundo a referida norma. Indica que o sujeito se deslocou a um local, não indicando o período de tempo da sua permanência lá, mas subentende-se que terá eventualmente regressado, porque não se vai a um sítio onde seja para permanecer. Nesse caso a pessoa vai para um local, e não a um local.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	"Fui para" implica que fui mas não voltei; "Fui até" significa que só fui de passagem; "Fui na" é uma expressão que não se utiliza em português de Portugal; "Fui à" é, a meu ver, a forma mais correta.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Não se utiliza em português europeu a construção "fui na praia". Apenas as restantes três hipóteses são aceitáveis. Há, no entanto, diferença de sentido entre estas: (1) "fui para a praia" significa que foi realmente para a praia, ficou lá, esteve no areal; (2) "fui à praia" pode significar o mesmo que a expressão anterior ou simplesmente que me dirigi à praia mas não estive no areal, ou seja, apenas chegou ao pé da praia. "fui até à praia" tem o significado anteriormente exposto. De salientar que, em português europeu, a construção é "até à praia" (preposição com acento grave) e não "até a praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Para mim não faz sentido dizer "na praia". Se me perguntarem "onde foste?", eu não consigo responder "na praia", mas sim "à praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	"fui à praia" parece sugerir que a pessoa foi efetivamente apanhar sol, fazer praia. "fui para a praia" e "fui na praia" pode significar que talvez só se tenha ido dar um passeio na praia, por exemplo. "Fui até à praia" parece sugerir que se foi até à beira da praia podendo ou não fazer as ações mencionadas anteriormente.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Ir até à praia é mais descontraído do que ir à praia, parece menos pensado. fui na praia simplesmente não é utilizado. Fui para a praia dá ideia de continuidade.

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Sobretudo relativamente à 1ª frase, que me remete para um período temporal mais longo. Ir para a praia quer dizer demorar-se, por ex. ficar lá o dia inteiro. As outras 4 formulações remetem-me para algo mais passageiro, digamos - por ex. ir dar um passeio e voltar.
------------	-----------------------------	---	---

**Quadro 04.** Teste de percepção – questão de número 07 / informantes brasileiros e portugueses

Ainda sobre os verbos de *direção*, nossos informantes são questionados quanto ao uso da oração “Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo”<sup>74</sup>. Nos dados portugueses temos que dos 277 questionados, 150 (54,1%) deles afirmam não utilizar essa construção porque a consideram incorreta e outros 72 (26%) dizem não conhecer esse tipo de construção verbal. Em relação às respostas dadas por brasileiros, 85 (49,2%) deles afirmam fazer uso dessa construção apenas em situações informais, enquanto que 62 (35,9%) informantes dizem usar essa construção em qualquer situação, porque lhes parece algo normal e comum, assim como podemos ver no gráfico 14.



**Gráfico 14.** Teste de percepção: questão de número 09 / informantes portugueses e brasileiros<sup>75</sup>

<sup>74</sup> **Questão 09.** O que você diria sobre a frase: “Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo”?

Não a uso porque é uma construção incorreta

Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.

Uso essa construção apenas em situações informais.

Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.

Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.

Percebemos, aqui, que os resultados fornecidos pelos informantes portugueses estão bastante alinhados com aqueles das questões de números 05 e 06, já que eles não se mostram favoráveis ao uso da preposição **em**. Ao contrário disso, vemos que os resultados alcançados com a questão de número 09, em relação aos informantes brasileiros, contradizem as respostas das primeiras questões, uma vez que lá nenhum informante optou pelo uso de **em**, enquanto que aqui 147 (85,1%) deles demonstram utilizar essa preposição, junto de um verbo de *direção*, em situações informais ou em qualquer situação porque lhes parece algo comum<sup>76</sup>.

Ao contrário do que foi mostrado na questão anterior, na pergunta de número 10, questionamos nossos informantes sobre a forma como utilizavam a frase: “Há dias fui ao cinema com meu grupo de amigos”. Nesta questão temos que dos 277 portugueses respondentes, 153 (55,2%) deles dizem utilizar essa construção em qualquer situação porque lhes parece algo normal e comum. Tal resultado é bastante positivo e válido para nossa pesquisa, uma vez que desejamos, com esse teste de percepção, compreender de que forma e por qual motivo os falantes do PE dão preferência ao uso da preposição **a**. Considerando as respostas oferecidas nesta questão, podemos inferir que essa escolha pela preposição **a**, apesar de não ser aleatória – já que outras preposições acabam sendo desconsideradas por eles –, pode se dar de forma bastante subjetiva e inconsciente, sem que levem rigidamente em conta os pressupostos estabelecidos pelos Manuais e Gramáticas, ainda que tais escolhas coincidam com os conteúdos por eles expostos. Além disso, outros 33 (12%) informantes portugueses disseram usar essa construção

<sup>75</sup> A tabela 14 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes portugueses e brasileiros à questão de número 09.

**Tabela 14.** Teste de percepção: questão de número 09 / informantes portugueses e brasileiros

Teste de percepção: questão de número 06 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências							
Nacionalidade	Não a uso porque é uma construção incorreta.	Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.	Uso essa construção apenas em situações informais.	Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.	Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.	Em branco	Total
Portuguesa	150 (54,1%)	72 (26%)	24 (8,7%)	25 (9%)	01 (0,4%)	05 (1,8%)	277 (100%)
Brasileira	04 (4,6%)	02 (1,1%)	85 (49,2%)	62 (35,9%)	07 (4%)	09 (5,2%)	173 (100%)

<sup>76</sup> Sobre esses resultados, é válido ressaltamos o fato de que o uso do pronome possessivo “dela” pode ter influenciado as respostas oferecidas pelos informantes portugueses, uma vez que em Portugal essa construção não é frequentemente utilizada. Da mesma forma, reconhecemos que as respostas dadas pelos informantes brasileiros podem ter sido influenciadas pela presença do verbo “chegar” que, em sua estrutura, prevê o uso da preposição **em**.

apenas em situações informais<sup>77</sup>, enquanto que apenas 67 (24,1%) deles afirmaram utilizá-la por ser a mais aceitável, segundo os pressupostos gramaticais.

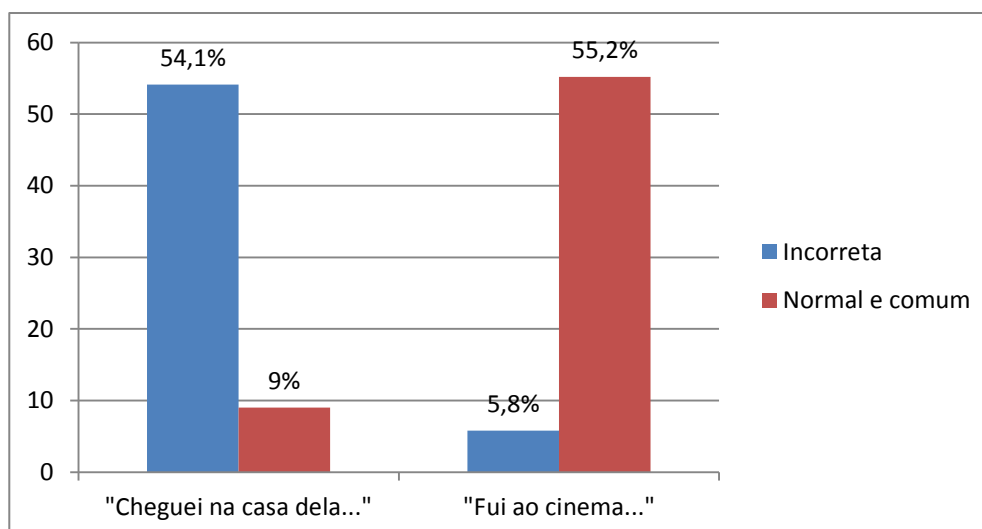
**Tabela 15.** Teste de percepção: questão de número 10 / informantes portugueses e brasileiros  
**Tabela 15. Teste de percepção: questão de número 10 / informantes brasileiros e portugueses – Ocorrências**

<b>Nacionalidade</b>	<b>Não a usaria porque é uma construção incorreta.</b>	<b>Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.</b>	<b>Uso essa construção apenas em situações informais.</b>	<b>Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.</b>	<b>Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, é a mais aceitável.</b>	<b>Em branco</b>
<b>Portuguesa</b>	16 (5,8%)	04 (1,5%)	33 (12%)	153 (55,2%)	67 (24,1%)	04 (1,4%)
<b>Brasileira</b>	14 (8%)	08 (4,7%)	08 (4,7%)	82 (47,3%)	55 (31,8%)	06 (3,5%)

Assim como mostrado na tabela 15, em relação aos informantes brasileiros, temos que 82 (47,3%) deles utilizam essa construção em qualquer situação, enquanto que 55 (31,8%) afirmam que ela é a mais aceitável, segundo Gramáticas e Manuais. Outros 14 (8%) informantes brasileiros disseram não utilizar tal construção por que a consideram incorreta.

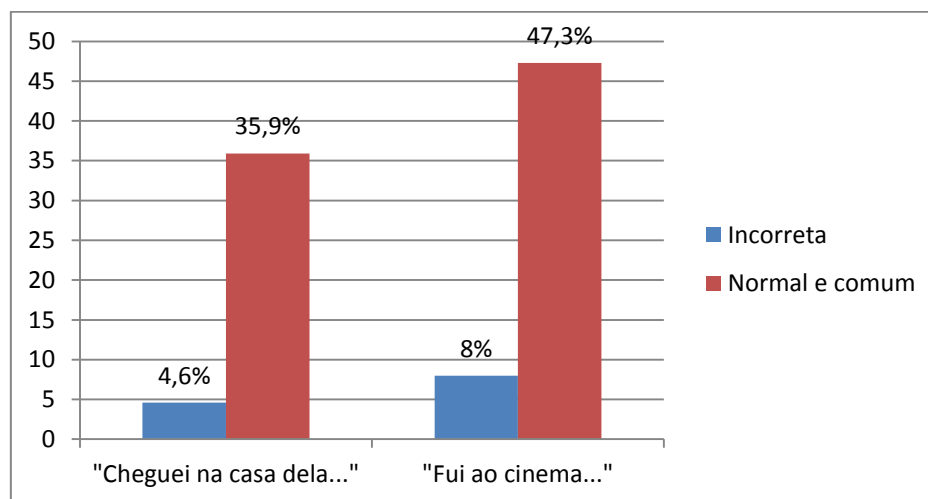
Com base na resposta de número 09, e comparando os resultados encontrados com a presente questão, é possível afirmar que as respostas oferecidas seguem certo padrão de comportamento: temos, entre os informantes portugueses, que as 153 respostas que consideram a construção “Há dias fui ao cinema com meu grupo de amigos” algo comum e normal, correspondem, praticamente, às outras 150 que, na questão de número 09, informaram ser incorreta a construção “Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo”.

<sup>77</sup> Destacamos aqui o fato de não termos definido, em nenhum momento de realização desse teste, o que e quais seriam as situações descritas como informais. Dessa forma, não é possível prever quais as motivações de cada um desses 33 falantes, para que optassem por essa alternativa.



**Gráfico 15.** Diferenças nos usos de “chegar em” e “ir ao” – informantes portugueses<sup>78</sup>

De modo pouco semelhante, temos, em relação aos informantes brasileiros, que enquanto 62 (35,9%) deles consideram comum utilizar a construção com a preposição **em**, outros 82 (47,3) afirmam o mesmo em relação ao uso da preposição **a**, mostrando-nos que possivelmente tanto uma como a outra preposição podem ser empregadas sem grandes diferenças de sentido.



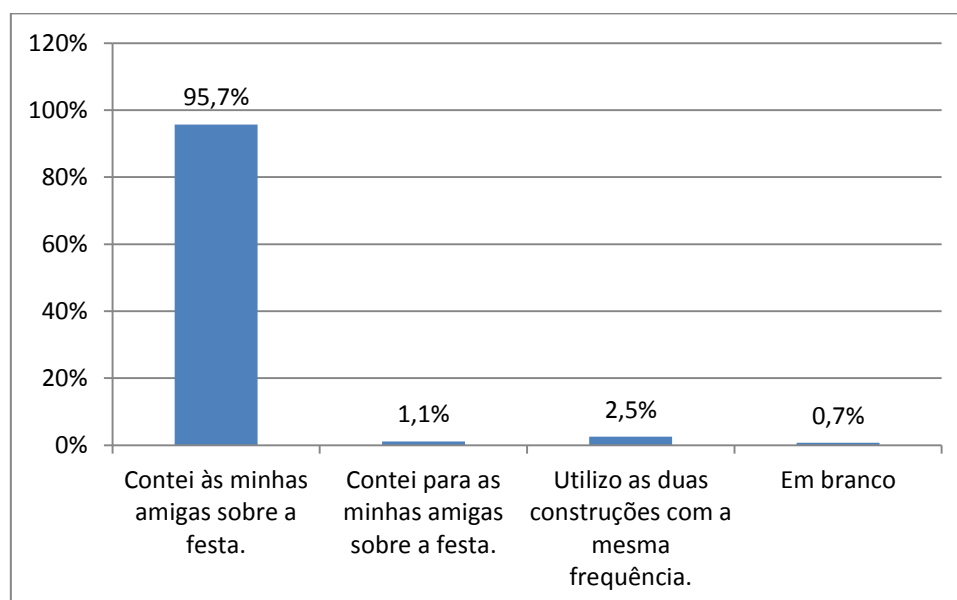
**Gráfico 16.** Diferenças nos usos de “chegar em” e “ir ao” – informantes brasileiros<sup>79</sup>

<sup>78</sup> É necessário dizer que esse gráfico representa um recorte da tabela 15, uma vez que os percentuais expostos correspondem ao total de 277 informantes portugueses. Aqui, consideramos apenas os valores correspondentes às respostas “Não a uso porque é uma construção incorreta” e “Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum”, uma vez que são elas que mais nos interessam neste momento.

<sup>79</sup> Assim como mostrado na nota anterior, o gráfico 15 também representa um recorte da tabela 15, correspondendo aos 173 informantes brasileiros. Aqui, consideramos apenas os valores correspondentes às respostas “Não a uso porque é uma construção incorreta” e “Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum”, uma vez que são elas que mais nos interessam neste momento.

Quando questionados, no item 12<sup>80</sup>, sobre as construções com verbos de transferência *verbal*, encontramos resultados que muito nos interessam. Diante das frases “Contei às minhas amigas sobre a festa” e “Contei para as minhas amigas sobre festa”, perguntamos aos nossos informantes qual dessas duas construções eles utilizavam com maior frequência.

Assim como já era esperado, os informantes portugueses concentraram suas respostas na primeira opção, sendo que 265 (95,7%) deles disseram utilizar com maior frequência a construção com a preposição **a**. Outros 03 (1,1%) informantes escolheram a preposição **para** e 07 (2,5%) afirmaram utilizar as duas construções com a mesma frequência. O gráfico 17 ilustra melhor esses resultados.



**Gráfico 17.** Teste de percepção – questão de número 12 / informantes portugueses<sup>81</sup>

<sup>80</sup> **Questão 12.** Qual construção você utiliza com maior frequência?

Contei às minhas amigas sobre a festa.

Contei para as minhas amigas sobre a festa.

Utilizo as duas opções com a mesma frequência.

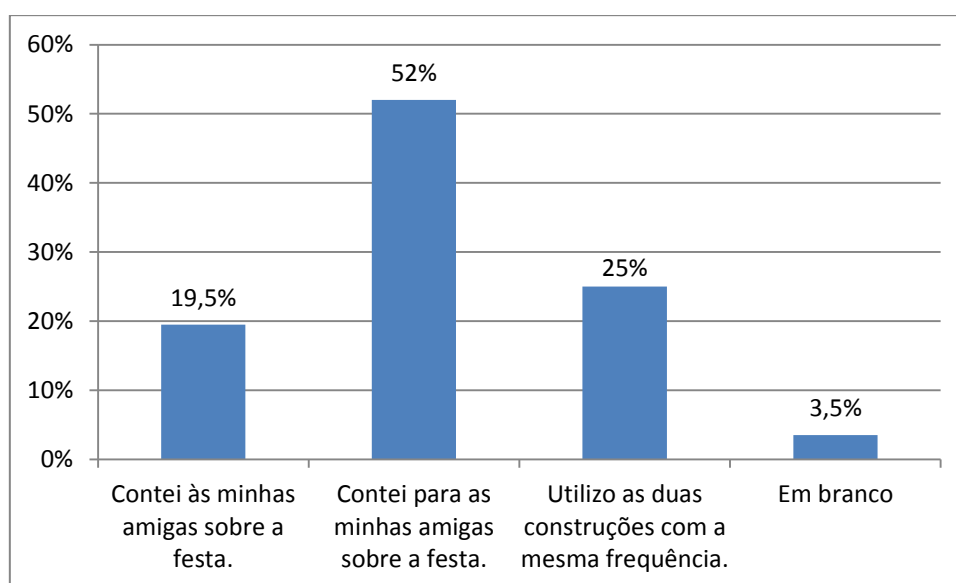
<sup>81</sup> A tabela 16 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes brasileiros e portugueses à questão 12. Essa tabela corresponde aos valores ilustrados nos gráfico 16 e 17.

**Tabela 16.** Teste de percepção – questão 12 / informantes portugueses e brasileiros

Tabela 16. Teste de percepção - questão 12 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências					
Nacionalidade	Contei às minhas amigas sobre a festa.	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	Em branco	Total
<b>Portuguesa</b>	265 (95,7%)	03 (1,1%)	07 (2,5%)	02 (0,7%)	277 (100%)
<b>Brasileira</b>	34 (19,5%)	90 (52%)	43 (25%)	06 (3,5%)	173 (100%)



Em relação às respostas oferecidas pelos informantes brasileiros, podemos observar uma divisão maior entre as alternativas existentes, ainda que prevaleça o uso da preposição **para**. Temos, dessa forma, que 90 informantes (52%) preferem a construção “Contei para as minhas amigas sobre a festa”, 34 (19,5%) utilizam com maior frequência a construção com a preposição **a** e outros 43 (25%) disseram utilizar as duas construções com a mesma frequência. Novamente, observamos aqui, assim como mostrado com as questões de números 09 e 10, que os brasileiros podem utilizar tanto a preposição **a** e **para**, agora com verbos de *transferência verbal*, sem atribuírem a elas grandes diferenças de sentido.



**Gráfico 18.** Teste de percepção – questão de número 12 / informantes brasileiros

Confirmamos tal afirmação com a pergunta 13<sup>82</sup>, que os questiona sobre as diferenças de sentido notadas entre “Contei às minhas amigas sobre a festa” e “Contei para as minhas amigas sobre a festa”. Sobre os informantes portugueses, temos que dos 277 em questão, 118 (42,5%) afirmaram não haver nenhuma diferença entre as duas construções, enquanto que 36 (13%) deles disseram que há, sim, uma diferença muito forte de sentido entre as construções com **a** e **para**. Quanto aos 173 informantes brasileiros, observamos que 133 (76,9%) deles não atribuem nenhuma diferença de

<sup>82</sup> **Questão 13.** Você percebe alguma diferença de sentido entre as frases “Contei às minhas amigas sobre a festa” e “Contei para as minhas amigas sobre a festa”? Marque o quanto acha que existe de diferença em uma escala de 00 a 05, sendo 00 para nenhuma diferença e 05 para uma diferença de sentido muito forte.

sentido entre as construções expostas, contrariando apenas 07 (4%) informantes que disseram haver uma diferença de sentido muito forte entre elas.

**Tabela 17.** Teste de percepção – questão 13 / informantes portugueses e brasileiros

Tabela 17. Teste de percepção - questão 13 / informantes portugueses e brasileiros								
Nacionalidade	00	01	02	03	04	05	Em branco	Total
<b>Portuguesa</b>	118 (42,5%)	39 (14%)	31 (11,3%)	29 (10,5%)	20 (7,2%)	36 (13%)	04 (1,5%)	277 (100%)
<b>Brasileira</b>	133 (76,9)	16 (9,3%)	04 (2,3%)	04 (2,3%)	3 (1,7%)	07 (4,0%)	06 (3,5%)	173 (100%)

Vemos, com a tabela 17, que ainda que muitos dos informantes portugueses preferiram a preposição **a** ao invés de **para**, nenhuma diferença de sentido muito forte é atribuída a essas duas construções. Já em relação aos informantes brasileiros, vemos em suas respostas que há uma prevalência de **para** quando comparada à construção com a preposição **a**, mas, da mesma forma, não são atribuídas grandes diferenças de sentido entre elas.

Neste momento, reforçamos, mais uma vez, a ideia de que a escolha dessas preposições pode ocorrer de modo intuitivo. Ainda que os informantes portugueses ofereçam respostas que em muito coincidem com os preceitos gramaticais, notamos que as diferenças de sentido que poderiam ser atribuídas a cada uma dessas preposições não são feitas. É possível que exista uma preferência pela preposição **a**, por exemplo, por ser ela a mais recorrente na fala desses informantes. Ao contrário disso, temos que os brasileiros escolhem com maior frequência a preposição **para**, assim como aceitam o uso de **em** quando em construções com verbos de *direção*, mas demonstram conhecer os usos com a preposição **a** e também não atribuem diferenças significativas de sentido entre as construções que lhes foram sugeridas.

Na questão 14, assim como no item 07, perguntamos aos informantes que disseram haver diferenças de sentido entre as construções, que diferenças eram essas. Notamos, de modo geral, que para os brasileiros as preposições **a** e **para** não possuem grandes diferenças de sentidos, ainda que a preposição **a** seja considerada mais formal do que **para**. Para os portugueses, a construção com a preposição **para**, apesar de ser compreendida por eles, não é recorrente em Portugal. Os três informantes portugueses que selecionaram a opção “Contei para as minhas amigas sobre a festa” e os outros sete que disseram utilizar as construções com **a** e **para** com a mesma frequência não responderam a questão de número 14. Selecionamos, assim, algumas das respostas que

consideramos mais coerentes com o que tem se discutido aqui e as expomos com a ajuda quadro 05<sup>83</sup>.

Nacionalidade	Questão 12	Questão 13	Questão 14
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	A diferença que existe é entre o que é mais formal e o que é menos formal.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	A única diferença, no meu ponto de vista, é que "a", dá uma conotação de formalidade e "para" fica mais informal.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	O uso da preposição A parece mais comum à escrita, então há alguma diferença, sim, mas que não parece trazer prejuízos ao sentido.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	3	"às" me parece muito estranho.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	5	me parece o grau de amizade, na frase "para as minhas amigas" me parece uma relação bem íntima
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	A diferença é de formalidade. "Para as" é menos formal; "às" é mais formal.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	A segunda é muito estranha para mim e acho-a tipicamente brasileira.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Não sei dizer se a segunda expressão está correta ou não, simplesmente não usamos "contar para, falar para"
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Não é uma diferença no significado da frase, mas sim que não se usa o contei para... em Portugal. Pelo menos, não na minha região.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A 2a frase é incorrecta, esta "abrasileirada".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Acho que não existem diferenças no sentido, pois, praticamente, ambas querem dizer o mesmo. No entanto, eu não uso a segunda expressão, pois não é comum em Portugal.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	De sentido não existe.. Mas a segunda frase não costuma ser dita por portugueses.

**Quadro 05.** Teste de percepção – questão de número 14 / informantes brasileiros e portugueses

Quando observamos a pergunta 16<sup>84</sup>, encontramos respostas que não seguem o mesmo padrão comportamental já observado nas questões anteriores, ao menos quando

<sup>83</sup> O quadro completo, com todas as respostas dadas pelos informantes brasileiros e portugueses, encontra-se disponível, em anexo, ao final deste trabalho.

<sup>84</sup> Questão 16. Imagine-se em uma reunião de negócios extremamente importante. Quais das construções abaixo você usaria para falar com o seu chefe.

- Irei dizer a ele que o prazo se esgotou.
- Irei dizer para ele que o prazo se esgotou.
- Amanhã, enviarei os relatórios para você.
- Amanhã, enviarei os relatórios a você.
- Fui à sua sala procurar por você.
- Fui até sua sala procurar por você.
- Fui na sua sala procurar por você.
- Fui para a sua sala procurar por você.
- Assim que puder, levarei os documentos para você.

tratamos dos verbos de *direção* e de *transferência verbal*. Assim como será mostrado, acreditamos que os informantes, ao lerem as construções sugeridas nessa questão, tenham considerado algum outro possível aspecto que não relacionado com o uso das preposições, o que pode, então ter influenciado suas escolhas<sup>85</sup>. Consideramos essa possibilidade real, uma vez que alguns informantes portugueses nos escreveram, alertando-nos sobre o uso do pronome *você*, incomum em Portugal, e sobre a colocação de alguns outros pronomes<sup>86</sup>.

Nesta questão, pedimos que nossos informantes se imaginassem em uma situação de negócios extremamente importante e que, diante disso, escolhessem quais construções usariam para falar com seus chefes. Em relação aos verbos de *transferência verbal*, percebemos que apenas 98 (35%) informantes portugueses escolheram a construção “Irei dizer a ele que o prazo se esgotou”, enquanto que outros 179 (65%) deixaram em branco essa opção. Sobre a construção “Irei dizer para ele que o prazo se esgotou”, vemos quase que o mesmo comportamento, ainda que com resultados bem diferentes: apenas 19 (7%) falantes do PE optaram por essa construção, enquanto os outros 258 (93%) a deixaram em branco.

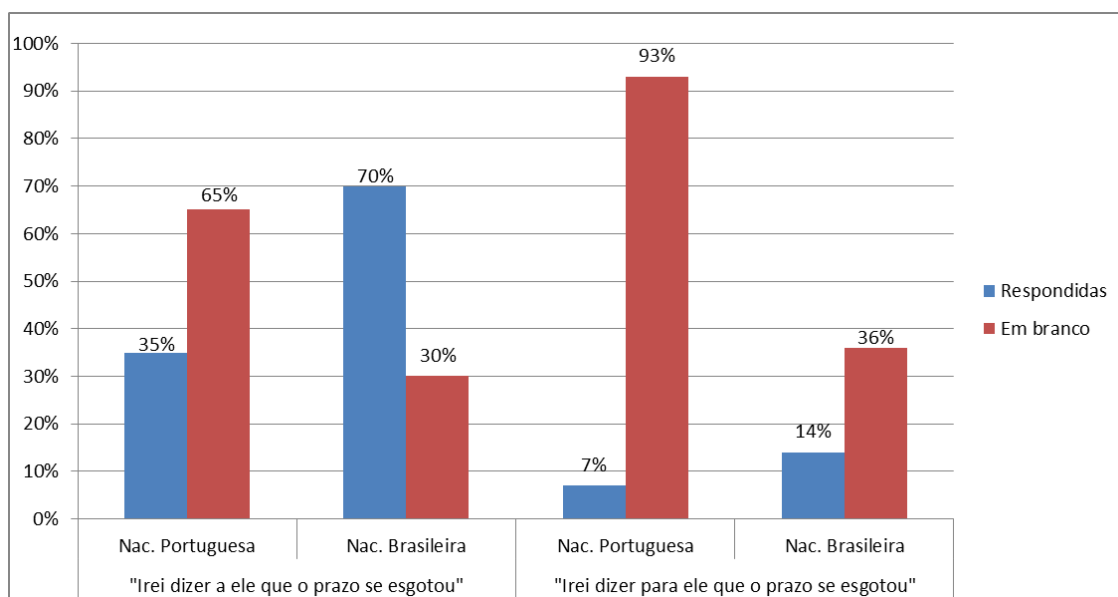
Sobre os informantes brasileiros, vemos que há uma preferência pela construção com a preposição *a*, já que dos 173 informantes, 121 (70%) deles escolheram essa frase. Em relação à outra construção, “Irei dizer para ele que o prazo se esgotou”, temos que apenas 24 (14%) informantes a considerariam na hora de falar com um chefe, ao contrário dos outros 149 (36%) que não a escolheram.

- 
- Assim que puder, levarei os documentos a você.

<sup>85</sup> Reconhecemos e lamentamos, aqui, não termos nos atentado, durante a elaboração dessa questão, para o fato de ela não abordar, em sua totalidade, construções próprias do PE, privilegiando, ainda que intencionalmente, características do PB.

<sup>86</sup> De modo consensual, os informantes portugueses que nos escreveram afirmaram que, ao invés das construções sugeridas na questão 16, usariam as seguintes:

- Irei dizer a ele que o prazo se esgotou. > Irei **dizer-lhe** que o prazo de esgotou.
- Irei dizer para ele que o prazo se esgotou. > Irei **dizer-lhe** que o prazo de esgotou.
- Amanhã, enviarei os relatórios para você. > Amanhã enviarei os relatórios **para si**. / Amanhã **envio-lhe** os relatórios.
- Amanhã, enviarei os relatórios a você. > Amanhã enviarei os relatórios **para si**. / Amanhã **envio-lhe** os relatórios.
- Fui à sua sala procurar por você. > Fui à sala procurar **por si** / Fui à sua sala **à sua procura**.
- Fui até sua sala procurar por você. > Fui à sala procurar **por si** / Fui à sua sala **à sua procura**.
- Fui na sua sala procurar por você. > Fui à sala procurar **por si** / Fui à sua sala **à sua procura**.
- Fui para a sua sala procurar por você. > Fui à sala procurar **por si** / Fui à sua sala **à sua procura**.
- Assim que puder, levarei os documentos para você. > Assim que puder **levo-lhe** os documentos. / Assim que puder **levo** os documentos **até si**.
- Assim que puder, levarei os documentos a você. > Assim que puder **levo-lhe** os documentos. / Assim que puder **levo** os documentos **até si**.



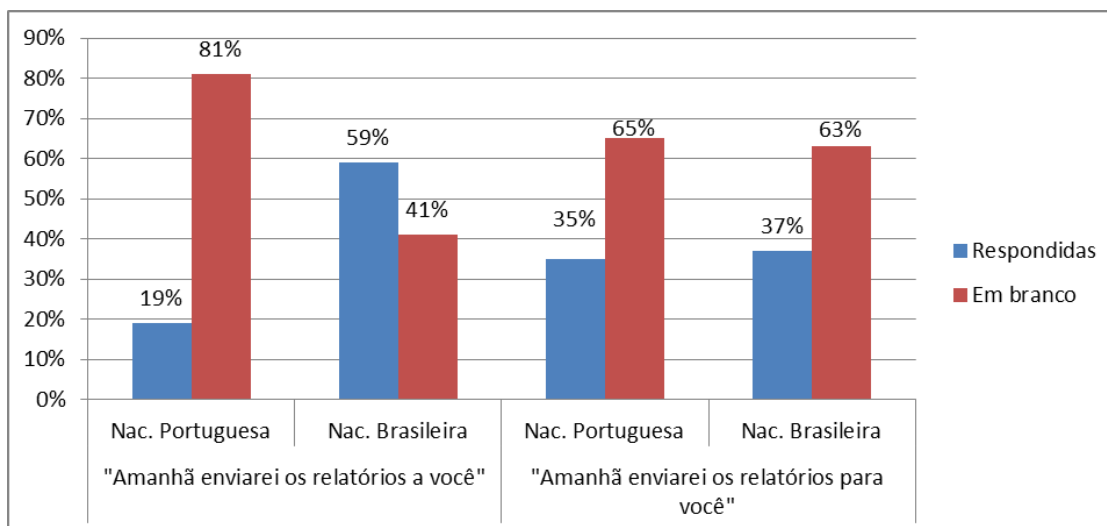
**Gráfico 19.** Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros<sup>87</sup>

Quando questionamos nossos informantes sobre o uso dos verbos de *transferência material*, observamos o mesmo comportamento sugerido pelas construções com os verbos de *transferência verbal*. Enquanto que os informantes portugueses, em sua maioria, optaram por não escolher nenhuma das duas construções sugeridas, os informantes brasileiros escolheram a construção com a preposição *a*. Observamos esses dados com a ajuda do gráfico 19.

<sup>87</sup> A tabela 18 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes portugueses e brasileiros à questão de número 16.

**Tabela 18.** Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros

Tabela 18. Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências				
	"Irei dizer a ele que o prazo se esgotou"		"Irei dizer para ele que o prazo se esgotou"	
	Nac. Portuguesa	Nac. Brasileira	Nac. Portuguesa	Nac. Brasileira
<b>Respondidas</b>	98 (35%)	121 (70%)	19 (07%)	24 (14%)
<b>Em branco</b>	179 (65%)	52 (30%)	258 (93%)	149 (36%)



**Gráfico 20.** Teste de percepção – questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros<sup>88</sup>

Ao abordarmos os verbos de *direção*, sugerimos para nossos informantes quatro possíveis construções: “Fui à sua sala procurar por você”, “Fui até sua sala procurar por você”, “Fui na sua sala procurar por você” e “Fui para a sua sala procurar por você”. Temos, aqui, que 134 (49%) informantes portugueses preferem a construção com a preposição **a**, assim como os 104 (60%) informantes brasileiros que também a escolheram. Além disso, é possível perceber, com a ajuda da tabela 20, que foram poucos os informantes, tanto portugueses quanto brasileiros, que optaram também pelas outras construções.

<sup>88</sup> A tabela 19 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes portugueses e brasileiros à questão de número 16.

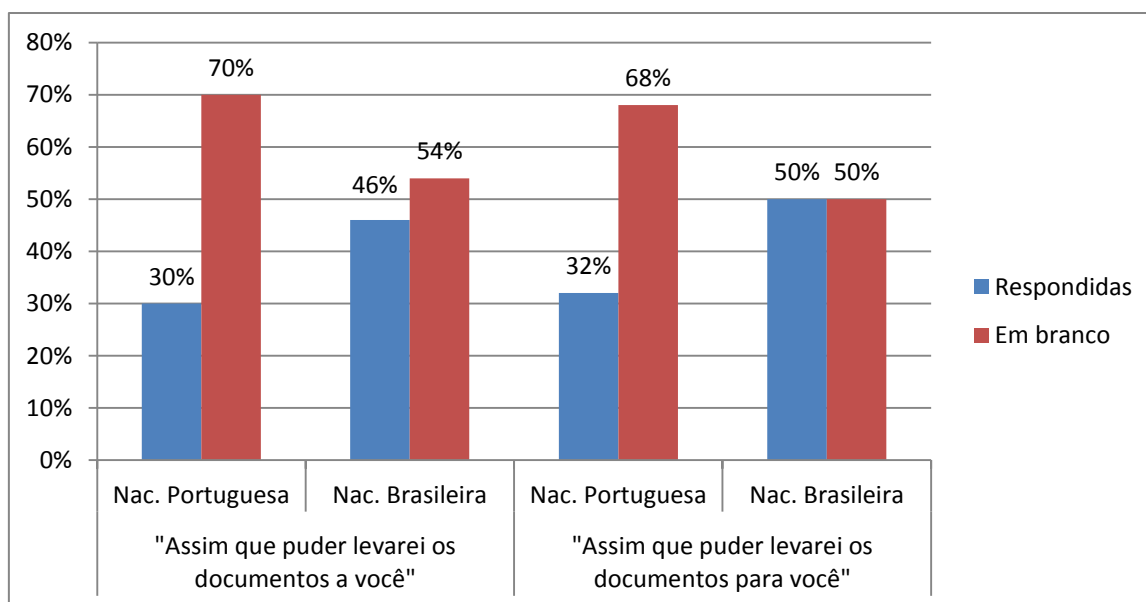
**Tabela 19.** Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros

Tabela 19. Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências				
	"Amanhã enviarei os relatórios a você"		"Amanhã enviarei os relatórios para você"	
	Nac. Portuguesa	Nac. Brasileira	Nac. Portuguesa	Nac. Brasileira
<b>Respondidas</b>	53 (19%)	102 (59%)	96 (35%)	64 (37%)
<b>Em branco</b>	224 (81%)	71 (41%)	181 (65%)	109 (63%)

**Tabela 20.** Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros

Tabela 20. Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências				
	Nacionalidade portuguesa		Nacionalidade brasileira	
	Respondidas	Em branco	Respondidas	Em branco
"Fui à sua sala procurar por você"	134 (49%)	143 (51%)	104 (60%)	69 (40%)
"Fui até sua sala procurar por você"	39 (14%)	238 (86%)	71 (41%)	102 (59%)
"Fui na sua sala procurar por você"	10 (04%)	267 (96%)	33 (19%)	140 (81%)
"Fui para a sua sala procurar por você"	15 (05%)	262 (95%)	11 (07%)	162 (93%)

Sobre as construções que abordaram os verbos de *movimento com transferência*, encontramos resultados bastante semelhantes entre os portugueses e brasileiros, pelo menos no que diz respeito ao número de informantes que escolheriam as construções “Assim que puder, levarei os documentos para você” e “Assim que puder, levarei os documentos a você”, na hora de falar com um chefe. Temos que 89 (32%) informantes portugueses preferem a construção com **para**, assim como 87 (50,2%) informantes brasileiros também a escolheram. Quanto à segunda construção, com a preposição **a**, temos que 82 (30%) informantes portugueses e 80 (46%) brasileiros a escolheriam. Apenas com esse tipo verbal é possível afirmar que não ocorrem diferenças significativas quanto aos usos de **a** e **para**, podendo apresentar, essas duas preposições, juntos deste tipo verbal, valores relativamente próximos.



**Gráfico 21.** Teste de percepção – questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros<sup>89</sup>

Com a análise da questão 16, assim como anteriormente, podemos perceber um padrão comportamental bastante diferente daquele observado nas questões até aqui analisadas. Isso porque foram poucos os informantes portugueses que optaram pelas construções sugeridas, mesmo que se tratasse daquelas com a preposição *a* – já vista como a mais recorrente nos dados do PE. Mais uma vez, acreditamos que tal fato tenha ocorrido devido ao modo como as questões foram apresentadas aos nossos informantes, já que elas conservaram, em suas estruturas, características que se aproximam muito mais do PB do que do PE.

Dessa forma, é possível que tais informantes não tenham optado por muitas das construções sugeridas pelo fato delas não corresponderem àquilo que seria usado, em Portugal, principalmente numa conversa com um chefe<sup>90</sup>. Além disso, pudemos

<sup>89</sup> A tabela 21 nos mostra as respostas oferecidas pelos informantes portugueses e brasileiros à questão de número 16.

**Tabela 21.** Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros

Tabela 21. Teste de percepção - questão de número 16 / informantes portugueses e brasileiros – Ocorrências				
	"Assim que puder levarei os documentos a você"		"Assim que puder levarei os documentos para você"	
	Nac. Portuguesa	Nac. Brasileira	Nac. Portuguesa	Nac. Brasileira
<b>Respondidas</b>	82 (30%)	80 (46%)	89 (32%)	87 (50%)
<b>Em branco</b>	195 (70%)	93 (54%)	188 (68%)	86 (50%)

<sup>90</sup> Sabemos que, em Portugal, os casos anafóricos preveem, com maior frequência, o uso do pronome clítico ao invés da forma preposicionada (cf. Freire, 2005; Torres-Morais, Berlinck 2007, entre outros).



perceber que a maioria dos informantes brasileiros optou, nesta questão, pelos casos em que a preposição **a** aparece, o que também contraria aparentemente os resultados mostrados nas questões anteriores. Tal comportamento pode ser justificado devido ao fato de pedirmos a eles que escolhessem construções que seriam ditas a um chefe, ou seja, usadas numa situação de maior formalidade, comprovando ser esta preposição a considerada como mais formal, para os informantes brasileiros, quando comparada às preposições **até**, **em** e **para**.

As cinco últimas questões<sup>91</sup> desse teste de percepção abordam casos com verbos de *direção* e pedem que os informantes escolham as preposições mais indicadas para cada caso apresentado. De modo geral, em relação às respostas oferecidas tanto por portugueses quanto por brasileiros, percebemos que as preposições **a**, **até** e **para**, quando em oposição com a preposição **em**, são as que apresentam maior percentual de escolha. Assim, conforme observamos abaixo, é possível afirmar, sobre essas últimas questões, que portugueses e brasileiros apresentaram grande semelhança em suas respostas.

Na questão de número 17, temos a construção “Ontem, fui \_\_\_\_ shopping durante a tarde” e oferecemos duas opções de escolha para nossos informantes: “ao” e “para o”. Temos, em nossos resultados, que dos 277 informantes portugueses, 264 (95%) deles optaram por “Ontem, fui **ao** shopping”, ao mesmo tempo em que 151 (87%) informantes brasileiros escolheram também essa mesma opção. Considerando os traços de [+permanência] e [-permanência], apresentados por Mollica (1996), podemos inferir que o uso da preposição **a**, na questão citada, se opõe ao resultado esperado, uma vez que é a preposição **para** que deveria prevalecer junto do traço de [+ permanência] (MOLLICA, 1996, p.163). Aqui, entretanto, temos que é a preposição **a** que carrega com mais força o traço de [+permanência]. Dessa forma, é possível que os portugueses tenham preferido a preposição **a** por ser ela a mais comum e mais recorrente, enquanto

---

<sup>91</sup> **Questão 17.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo. Ontem, fui \_\_\_\_ shopping durante a tarde. (AO/PARA O)

**Questão 18.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo. Ela correu \_\_\_\_ banheiro. (AO/NO)

**Questão 19.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo. Fui \_\_\_\_ meu quarto buscar o livro. (PARA O/NO)

**Questão 20.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo. Fomos caminhando \_\_\_\_ a loja. (ATÉ/PARA)

**Questão 21.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo. Ela foi \_\_\_\_ cantina comprar um doce. (ATÉ A/NA)

que os brasileiros continuaram optando por aquela considerada por eles como a mais formal.

**Tabela 22.** Teste de percepção – questão de número 17 / informantes portugueses e brasileiros

Teste de percepção - questão 17 / informantes portugueses e brasileiros				
Nacionalidade	AO	PARA O	Em branco	Total
Portuguesa	264 (95%)	09 (03%)	04 (02%)	277 (100%)
Brasileira	151 (87%)	15 (09%)	07 (02%)	173 (100%)

A questão de número 18, “Ela correu \_\_\_\_ banheiro. (AO/NO)”, apresenta o locativo “banheiro” com o traço [+fechado], o que deveria favorecer o uso da preposição **em**. Sabemos, ao menos em relação aos informantes brasileiros, que a preposição **em** “quando acompanha o verbo ir, conota sentido de ‘estar dentro’, sendo mais provável com traços de locativo [+fechado]: recinto cujo espaço seja mais demarcado” (MOLLICA, 1996, p.156). Entretanto, vemos nos resultados obtidos que dos nossos 450 informantes, 355 preferiram a preposição **a**, sendo que 203 (73%) são portugueses e 152 (89%) brasileiros. Apenas 64 informantes, 51 (18%) portugueses e 13 (7%) brasileiros, optaram pela preposição **em**. Aqui, ainda que a preposição **em** pudesse ser mais facilmente selecionada, percebe-se que a norma-padrão (para os brasileiros) e a norma de uso (para os portugueses) podem ter influenciado a escolha de nossos informantes.

**Tabela 23.** Teste de percepção – questão de número 18 / informantes portugueses e brasileiros

Teste de percepção - questão 18 / informantes portugueses e brasileiros				
Nacionalidade	AO	NO	Em branco	Total
Portuguesa	203 (73%)	51 (18%)	23 (09%)	277 (100%)
Brasileira	152 (89%)	13 (07%)	08 (04%)	173 (100%)

Já na questão seguinte, “Fui \_\_\_\_ meu quarto buscar o livro. (PARA/NO)”, temos um resultado um pouco mais “revelador”, uma vez que apresentamos, novamente, um locativo [+fechado], “quarto”, e como opções de escolha as preposições **para** e **em**. Assim, como dito anteriormente, a preposição **em** é a mais favorecida quando se trata de um locativo com esse traço (cf. Mollica, 1996, p.156). Entretanto, observamos em nossos resultados que foi a preposição **para** que apresentou um maior número de casos, em relação aos nossos dois tipos de informantes. Temos que 154 (55%) portugueses preferiram a preposição **para** e que 101 (59%) informantes brasileiros fizeram também

essa mesma escolha. Tal resultado, contrária, de certa forma, aquilo que era esperado, já que apenas 62 (36%) informantes brasileiros optaram pelo uso do **em** junto de um verbo de *direção* e um locativo [+fechado]. Acreditamos, novamente, na ideia de que diferentes normas, assim como mostrado anteriormente, podem ter influenciado as escolhas de nossos informantes, de modo que a preposição **em**, supostamente mais utilizada em casos como esse, foi praticamente descartada.

**Tabela 24.** Teste de percepção – questão de número 19 / informantes portugueses e brasileiros

Teste de percepção - questão 19 / informantes portugueses e brasileiros				
Nacionalidade	NO	PARA O	Em branco	Total
<b>Portuguesa</b>	82 (29%)	154 (55%)	41 (16%)	277 (100%)
<b>Brasileira</b>	62 (36%)	101 (59%)	10 (05%)	173 (100%)

Na pergunta de número 20, temos a construção “Fomos caminhando \_\_\_\_ a loja” e apresentamos como opções as preposições **até** e **para**. Considerando o fato de termos aqui a ideia de direção e de processo (devido ao verbo “ir” utilizado junto do verbo ‘caminhar’ e ao aspecto verbal apresentado), vemos, em nossos resultados, que é a preposição **até** a mais utilizada em situações como essas. Essa preposição, para a maioria dos informantes portugueses e brasileiros, conforme mostrado na questão 07, traz a ideia de limite e enfatiza mais o trajeto percorrido do que o destino final, o que pode, então, ter favorecido seu uso em detrimento de **para**. Porém, é preciso ressaltar que, em relação aos informantes portugueses, temos resultados mais balanceados, já que 141 (51%) deles preferiram a preposição **até** e 127 (46%) a preposição **para**. Quanto aos informantes brasileiros, temos que 143 (82%) escolheram **até** e apenas 21 (12%) ficaram com a preposição **para**.

**Tabela 25.** Teste de percepção – questão de número 20 / informantes portugueses e brasileiros

Teste de percepção - questão 20 / informantes portugueses e brasileiros				
Nacionalidade	ATÉ	PARA	Em branco	Total
<b>Portuguesa</b>	141 (51%)	127 (46%)	09 (03%)	277 (100%)
<b>Brasileira</b>	143 (82%)	21 (12%)	09 (06%)	173 (100%)

Por fim, na questão 21, observamos novamente a preferência pela preposição **até** em detrimento a **em**. Temos a construção “Ela foi \_\_\_\_ cantina comprar um doce”, com um locativo com traço [+fechado], o que poderia ter favorecido o uso da preposição **em**, principalmente em relação aos informantes brasileiros. Entretanto, dos 277 informantes

portugueses, observamos que 219 (79%) preferem a preposição **até** e que apenas 54 informantes brasileiros (31%) fariam uso, nessa situação, da preposição **em**.

**Tabela 26.** Teste de percepção – questão de número 21 / informantes portugueses e brasileiros

Teste de percepção - questão 21 / informantes portugueses e brasileiros				
Nacionalidade	ATÉ A	NA	Em branco	Total
Portuguesa	219 (79%)	40 (14%)	18 (07%)	277 (100%)
Brasileira	111 (64%)	54 (31%)	08 (04%)	173 (100%)

Percebemos, dessa forma, que muito do que já havia sido apresentado em nossos resultados se confirma com as respostas que encontramos nesse teste de percepção, principalmente do que diz respeito à preferência pela preposição **a** e o pouco uso da preposição **em**, quando tratamos dos informantes portugueses. Ao mesmo tempo, percebemos que os informantes brasileiros apresentam um olhar “mais neutro” para essas quatro preposições, uma vez que muitas delas são igualmente escolhidas em situações em que era esperado que uma ou outra tivesse sido mais privilegiada. Acreditamos, dessa forma, ter nos aproximado um pouco mais da realidade de nossos informantes e, conseqüentemente, dos falantes do PE e do PB, de modo que pudéssemos perceber, com maior clareza, detalhes importantes em relação aos usos que eles fazem da língua portuguesa. Ainda buscando uma maior compreensão acerca desse teste de percepção, trazemos, no próximo item, uma comparação entre os resultados de nosso teste e aqueles obtidos em nossa análise inicial.

#### 4.5.2 Comparando resultados: sobre o teste de percepção e as revistas femininas

Assim como já dito anteriormente, abordamos em nosso teste de percepção, com maior frequência, os casos com verbos de *direção*, uma vez que entre os dados levantados para a nossa análise, foram eles que apresentaram possíveis alternâncias entre as quatro preposições trabalhadas. Partindo, então, da análise desse tipo verbal, pretendemos, aqui, estabelecer uma comparação entre os resultados encontrados em nosso teste e aqueles já elucidados anteriormente, nos itens 4.1 a 4.4.

Quando realizamos esse movimento de comparação, dois pontos ficam bastante claros em nossas análises: os informantes portugueses apresentam uma preferência pela preposição **a** e os informantes brasileiros se mostram mais divididos entre essas quatro

preposições. Observamos que em todas as situações em que a preposição **a** é uma das opções de escolha, será ela a mais selecionada pelos informantes portugueses<sup>92</sup>, ao mesmo tempo em que a preposição **em** é a menos favorecida por esses informantes. Tal fato vai de acordo com os resultados que já apresentamos em nossas análises, uma vez que os dados da revista *Bravo* nos oferecem 196 (80%) casos com essa preposição e nenhum caso com a preposição **em**. Ainda assim, é preciso ressaltar o fato de que a preposição **em** é, mesmo que de forma mínima e com a prevalência de **a**, escolhida em algumas questões de nosso questionário. Isso nos faz pensar que os informantes portugueses preferem, sim, a preposição **a**, mas não desconsideram totalmente os usos com **em**, sugerindo, com isso, uma escolha menos consciente – e baseada em uma norma de uso e não na norma-padrão – dessas preposições.

Quanto a isso, os informantes brasileiros são mais abertos ao uso da preposição **em** junto dos verbos de *direção* quando comparados com os informantes portugueses. Porém, é preciso ressaltar que essa “aceitação” se dá de forma bastante sutil, já que em nosso teste as outras preposições em questão (**a**, **até** e **para**) aparecem com maior frequência nos casos mostrados, comparando-se aos 329 dados da revista *Capricho*, em que apenas 19 (5,7%) apresentam a preposição **em**.

O mesmo acontece, no teste, em relação à preposição **para**, que quando em oposição à preposição **a**, terá menos chances de ser escolhida, principalmente quando se trata dos informantes portugueses, ainda que estes vejam pouca diferença de sentido entre elas. Tal fato corresponde aos dados da revista *Bravo*, quando dos 151 casos com verbos de direção, apenas 42 (27,8%) apresentam a preposição **para** e 109 (72,2%) a preposição **a**. Já na revista *Capricho*, dos 196 dados com esse tipo verbal, 88 (44,9%) apresentaram a preposição **para** e 108 (55,1%) a preposição **a**, mostrando um equilíbrio maior entre essas duas preposições. Quando analisamos, em nosso questionário, os dados dos informantes brasileiros, temos que os usos com **para** acontecem com menor frequência quando comparados aos usos de **a**. Ainda assim, quando relacionamos os casos com **para** às preposições **até** e **em**, notamos que, das alternativas à preposição **a** ela é a preferida.

Com a ajuda desses novos resultados, confirmamos a hipótese de que os informantes portugueses conhecem, obviamente, a norma-padrão, mas não a consideram

---

<sup>92</sup> Ressaltamos aqui o fato já elucidado anteriormente de que alguns informantes portugueses entraram em contato conosco, nos alertando sobre o uso da preposição **em** e nos informando que não poderíamos criar construções com essas preposições, já que elas não são utilizadas em Portugal junto dos verbos de *direção*.

em sua totalidade no momento de escolha entre uma ou outra preposição, principalmente pelo fato de justificarem a preferência pelas construções com a preposição **a** por serem elas “algo normal e comum”, o que faz com que suas escolhas sejam, então, pautadas por uma norma de uso. Sobre os informantes brasileiros, dos quais esperávamos um uso maior das preposições **até**, **em** e **para**, quando comparado à preposição **a**, podemos pensar na possibilidade de terem avaliado o teste como uma situação mais formal (o que condiz com uma escolha maior de **a**), do que aquela encontrada pelas leitoras das revistas, ao escreverem suas cartas (o que favorece o uso de **até**, **em** e **para**). Tal fato, de certa forma, interfere nos resultados obtidos aqui e lá, mas reforça a ideia de que fatores extralinguísticos podem influenciar a escolha dessas preposições.

Através da análise desse teste de percepção, somado aos resultados obtidos a partir dos dados das revistas *Capricho* e *Bravo*, percebemos o quanto o uso de uma preposição pode ser guiado por fatores externos. Conseguimos, aqui, compreender de modo um pouco mais claro que os falantes do PE têm conhecimento sobre a norma-padrão, mas que não escolhem suas preposições baseando-se apenas nela. Do mesmo modo, falantes do PB podem ser mais propensos às preposições **até**, **em** e **para**, porém, em situações mais monitoradas e de maior formalidade, fazem uso de uma variedade mais formal. Entendemos, assim, que fatores extralinguísticos como o grau de formalidade e a relação de intimidade (visto as análises apresentadas na subseção 5.4) podem influenciar as escolhas linguísticas dos falantes do PB e do PE, ainda que eles tenham total conhecimento sobre a norma de prestígio e suas implicações.

### Considerações finais

Tomando como referência os estudos em Sociolinguística e Linguística Histórica, foi possível averiguar, ao longo desse trabalho, de que modo se dá a variação de preposições em textos de cartas de leitoras de revistas femininas atuais brasileiras e portuguesas. Para tanto, buscamos, com base na relação entre mudança linguística e escrita, estabelecer uma relação maior entre tal mudança e os gêneros textuais, uma vez que o gênero “carta de leitoras” mostra-se bastante permeável à variação. Levamos em consideração as mudanças sintáticas e selecionamos, para esse estudo, quatro preposições – **a**, **até**, **em** e **para** – identificadas anteriormente como variantes em contexto de complementação verbal no português.

Trabalhamos, então, com a revista brasileira *Capricho* e a revista portuguesa *Bravo* e buscamos, a partir da análise de fatores internos e externos relacionados a essas revistas, identificar e melhor compreender os possíveis casos de variação entre essas quatro preposições.

Em um primeiro momento, foi possível confirmar a hipótese inicial de que há uma maior incorporação das preposições **até**, **em** e **para** no português brasileiro, sendo importante ressaltar que o português europeu, ainda que pareça ser mais sensível à sua respectiva norma – fato comprovado através da preponderância da preposição **a** nos dados retirados da revista *Bravo* – apresenta também alguns casos com as “outras preposições”, mais inovadoras, principalmente quando se trata dos verbos de direção e do complemento “lugar”.

Ao analisarmos os dados retirados da revista *Capricho*, temos que dos 329 casos encontrados, 183 deles distribuem-se entre as preposições **até** (15 dados – 4,6%), **em** (19 dados – 5,7%) e **para** (149 dados – 45,3%) e que 146 (44,4%) apresentam a preposição **a**. Enquanto isso, na revista *Bravo*, foram levantados 245 dados, sendo que 196 (80%) deles correspondem à preposição **a** e apenas 49 às outras preposições: temos um único caso (0,4%) com **até**, 48 casos (19,6%) com **para** e nenhum dado com a preposição **em** foi encontrado.

Ainda em relação a esses resultados, é importante lembrar que foram as preposições **a** e **para** que se apresentaram com maior frequência, o que nos levou a trabalhar com os dados em que concorreram apenas essas duas preposições. Assim, analisamos 282 dados correspondentes à revista *Capricho*, sendo 53% deles com a preposição **para** e 47% com a preposição **a**; e 237 dados da revista *Bravo*, sendo que 20% deles apresentaram a preposição **para** e 80% a preposição **a**. Nessa análise mais

refinada, percebemos que, na revista *Capricho*, ocorre a predominância da preposição **para** com praticamente todos os tipos verbais, excetuando-se os verbos de *direção*, que apresentaram 108 casos (55,1%) com a preposição **a**. De forma bastante significativa, encontramos os verbos de *transferência verbal*, com 28 (78,4%) dados correspondendo à preposição **para**; em seguida, temos os verbos de *transferência material* com 17 casos (85%) e de *movimento com transferência* com 06 casos (60%), com a também prevalência da preposição **para**.

Quando analisamos a relação entre o uso dessas preposições e a natureza do complemento, percebemos, na revista *Capricho*, que existe a prevalência da preposição **para** com os complementos “lugar” e “ser animado”. Porém, a preposição **a** se destaca com o complemento “noção abstrata” ou “evento”.

Quanto aos resultados da revista *Bravo*, percebemos que é a preposição **a** que prevalece com todos os tipos verbais trabalhados, com exceção dos verbos de *movimento com transferência*, que apresentaram os mesmos valores para **a** e **para**. Assim, destacamos os verbos de *transferência verbal*, com 100% de casos com a preposição **a**; os verbos de *transferência material* apresentam 66,7% dos casos com essa mesma preposição e, por fim, os verbos de *direção* aparecem com 72,2% de casos com **a**. Sobre a natureza do complemento, na revista *Bravo*, notamos a predominância da preposição **a** com todos os tipos de complementos trabalhados.

É válido ainda ressaltar que o grupo de fatores “natureza do complemento” foi selecionado pelo programa estatístico GOLDVARB como o mais relevante, durante a análise dos dados da revista *Capricho*. Em contraposição, nenhum grupo de fatores foi selecionado por esse programa quando tratamos da revista *Bravo*, o que reafirma a ideia de pouca variação em relação aos dados portugueses.

Além disso, ainda se tratando dos resultados obtidos com a análise das revistas *Capricho* e *Bravo*, trabalhamos na seção 4.2.1, especificamente, com os verbos de *direção*, uma vez que foi esse o tipo verbal que apresentou o maior número de dados, além de ser o único a apresentar outras possíveis alternâncias entre as preposições selecionadas, além de **a** e **para**. Observamos que os 19 dados com a preposição **em**, presentes na revista *Capricho*, dividem-se entre os verbos “ir” e “chegar”, enquanto que nenhum caso com essa preposição, assim como já afirmando, foi encontrado na revista *Bravo*. Em relação à preposição **até**, temos apenas um caso na *Bravo* que se contrapõe a 15 casos encontrados na revista *Capricho*. Novamente, acreditamos, com base nesses fatos, que a revista brasileira se mostra mais aberta aos casos de variação, ao contrário



da revista *Bravo*. Assim como exposto nessa seção de resultados, afirmamos aqui que a alternância dessas preposições é, então, regida também por fatores extralinguísticos – assim como mostrado com os resultados alcançados através do teste de percepção –, capazes de motivar a escolha de uma preposição mais ou menos formal, de acordo com a norma-padrão.

Assim, diante desses resultados, faz-se possível considerar as preposições **a**, **até**, **em** e **para** como sendo variantes em contexto de complementação verbal no português brasileiro e europeu, ainda que neste os casos de variação aconteçam de forma mais sutil. O quadro abaixo sintetiza os resultados obtidos com a análise das revistas *Capricho* e *Bravo*, tornando possível uma análise comparativa entre os casos do PB e do PE.

	<i>Capricho</i>	<i>Bravo</i>
<b>Uso de preposições</b>	Uso das preposições <b>até</b> , <b>em</b> e <b>para</b> , com destaque para essa última preposição (45,3% dos casos).	Prevalência da preposição <b>a</b> , com 80% dos casos.
<b>Tipos de verbo</b>	Destaque para a preposição <b>para</b> em praticamente todos os tipos verbais, excetuando-se os verbos de <i>direção</i> .	Prevalência da preposição <b>a</b> com todos os tipos verbais, com destaque para os verbos de <i>transferência verbal</i> e <i>direção</i> .
<b>Tipos de complemento do verbo</b>	Prevalência da preposição <b>para</b> entre os complementos “lugar” e “ser animado”.	Preponderância da preposição <b>a</b> com todos os tipos de complementos trabalhados, com destaque para os complementos “lugar” e “ser animado”.

**Quadro 06.** Síntese comparativa da variação de preposições nas revistas *Capricho* e *Bravo*

Com base nesses primeiros resultados podemos sugerir que os usos do PE se aproximam mais daquilo que está definido como norma-padrão do português, uma vez que é a preposição **a**, ditada pelas Gramáticas e Manuais como a “mais correta”, que prevalece entre os dados levantados, ao contrário do que vemos nas revistas brasileiras. Porém, com a aplicação e análise do teste de percepção, foi possível reconhecermos alguns outros fatores que também podem influenciar a escolha dessas preposições. Notamos, nos resultados encontrados através desse teste, que ainda que a preposição **a** seja a mais escolhida pelos portugueses, tal preferência não se dá necessariamente porque é ela a mais aceita pelas Gramáticas, assim como supomos anteriormente. Para esses informantes, essa preposição pode já ter sido incorporada a uma norma de uso, sendo ela utilizada com maior frequência por ser comum e normal. Além disso, percebemos também que a preposição **em** não é totalmente desconsiderada – assim

como visto na revista *Bravo* – o que nos sugere uma escolha menos consciente e, por isso, mais distante da norma-padrão.

Em relação aos informantes brasileiros, vemos que as preposições **até**, **em** e **para** aparecem com maior frequência quando comparadas aos dados fornecidos pelos informantes portugueses. Porém, é preciso ressaltar que a preposição **a** é bastante utilizada, assim como notado também nos dados da revista *Capricho*. Ainda que as escolhas entre essas quatro preposições, pelos informantes brasileiros, pareçam acontecer de forma mais “neutra”, precisamos considerar o fato de que, em alguns casos, os resultados encontrados estão mais próximos daqueles sugeridos pela norma-padrão.

Dessa forma, observamos, durante a análise da revista *Bravo* usos que se aproximam de uma norma-padrão, enquanto que, com a análise do teste de percepção, sugerimos um uso mais despreocupado dessas preposições por esses informantes e, por isso, relacionado a uma norma de uso. De forma contrária, quando observamos os dados da revista da *Capricho*, encontramos a prevalência de **até**, **em** e **para**, o que foge aos preceitos da norma-padrão; mas, com o teste de percepção, observamos, nos dados brasileiros, resultados que se aproximam dessa norma, marcados pela prevalência de **a**.

É, então, nesse ponto que acreditamos que os fatores externos se tornam também responsáveis por tais diferenças no uso dessas preposições. Isso porque os contextos de comunicação em que essas preposições ocorrem são diferentes e, conseqüentemente, também encarados de modos contrários, tanto pelos informantes portugueses quanto brasileiros. Assim como mostrado na subseção 4.4 deste trabalho, temos que a relação estabelecida entre as revistas *Capricho* e *Bravo* e suas respectivas leitoras se dá de forma bem diferente, uma vez que a primeira revela um grau de intimidade maior ao contrário da segunda. Dessa forma, podemos supor que a preferência pelas preposições **até**, **em** e **para** pelas leitoras brasileiras e a preferência pela preposição **a**, pelas leitoras portuguesas, aconteça justamente pelo fato de elas se sentirem mais ou menos à vontade com o contexto em que se encontram.

Quando pensamos no contexto de aplicação do teste de percepção, podemos inferir que os informantes portugueses se sentiram muito mais à vontade para responderem às questões pedidas, uma vez que essas respostas não seriam publicadas ou divulgadas, assim como acontece com as revistas. Ao mesmo tempo, percebemos que os informantes brasileiros se viram diante de uma situação mais formal como, por exemplo, uma prova escolar, o que fez com que eles se mantivessem mais atentos aos

usos pedidos pelas Gramáticas e Manuais. Acreditamos que isso tenha ocorrido, devido ao fato de muitos desses informantes terem entrado em contato conosco pedindo o gabarito das questões presentes no teste.

Intuímos, assim, que diferentes normas se fazem presentes, cada qual relacionada aos diferentes contextos em que portugueses e brasileiros se encontram. Situações mais formais, assim como já previsto, pressupõem o uso da preposição **a**, podendo ela ser escolhida tanto por brasileiros quanto por portugueses. Porém, o uso dessa preposição nem sempre se relaciona com a norma-padrão, já que ela pode ocorrer em situações consideradas como normais e comuns, assim como mostrado com os informantes portugueses durante a análise do teste de percepção. Dessa forma, é preciso que os fatores externos que condicionam um determinado uso sejam amplamente analisados, para que, assim, junto aos fatores internos, expliquem o porquê das escolhas linguísticas de cada um dos falantes em questão.

Além disso, cabe aqui relacionarmos essas afirmações ao fato proposto em nossos objetivos iniciais, quando pretendíamos mostrar de que forma a noção de gênero textual é capaz de explicar os processos de mudança por nós encontrados. Dessa forma, percebemos que o gênero *carta de leitoras*, assim como o contexto em que se realizou o teste de percepção, é capaz, sim, de influenciar as escolhas e os usos dos falantes brasileiros e portugueses, já que é possível que cada um deles apresente um comportamento linguístico diferente para cada uma dessas situações trabalhadas, sendo influenciados por suas respectivas normas.

Com base em todas essas informações, torna-se possível, então, afirmar que as diferenças existentes entre o PB e o PE, quando tratamos dos usos das preposições **a**, **até**, **em** e **para**, são sustentadas, cada qual, por suas respectivas normas linguísticas, de modo que se preservem todas as diferentes variedades que constituem uma língua. Tal fato nos faz, assim como já mostrado no início desse trabalho, reconhecer o caráter heterogêneo da escrita, o que inclui a capacidade de ser permeável a formas oriundas da fala e, por isso, ser também lugar de possíveis variações e mudanças. Assim como afirma Corrêa (2004, p.02), acreditamos que

se os fenômenos de fala e escrita dados à observação podem ser vistos enquanto fatos linguísticos e enquanto práticas sociais não se pode deixar de considerar a íntima relação entre um fato linguístico e uma prática social.

Dessa forma, por não desvincularmos os fatores internos dos externos, acreditamos que é, através da linguagem, que a forte relação existente entre as propriedades linguísticas e os parâmetros sociais se mantém, já que é a linguagem aquela que mais contribui para a criação e manutenção das relações sociais de poder. Entendemos, aqui, que a realidade social dos falantes e as propriedades linguísticas relacionam-se diretamente, sendo cada um deles fator fundamental para o bom desenvolvimento do outro.

## Referências Bibliográficas

ALVES, J. T. *A plasticidade da voz crítica: os textos de Roberto Pompeu de Toledo na revista Veja*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2008.

ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (Org.), *Norma Linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAGNO, M. Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia. *Veredas - revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.5, n.2, 2003. p. 71-83.

\_\_\_\_\_. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BAKHTIN, M. Discurso na vida e discurso na arte: sobre a poética sociológica. In: *Freudism – a marxist critique*. Tradução de FARACO, C. e TEZZA, C. (UFPR) para fins didáticos. New York: Academic Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: contexto de François Rebelais*. São Paulo: Hucitec. 1987.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora UNESP, 1998

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. “O problema do conteúdo do material e da forma na criação literária.” *Questões de literatura e de estética*. 6ª Ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAZERMAN, C. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez. 2007.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística**. I. Objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 121-140.

BERLINCK, R. A. The Portuguese Dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. (eds) *The dative*. Vol 1: Descriptive studies. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. p.119-151.

\_\_\_\_\_. Dativo ou Locativo? Sobre sentidos e formas do dativo no português. *Revista Letras*, n.56, 2001. p.159-175.

\_\_\_\_\_; BUENO, L. C. de O. *Variação e Gênero Textual: Preposições em textos jornalísticos paulistas*. XV Congresso Internacional da ALFAL - da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, Montevidéu, 2008.

- BORBA, F. da S. *Sistema de preposições em português*. São Paulo: [s.n.], 1971.
- \_\_\_\_\_. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BORTONI-RICARDO, S. M. “A análise do Português brasileiro em três *continua*: o *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística”. Congresso Substandard e Mudança no Português do Brasil. Berlim, outubro de 1997.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CANÇADO, M., CORREA, R. Verbos de trajetória do PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v.14, n.2, p.371-404, jul/dez 2006.
- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do português culto falado no Brasil – Classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- CASTILLO GÓMEZ, A. *Del tratado a la práctica epistolar. Entre la pluma y la pared: una historia social de la escritura en los Siglos de Oro*. Madrid: Akal, 2006, p.19-57.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: Lane, S.T.M., CODO, W. (Orgs). *Psicologia Social - O homem em movimento*. São Paulo: Brasilienses, 1994.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de construção da escrita*. Campinas, 1997. 435f. Tese de doutorado em linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. *O modo heterogêneo de construção da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. Capítulos 11 e 12: A língua funcional e Sistema, norma e falar concreto.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista Gênero*. Niterói, v.5, n.2, 2005. p. 9-35.
- COVA, A., PINTO, A. C. O Salazarismo e as mulheres. Uma abordagem comparativa. In: *Revista Penélope: Gênero, discurso e guerra*. Lisboa, v.17, p.71-94, 1997.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M.A.; NASCIMENTO, M. (org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. III: A construção da sentença. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- DIAS, A. Epiphânio da Silva (1970) *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Portuguesa.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2011.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREIRE, G. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2005.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna. Aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13ed. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

GUEDES, M., BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. *Estudos Linguísticos* 32. Documento C198.htm, 2003. Publicação do *Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo*.

GUY, G. R. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

HEINE, B. *et alii*. From Cognition to Grammar - Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds) *Approaches to Grammaticalization*. V.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. pp.149-187.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

KNOLL, G. F.; PIRES, V. L. Relações de gênero da sociedade: palavras e imagens constituindo identidades. In: *Anais do CELSUL*. Porto Alegre, 2008.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LONGHIN-TOMASI, S.R.; RODRIGUES, A. T. O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística. In: *Signo y Señal*, n. 23, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), 2013, p. 191-212.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.; Machado, A.; Bezerra, M. (org). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes na tecnologia digital. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002b.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAGALHÃES, T. M. V. O Sistema Pronominal Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, 2006.

MARINE, T. C. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, 2009.

MIRA MATEUS, M. H. *et alii* (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

MIRANDA-RIBEIRO, P. *Papéis de gênero e gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista Capricho*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOLLICA, M. C. A regência verbal do verbo ir em movimento. Oliveira e Silva, Gisele M.; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOLYNEUX, M.. *Movimientos de mujeres en América Latina*. Un estudio teórico comparado. Madrid: Catedra: Universidad de Valencia, 2003.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, 2012.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PETRY, H.; SILVA, R. D. V. de O. *Os arquétipos nas propagandas de revistas femininas*. Santa Catarina: XXVII Congresso Brasileiro de Comunicação, 2005.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: UDUFBA, 2002.

REIS, M. C. *Registro da heterogeneidade da escrita: um olhar para as grafias não convencionais pretônicas* / Marília Costa Reis, Luciani Ester Tenani – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.



- RIBEIRO, E. C. *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa*. Bahia: Livraria Progresso Editora, 1956.
- RODRIGUES, G. A. *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Biblioteca Breve: Lisboa, 1980.
- RODRIGUES, T. M. B. *Mídia Impressa: o verbo dicendi no discurso direto*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2000.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TEYSSIER, P. *Manual de Língua Portuguesa: Portugal-Brasil*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.
- TORRES-MORAIS, M.A. ; BERLINCK, R. A. . A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro; Norma Almeida. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006, v. 6, p. 73-106.
- \_\_\_\_\_. 'Eu disse pra ele' ou 'disse-lhe a ele': a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. CASTILHO, A.T.; TORRES-MORAIS, M.A.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (orgs) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro* – Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes Editores, 2007.
- VALDÈS, T. *De lo social a lo político. La acción de las mujeres latino-americanas*. Santiago: Lom Ed., 2000.
- VIARO, M. E. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.
- VIOLI, P. Cartas. In: Van Dijk, T. *Discurso y literatura?*. Madri: Visor, 1999, p.181-203.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press. 1968.
- \_\_\_\_\_, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
- YATES, S. J. 2000. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: David BARTON & Nigel HALL (EDS.) 2000. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 233-251.

------. *Revistas Femininas: a tirania da publicidade*. Disponível em: <[http://www.mulheresemaccao.org/analise\\_view.asp?Id=48](http://www.mulheresemaccao.org/analise_view.asp?Id=48)>. Acesso em: 11 mar. 2013.

## Apêndice

### 1. Levantamento de dados

Apresentamos aqui uma pequena amostra dos dados levantados, a fim de ilustrarmos a codificação realizada.

#### *Revista Bravo*

(0VAiCC (“Conselho: **digam à vossa amiga** que é injusta.”)) [15/06/2010, p.35 - R]

(0VAiCC (“Se ele não fizer caso, terás que **contar aos teus pais** para que lhe imponham limites.”)) [28/12/2010, p.36 - R]

(0VAiCC (“[...] **pede à tua mãe** que troque a fronha da tua almofada com frequência; mantém a tua pele sempre limpa (sobretudo antes de deitares) e hidratada!”)) [30/11/2010, p.36 - R]

(0DL/CC (“Para começar, sugiro-te que **vás** com tua mãe **ao Centro de Saúde** para que teu médico de família te recomende uma dieta personalizada.”)) [30/11/2010, p.36 - R]

(0VAiCC (“Ao princípio não ia com a cara dela e reconheço que o **dizia às minhas amigas.**”)) [30/11/2010, p.36 - L]

(0VA/CC (“Já me **declarei a ele** várias vezes, mas ele prefere ignorar-me.”)) [30/11/2010, p.36 - L]

(0LNnNC (“Para isso, terás de aprender a não **dar importância àquilo que os outros pensam de ti**, desfrutando das coisas que fazes.”)) [30/11/2010, p.36 - R]

(0VAiCC (“Por que **não perguntas ao teu redor** para te certificares?”)) [30/11/2010, p.36 - R]

(0LNnNC (“Podes, e deves, **pedir apoio às disciplinas** que tens maiores dificuldades junto de algum/a colega [...])) [26/01/2010, p.34 - R]

(0VAiCC (“**Pergunta a ambos** se sentem algo um pelo outro e, dependendo do que te responderem, poderás tomar uma decisão.”)) [26/01/2010, p.34 - R]

(0VAiCC (“Uma decisão que terás que enfrentar, mais cedo ou mais tarde, é como **contar aos pais e amigos.**”)) [22/2/2011, p.36 - R]

(0VAiCC (“**Dizer aos pais** pode ser a parte mais assustadora, mas quase de certeza que não vão deixar-te ficar mal na altura que mais precisa deles.”)) [22/2/2011, p.36 - R]

(0DE/CC (“Seguramente que têm algo em comum, como o tipo de música e, nesse caso, podem combinar um programa juntos, como **ir a um concerto.**”)) [22/2/2011, p.36 - R]

(0VAiCC (“Uma coisa é certa, se não te sentes cómoda com as carícias, **diz ao teu namorado** que vá com calma.”)) [22/2/2011, p.37 - R]

(0VAiCC (“Como **dizer aos meus pais?**”)) [31/5/2011, p.34 - L]

(0VAiCC (“**Pede à tua amiga** que te acompanha quando fores fazer o teste.”)) [31/5/2011, p.34 - R]

(0DL/CC (“**Ir ao cinema**, comer um gelado.”)) [31/5/2011, p.34 - R]

(0DE/CC (“Quando **vou** com elas **às compras**, sinto vergonha de dizer-lhes o tamanho de roupa que uso.”)) [31/5/2011, p.35 - L]

(0VAiCC (“Eu creio que ela sente algo por mim, mas não sei como **dizê-lo ao meu amigo**.”)) [31/5/2011, p.35 - L]

(0DL/CC (“Creio que ele sabia e que sentia o mesmo por mim, até porque nas férias do Natal **fui a sua casa** e como estávamos a sós, acabámos por curtir.”)) [8/2/2011, p.36 - L]

(0DL/CC (“Os meus amigos passam os dias no bairro, a jogar à bola ou a jogar PlayStation, mas eu tenho vontade de **ir à praia**, ao cinema...”)) [12/07/2011, p.36 - L]

(0DL/CC (“Os meus amigos passam os dias no bairro, a jogar à bola ou a jogar PlayStation, mas eu tenho vontade de **ir à praia, ao cinema...**”)) [12/07/2011, p.36 - L]

(0DL/CC (“Por isso, antes de mais, deves **ir a uma farmácia** ou loja de Saúde e Bem Estar para que te recomendem um produto específico para o teu tipo de pele.”)) [08/03/2011, p.36 - R]

(0MLaCC (“[...] damos as mãos, trocamos olhares e sorrisos e **levo-a a casa** de bicicleta.” [21/09/2012, p.36 - L]

(0DL/CC (“Por exemplo, um dia desses que a **acompanhes a casa**, e antes de te despedires dela, acaricia-lhe o cabelo suavemente e as bochechas, e depois dá-lhe um beijo suave nos lábios.”)) [21/09/2012, p.36 - R]

(1VAnCC (“O facto é que ela merece o mesmo respeito que tu **pedes para ti**.”)) [21/09/2012, p.37 - R]

(0VAiCC (“Um destes dias **perguntei à minha namorada**, que tem 16 anos, se queria fazer amor comigo e ela respondeu que não.”)) [01/06/2010, p.32 - L]

(1LLnCC (“Disseram-me que os advogados têm a sua vida familiar afectada com **os problemas que trazem para casa**, para resolver.”))

(0VAiCC (“**Pergunta ao teu pai** ou ao teu tio a que idade deram o tal esticção.”)) [02/11/2010, p.37 - R]

(0VAiCC (“**Pergunta** ao teu pai ou **ao teu tio** a que idade deram o tal esticção.”)) [02/11/2010, p.37 - R]

(0DL/CC (“Se, mesmo assim te sentes inseguro, **vai ao teu médico** de família para que te veja.”)) [02/11/2010, p.37 - R]

### **Revista *Capricho***

(0VNiCC (“Por isso, me sinto privilegiada em ter tido a honra de **responder ‘quero’ ao ‘quer namorar comigo?’ do meu namorado.**”)) [12/10/2008, p.08 - L]

(1DL/CC (“Foi só a revista **chegar na banca** para começar o bombardeio de mensagens [...].”)) [14/10/2007, p.08 - L]

(0LNnNC (“Parece que tudo que era tão bom tem que ter um fim para **dar espaço a novos começos.**”)) [29/03/2009, p.08 - L]

(1LNnNC (“Parei para pensar na felicidade daquelas crianças com tão pouco e **dei valor para cada coisinha que tenho.**”)) [26/10/2008, p.10 - L]

(1DL/CC (“Parece que ainda não caiu a ficha que **estou indo para Taiwan** sozinha, com 15 anos de idade.”)) [23/11/2008, p.12 - L]

(1DL/CC (“Vou morar em Taiwan durante três meses e depois **vou para Shenzhen**, na China, passar mais seis meses.”)) [23/11/2008, p.12 - L]

(1VAiCC (“**Contarei para vocês** a grande diferença do povo que mora por lá.”)) [23/11/2008, p.12 - L]

(1DL/CC (“**E estou indo para o mundo.**”)) [23/11/2008, p.12 - L]

(0DE/CC (“**Não fui ao NOCAPRICH**O, mas li todas as reportagens e me deu muita vontade de ir.”)) [25/11/2007, p.10 - L]

(1DL/CC (“Poxa, as leitoras estão espalhadas pelo Brasil todo e acho que nenhuma delas **vai pra São Paulo** comprar roupa no Brás.”)) [25/11/2007, p.10 - L]

(0DL/CC (“Sempre imaginei como seria quando eu **chegasse ao 3º ano do Ensino Médio.**”)) [07/10/2008, p.08 - L]

(1DL/CC (“**Não vejo a hora de chegar a próxima revista para eu sair correndo para o quarto** e ler do começo ao fim!”)) [07/10/2008, p.08 - L]

(1DL/CC (“**Nas férias de julho, viajei para a Bolívia** e para o Peru com meus pais.”)) [17/08/2008, p.07 - L]

(1DL/CC (“**Nas férias de julho, viajei para a Bolívia e para o Peru** com meus pais.”)) [17/08/2008, p.07 - L]

(0DE/CC (“**Fui**, então, **à Bienal do Livro**, onde houve o lançamento.”)) [31/08/2008, p.07 - L]

(1TLaCC (“Ahhh, a gente quer começar algum projeto para **trazê-los para o Brasil** e, obviamente, para Porto Alegre!”)) [15/02/2009, p.08]

(1TLaCC (“Ahhh, a gente quer começar algum projeto para **trazê-los** para o Brasil e, obviamente, **para Porto Alegre!**”)) [15/02/2009, p.08 - L]

(1DL/CC (“Eu conheci gente de todos os lugares do mundo, visitei oito cidades do país e ainda **fui pra Paris.**”)) [15/02/2009, p.08 - L]

(0DL/CC (“Nestas férias, **fui a São Paulo.**”)) [14/02/2010, p.08 - L]

(1DL/CC (“Depois, **fui para a capital** com a minha mãe e minha irmã.”)) [14/02/2010, p.08 - L]

(0DL/CC (“Depois, **fui à redação da Capricho** (não podia deixar de ir, né?).”)) [14/02/2010, p.08 - L]

(1DL/CC (“Se Deus quiser, não demoro a **voltar para São Paulo.**”)) [14/02/2010, p.08 - L]

(1DL/CC (“**Fui para Orlando** no ano passado e me emocionei vendo as fotos.”)) [10/05/2009, p.08 - L]

(0DE/CC (“Eu **vou ao show** deles em São Paulo e já estou contando as horas para a apresentação!”)) [10/05/2009, p.08 - L]

(0DL/CC (“Ao **chegar ao escritório**, dei de cara com um menino lindo.”)) [10/05/2009, p.08 - L]

(1DL/CC (“Faz um ano que larguei tudo e **vim para Sampa** trabalha como modelo.”)) [28/09/2008, p.10 - L]

(1DL/CC (“Nesta quinzena, **fui para a minha cidade natal**, Santa Cruz do Sul (RS).”)) [28/09/2008, p.10 - L]

(0DL/CC (“Quero **ir ao Canadá** e a reportagem só deu mais asas à minha imaginação.”)) [01/03/2009, p.07 - L]

(0LNnNC (“Quero ir ao Canadá e a reportagem só **deu mais asas à minha imaginação.**”)) [01/03/2009, p.07 - L]

(0VAiCC (“Se não há exemplares na banca perto da sua casa, **peça ao jornalista** que encomende ao distribuidor.”)) [01/03/2009, p.07 - R]

(1DL/CC (“É claro que, quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi **correr para o banho.**”)) [01/03/2009, p.07 - L]

(1DL/CC (“É claro que, quando **cheguei em casa**, a primeira coisa que fiz foi correr para o banho.”)) [01/03/2009, p.07 - L]

(0LNnNC (“Gostaria de parabenizar e agradecer a revista por **dar atenção a um tema superimportante**: o *bullying*.”)) [17/02/2008, p.10 - L]

## 2. Teste de Percepção

### Informações pessoais

1. Qual o seu sexo?
2. Qual sua idade?
3. Qual sua principal ocupação?
4. Qual sua nacionalidade e grau de escolaridade?

### Pesquisa Acadêmica

5. Qual das alternativas lhe parece mais aceitável?

Acordei cedo e fui para a praia.

Acordei cedo e fui na praia.

Acordei cedo e fui à praia.

Acordei cedo e fui até a praia.

6. Para você, existem diferenças de sentido entre as frases abaixo? Marque o quanto acha que existe de diferença em uma escala de 00 a 05, sendo 00 para nenhuma diferença e 05 para uma diferença de sentido muito forte.

Acordei cedo e fui para a praia.

Acordei cedo e fui na praia.

Acordei cedo e fui à praia.

Acordei cedo e fui até a praia.

7. Se existem diferenças de sentido, quais são?

8. Em "... em seguida, subiria NUMA cadeira, gritando de medo das baratas...", a preposição destacada estabelece, entre as palavras da frase, uma relação de

Tempo

Finalidade

Instrumento

Causa

Lugar

9. O que você diria sobre a frase: "Quando cheguei na casa dela, tudo estava calmo"?

Não a uso porque é uma construção incorreta

Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.

Uso essa construção apenas em situações informais.

Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.

Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.

10. O que você diria sobre a frase: "Há dias **fui ao cinema** com o meu grupo de amigos"?

Não a uso porque é uma construção incorreta

Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.

Uso essa construção apenas em situações informais.

Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.

Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.

11. Em "O jeito era aceitar a situação, entretanto, não se conformava", a palavra "entretanto" pode ser substituída por



Por conseguinte

Porém

Pois

Portanto

Porque

**12.** Qual construção você utiliza com maior frequência?

Contei às minhas amigas sobre a festa.

Contei para as minhas amigas sobre a festa.

Utilizo as duas opções com a mesma frequência.

**13.** Você percebe alguma diferença de sentido entre as frases “Contei às minhas amigas sobre a festa” e “Contei para as minhas amigas sobre a festa”? Marque o quanto acha que existe de diferença em uma escala de 00 a 05, sendo 00 para nenhuma diferença e 05 para uma diferença de sentido muito forte.

**14.** Se existem diferenças de sentido, quais são?

**15.** Complete a oração com a alternativa mais indicada: "Oscar convenceu-se \_\_\_\_\_ não havia ratos nacasa e passou \_\_\_\_\_ varrer todos os cômodos".

de que / a

que / à

em que / a

de que / à

em que / à

**16.** Imagine-se em uma reunião de negócios extremamente importante. Quais das construções abaixo você usaria para falar com o seu chefe.

- Irei dizer a ele que o prazo se esgotou.
- Irei dizer para ele que o prazo se esgotou.
- Amanhã, enviarei os relatórios para você.
- Amanhã, enviarei os relatórios a você.
- Fui à sua sala procurar por você.
- Fui até sua sala procurar por você.
- Fui na sua sala procurar por você.
- Fui para a sua sala procurar por você.
- Assim que puder, levarei os documentos para você.
- Assim que puder, levarei os documentos a você.

**17.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Ontem, fui \_\_\_ shopping durante a tarde.

AO/PARA O

**18.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Ela correu \_\_\_ banheiro.

AO/NO

**19.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Fui \_\_\_ meu quarto buscar o livro.

PARA O/NO

**20.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Fomos caminhando \_\_\_ a loja.

ATÉ/PARA

**21.** Selecione a opção que você considera mais adequada para preencher os espaços abaixo.

Ela foi \_\_\_ cantina comprar um doce.

ATÉ A/NA

**22.** Assinale a alternativa que melhor preenche os espaços em branco: “Muitos se \_\_\_\_\_ pela obra de Noel e se dedicam \_\_\_\_\_ estudar suas composições”.

interessa / em

interessa / a

interessam / a

interessa / de

interessam / à

## 2.1 Teste de percepção – resultados encontrados

Questão 05							
Nacionalidade	Sexo	Considero todas as alternativas corretas	Nestas férias, fui à praia.	Nestas férias, fui até a praia.	Nestas férias, fui na praia.	Nestas férias, fui para a praia.	Total Geral
Portugues	Feminino	10	144	18		34	206
	Masculino	5	45	8	2	11	71
Portugues Total		15	189	26	2	45	277
Brasileiro	Feminino	24	80	2		11	117
	Masculino	21	32			3	56
Brasileiro Total		45	112	2		14	173
Total Geral		60	301	28	2	59	450

Questão 06									
Nacionalidade	Sexo	0	1	2	3	4	5	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	47	33	27	54	29	15	1	206
	Masculino	15	10	9	13	13	10	1	71
Portugues Total		62	43	36	67	42	25	2	277
Brasileiro	Feminino	53	21	8	16	12	7		117
	Masculino	19	5	8	8	12	4		56
Brasileiro Total		72	26	16	24	24	11		173
Total Geral		134	69	52	91	66	36	2	450

Questão 09								
Nacionalidade	Sexo	Não a uso porque é uma construção incorreta.	Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.	Uso essa construção apenas em situações informais.	Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.	Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, ela é a mais aceitável.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	110	54	20	18		4	206
	Masculino	40	18	4	7	1	1	71
Portugues Total		150	72	24	25	1	5	277
Brasileiro	Feminino	4	2	60	41	6	4	117
	Masculino	4		25	21	1	5	56
Brasileiro Total		8	2	85	62	7	9	173
Total Geral		158	74	109	87	8	14	450

Questão 10								
Nacionalidade	Sexo	Não a usaria porque é uma construção incorreta.	Não a uso porque não conheço esse tipo de construção verbal.	Uso essa construção apenas em situações informais.	Uso essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal e comum.	Uso essa construção porque, de acordo com as Gramáticas e Manuais, é a mais aceitável.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	12	1	26	117	47	3	206
	Masculino	4	3	7	36	20	1	71
Portugues Total		16	4	33	153	67	4	277
Brasileiro	Feminino	11	5	3	63	34	1	117
	Masculino	3	3	5	19	21	5	56
Brasileiro Total		14	8	8	82	55	6	173
Total Geral		30	12	41	235	122	10	450

Questão 12						
Nacionalidade	Sexo	Contei às minhas amigas sobre a festa.	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	201	1	3	1	206
	Masculino	64	2	4	1	71
Portugues Total		265	3	7	2	277
Brasileiro	Feminino	26	62	27	2	117
	Masculino	8	28	16	4	56
Brasileiro Total		34	90	43	6	173
Total Geral		299	93	50	8	450

Questão 13									
Nacionalidade	Sexo	0	1	2	3	4	5	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	90	33	19	19	15	27	3	206
	Masculino	28	6	12	10	5	9	1	71
Portugues Total		118	39	31	29	20	36	4	277
Brasileiro	Feminino	96	9	3	3	1	3	2	117
	Masculino	37	7	1	1	2	4	4	56
Brasileiro Total		133	16	4	4	3	7	6	173
Total Geral		251	55	35	33	23	43	10	450

<b>Questão 16</b>				
Nacionalidade	Sexo	Irei dizer a ele que o prazo se esgotou.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	81	125	206
	Masculino	17	54	71
Portugues Total		98	179	277
Brasileiro	Feminino	82	35	117
	Masculino	39	17	56
Brasileiro Total		121	52	173
Total Geral		219	231	450

<b>Questão 16.2</b>				
Nacionalidade	Sexo	Irei dizer para ele que o prazo se esgotou.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	9	197	206
	Masculino	10	61	71
Portugues Total		19	258	277
Brasileiro	Feminino	14	103	117
	Masculino	10	46	56
Brasileiro Total		24	149	173
Total Geral		43	407	450

<b>Questão 16.3</b>				
Nacionalidade	Sexo	Amanhã, enviarei os relatórios para você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	70	136	206
	Masculino	26	45	71
Portugues Total		96	181	277
Brasileiro	Feminino	43	74	117
	Masculino	21	35	56
Brasileiro Total		64	109	173
Total Geral		160	290	450

<b>Questão 16.4</b>				
Nacionalidade	Sexo	Amanhã, enviarei os relatórios a você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	40	166	206
	Masculino	13	58	71
Portugues Total		53	224	277
Brasileiro	Feminino	64	53	117
	Masculino	38	18	56
Brasileiro Total		102	71	173
Total Geral		155	295	450

<b>Questão 16.5</b>				
Nacionalidade	Sexo	Fui à sua sala procurar por você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	101	105	206
	Masculino	33	38	71
Portugues Total		134	143	277
Brasileiro	Feminino	69	48	117
	Masculino	35	21	56
Brasileiro Total		104	69	173
Total Geral		238	212	450

<b>Questão 16.6</b>				
Nacionalidade	Sexo	Fui até sua sala procurar por você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	27	179	206
	Masculino	12	59	71
Portugues Total		39	238	277
Brasileiro	Feminino	44	73	117
	Masculino	27	29	56
Brasileiro Total		71	102	173
Total Geral		110	340	450

<b>Questão 16.7</b>				
Nacionalidade	Sexo	Fui na sua sala procurar por você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	5	201	206
	Masculino	5	66	71
Portugues Total		10	267	277
Brasileiro	Feminino	17	100	117
	Masculino	16	40	56
Brasileiro Total		33	140	173
Total Geral		43	407	450

<b>Questão 16.8</b>				
Nacionalidade	Sexo	Fui para a sua sala procurar por você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	13	193	206
	Masculino	2	69	71
Portugues Total		15	262	277
Brasileiro	Feminino	3	114	117
	Masculino	8	48	56
Brasileiro Total		11	162	173
Total Geral		26	424	450

<b>Questão 16.9</b>				
Nacionalidade	Sexo	Assim que puder, levarei os documentos para você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	69	137	206
	Masculino	20	51	71
Portugues Total		89	188	277
Brasileiro	Feminino	56	61	117
	Masculino	31	25	56
Brasileiro Total		87	86	173
Total Geral		176	274	450

<b>Questão 16.10</b>				
Nacionalidade	Sexo	Assim que puder, levarei os documentos a você.	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	59	147	206
	Masculino	23	48	71
Portugues Total		82	195	277
Brasileiro	Feminino	53	64	117
	Masculino	27	29	56
Brasileiro Total		80	93	173
Total Geral		162	288	450

<b>Questão 17</b>					
Nacionalidade	Sexo	AO	PARA O	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	199	5	2	206
	Masculino	65	4	2	71
Portugues Total		264	9	4	277
Brasileiro	Feminino	104	9	4	117
	Masculino	47	6	3	56
Brasileiro Total		151	15	7	173
Total Geral		415	24	11	450

<b>Questão 18</b>					
Nacionalidade	Sexo	AO	NO	(vazio)	Total Geral
Portugues	Feminino	149	40	17	206
	Masculino	54	11	6	71
Portugues Total		203	51	23	277
Brasileiro	Feminino	103	9	5	117
	Masculino	49	4	3	56
Brasileiro Total		152	13	8	173
Total Geral		355	64	31	450

<b>Questão 19</b>					
Nacionalidade	Sexo	<b>NO</b>	<b>PARA O</b>	<b>(vazio)</b>	<b>Total Geral</b>
Portugues	Feminino	59	120	27	206
	Masculino	23	34	14	71
Portugues Total		82	154	41	277
Brasileiro	Feminino	42	69	6	117
	Masculino	20	32	4	56
Brasileiro Total		62	101	10	173
Total Geral		144	255	51	450

<b>Questão 20</b>					
Nacionalidade	Sexo	<b>ATÉ</b>	<b>PARA</b>	<b>(vazio)</b>	<b>Total Geral</b>
Portugues	Feminino	110	91	5	206
	Masculino	31	36	4	71
Portugues Total		141	127	9	277
Brasileiro	Feminino	96	16	5	117
	Masculino	47	5	4	56
Brasileiro Total		143	21	9	173
Total Geral		284	148	18	450

<b>Questão 21</b>					
Nacionalidade	Sexo	<b>ATÉ A</b>	<b>NA</b>	<b>(vazio)</b>	<b>Total Geral</b>
Portugues	Feminino	162	31	13	206
	Masculino	57	9	5	71
Portugues Total		219	40	18	277
Brasileiro	Feminino	75	37	5	117
	Masculino	36	17	3	56
Brasileiro Total		111	54	8	173
Total Geral		330	94	26	450



## 2.2 Teste de percepção – quadro correspondente às respostas da questão de número 07.

Nacionalidade	Questão 5	Questão 6	Questão 7
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Fui à praia significa, para mim, ir lá e voltar. Fui para a praia significa, para mim, ir e ficar por lá durante uns dias ou meses.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	ir à praia. estar na praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	O tempo da ação.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Nas 3 primeiras subentendo que estive na praia em si durante um bom período de tempo a apanhar sol e a fazer as actividades típicas de praia, no último subentendo que apenas me desloquei fisicamente até à praia, mas posso ter permanecido vestida a tomar café à beira-mar, ou a ver o mar revoltado no inverno, a fazer surf, mas não estado de fato de banho na praia em si. Utilizaria as duas últimas frases para fazer a distinção entre "estive na praia a apanhar sol" e "estive lá, mas possivelmente a fazer outra coisa que não apanhar sol".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	"Ir para" implica um período maior de permanência do que "ir a" que por sua vez se utiliza num período maior do que "ir até a". "Ir na" não se utiliza em Portugal mas no Brasil. PS: não consigo por acentos.
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	"fui à praia" dá a ideia de que fomos lá mas voltamos, o que é semelhante com "fui até à praia". "fui para a praia" não é indicativo de que tenhamos voltado de lá. "fui na praia" soa mal em português (de Portugal) mas entendo que talvez seja uma expressão comum no Brasil
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	Ao dizermos "até", parece que fomos até à beira da praia e falta o acento em "a praia". Fui na praia não se usa no português de Portugal. Fui para a praia e fui à praia têm significados semelhantes, a meu ver.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	

Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Quando dizemos "fui para a praia", estamos a dar uma ideia de continuidade à atividade, isto é, por exemplo: Durante uma semana, fui para a praia. Um pouco ideia de rotina. "fui na praia", deixa em aberto a frase... sente-se a falta de um complemento. "na praia", fazer o quê? (contudo, muito usado no português do Brasil com o mesmo intuito que a primeira frase) "fui à praia", transmite ideia de ato único e excepcional, enquanto que "fui até à praia" transparece esporádico, sem obrigação/ plano/ intenção prévia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	São diferentes porque significam se a pessoa esteve na praia ou se foi apenas até a praia.. Fui na praia é incorrecto de dizer
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Creio que o português de Portugal não utiliza a expressão "fui na praia". "Fui para a praia" implica ir e ficar, enquanto que "fui à praia" significa ir e voltar. "Fui até à praia", creio que significa, ou pelo menos tem um significado semelhante, que "fui à praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	1	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Essencialmente a 2ª frase. ...e fui na praia. A meu ver a frase não é coerente. As outras parece existir um certo nível de semelhança, no entanto não considero aplicáveis às mesmas situações, variando com o contexto da frase.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Quando digo "fui até à praia" nem sempre quer dizer que estive realmente na areia, posso ter estado só lá próximo. "Fui na praia" soa-me apenas estranho, porque ir nalguma coisa, para mim, significa que essa coisa me levou a algum lado (como um autocarro) e a praia não se move.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Uma coisa é ir até à praia, outra é ficar na praia
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	1	A única diferença que me parece possível prende-se com a questão temporal da acção em questão. "Fui para a praia" pode, por exemplo, ser interpretado como tendo estado mais tempo na praia do que se disser "Fui até à praia"
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A maior diferença que encontrei foi na frase "fui na praia" pois não é muito

			comum ouvir a expressão.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Não no sentido, mas na forma correta de escrever.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	fui para a praia , dá a entender que lá vou passar o dia fui na praia, não me parece correcto em bom portugues fui à praia e fui até a praia parece-me mais uma ideia de uma ida curta e ocasional
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	Primeiro em termos de português de Portugal a segunda frase esta incorreta. E por exemplo eu fui ate a praia ou fui para a praia é diferente na medida intencional.
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Não há diferenças no sentido mas em português de Portugal a 2ª frase não existe. Por exemplo, Eu fui a (à, ao) algum sítio ou para algum sítio, não fui no sítio.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	A primeira está correta. Poderíamos ver uma frase daquele género num livro, ao contar uma história. Significa que o sujeito foi para a praia e lá permaneceu por algum tempo. A 2.ª opção, segundo a norma europeia da língua portuguesa não está correta, tal como a 4.ª. Resta a 3.ª opção, que me parece correta, segundo a referida norma. Indica que o sujeito se deslocou a um local, não indicando o período de tempo da sua permanência lá, mas subentende-se que terá eventualmente regressado, porque não se vai a um sítio onde seja para permanecer. Nesse caso a pessoa vai para um local, e não a um local.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A segunda e a última frase. Porque não estão gramaticamente correctos no Português.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	1	Apesar de achar graça, penso que "acordei cedo e fui NA praia" não faz muito sentido, pois a palavra "na" transmite-me continuidade na acção (e lugar onde ocorreu a acção, em vez de onde começou a acção), e não início.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	variantes brasileira e portuguesa; Ir à praia ou conseguir ir à praia.

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	"Fui para" implica que fui mas não voltei; "Fui até" significa que só fui de passagem; "Fui na" é uma expressão que não se utiliza em português de Portugal; "Fui à" é, a meu ver, a forma mais correta.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A segunda frase não faz sentido nenhum. As restantes têm sentidos semelhantes
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Não se utiliza em português europeu a construção "fui na praia". Apenas as restantes três hipóteses são aceitáveis. Há, no entanto, diferença de sentido entre estas: (1) "fui para a praia" significa que foi realmente para a praia, ficou lá, esteve no areal; (2) "fui à praia" pode significar o mesmo que a expressão anterior ou simplesmente que me dirigi à praia mas não estive no areal, ou seja, apenas chegou ao pé da praia. "fui até à praia" tem o significado anteriormente exposto. De salientar que, em português europeu, a construção é "até à praia" (preposição com acento grave) e não "até a praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	passar por lá / ficar por lá um bocado
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Acordei cedo e fui na praia, nao me parece correcto
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	"Acordei cedo e fui até a praia" implica uma caminha até lá, contrariamente a "Acordei cedo e fui para a praia" e "Acordei cedo e fui à praia". Já a frase "Acordei cedo e fui na praia" está incorreta. Isto não se diz. Pelo menos não em Portugal. Assim como na pergunta abaixo, em Portugal nunca se utilizaria "NUMA" mas sim "PARA UMA".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Eu apenas teria dúvidas na frase "Acordei cedo e fui na praia". Depois dessa citação eu perguntaria "O que foi lá fazer?"
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	a segunda nao faz sentido. a primeira quer dizer que foi para a praia e dá ideia que ficou lá. a terceira e a quarta dão a entender que foi à praia mas durante um curto periodo de tempo
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	4	Ir para a praia e estara lá, ir até à praia só para ver. Mas fui na paia não me

			soa bem.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	No primeiro caso, fui para a praia e nunca mais de lá saí. A segunda frase é tipicamente brasileira, estando incorrecta em Português de Portugal. A terceira frase tem como sentido a ida à praia durante algum tempo (portanto, é diferente da primeira frase). A quarta frase está errada. Estaria correcta, se fosse "Acordei cedo e fui até à praia". Como falta o acento grave no "a", a frase não está correcta.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Acordei cedo e fui para a praia. (fui fazer praia; apanhar sol) Acordei cedo e fui na praia. (não utilizo a expressão) Acordei cedo e fui à praia. = Acordei cedo e fui até a praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	4	A primeira diz-me que a pessoa esteve na praia, na areia, algum tempo. A segunda não sentido para mim. Penso que é uma frase mais do tipo brasileiro. A terceira diz-me que a pessoa foi à praia, podendo ser à beira-mar, a um café. Não necessariamente fazer praia, de toalha e biquini. A última frase, dá mais ênfase ao percurso, ir até à praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	4	Para na à até
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	É a duração da permanência na praia. Para mim a frase "Acordei cedo e fui para a praia" é a que tem maior duração temporal.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	A frase "(...) fui na praia" não faz sentido.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	5	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Ir e ficar ou só ir por menos tempo
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	5	fui na praia, não está correto
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	"Acordei cedo e fui na praia": não concordo com o "na"...
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	significado
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui na praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	

Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	1	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Fui na praia - não faz sentido em Português de Portugal. Fui até a praia - faria sentido se fosse "Fui até à praia"
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Acordei cedo e fui para a praia. - fui e fiquei na praia Acordei cedo e fui na praia. - dito em português do Brasil, não consigo distinguir atribuir a um único sentido transmitido por cada uma das outras frases. Acordei cedo e fui à praia. - semelhante a "passei pela praia", "fui e não fiquei lá" Acordei cedo e fui até a praia. - semelhante a fui para a praia
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	1	Fui na praia? Não sei se isto faz sentido para mim. Aliás, não conseguiria encaixar essa frase numa conversa.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	4	Entre a 2ª frase e resto.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	"fui até à praia " dá a entender que só fui lá e vim embora.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	4	o determinante
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	1. pressupõe que passou largo tempo na praia 2. Não se usa em Portugal 3. Foi tomar banho de sol ou de mar por um período de tempo 4. Foi até lá, mas pode ter ido apenas passear, e não no sentido de usufruir plenamente o mar e o sol.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A segunda frase: "fui na praia". Entendo a preposição "na" como uma forma de uso para chegar a uma finalidade. Por exemplo: "Fui no comboio até à Praia", ou "Fui na bicicleta para a praia"
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	Ir até: ir lá e ficar Fui à: fui de passagem Fui na praia: parece-me incorrecto Fui à praia: fui lá e fiquei um pc
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Dá-me a sensação de ter ido passar o dia à praia, ou ter só ido até à praia ver o mar

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	"...e fui para a praia" dá-me mais ideia de que estamos a falar de um tempo de permanência maior na praia do que "...fui à praia" ou "...até à praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	O significado é o mesmo em todas as frases, mas a diferença é que fui na praia é vocabulário utilizado no Brasil
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	1	Em português de Portugal não se utiliza "fui na praia", sendo que essa expressão não tem sentido.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Ir para a praia significa ir e continuar lá durante um longo período de tempo (exemplo: um dia). Ir à praia ou ir até à praia significa ir e ficar lá um curto período de tempo (exemplo: duas horas)
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	A segunda frase, "acordei cedo e fui na praia", para mim, esta incorrecta. De resto, penso que todas são possíveis e idênticas
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	5	Acordei cedo e fui na praia
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	A expressão "fui na praia" não faz qualquer sentido no português europeu, principalmente comparando com as outras.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Para mim não faz sentido dizer "na praia". Se me perguntarem "onde foste?", eu não consigo responder "na praia", mas sim "à praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Para mim a única diferença é que a segunda frase não tem sentido, está mal construída. As outras têm o mesmo sentido apesar de eu só utilizar a 1ª e a 3ª.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	5	Fui para a praia -> significa que fiquei lá Fui na praia -> não uso Fui à praia -> significa que voltei Fui até à praia -> significa que fui e depois continuei para outro lugar
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	1- ir para a praia tempo indefinido; 2- acordou na praia; 3- foi a praia pouco tempo; 4- semelhante a 1 mas não implica ter apanhado banhos de sol, foi apenas ao local.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	ir mas não ficar, ir e ficar, a 2ª frase não tem sentido em português europeu
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A diferença seria entre ir até à praia, como sendo, ir até ao pé da praia mas não necessariamente deitar-me na areia e nadar no mar e ir de facto à praia (a terceira frase).
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Fui à praia (ação de curta duração) Fui para a praia (ação que deixa antever que se passará um longo período na

			praia). Fui na praia - frase incorreta
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	"fui à praia" parece sugerir que a pessoa foi efetivamente apanhar sol, fazer praia. "fui para a praia" e "fui na praia" pode significar que talvez só se tenha ido dar um passeio na praia, por exemplo. "Fui até à praia" parece sugerir que se foi até à beira da praia podendo ou não fazer as ações mencionadas anteriormente.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Ir para a praia - p. ex: passar alguns dias numa região que possua praia; Ir na praia - formulado incorretamente; Ir à praia / até à praia - deslocar-me ate a praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	"Fui para a praia" representa um período de tempo extenso, ao invés de "fui à praia" que representa o que na realidade acontece. a pessoa vai à praia e no final do dia (ou manhã) volta para casa. "Fui na praia" é incorrecto dizer. "Fui até a praia" está errado, teria o mesmo sentido de "fui à praia" se o "a" fosse acentuado.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	4	existem diferenças no sentido da duração por exemplo, dizer "fui para a praia" é diferente de dizer "fui à praia" pois a preposição "para" indica que se deslocou e permaneceu, indica algo prolongado. "à" ou "até à" dá uma indicação de retorno, de algo menos demorado. "fui na praia" simplesmente é diferente porque é Português do Brasil e portanto não é utilizado normalmente cá em Portugal.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	fui "na" praia não faz qualquer sentido, fui "à" praia significa que estive na praia, que a frequentei, fiquei lá algum tempo, e depois voltei para casa, dá ideia de que foi durante um certo período de tempo. Fui "até" dá a ideia de que andei perto da praia mas posso não a ter frequentado durante um longo período de tempo e fui "para" dá a ideia de que estive na praia e que fiquei lá durante um longo período de tempo.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	1	



Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	A primeira e a última sugerem que a pessoa acordou cedo e dirigiu-se à praia, dois eventos que ocorrem um após o outro. As restantes podem indicar o mesmo que as anteriores ou podem sugerir dois eventos distintos que ocorreram em diferentes partes do dia.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	As duas primeiras significam que estivemos na praia durante um período maior, pois as duas últimas indicam que fui até à praia por um período menor.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Penso que as duas ultimas frases dão a entender que o sujeito no seu futuro retomou à acção do passado, ou seja, foi à praia e sabe-se que a deixou após um determinado período de tempo!
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	"fui para a praia" tem um sentido definitivo.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	Acordei cedo e fui na praia., noto logo que é português do brasil
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	"Acordei cedo e fui para a praia." - Está correto, não vejo nenhuma diferença, para um lugar "Acordei cedo e fui na praia." - 'fui na praia' não soa correto "Acordei cedo e fui à praia." - Está correto. "Acordei cedo e fui até a praia." - 'até a praia', não faz sentido, devia ser 'até à praia'
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	4	Fui para onde? Depois fui até onde!
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	2	"...fui na praia" não está correto. As outras 3 hipóteses descrevem diferenças entre a duração da ação, ou seja, "fui para a praia" implica ter ficado lá mais tempo do que "fui à praia" ou "fui até à praia".
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Fui na praia, mal escrito e o ate a praia da a ideia de um espaço temporal curto
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Ir até à praia é mais descontraído do que ir à praia, parece menos pensado. fui na praia simplesmente não é utilizado. Fui para a praia dá ideia de continuidade.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.		
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	Morfológicas.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Na segunda frase não faz sentido dizer "fui na praia". Neste sentido o sujeito vai à praia, não está na praia para utilizar "na".

Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	4	Difrenças temporais quanto ao período de tempo de permanência na praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Sobretudo relativamente à 1ª frase, que me remete para um período temporal mais longo. Ir para a praia quer dizer demorar-se, por ex. ficar lá o dia inteiro. As outras 4 formulações remetem-me para algo mais passageiro, digamos - por ex. ir dar um passeio e voltar.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	4	O "fui na praia" não faz sentido comparando com as outras frases.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Ligeiras diferenças entre a língua portuguesa e brasileira, nomeadamente em "fui na praia". O sentido das frases é o mesmo, porém em Portugal esta expressão não é utilizada.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	A permanencia na praia variavel.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	na praia
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	4	Acordei cedo e fui na praia. Nesta frase o uso da palavra "na" não faz sentido tornando a frase incoerente. As outras 3 frases são relativamente semelhantes.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Apenas a segunda frase não é correcta, em português de Portugal. Todas as outras são semelhantes.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	"fui para a praia", dá ideia que se passou algum tempo na praia, eventualmente a manhã, e que fez praia mesmo, apanhou sol no areal. "fui até à praia", poderá ser até no inverno, e não implica se tenha ido realmente fazer praia - pode ter ido até à praia dar uma caminhada.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Na mensagem transmitida. Algumas preposições que fazem a diferença.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	2	Fui para a praia -> aponta para um estadia prolongada (mais de um) Fui à praia -> aponta para pelo menos uma ida à praia Fui até à pria -> o mesmo que a anterior
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	a segunda frase é agramatical. tendo as restantes o mesmo sentido

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A segunda não faz sentido, deveria estar escrita como a terceira. Depois a primeira e última tem o sentido de alguém que está perto da praia ir para a praia. A terceira é no sentido de que se está longe da praia e vai-se à praia
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	Não concordo com "Acordei cedo e fui na praia".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	A frase "... e fui na praia", para mim, não é correta, visto que estamos a dizer que fomos a um sítio.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	olha a rita disse que é o tempo que estamos na praia. Por exemplo 'e fui para a praia' estive lá mais tempo do que se 'e fui até à praia'
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	"fui até à praia" implica a meu ver um passeio. "fui à praia" denota intenção de passar o dia na praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	"fui na praia" não soa bem. Dá a ideia de continuidade ou passagem, como por exemplo "fui na estrada até casa" ou "fui no comboio até ao norte"
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Para mim existe diferença principalmente na estranheza da sonoridade
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	dá a entender que o tempo de permanência na praia é diferente.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Fui à e até à praia indica brevidade da visita. Fui para a praia não indica regresso. Fui na praia não se usa em Português. Todas elas são perceptíveis.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	2	No sentido de noção de tempo
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	"ir até à praia" pode exprimir uma passagem curta, enquanto que as outras podem indicar que se foi para um período prolongado.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	fui na praia fui até a praia
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	nao
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	A primeira diz respeito a ida a uma praia específica (a praia); A segunda e quarta frase parecem estar incorrectas. A terceira frase diz respeito a uma ida a uma praia qualquer.
Portuguesa	Nestas férias, fui na praia.	1	

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	Acordei cedo e fui para a praia - ir para a praia e ficar por lá por um período de tempo mais ou menos extenso; Acordei cedo e fui na praia - "na praia", cf "em cima de" ou seja, "fui em cima da praia". Acordei cedo e fui à praia. - Ir visitar a praia (podendo ou não ficar lá). Acordei cedo e fui até a praia. - Ir à praia como parte de outro percurso (até - cf, limite)
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	"...fui para a praia" sugere que fiquei na praia; "... fui na praia" não faz sentido em Português, "... fui à praia" e "... fui até à praia" sugere a ida até à praia mas não necessariamente que a pessoa ficou lá.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	5	As diferenças são relativas ao tempo de permanência na praia, sendo que a primeira dá ideia de ter estado o dia todo na praia já as duas últimas dão ideia de uma ter ido só à praia como que de passagem e a última como que se estivesse apenas um pouco de tempo na praia
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	5	para a, na, à, até a
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	ir para a praia é estar lá fui até a praia é ir passear até lá
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	O intervalo de tempo em que estamos na praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	A duração da permanência no local altera-se com a proposição. Por exemplo, ir até à praia para mim é um fenómeno de menor duração do que ir para a praia, que implica uma maior permanência no local.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	acordei cedo e fui na praia está incorreto em português de Portugal
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Se o verbo está conjugado no passado, não podemos assumir uma aCão no presente (fui=passado; na praia=presente). "para a praia" subentende-se que estive lá num longo período de tempo. "à praia" subentende-se que foi lá mas não estive lá todo o dia.

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Não utilizo a expressão "Acordei cedo e fui na praia", faria-me sentido apenas se fosse "Acordei cedo e fui fazer algo na praia". Em relação à expressão "para a..." entendo-na como algo que dura algum tempo, por exemplo: "fui para a praia e fiquei lá a acampar durante a noite". Em relação à expressão "fui à" significa que fui à praia fazer "praia": tomar banho no mar, esticar a toalha, bronzear... Em relação à expressão "fui até à" entendo algo que durou pouco tempo: "fui até à praia dar um passeio e voltei".
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	sentido morfológico
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	"Acordei cedo e fui na praia" não está correcto.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	no objectivo da ida à praia, na primeira frase pode dar a entender que passou um dia na praia ou mais tempo, as duas últimas pode dar a entender que foi apenas dar um passeio.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Quando diz que foi até à praia não implica que tenha ido mesmo para a praia em si, podia ter ido apenas até ao pé da praia, enquanto na que diz que foi para a praia, sabsesse que foi até lá concretamente.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	5	a utilização do "na praia". considero incorreto
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Não existe sentido em algumas frases, enquanto noutras à ambiguidade.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Na minha opinião,"acordei cedo fui até à praia" significa que estive a fazer praia, já as restantes, no meu ver podem significar que foi até à praia mas não fez praia, numa de caminhar ou só ver.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	a) Ir até à praia (posso ir até à praia e ficar dentro dentro do carro a ver o mar, ou numa esplanada a tomar um café) não implica que se tenha ido b) para a praia (ir para o areal apanhar sol). As outras (ir à praia pode querer dizer tanto a) como b)). Reconheço que «ir na praia» é a forma brasileira.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	"Acordei cedo e fui à praia" pode ter dois sentidos (ao contrário das outras frases): (1) Fui à praia e fiquei lá pouco tempo (a continuação da frase poderia ser p. ex. "Depois fui tomar o pequeno almoço no centro da cidade"); (2) Fui à praia e fiquei lá muito tempo (a continuação da frase poderia ser p. ex. "À noite fui jantar no centro da cidade"). No sentido (2), a frase seria sinónimo de "Acordei cedo e fui para a praia" (a qual só tem o sentido de "fui e fiquei lá muito tempo").
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	Fui até a praia não significa que estava com intenções de ir para a praia nadar, apanhar sol, etc., mas que foi até lá, passear.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Frase b. não é correta em português europeu; entre frases a., c. e d. existirão diferenças de sentido temporal (a. implica que passei mais tempo na praia do que c. e d., que considero sinónimas). Em português europeu, d. seria "Acordei cedo e fui até à praia."
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	"Fui na praia", de acordo com a língua Portuguesa está mal escrito.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Diferenças nos tempos das frases sendo que acho que a 2ª esta incorreta.
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	3	na segunda frase a parte ' na ' refere-se o local onde ocorreu algo....
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	para a praia pode ser uma praia específica; até à praia pode ser uma praia qualquer
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	2	Na pronuncia
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A frase "Acordei cedo e fui na praia" para mim não faz sentido.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	Fui na praia
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	A primeira e terceira estão corretas, no entanto dão um significado temporal diferente. A segunda não está correta. A quarta não está correta, falta assento grave no a (à).
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Ir para a praia é para lá permanecer durante algum tempo enquanto ir até à praia ou à praia não implica lá permanecer
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	4	Na forma como é dito, está incorreto do meu ponto de vista.
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	

Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	2	Fui Na praia não se utiliza em português e ir ver a praia é diferente de usufruir dela
Portuguesa	Nestas férias, fui até a praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	3	A primeira frase significa que foi para a praia e la ficaram por algum tempo. As frases seguintes significam que foi por um curto espaço de tempo, por exemplo ir ver o mar, mas não que foi apanhar sol ou tomar um banho de mar.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	5	na praia, não dizemos em portugues
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	Acordei cedo e fui na praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	1	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	fui na praia não soa gramaticalmente correto
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	português do Brasil para o português
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Portuguesa	Considero todas as alternativas corretas.	3	Fui até a praia - fui ate a praia, posso lá ter ficado ou nao. fui para a praia e fui à praia - estive na praia algum tempo fui na praia - não se utiliza em português de Portugal
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Falhas da lingua portuguesa
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	3	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	4	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	"Fui na praia" está incorrecto em português europeu, faltariam verbos de acção (fui fazer alguma coisa na praia). "Fui à "significa que fui e voltei. "Fui para" significa que fui e fiquei.
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	2	
Portuguesa	Nestas férias, fui para a praia.	5	Fui para a praia. Não estava na praia.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	0	
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	4	3
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.	2	Acordei cedo e fui na praia, no português de Portugal não se diz.
Portuguesa	Nestas férias, fui à praia.		
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	As três primeiras frases apresentam o mesmo sentido: alguém foi à praia e nela ficou/dela usufruiu. Na última frase, a pessoa chegou até a praia, atingiu um ponto, ou seja, venceu a distância até ela.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	

Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	As frases acima podem ter vários sentidos. Por exemplo: que a pessoa estava em uma cidade de praia, acordou e foi tomar sol na praia; ou ela estava em São Paulo e desceu para uma cidade de praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	erradas 1 e 2.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	para a praia - a pessoa pode estar em outra cidade na praia - informalidade e rapidez na informação à praia - formalidade até a praia - não necessariamente pisei na areia (fiquei no calçadão)
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	2	Pra mim as diferenças de sentido seria no tempo de permanência que a frase dá.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	Fui na praia não quer dizer que você foi em direção à praia (gramaticalmente falando), mas coloquialmente aceitável
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	Ir até a praia não significa que chegou até o local mas não entrou, necessariamente. Ir para a praia pode significar ir para uma cidade localizada à beira mar apenas.
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	3	são diferenças
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	"até a praia" - foi mas não ficou por lá por muito tempo. "à" e "para a" - se equivalem no sentido
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	1	Fui até a praia. Nessa frase parece que cheguei a praia mas não "entrei" na praia. Fiquei na margem. As frases "para a praia" e "à praia" ao meu ver, têm o mesmo sentido. "na praia" acho que é errado.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	2	Uso, situacional, delimitativa, subjetivo-estilística, polidez
Brasileira	Nestas férias, fui até a praia.	4	"Até a praia" entende-se que não "ficou" na praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Acordei cedo e fui até a praia: parece que a pessoa não chegou a pisar nela, ficar nela. Eu posso ir somente até a beira e voltar no mesmo instante.



Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	"Acordei cedo e fui para a praia": parece que poderia ser usada em uma situação de viagem, por exemplo (acordei cedo e fui viajar - fui para a praia). Além dessa situação, poderia também ser usada quando a pessoa já está próxima à praia. "Acordei cedo e fui na praia" e "Acordei cedo e fui até a praia" não parecem naturais com a primeira utilização (envolvendo uma viagem). "Acordei cedo e fui à praia" soa muito formal - talvez mais condizente em um contexto de linguagem escrita formal.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	A maneira como se foi à praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	Muito embora haja uma aceitação consensual dos termos acima citados, há uma ligeira diferença no campo semântico devido ao uso de preposições como "até" que limita a incursão a determinado espaço. "Na" diz respeito à soma da preposição em + o artigo "A", e assim por diante... No entanto, todas são aceitáveis, no campo social, pois representam a mesma ideia de deslocamento...
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Até a praia dá a impressão que foi até o local, mas não necessariamente para aproveitar a praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	5	Há diferença no sentido básico: ir até, ir para, ir na e ir.
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	2	As três primeiras para mim significam basicamente a mesma coisa, embora eu ache que "fui para a praia" indica que a pessoa viajou até uma cidade litorânea (no que diz o meu entendimento), e "fui até a praia" indica que a pessoa já está em uma cidade litorânea e caminhou até a praia. As outras me parecem bem parecidas.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	Na - sentido literal, inserido. à - até a - para a: locomoção, caminhou até o destino.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	"Fui até a praia" parece demonstrar uma ação um pouco diferente das outras.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	"Acordei cedo e fui até a praia" dá a impressão que ele só foi até lá mas não ficou (foi e voltou).
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	

Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	ideia de proximidade
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	tempo, lugar
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	As frases: "Acordei cedo e fui para a praia" e "Acordei cedo e fui à praia" têm o sentido de que alguém foi aproveitar a praia, se divertir lá. Já a frase "Acordei cedo e fui na praia" tem o sentido de que a pessoa foi dentro da praia para algum lugar. Por fim, a frase "Acordei cedo e fui até a praia" aparenta que a a praia era apenas uma posição espacial, porém a pessoa não desfrutou da praia, simplesmente foi até lá.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	Acredito que na primeira frase e na terceira pode-se entender que a pessoa mora distante da praia. A segunda e a quarta frase pode indicar que a pessoa mora perto da praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	4	Fui para a praia: Saí de casa com a intenção de ir até a praia, mas não necessariamente cheguei até lá. Fui na praia: Estive sobre a areia da praia, ao menos. Fui à praia: Fui pegar sol ou banhar-me na praia, fiquei algum tempo lá. Fui até a praia: A praia é um ponto de referência, fui até um ponto em frente à orla do mar, sem me importar com propriamente com a areia ou mar. Ao menos é assim que intuitivamente tentaria usaria cada expressão, ainda que possam ser praticamente equivalentes. Boa sorte em seu trabalho. Vá a praia quando terminar :-)
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	2	Fui para a praia, fui à praia tem o mesmo sentido de ir passear na praia. Fui até a praia, dá o sentido de que apenas cheguei até lá. Fui na praia dá o sentido de que a pessoa já estava lá.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	"...Fui para a praia" - mudou de local e manteve-se lá durante algum tempo. "... Fui à praia" mudou de local e manteve-se lá pouco tempo". "...fui até à praia" sugere que o sujeito foi à praia por acaso.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	Algumas estão incorretas. Outras tem um sentido de ter ido até, enquanto outras tem o sentido de permanência.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	

Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	2	Passou mais tempo na praia; De passagem; Uma ida rápida; Fui e voltei.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Em relação às demais alternativas, "fui até a praia" parece intensificar a ideia do percurso feito pelo falante.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	Para mim por exemplo a primeira parece que a pessoa foi para a praia e que ficou lá, a segunda parece que a pessoa foi na praia para fazer algo que tinha que fazer, a terceira a mais correta para mim pois fica claro que a pessoa foi à praia tipo um bocado para lá estar, a quarta parece que a pessoa foi até a praia e veio-se logo embora.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Caso estejamos a falar num discurso oral, facilmente o "acordei cedo e fui na praia" pode facilmente ser entendido como "acordei cedo e foi na praia"; caso estejamos a falar em termos de discurso escrito, facilmente pode ser entendido como uma gaffe, em Portugal, mas uma releitura fará facilmente perceber que se trata de um discurso adaptado ao português escrito e falado no Brasil.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	No caso de "fui até a praia", pode-se interpretar que a pessoa caminhou até o ponto onde fica a praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	Para mim, as alternativas se dividem em dois sentidos. As frases com "para a praia" e "à praia" são próximas a um sentido, e "na praia" e "até a praia" próximas a outro. "Para a praia" e "à praia" parecem se referir a uma atividade de lazer não especificada, e "na praia" e "até a praia" a uma finalidade mais específica (por exemplo, "fui na praia para surfar"). O uso do "até" remete também ao caminho percorrido, e não apenas à finalidade de se ir à praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	2	A primeira frase dá a impressão de ser uma viagem. A segunda parece ser a ida de alguém que mora no litoral indo desfrutar a praia. A terceira tem um sentido similar a segunda, mas parece não significar necessariamente que desfrutou da praia. A quarta frase dá a impressão que foi até a praia mas não entrou.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	

Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	A última sentença enfatiza o percurso ATÉ a praia. A segunda sentença parece que falta alguma coisa. Foi fazer o que na praia? A segunda e a terceira sentenças não vejo diferenciações de sentido.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	3	O uso das preposições "até a" e "à" remetem-me um sentido de espaço, como se a ideia principal que a pessoa tenta passar é a do local para qual ela foi, apenas. A preposição "para a" passa a ideia de atividade, que a pessoa foi para o litoral aproveitar as férias, por exemplo. O uso da preposição "em + a" não me parece correta nesse contexto.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	na última frase "acordei cedo e fui até a praia" me parece que a ação de IR a praia fica mais destacada devido ao advérbio até. as outras frases considero o mesmo sentido.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	Ir definitivamente, ?, ir e voltar, ir até a praia como "limite" de uma caminhada.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	À e para a praia não parecem marcar diferenças tão fortes. Fui até a praia pode não significar que permaneceu na praia. Já a preposição em em "na" praia parece marcar mais o lugar, estar em algum lugar, e não apenas ir até este lugar.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	No meu entendimento quando alguém diz fui até a praia a ênfase fica da distância, como se indicasse que a praia é longe do lugar em que o sujeito estava anteriormente. Todas as outras alternativas tem o mesmo significado para mim.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	Relativamente ao uso. O sentido será determinado pelo uso, pelo que virá depois das frases. Ou seja, há diferença, mas ela é determinada pelo uso.

Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	As frases, 1, 2 e 3 não acho que tenha diferença de sentido, mas a última frase sim, pois parece que a pessoa não foi "curtir", "pegar" uma praia. As primeiras frases não tem o sentido apenas de localização, o lugar em que eu fui, como faz pensar a última frase, elas revelam uma ação que vai além do simples ato de ir até algum lugar.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	Não existem sinônimos. No primeiro caso, o transbordamento sonoro da preposição para rouba a cena, de forma que, no quadro de ação que compomos, a mulher (é uma mulher, não?) quer apenas, objetivamente, ir à praia: é uma pessoa objetiva, provavelmente empregada no setor burocrático empresarial. No segundo, por iconicidade, pressupõe-se o estar na praia antes de se estar; ou seja, quer-se estar na praia mais que tudo; não só pela marcação mais simples, podemos inferir que esta pessoa é mais entregue à vida, e um pouco menos neurótica que a primeira. No terceiro caso, a ação se expande no tempo: o minimalismo da preposição a desaparece em meio à praia: é a frase onde melhor visualizamos a orla e a sua infinitude confunde-se com o tempo infinito da estadia, manhã e tarde, sol em três posições, e sensação de plenitude ao final do passeio. No quarto, a ação de ir à praia é preterida em razão de um motivo maior: aquele que o levou até à praia e que, pela inutilidade objetiva desta ação, é a frase mais psicológica. Muito embora também, aparentemente, atemporal, possui, a frase, seus pés fincados no Carpe Diem, já que qualquer reflexão deste tipo acarreta na amargura da finitude da vida e da sua não repetibilidade, imprevisibilidade, e conseqüente impossibilidade de de agir da melhor forma possível; trata-se, o sujeito, de um estóico ou de um belo neurótico carente.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	A forma "até a praia" me parece diferente das demais, por indicar maior distância, ou esforço ao completar a ação.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	Ir até a praia, até o início da praia, não ficar lá. Ir à praia, ir e ficar lá.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	Praia como lugar (que tem areia e mar) ou como a cidade que tem praia.

Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	4	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	4	A relação entre a praia e o sujeito muda em cada uma das frases.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	Não existe.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Questão de conotação. Algumas detêm marcas de uma variedade linguística socialmente mais prestigiada; outras, marcas de variedades linguísticas socialmente menos prestigiadas.
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	de modo do deslocamento
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	2	Ao meu ver, a primeira e a terceira frase têm o mesmo sentido, pois o "para a" e o "à" indicam a mesma coisa, e a praia pode ter o sentido de litoral, por exemplo. Já o "na praia" indica que o sujeito de fato esteve particularmente neste local. O "até a praia" indica que o sujeito não necessariamente permaneceu lá...ele pode ter apenas chegado e em seguida, ido embora.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	Foi até a praia,e voltou? Foi à praia,para banhar-se
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Em "Acordei cedo e fui até a praia" há ambiguidade, pois não se sabe se o sujeito de fato entrou na água. A palavra "até" empregada dá a ideia de limite: ele foi até a praia, ou seja, à margem do mar.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	A preposição até, no meu ponto de vista, pode ser interpretado como se o local a ser chegado fosse mais distante (o ponto final do roteiro).
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	Fui até a praia' me soa como se a praia fosse uma referência de percurso, ou seja, imediatamente após chegar, a pessoa mudou de direção ou voltou para o lugar do qual saiu. 'Fui para a praia' me soa como se a pessoa fosse para a praia passar um tempo muito mais longo do que o sugerido pelas frases 'na praia' e 'à praia', que por sua

			vez me soam como diferentes registros para o mesmo significado.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	concordância verbal
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	A última pode dar a entender que apenas se foi até a praia, possivelmente sem o intuito de permanecer no local, como em uma caminhada. Nas demais, entendo que alguém foi à praia e permaneceu no local para passar o dia, passear etc.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	O q fazer e onde fazer. Ir até a praia nao significa ter ficado na praia.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	3	Ir "para" e "na" praia dá uma ideia de duração, de permanência na praia. Ir "à" ou "até" a praia parece que foi apenas uma visita, uma passagem pela praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Português formal eu usaria crase, no sentido de ir a algum lugar e para palavras femininas, mas normalmente falo ir para a praia, ir até a praia, então não vejo diferença.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	1. Fui para a praia e lá fiquei durante muito tempo 2. e 3. Fui à praia passar as férias. 4. Fui de casa até a praia e voltei para casa.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Parece existir uma oscilação mínima no sentido entre ir à praia e permanecer nela e ir até a praia, o que para mim não explicita exatamente a finalidade.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	3	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	4	Você não necessariamente foi à praia. Pode ter chegado perto.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	"fui na praia" = meio de locomoção? pois é o significado que aplico. "fui para a praia" e "fui à praia" consistem

			em estar lá, já "fui até a praia" pode significar ter chegado perto, sem necessariamente estar.
Brasileira	Nestas férias, fui até a praia.	5	de ir para um lugar e de estar em um lugar e nele trafegar
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	4	Frases 1, 3 e 4 possuem o mesmo sentido. O sujeito acordou cedo e foi até à praia. Frase 2 dá a impressão que o sujeito foi de algum ponto para outro ponto, dentro da praia.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	As diferenças se manifestam quanto a permanência do sujeito no local especificado (praia). Em frases que contém o "na", por exemplo, é possível afirmar que ele ficou na praia, estando no local por um período determinado de tempo. Contudo, na frase com o "até" não se pode inferir se ele passou algum tempo na praia ou foi apenas em direção a ela e depois voltou.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	5	Acordei cedo e fui para a praia = foi ao local Acordei cedo e fui na praia = esta em um local próximo a praia Acordei cedo e fui à praia = realmente foi à praia Acordei cedo e fui até a praia = no mesmo sentido de tipo, fui até o padeiro
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	A diferença é de formalidade. "Fui na praia" é informal. Os outros são formais.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	Na última frase, parece que o sujeito sai de um ponto, passa por vários lugares e vai até o extremo, que é a praia. Nas outras alternativas, parece que o sujeito não percorre um grande espaço, simplesmente se desloca até a praia.



Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	"Para a praia" é um pouco mais vago. "Na praia" propõe estar dentro da praia, em função da preposição em + artigo a. "Até a praia", se eu for imaginar na prática, vejo uma linha separando uma calçada (por exemplo) da praia. De modo que ir até a praia, é chegar na linha, não necessariamente passando da linha, e então entrando na praia (passando para o sentido de "na praia"). "Para a praia" e "à praia" possuem uma diferença temporal, enquanto a primeira construção dá um sentido de maior tempo, a segunda é passageira.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	A indicação de limite oferecida pela preposição "até", isso em alguns contextos específicos ("Até onde você foi?" "Até a praia")
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	1	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	1	O fato de permanecer ou não na praia.
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	Configuração do espaço, isto é, disposição espacial diferente. (até a praia, por exemplo, não é na praia, que pressupõe presença física na areia; fui à praia pode ser mais geral, cidade litorânea, assim como para a praia, porém a última soa mais natural e menos formal.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	4	O "para", ao meu ver, indica direção e movimento e me parece mais informal. Enquanto o "a" parece indicar um local fixo e ser mais formal. O "até" indica o limite que alcancei, enquanto os demais não sugere isso. E o "na" acho bem informal.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	0	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	0	
Brasileira	Nestas férias, fui para a praia.	4	A distância em que o sujeito se encontra do local, no caso a praia. Na frase "Acordei cedo e fui na praia", tenho a sensação de estar perto dela. Enquanto a frase "Acordei cedo e fui até a praia", passa a sensação de que a praia está distante do sujeito.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	3	Local onde estava.
Brasileira	Nestas férias, fui à praia.	2	
Brasileira	Considero todas as alternativas corretas.	2	até/para a: direção na/à: lugar

### 2.3 Teste de percepção – quadro correspondente às respostas da questão de número 14.

Nacionalidade	Questão 12	Questão 13	Questão 14
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	A segunda é muito estranha para mim e acho-a tipicamente brasileira.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	às minhas. para as minhas.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Nunca utilizaria a segunda construção pelo que não sei dizer.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	A primeira e utilizada em Portugal e a segunda no Brasil.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	o "para" na segunda frase não faz sentido
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Não sei dizer se a segunda expressão está correta ou não, simplesmente não usamos "contar para, falar para"
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Não é uma diferença no significado da frase, mas sim que não se usa o contei para... em Portugal. Pelo menos, não na minha região.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	A segunda frase não está correta gramaticalmente.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A 2a frase é incorrecta, esta "abrasileirada".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Acho que não existem diferenças no sentido, pois, praticamente, ambas querem dizer o mesmo. No entanto, eu não uso a segunda expressão, pois não é comum em Portugal.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Uma é mais utilizada no português lusitano e outra no português do Brasil.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	Na forma de escrita - o que me parece mais correto, no português europeu.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	contei para as minhas amigas parece-me errado... em termos de sentido na verdade será igual
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	Português... Contei para as minhas amigas não se diz em português de Portugal
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Não há diferenças no sentido mas a 2ª frase não se utiliza em português de Portugal.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	O sentido da frase é o mesmo. A diferença é o estilo de linguagem, se é que assim lhe podemos chamar, entre uma e outra frases. A 1.ª frase, de acordo com a norma europeia da língua portuguesa, está correta; enquanto a 2.ª estará correta segundo a norma brasileira da língua portuguesa.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	Construção gramatical. Não é usada em Portugal a 2ª frase.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	variantes brasileira e portuguesa
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Não existem diferenças de sentido.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A segunda frase não faz sentido nenhum
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Não sei explicar...
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Em português europeu não se usa a construção "contar algo para alguém". Utiliza-se, sim, "contar algo a alguém", logo a única expressão aceitável nesta variante do português seria "contei às minhas amigas sobre a festa".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Está incorreto dizer "Contei para as minhas amigas sobre a festa". Na pergunta 16, nenhuma das frases se usa em Portugal. Mas sim, por exemplo: Vou dizer-lhe que o prazo se esgotou. Amanha, vou enviar-lhe os relatórios. Assim que poder, levarei os documentos. Na pergunta 18, não se utiliza nenhuma das duas mas sim: 'para o' Na 19 sim, utiliza-se o 'ao'.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	De sentido não existe.. Mas a segunda frase não costuma ser dita por portugueses.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	a segunda está incorreta
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A primeira frase está correcta e significa que se descreveu às amigas como correu a festa ou o que se verificou na festa. A segunda frase leva a crer que se está a contar "1, 2, 3, ..." para as amigas e que a festa nada tem a ver com a frase.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Não sei se existem diferenças de sentidos. Contudo, não utilizo a segunda frase, pois novamente creio que é própria do português usado no Brasil.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	Para às
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	

	festa.		
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	contei para as minhas amigas
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	significado léxico
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Penso que o sentido acabará por ser compreendido, mas ambas as hipóteses estão incorrectas em Português de Portugal. "Contar sobre algo" é incorrecto. Contamos UMA coisa a alguém, e não SOBRE uma coisa. Também não utilizaria a 2ª hipótese porque contamos algo A alguém, e não PARA alguém. Por exemplo: "Contei-lhes que fui a uma festa". O que pessoalmente usaria neste contexto seria: "Contei às minhas amigas como correu a festa."
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Contei para as minhas amigas sobre a festa - uso indevido em Português (Portugal).
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	"às" e "para"
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Em Portugal é utilizado contei algo a alguém, e não contei para.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Em português de Portugal não se utilizam estas formas gramaticais.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	"Contar às amigas" - sentido que elas ouvem e falam. "Contar para" - as amigas só estão a ouvir, não participam.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	O "para" não faz sentido na frase. Porque perante a pergunta "a quem contaste?", deve-se responder "às minhas amigas" e não "para".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Não uso a frase pq me parece mal construída e o contei com o para não faz sentido
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Contei para é um uso incorreto
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	a 2ª frase não é utilizada em português europeu.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	A diferença seria que em Português de Portugal "contar para" não me parece correto.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	De sentido não existe para mim que me dou com pessoas brasileiras e estou habituada (acostumada) a ouvir estas expressões, contudo é incorrecto dizer "para as minhas as minhas amigas".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Em português não se usa o "para", fica uma frase mal construída
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	noto logo que está em português do brasil
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Não faz sentido utilizar o 'para'. Contei para o padre que violei X. Contei ao padre... o/a/os/as/ao/à - pessoas para - posições (trás, frente esquerda, direita) Opção 20, escolheria ATÉ se a frase tivesse um 'à loja'. Opção 21, escolheria 'ATÉ A'

			se tivesse 'ATÉ À'
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Contei indica a presença automática delas, no entanto contei para as minhas amigas pode implicar contar pelo telefone, email ou facebook. sem a presença delas
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Para as minhas amigas, está mal.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Contei para é mais formal e expressivo
Portuguesa			
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	sintaxe
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A segunda formulação não é usada em Portugal.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	"Contei para as.." não soa tão bem como a outra frase.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	Ligeiras diferenças entre a língua portuguesa e brasileira, nomeadamente em "para as minhas amigas". O sentido das frases é o mesmo, porém em Portugal esta expressão normalmente não é utilizada.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	A segunda versão, devido 'a preposic,ao, nao me parece correcta.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	para as
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	



Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A segunda não é correcta.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Não acho que haja diferença de sentido, no entanto "contei para as minhas amigas" não me parece uma construção correcta
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Na questão 16 abaixo, não pude indicar mas penso que ajudará saber que em Portugal o "você" caiu em desuso. Procura-se substituir o "você" por "si". ex.: Fui à sua sala procurar por si. Desculpe escrever aqui mas pensei que seria relevante...
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Uma parece-me ser regionalismo brasileiro (não tenho a certeza se regionalismo é a palavra correcta). Parecendo-me uma frase incorrecta.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	A primeira é mais informal
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	Não concordo com "Contei para as minhas amigas sobre a festa"
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Porque normalmente uso a expressão "contei-lhes" e não "contei para elas"
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	a expressão "para" não faz sentido
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Português de Portugal vs português do Brasil
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	A segunda construção parece-me incorrecta do ponto de visto no português falado em Portugal, no entanto penso que no Brasil é aceite.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	

	festa.		
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Em Português não se diz que se conta "para". Para indica finalidade.
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Não
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Percebe-se que ambas querem dizer o mesmo, contudo, a segunda não me soa a Português correto.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	às e para as
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	em Portugal nenhuma se utiliza, seria qualquer coisa do género-conversei com as minhas amigas sobre a festa
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	“Contei às minhas amigas sobre a festa”: algo mais íntimo. “Contei para as minhas amigas sobre a festa”: algo mais geral. Outra coisa: na 16. não utilizaria nenhuma das respostas porque evito dizer "você"; diria sim: "Amanhã, enviarei-lhe os relatórios" ou "Fui até à sua sala procurá-lo".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	"Contei para as (...)".
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	a inclusão do "para". acho incorreto
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Apenas obedecem a normas de língua diferentes (a primeira, português europeu; a segunda, português do Brasil).
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	Para mim, em termos de Português, não faz muito sentido a forma como a frase está construída .
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	o 2ª termo é o menos correto de se dizer.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.		
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	O para na língua portuguesa não é necessário, se já existe um artigo às.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	a 2ª frase é incorreta
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	A diferença na pronuncia

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	Parece-me, na segunda, existir uma construção gramatical incorrecta. (na próxima pergunta, "cômodos" não é uma palavra muito usual entre os portugueses)
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	Passado
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	Quando digo para as minhas amigas digo para todas as minhas amigas. Quando digo contei às minhas amigas refiro-me àquelas amigas específicas.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa			
Portuguesa	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	uma não é correta.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	A frase não sentido na língua portuguesa
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Na forma
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	A diferença é a construção frásica, para mim o correto seria a primeira.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	usamoa às e não para, é menos usado
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	4	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	O correto é contar a alguém, nao para algo
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	português do Brasil para o português
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Para mim não há nenhuma, mas em Portugal nao é muito normal usar o 'para'
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Não existem diferenças de sentido, apenas linguístico.

Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	A segunda frase nao me parece correcta
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	Penso que tem o mesmo significado, mas a segunda está incorrecta.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Contei porque as minhas amigas não estavam na festa.
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	2
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.	2	A construção da frase está mal feita, no português de Portugal não dizemos "contei para" mas "contei a..."
Portuguesa	Contei às minhas amigas sobre a festa.		
Brasileira		0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	Formalidade
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	5	diferença de contar algo para alguém
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	"para" é usado nos diálogos verbais de modo informal. "Às" usado na

			escrita de modo formal
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	2	uso, registro, subjetivo-estilística, polidez
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	somente uma coloquial e outra mais culta.
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	2	Não sei.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	A diferença que existe é entre o que é mais formal e o que é menos formal.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira			
Brasileira			
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Crase antes de pronome possessivo pode? Hum...
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	A única diferença, no meu ponto de vista, é que "a", dá uma conotação de formalidade e "para" fica mais informal.
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	5	contar a alguém e não para alguém
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	só existe mesmo na forma de construção da frase
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	1	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	

Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.		
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	3	A segunda parece que contou algo em específico.
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	1	Novamente, quem perceber que se trata de um discurso com base no português do Brasil, facilmente entende o sentido. No entanto, em Portugal, usa-se mais frequentemente "contei às minhas amigas sobre a festa".
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira			
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	





Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	Não existem.
Brasileira			
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	Como explicado na questão 7. Utilizo com mais frequência a regência "contei para", porque me comunico mais com variedades linguísticas populares no meu cotidiano. Utilizo a outra apenas em circunstâncias em que desejo salientiar meu enquadramento a uma norma linguística que detém mais prestígio social.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	Conjugação correta e conjugação errada.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	3	"às" me parece muito estranho.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	4	concordância quanto a crase no sentido da frase
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	4	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	

Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	Formal e informal
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	Em termos de sentido, não percebo diferença, apenas a regência verbal incorreta.
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	5	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	3	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	3	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	5	me parece o grau de amizade, na frase "para as minhas amigas" me parece uma relação bem íntima
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	

Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	1	A diferença é de formalidade. "Para as" é menos formal; "às" é mais formal.
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	4	Contei para minhas amigas soa mais informal, específico e determinado.
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	2	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	2	A primeira frase parece ser mais formal, enquanto a segunda parece ser mais formal.
Brasileira	Contei às minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	
Brasileira	Utilizo as duas construções com a mesma frequência.	0	
Brasileira			
Brasileira	Contei para as minhas amigas sobre a festa.	0	

### 3. Rodadas e cruzamentos

Seguem, abaixo, todas as rodadas e cruzamentos realizados para a análise dos dados, sendo que nos itens 3.1 e 3.2, “1” foi utilizado para designar as preposições **até**, **em** e **para** e “0” a preposição **a**; já nos itens 3.3, 3.4, 3.5 e 3.6, “1” foi utilizado para designar **para** e “0” a preposição **a**.

#### 3.1 Dados gerais – Revista *Capricho*

Number of cells: 18  
Application value(s): 10  
Total no. of factors: 16

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
V N	29	8	37	11.2
%	78.4	21.6		
D N	122	121	243	73.9
%	50.2	49.8		
L N	9	10	19	5.8
%	47.4	52.6		
T N	17	3	20	6.1
%	85.0	15.0		
M N	6	4	10	3.0
%	60.0	40.0		
Total N	183	146	329	
%	55.6	44.4		
-----				
2 (3)	1	0		
N N	1	6	7	2.1
%	14.3	85.7		
A N	52	15	67	20.4
%	77.6	22.4		
L N	128	98	226	68.7
%	56.6	43.4		
E N	1	26	27	8.2
%	3.7	96.3		
I N	1	1	2	0.6
%	50.0	50.0		
Total N	183	146	329	
%	55.6	44.4		
-----				
Total N	183	146	329	
%	55.6	44.4		

### 3.2 Dados gerais – Revista *Bravo*

Number of cells: 19

Application value(s): 10

Total no. of factors: 14

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
V N	0	63	63	25.7
%	0.0	100.0		* KnockOut *
D N	43	115	158	64.5
%	27.2	72.8		
L N	1	11	12	4.9
%	8.3	91.7		
T N	2	4	6	2.4
%	33.3	66.7		
M N	3	3	6	2.4
%	50.0	50.0		
Total N	49	196	245	
%	20.0	80.0		
-----				
2 (3)	1	0		
A N	2	70	72	29.4
%	2.8	97.2		
I N	0	1	1	0.4
%	0.0	100.0		* KnockOut *
L N	42	101	143	58.4
%	29.4	70.6		
E N	5	17	22	9.0
%	22.7	77.3		
N N	0	7	7	2.9
%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total N	49	196	245	
%	20.0	80.0		
-----				
Total N	49	196	245	
%	20.0	80.0		

### 3.3 A x PARA – Revista *Capricho*

Number of cells: 17

Application value(s): 10

Total no. of factors: 16

Group	1	0	Total	%
-------	---	---	-------	---

-----				
1 (2)	1	0		
V N	29	8	37	13.1
%	78.4	21.6		
D N	88	108	196	69.5
%	44.9	55.1		
L N	9	10	19	6.7
%	47.4	52.6		
T N	17	3	20	7.1
%	85.0	15.0		
M N	6	4	10	3.5
%	60.0	40.0		
Total N	149	133	282	
%	52.8	47.2		

-----				
2 (3)	1	0		
N N	1	6	7	2.5
%	14.3	85.7		
A N	51	15	66	23.4
%	77.3	22.7		
L N	96	89	185	65.6
%	51.9	48.1		
E N	0	23	23	8.2
%	0.0	100.0		* KnockOut *
I N	1	0	1	0.4
%	100.0	0.0		* KnockOut *
Total N	149	133	282	
%	52.8	47.2		

-----				
TOTAL N	149	133	282	
%	52.8	47.2		

Name of new cell file: arquivo de condicao.cel

• CELL CREATION • 09/10/2013 18:09:04 .....

Name of token file: arquivo de dados.tkn

Name of condition file: arquivo de condicao1.cnd

```
(
(1 (NIL (COL 3 I))
(NIL (COL 3 E)))
(2)
(3)
(4)
(5)
)
```

Number of cells: 15

Application value(s): 10

Total no. of factors: 14

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
V N	29	8	37	14.3
%	78.4	21.6		
D N	88	85	173	67.1
%	50.9	49.1		
L N	9	10	19	7.4
%	47.4	52.6		
T N	16	3	19	7.4
%	84.2	15.8		
M N	6	4	10	3.9
%	60.0	40.0		
Total N	148	110	258	
%	57.4	42.6		
-----				
2 (3)	1	0		
N N	1	6	7	2.7
%	14.3	85.7		
A N	51	15	66	25.6
%	77.3	22.7		
L N	96	89	185	71.7
%	51.9	48.1		
Total N	148	110	258	
%	57.4	42.6		
-----				
TOTAL N	148	110	258	
%	57.4	42.6		

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.574

Log likelihood = -176.023

----- Level # 1 -----

Run # 2, 5 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.584

Group # 1 -- V: 0.721, D: 0.425, L: 0.391, T: 0.791, M: 0.517

Log likelihood = -167.366 Significance = 0.003

Run # 3, 3 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.579

Group # 2 -- N: 0.108, A: 0.712, L: 0.440

Log likelihood = -166.344 Significance = 0.000

Run # 4, 5 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.721

Group # 3 -- i: 0.607, n: 0.314, j: 0.621, a: 0.205

Log likelihood = -169.023 Significance = 0.005

Run # 5, 2 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.572  
 Group # 4 -- C: 0.511, N: 0.130  
 Log likelihood = -173.860 Significance = 0.041

Add Group # 2 with factors NAL

----- Level # 2 -----

Run # 6, 10 cells:  
 Convergence at Iteration 17  
 Input 0.583  
 Group # 1 -- V: 0.673, D: 0.434, L: 0.473, T: 0.750, M: 0.518  
 Group # 2 -- N: 0.103, A: 0.579, L: 0.492  
 Log likelihood = -164.310 Significance = 0.407

Run # 7, 10 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.719  
 Group # 2 -- N: 0.084, A: 0.564, L: 0.500  
 Group # 3 -- i: 0.574, n: 0.389, j: 0.584, a: 0.207  
 Log likelihood = -163.847 Significance = 0.178

Run # 8, 4 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.579  
 Group # 2 -- N: 0.039, A: 0.718, L: 0.447  
 Group # 4 -- C: 0.493, N: 0.779  
 Log likelihood = -166.230 Significance = 0.648

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 2  
 Best stepping up run: #3

Stepping down...

----- Level # 4 -----

Run # 9, 15 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.653  
 Group # 1 -- V: 0.585, D: 0.430, L: 0.378, T: 0.872, M: 0.720  
 Group # 2 -- N: 0.020, A: 0.497, L: 0.538  
 Group # 3 -- i: 0.625, n: 0.601, j: 0.326, a: 0.076  
 Group # 4 -- C: 0.490, N: 0.850  
 Log likelihood = -162.393

----- Level # 3 -----

Run # 10, 10 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.719  
 Group # 2 -- N: 0.023, A: 0.572, L: 0.510  
 Group # 3 -- i: 0.582, n: 0.378, j: 0.583, a: 0.206



Group # 4 -- C: 0.490, N: 0.846  
 Log likelihood = -163.602 Significance = 0.661

Run # 11, 10 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.606  
 Group # 1 -- V: 0.605, D: 0.422, L: 0.411, T: 0.868, M: 0.726  
 Group # 3 -- i: 0.598, n: 0.592, j: 0.365, a: 0.096  
 Group # 4 -- C: 0.512, N: 0.113  
 Log likelihood = -163.990 Significance = 0.203

Run # 12, 10 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.583  
 Group # 1 -- V: 0.674, D: 0.436, L: 0.448, T: 0.747, M: 0.520  
 Group # 2 -- N: 0.023, A: 0.596, L: 0.501  
 Group # 4 -- C: 0.488, N: 0.882  
 Log likelihood = -164.034 Significance = 0.359

Run # 13, 15 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.649  
 Group # 1 -- V: 0.594, D: 0.424, L: 0.411, T: 0.872, M: 0.714  
 Group # 2 -- N: 0.071, A: 0.477, L: 0.532  
 Group # 3 -- i: 0.621, n: 0.598, j: 0.336, a: 0.077  
 Log likelihood = -162.651 Significance = 0.480

Cut Group # 1 with factors VDLTM

----- Level # 2 -----

Run # 14, 6 cells:  
 Convergence at Iteration 10  
 Input 0.740  
 Group # 3 -- i: 0.571, n: 0.399, j: 0.586, a: 0.182  
 Group # 4 -- C: 0.513, N: 0.096  
 Log likelihood = -165.154 Significance = 0.214

Run # 15, 4 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.579  
 Group # 2 -- N: 0.039, A: 0.718, L: 0.447  
 Group # 4 -- C: 0.493, N: 0.779  
 Log likelihood = -166.230 Significance = 0.162

Run # 16, 10 cells:  
 No Convergence at Iteration 20  
 Input 0.719  
 Group # 2 -- N: 0.084, A: 0.564, L: 0.500  
 Group # 3 -- i: 0.574, n: 0.389, j: 0.584, a: 0.207  
 Log likelihood = -163.847 Significance = 0.489

Cut Group # 4 with factors CN

----- Level # 1 -----

Run # 17, 5 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.721  
 Group # 3 -- i: 0.607, n: 0.314, j: 0.621, a: 0.205  
 Log likelihood = -169.023 Significance = 0.008

Run # 18, 3 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.579  
 Group # 2 -- N: 0.108, A: 0.712, L: 0.440  
 Log likelihood = -166.344 Significance = 0.178

Cut Group # 3 with factors inja

----- Level # 0 -----

Run # 19, 1 cells:  
 Convergence at Iteration 2  
 Input 0.574  
 Log likelihood = -176.023 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 1 4 3  
 Best stepping up run: #3  
 Best stepping down run: #18

- CROSS TABULATION • 09/10/2013 18:09:40 .....
- Cell file: arquivo de celula1.cel
- 09/10/2013 18:09:04
- Token file: arquivo de dados.tkn
- Conditions: arquivo de condicao1.cnd

Group #1 -- horizontally.  
 Group #2 -- vertically.

	V %	D %	L %	T %	M %	Σ %
N 1:	0 0:	0 --:	1 17:	0 --:	0 --	1 14
0:	1 100:	0 --:	5 83:	0 --:	0 --	6 86
Σ:	1 :	0 :	6 :	0 :	0	7
A 1:	29 81:	0 0:	8 62:	13 87:	1 100	51 77
0:	7 19:	1 100:	5 38:	2 13:	0 0	15 23
Σ:	36 :	1 :	13 :	15 :	1	66
L 1:	0 --:	88 51:	0 --:	3 75:	5 56	96 52
0:	0 --:	84 49:	0 --:	1 25:	4 44	89 48
Σ:	0 :	172 :	0 :	4 :	9	185
Σ 1:	29 78:	88 51:	9 47:	16 84:	6 60	148 57
0:	8 22:	85 49:	10 53:	3 16:	4 40	110 43
Σ:	37 :	173 :	19 :	19 :	10	258

### 3.4 A x PARA – Revista *Bravo*

Number of cells: 19

Application value(s): 10

Total no. of factors: 14

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
V N	0	63	63	26.6
%	0.0	100.0		* KnockOut *
D N	42	109	151	63.7
%	27.8	72.2		
L N	1	10	11	4.6
%	9.1	90.9		
T N	2	4	6	2.5
%	33.3	66.7		
M N	3	3	6	2.5
%	50.0	50.0		
Total N	48	189	237	
%	20.3	79.7		

-----				
2 (3)	1	0		
A N	2	69	71	30.0
%	2.8	97.2		
I N	0	1	1	0.4
%	0.0	100.0		* KnockOut *
L N	41	96	137	57.8
%	29.9	70.1		
E N	5	16	21	8.9
%	23.8	76.2		
N N	0	7	7	3.0
%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total N	48	189	237	
%	20.3	79.7		

Name of new cell file: arquivo de condicoes.cel

• CELL CREATION • 09/10/2013 17:55:58 .....

Name of token file: arquivo de dados.tkn

Name of condition file: arquivo de condicoes1.cnd

(  
 (1 (NIL (COL 3 N))  
 (NIL (COL 3 I))  
 (NIL (COL 2 V)))

(2)

(3)

(4)

)

Number of cells: 12

Application value(s): 10

Total no. of factors: 11

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
D N	42	109	151	90.4
%	27.8	72.2		
L N	1	3	4	2.4
%	25.0	75.0		
T N	2	4	6	3.6
%	33.3	66.7		
M N	3	3	6	3.6
%	50.0	50.0		
Total N	48	119	167	
%	28.7	71.3		
-----				
2 (3)	1	0		
L N	41	96	137	82.0
%	29.9	70.1		
E N	5	16	21	12.6
%	23.8	76.2		
A N	2	7	9	5.4
%	22.2	77.8		
Total N	48	119	167	
%	28.7	71.3		

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.287

Log likelihood = -100.172

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.286

Group # 1 -- D: 0.490, L: 0.454, T: 0.555, M: 0.713

Log likelihood = -99.498 Significance = 0.718

Run # 3, 3 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.287

Group # 2 -- L: 0.515, E: 0.438, A: 0.416

Log likelihood = -99.897 Significance = 0.762

Run # 4, 5 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.369

Group # 3 -- i: 0.461, n: 0.461, j: 0.630, a: 0.363

Log likelihood = -99.529 Significance = 0.733

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: None

Best stepping up run: #1

-----  
Stepping down...

----- Level # 3 -----

Run # 5, 12 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.426

Group # 1 -- D: 0.485, L: 0.062, T: 0.489, M: 0.965

Group # 2 -- L: 0.529, E: 0.468, A: 0.183

Group # 3 -- i: 0.849, n: 0.961, j: 0.579, a: 0.015

Log likelihood = -96.563

----- Level # 2 -----

Run # 6, 10 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.628

Group # 2 -- L: 0.541, E: 0.480, A: 0.089

Group # 3 -- i: 0.750, n: 0.526, j: 0.635, a: 0.150

Log likelihood = -97.751 Significance = 0.499

Run # 7, 7 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.291

Group # 1 -- D: 0.488, L: 0.048, T: 0.371, M: 0.977

Group # 3 -- i: 0.782, n: 0.960, j: 0.602, a: 0.019

Log likelihood = -97.218 Significance = 0.523

Run # 8, 9 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.285

Group # 1 -- D: 0.474, L: 0.664, T: 0.779, M: 0.702

Group # 2 -- L: 0.529, E: 0.451, A: 0.214

Log likelihood = -98.854 Significance = 0.206

Cut Group # 2 with factors LEA

----- Level # 1 -----

Run # 9, 5 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.369

Group # 3 -- i: 0.461, n: 0.461, j: 0.630, a: 0.363

Log likelihood = -99.529 Significance = 0.202

Run # 10, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.286

Group # 1 -- D: 0.490, L: 0.454, T: 0.555, M: 0.713

Log likelihood = -99.498 Significance = 0.208

Cut Group # 3 with factors inja

----- Level # 0 -----

Run # 11, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.287

Log likelihood = -100.172 Significance = 0.718

Cut Group # 1 with factors DLTM

Groups eliminated while stepping down: 2 3 1

Best stepping up run: #1

Best stepping down run: #11

• CROSS TABULATION • 09/10/2013 17:57:08 .....

- Cell file: arquivo de celula1.cel
- 09/10/2013 17:55:58
- Token file: arquivo de dados.tkn
- Conditions: arquivo de condicoes1.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	D %	L %	T %	M %	Σ %
L 1:	38 29:	1 100:	0 0:	2 40	41 30
0:	92 71:	0 0:	1 100:	3 60	96 70
Σ:	130 :	1 :	1 :	5	137
E 1:	4 20:	0 --:	0 --:	1 100	5 24
0:	16 80:	0 --:	0 --:	0 0	16 76
Σ:	20 :	0 :	0 :	1	21
A 1:	0 0:	0 0:	2 40:	0 --	2 22
0:	1 100:	3 100:	3 60:	0 --	7 78
Σ:	1 :	3 :	5 :	0	9
Σ 1:	42 28:	1 25:	2 33:	3 50	48 29
0:	109 72:	3 75:	4 67:	3 50	119 71
Σ:	151 :	4 :	6 :	6	167

### 3.5 Leitoras x Revista – Revista *Capricho*

Number of cells: 2

Application value(s): 10

Total no. of factors: 2

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
L N	131	118	249	88.3
%	52.6	47.4		
R N	18	15	33	11.7
%	54.5	45.5		
Total N	149	133	282	
%	52.8	47.2		
-----				
TOTAL N	149	133	282	
%	52.8	47.2		

### 3.6 Leitoras x Revista – Revista *Bravo*

Number of cells: 2

Application value(s): 10

Total no. of factors: 2

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
R N	0	62	62	26.2
%	0.0	100.0		* KnockOut *
L N	48	127	175	73.8
%	27.4	72.6		
Total N	48	189	237	
%	20.3	79.7		
-----				
TOTAL N	48	189	237	
%	20.3	79.7		